



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

**BAIXADA FLUMINENSE E INTERVENÇÃO FEDERAL:
O DISCURSO DA VIOLÊNCIA NO JORNAL O GLOBO**

JÚLIA DOS SANTOS AFONSO

RIO DE JANEIRO

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

**BAIXADA FLUMINENSE E INTERVENÇÃO FEDERAL:
O DISCURSO DA VIOLÊNCIA NO JORNAL O GLOBO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social / Jornalismo

JÚLIA DOS SANTOS AFONSO

Orientadora: Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa

RIO DE JANEIRO

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

AFONSO, Júlia dos Santos.

Baixada Fluminense e intervenção federal: o discurso da violência no jornal O Globo. Rio de Janeiro, 2018.

Monografia (Graduação em Comunicação Social / Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientadora: Marialva Carlos Barbosa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a monografia **Baixada Fluminense e intervenção federal: o discurso da violência no jornal O Globo**, elaborada por Júlia dos Santos Afonso.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa

Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense

Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Msa. Fernanda Melo da Escóssia

Mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Igor Pinto Sacramento

Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ

Programa de Pós-Graduação em Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2018

AGRADECIMENTOS

A Deus, por não me deixar desistir quando eu achava que era impossível, e por me dar força e coragem para continuar, desde o início desta jornada.

À minha família, que me deu todo o apoio necessário para que este projeto se tornasse realidade. Não só esse, mas todos os outros. Ao meu pai, sempre me levando de madrugada para pegar a primeira das quatro conduções para chegar à faculdade; à minha mãe, que sempre me deu o suporte e inspiração para aguentar a jornada dupla que começou depois dos estágios; ao meu irmão, meu melhor amigo, que sempre me ouviu, mesmo nos momentos em que nem eu mesma queria ouvir. Amo vocês.

Aos meus amigos de antes da faculdade, e aqueles que chegaram depois. Não posso deixar de citar o Gabriel e a Laís, que estão comigo há anos; não sei o que seria de mim sem vocês. Também preciso lembrar de Mariana, Liana e Caio – nosso quarteto alegrava minhas tardes do ciclo básico –, obrigada por se fazerem presentes até hoje. Rodrigo Reis, Rodrigo Fonseca, Victor, Pedro e tantos outros que estiveram comigo durante o ciclo profissional, vocês são incríveis.

A tantas pessoas que fizeram parte do início da minha vida profissional e me ensinaram boa parte do que sei sobre o jornalismo hoje. Tatiane, Mariana, Hilda, Jacqueline e Beatriz, minhas primeiras amigas de profissão que me acompanham até hoje, amo vocês. Ismael, Bruna, Raquel e Claudinha, que trabalharam comigo em meu primeiro jornal, aprendi muito com vocês. Adriana, Monique, Nathália, Lucas, Iuri, Renato, Gianne, Rafael, Gabriel, Jonson e Raphael, que viveram comigo a experiência do jornalismo multimídia. Tudo o que passamos me ensinou muito, vocês são incríveis. Caio, não posso deixar de citar seu nome, que esteve comigo durante toda essa jornada e sempre me ouviu; amo todos vocês.

À minha querida orientadora, Marialva Barbosa, por ter comprado minha ideia e dado um norte tão especial a essa pesquisa. À Anna Lucia Enne, que me atendeu tão prontamente quando pedi parte de seus trabalhos. Sem eles, esse projeto não seria possível. À Fernanda da Escóssia, minha querida professora que marcou minha jornada nessa faculdade, e Igor Sacramento, por terem aceitado o convite de compor essa banca.

AFONSO, Júlia dos Santos. **Baixada Fluminense e intervenção federal: o discurso da violência no jornal O Globo.** Orientadora: Marialva Carlos Barbosa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho pretende discutir a representação da Baixada Fluminense nos jornais cariocas, através do jornal O Globo. O objetivo é mostrar que, desde o aparecimento da região nos impressos, sua imagem é construída baseada em estigmas, que acabaram definindo a Baixada como um lugar perigoso e de segregação cultural, deixando de lado tudo de bom que a região tem a oferecer. Além disso, com o decreto de intervenção federal no estado, houve um deslocamento do local de violência para a cidade do Rio, momento em que a Baixada perdeu nas páginas até mesmo o seu espaço estereotipado, o da violência e abandono, tornando-se, assim, invisível. Para exemplificar isso, a pesquisa se debruça na análise do discurso das edições do Globo ao longo de quatro meses: dois anteriores e dois posteriores à intervenção, destacando como são construídas as narrativas a respeito das cidades da Baixada e da segurança na cidade do Rio de Janeiro.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. QUE BAIXADA É ESSA?	11
3. A BAIXADA E O DISCURSO DA IMPRENSA: REFLEXÃO TEÓRICA	21
3.1 A representação da Baixada Fluminense nos jornais ao longo da história	25
3.2 Mudou o milênio: os estigmas mudaram?	33
4. A BAIXADA INVISÍVEL	37
4.1 Por que o jornal O GLOBO?	39
4.2 De dezembro a abril: onde está a Baixada?	40
5. CONCLUSÃO	66
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
7. ANEXOS	71

1. INTRODUÇÃO

Como moradora da Baixada Fluminense, nascida e criada em Nova Iguaçu, sempre corri os olhos pelas páginas dos jornais à procura de alguma notícia que refletisse a minha realidade. Mas, ao longo de anos consumindo os mais diversos veículos de comunicação, os únicos momentos em que lia sobre a minha ou qualquer outra cidade da Baixada eram nas páginas policiais, o que não condizia com o que eu vivia. Isso foi ressaltado depois que entrei na universidade, que fica na Zona Sul do Rio de Janeiro, e tive que conviver diariamente com pessoas que não tinham ideia de onde ficava o lugar onde eu morava. Nem mesmo “como” eu chegava tão longe, na Urca. As reações que as pessoas tinham ao ouvir que eu e outros poucos éramos da Baixada Fluminense eram quase sempre as mesmas. Uns, lamentavam a distância. Outros, não faziam ideia de onde ficavam Japeri, Magé, e outros municípios de onde eu e meus amigos vínhamos. Foi aí que comecei a pensar que tipo de imagem era construída na cabeça dos cariocas a respeito do lugar onde nasci, e como essa representação tinha sido criada. Como graduanda em comunicação social, nada mais justo do que estudar qual é o papel que a mídia teve e tem na construção desses sentidos que associam a Baixada à violência, abandono e segregação cultural.

Nos jornais da Baixada em que trabalhei ao longo da graduação, pude perceber que as queixas a respeito da representação da região não eram só minhas, mas de boa parte dos moradores que pude entrevistar. O que a maioria me dizia era que sim, a violência existia. Mas, muitos outros aspectos positivos também. A diferença era que esses últimos caíam no esquecimento. O local que a Baixada ocupou, ao longo dos anos nos jornais, foi o local estigmatizado, o da violência. Quando, diante de alguns eventos, o estigma da violência recaía sobre outra região, a Baixada desaparecia das páginas de vez. E aí, nós ficávamos invisíveis. Foi o caso da intervenção federal no Rio.

No dia 16 de fevereiro de 2018, foi decretada intervenção federal na segurança do estado do Rio. De acordo com o jornal O Globo, a ideia da intervenção teria começado a ganhar forma depois de cenas de “barbárie” no carnaval carioca terem sido veiculadas na TV e nos jornais, causando uma crise na segurança da cidade que é a “vitrine” do país para o mundo. Nas edições anteriores às de fevereiro, podia-se notar um discurso muito semelhante ao utilizado nos anos 60 para descrever o que acontecia na Baixada nas matérias sobre a segurança da cidade do Rio. Expressões como “abandono” e “terror” vinham estampando as manchetes do jornal e enchendo as

páginas com notícias sobre crimes na cidade maravilhosa, tornando o espaço dado às reportagens sobre a Baixada cada vez mais escasso.

A hipótese principal defendida neste trabalho é, portanto, a de que a Baixada Fluminense é representada na mídia de forma estigmatizada e carregada de associações negativas, e a que a região ganhou ainda menos espaço no período que envolveu a intervenção federal, quando houve um deslocamento do local de violência para a cidade do Rio.

Para confirmar essa hipótese, fiz uma análise de todas as edições do jornal O Globo durante quatro meses: dois anteriores ao decreto da intervenção, e dois posteriores. Investiguei como eram construídos os discursos a respeito da Baixada Fluminense; quando e como a região aparecia; quais eram os aspectos ressaltados nas matérias e quais expressões eram mais utilizadas para descrever a região. Além disso, também verifiquei as reportagens a respeito da segurança na cidade do Rio e o espaço que ocupavam, seu território de palavras, construção do discurso de “caos” e “abandono”, e textos que destacavam a transformação da antiga “cidade maravilhosa” em uma “terra sem lei”.

Além disso, mostro também que a Baixada quase não aparece no Segundo Caderno e na seção de Esportes do jornal, que fala sobre eventos culturais, sociais e de lazer, apesar da região oferecer uma série de atrações turísticas e esportivas, além de shows, coletivos artísticos e eventos como a Feira Literária da Baixada.

Para desenvolver todas essas questões, o trabalho faz o seguinte trajeto: no próximo capítulo, iremos descrever a Baixada Fluminense, mostrando seus índices demográficos e as discussões a respeito de seus limites territoriais, os municípios que compõem a Baixada e os dados de cada um deles, desmistificando a ideia de que a região é um grande bloco homogêneo, e como eles foram construídos. Para isso, consultaremos obras como “Dos Barões ao Extermínio: Uma história da violência na Baixada Fluminense”, de José Cláudio Alves, e “Baixada Fluminense: a construção de uma história”, de Gênesis Torres. Ainda nesse tópico, trarei o “não dito da Baixada”, ressaltando os pontos positivos da região e pouco explorados pela mídia, como suas inúmeras construções históricas, riquezas naturais, opções de turismo, lazer, esporte e cultura, além de coletivos formados por moradores.

O terceiro capítulo pretende traçar uma linha do tempo para descobrir como começou e se desenvolveu a imagem da Baixada Fluminense na mídia ao longo dos séculos. Além disso, para fundamentar as discussões a respeito do discurso midiático feitas neste trabalho, também faremos uma reflexão teórica sobre como se constroem os

signos, ideologias, senso comum e estigmas, consultando autores como Danielle Ramos Brasiense, em “As tessituras do enredo e as construções narrativas do jornal O Globo sobre o caso ‘Chacina da Candelária’”, Raquel Paiva, em “A estratégia comunicacional contra a memória hegemônica e o senso comum midiático”, e Erving Goffman, em “Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”. Para a análise historiográfica, a tese de doutorado “Lugar, meu amigo, é minha Baixada: memória, representações sociais e identidade na Baixada Fluminense”, de Ana Lúcia Enne, foi uma obra essencial.

No capítulo quatro apresentarei a análise qualitativa das 122 edições do jornal O Globo, de 16 de dezembro de 2017 a 16 de abril de 2018, e os motivos pelos quais o jornal foi o veículo escolhido. O objetivo é investigar como os textos representaram a Baixada Fluminense e a cidade do Rio no quesito segurança pública, confirmando a hipótese inicial deste trabalho.

Essa metodologia foi a que considerei mais pertinente para analisar a representação da Baixada na mídia, e discutir os estigmas criados sobre a região, que afetam não só a visão de quem vive nela, mas também daqueles que a desconhecem, como boa parte dos cariocas. Acredito, no entanto, que outras abordagens para debater a temática poderiam ter sido feitas, como pesquisas de campo com cariocas e fluminenses indicando palavras que mais associam à região, reportagens que marcaram a memória de quem mora aqui, novos recortes de tempo, estudando outros eventos além da intervenção federal, onde o deslocamento da violência também se fez presente, e até mesmo a análise de outros veículos de comunicação, para além do impresso.

Não posso deixar de ressaltar, também, que este trabalho não termina aqui. Pretendo aprofundar os estudos sobre a representação da Baixada na mídia em projetos futuros. Meu maior desejo é que esse projeto contribua para uma reflexão a respeito do tema e da responsabilidade da imprensa na criação de estigmas e senso comum, e que a Baixada Fluminense possa ser, de fato, mostrada como é: rica em cultura, povo, e beleza.

2. QUE BAIXADA É ESSA?

Quase quatro milhões de habitantes. Segundo o IBGE, em 2015, esse número equivalia a 23% da população do Rio de Janeiro. E toda essa gente mora nos treze municípios que compõem a região, ocupando 6,4% do território do estado, com 1.336 habitantes por km². Esses são os dados colhidos em censo referentes à região que é o objeto central deste trabalho: a Baixada Fluminense. Mas, antes de estudar a fundo os índices, é importante iniciar colocando à mesa a discussão que perpassa por diversos estudos da Baixada: seus limites territoriais.

No início desse trabalho, citou-se que a região é composta por treze municípios. No entanto, essa premissa está longe de ser um consenso. Como bem disse o sociólogo e pesquisador José Claudio Alves, no livro “Dos Barões ao Extermínio: Uma história da violência na Baixada Fluminense”, esta é uma terra de “limites fluidos”. Ele, por exemplo, adota a classificação que divide a Baixada em oito municípios: Belford Roxo, Duque de Caxias, Japeri, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Queimados, e São João de Meriti. Manoel Ricardo Simões, doutor em geografia e autor de “A cidade Estilhaçada – reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense”, também dialoga com essa distribuição, concebida a partir da história de emancipações territoriais, partindo de Nova Iguaçu, que teve início na década 40, quando movimentos emancipacionistas fizeram surgir, de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis. Desde então, outros municípios foram se desligando da “terra mãe”, como Belford Roxo, Japeri, Mesquita, e Queimados.

Outra subdivisão existente é a que considera como Baixada Fluminense todos os municípios do entorno da Baía de Guanabara, totalizando quatorze cidades: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mangaratiba, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, Seropédica, e São João de Meriti. Ela foi adotada pelo antigo IPAHB (Instituto de Pesquisa e Análises Históricas da Baixada Fluminense), organização formada por cientistas sociais para construir um acervo sobre a história da região, e também por Gênesis Torres, historiador que organizou o livro “Baixada Fluminense: a construção de uma história”.

Há ainda outras vertentes, como a da FIRJAN (Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro), que divide a Baixada em dois grupos, levando em conta os locais com semelhança em crescimento econômico, produção industrial e investimentos. A Baixada 1 seria formada por Itaguaí, Japeri, Mangaratiba, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados e Seropédica, enquanto a Baixada 2 seria composta por

Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Magé, Miguel Pereira, Paty de Alferes e São João de Meriti.

Para este trabalho, que tem como foco a representação da Baixada Fluminense na mídia impressa carioca, será adotado o mesmo conceito de Baixada apresentado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), IETS (Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade), Governo Estadual, e a maioria dos veículos de comunicação do Estado, como o grupo Globo, ao qual pertence o jornal analisado ao longo deste estudo. Aqui, serão considerados componentes da Baixada Fluminense os treze seguintes municípios: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, Seropédica, e São João de Meriti.

De forma breve, baseado nos estudos do historiador Gênesis Torres, apresentados em seu livro “Baixada Fluminense: a construção de uma história”, pode-se traçar uma linha do tempo sobre o surgimento e desenvolvimento da região. Em 1565, depois da expulsão dos franceses e aniquilação dos índios Tupinambás, a cidade do Rio de Janeiro foi criada. A partir daí, iniciou-se o processo de distribuição das sesmarias por todo o recôncavo da Baía de Guanabara. Seguindo os principais rios do interior do estado, o território começa a ser reocupado (já que ele pertenceu anteriormente aos índios, dizimados por conta dos “perigos” que ofereciam aos colonizadores).

As bacias dos rios da Baixada foram sendo o espaço preferido para a construção de dezenas de engenhos de açúcar. Os fazendeiros, querendo demonstrar sua devoção à fé católica, ostentavam longas extensões de terra e estimulavam a presença de capelas e igrejas, dando origem aos primeiros núcleos de povoados, que virariam aldeias, freguesias, vilas e, mais tarde, cidades.

As primeiras bacias ocupadas foram as dos rios Meriti, Sarapui, Iguaçu, Inhomirim, Estrela e Magé. Nestes locais, foram criados pontos de embarque e desembarque, que recebiam mercadorias da Europa e levavam os produtos dos engenhos para a cidade do Rio. Os excedentes da produção também voltavam para o reino. No século XVII, havia cerca de 120 engenhos em torno da Baía de Guanabara, e esse número crescia rapidamente, inundado pelas produções de açúcar. Esse produto, além de ter erguido a economia da recém-criada cidade do Rio, também fez com que chegassem muitos africanos nas lavouras, aumentando o índice demográfico da região. A Baixada, recortada por diversos rios, era a principal rota do açúcar.

Com esse crescimento acelerado, como conta Gênesis Torres, a paisagem natural vai sendo modificada e uma população agrícola começa a surgir no meio da floresta,

perto da entrada da Baía, nos morros e pântanos do recôncavo. Ao longo dos anos, especialmente depois da construção de uma vila de pedra e cal na região da Pavuna e da atual cidade de São João de Meriti, em 1660, esta região virou um grande centro comercial, com diversos portos por onde escoavam as produções de mandioca, feijão, arroz, legumes, milho, aguardente e açúcar, além de produtos que vinham da Europa, como azulejos, pratarias e móveis que ornamentavam as igrejas e fazendas das freguesias.

No final do século XVII, como salienta Maria Aparecida de Figuerêdo, em seu artigo “Gênese e (Re)Produção do Espaço da Baixada Fluminense”, novos caminhos começam a ser abertos. Ainda sob o clico da cana, descobriu-se as minas de ouro em Minas Gerais, e sua exploração irrompeu. A Baixada serviu de passagem para facilitar o transporte da produção de Minas Gerais até o porto do litoral do Rio. Novos caminhos particulares também surgiram. Alguns deles, como o “Caminho Novo Pilar”, chegaram a reduzir a viagem Rio-Minas de três meses para pouco mais de 15 dias.

O Ciclo do Café chegou ao Rio, no final do século XVIII, e trouxe grandes consequências para a Baixada Fluminense.

A monocultura cafeeira desenvolvida no plantio resultou para Baixada Fluminense no surgimento e aglomerações populacionais fixadas no ponto de encontro entre as vias de circulação aquática e terrestre; houve a intensificação e abertura de novas estradas vinculadas com aquelas oriundas no período do Ciclo do ouro; aparelhamento para armazenagem e transporte regular de mercadorias volumosas; grande fluxo de pessoas; proliferação de vários portos fluviais ao longo dos rios que deságuam na Baía de Guanabara e conseqüentemente a elevação de determinadas localidades a categoria de vilas em decorrência do ciclo cafeeiro.¹

No entanto, essas vilas não eram estruturadas. A maioria de seus integrantes eram tropeiros, que estavam ali de passagem, ou viajantes. As construções eram mais voltadas às necessidades do comércio de mercadorias. Na primeira metade do século XIX, tudo mudou: veio a segunda fase da revolução industrial, a dos transportes. Além do barco à vapor, a locomotiva sobre trilhos era a grande novidade.² A geografia urbana da Baixada sofreu mudanças expressivas com a inauguração da primeira ferrovia do Brasil, inaugurada por Mauá em 1854, saindo de Magé em direção à Raiz da Serra, depois prolongada até Petrópolis e Areal. Em 1858, foi inaugurado o trecho da Estrada Central do Brasil, que passava por Maxambomba (atual Nova Iguaçu), Queimados e Belém (atual Japeri) – Duque de Caxias, Belford Roxo e São João de Meriti também

¹ FIGUERÊDO, 2004: p. 7.

² TORRES, 2004.

receberam trilhos, anos depois –. Diferente dos caminhos fluviais, que seguiam os fluxos naturais, a linha férrea rasgava a Baixada. Além disso, sua construção demandava o desmatamento da floresta e aterro de brejos e pântanos.

A chegada da ferrovia, aliada à abolição da escravatura, que diminui a mão de obra da região, contribuiu para o início do declínio econômico da Baixada. Além desses fatores, também se pode pontuar “as condições de desgaste dos solos que conseqüentemente afetou a agricultura; o abandono dos rios e canais com o surgimento dos brejos [...] e o desinteresse do Rio de Janeiro pela área”³.

Por conta do isolamento e doenças ribeirinhas, a população começa a migrar para perto da ferrovia, que passou a ser a melhor opção de transporte de passageiros e mercadorias.⁴ Eram nas margens das principais paradas onde existiam água e lenha, que abasteciam os trens. Naturalmente, ali foram aparecendo pequenos comércios e outras atividades, que foram o início de municípios como Nova Iguaçu, Queimados, Japeri, Nilópolis, São João de Meriti, Duque de Caxias e Belford Roxo. A expansão urbana acompanhava a ferroviária, e as antigas fazendas foram divididas em lotes ou transformadas em local de produção de laranjas, estimulado pela valorização do produto no mercado mundial.⁵

O cultivo incorreto das frutas cítricas, somado à oscilação do mercado mundial por causa das guerras, fez com que as plantações decaíssem. A valorização de terras saneadas também contribuiu, segundo Gênesis Torres, para a transformação da região em “cidades dormitórios”, fazendo com que sua população se deslocasse para trabalhar no centro do Rio, e voltasse para a casa à noite. Depois da revolução de 1930, aliado à seca no Nordeste e capitalização do campo, provocando o êxodo rural, além da exploração imobiliária das terras da capital, resultou em grande migração de pessoas para o solo metropolitano, e aquelas grandes fazendas históricas foram virando loteamentos, grilagens e ocupações irregulares.⁶ As freguesias foram virando distritos, e depois municípios, que emanciparam-se aos poucos e transformaram-se na Baixada Fluminense conhecida hoje.

É necessário destacar que a Baixada Fluminense, apesar de já delimitada territorialmente acima, não pode ser vista como um espaço homogêneo, com os mesmos padrões socioculturais e costumes. Ela é formada por treze municípios que diferem muito não só em sua formação histórica, mas também em seu povo e modo de vida.

³ FIGUERÊDO, 2004: p. 8.

⁴ TORRES, 2004.

⁵ Idem.

⁶ Idem.

À primeira vista, a Baixada Fluminense pode parecer absolutamente homogênea. Mas esta é a Baixada vista apenas por quem passa pela Rodovia Presidente Dutra. Não se consegue distinguir seus municípios, bairros, sua gente. Lança-se um olhar de hesitação frente àquelas casas com tijolos à mostra, mal pintadas, construídas umas em cima das outras. É uma paisagem monótona que possui a *estética da escassez*.⁷

Pode-se começar a distinguir os espaços que ocupam o território da Baixada pelos Índices de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), baseado em dados do Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil e pelo IBGE. Funciona da seguinte forma: é feita a média entre a renda, educação e longevidade de cada município, podendo, assim, ser traçado um resultado do desenvolvimento socioeconômico da população. De acordo com o censo de 2010, Nilópolis apresentou o maior IDHM da Baixada Fluminense, ficando em nono lugar entre os 92 municípios do Estado do Rio. Japeri, por sua vez, ficou na posição 83 do ranking. Aproximadamente 46% dos japerienses vivem abaixo da linha da pobreza, enquanto Nilópolis tem o menor percentual de pobres da Baixada: 23%.

O PIB *per capita* do Estado, em 2013, era de R\$ 38.262. A média da Baixada, no mesmo ano, foi de R\$ 19.773, bem abaixo do Rio. O PIB de Itaguaí, no entanto, por conta de suas atividades no porto, bateu R\$ 60.617, superando – e muito – a média estatal. Japeri, novamente, ficou no extremo negativo: R\$ 10.162, o menor da Baixada. Com relação à renda domiciliar *per capita*, Nilópolis lidera o ranking do Estado, em 21º lugar, com R\$ 716. A média da Baixada era de R\$ 546, em 2010, quando o salário mínimo no país equivalia a R\$ 510. Japeri, por sua vez, ocupava o penúltimo lugar do ranking estadual, com a renda *per capita* de R\$ 378.

De acordo com o IETS, baseado em dados do Ceperj (Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro) e IBGE, 11% do PIB do Estado do Rio provêm da Baixada Fluminense, e a taxa de crescimento, de 2012 a 2013, foi maior do que a do Estado: 14,72%, enquanto a variação do Rio foi de 9,14%. Duque de Caxias é responsável pelo maior PIB da região, totalizando mais de R\$ 25 bilhões, em 2013. Mesquita é quem fica por último.

Quando se fala em densidade demográfica, ou seja, habitantes por quilômetro quadrado, São João de Meriti é quem fica na frente. O município, apesar de ter o menor território da Baixada Fluminense (35 km²), tinha, com base no censo do IBGE de 2015, 13.080 habitantes por km². Por conta de sua pequena área, é a maior densidade demográfica de todo o Estado do Rio, e uma das maiores concentrações populacionais

⁷ BARRETO, 2004: p. 45.

de toda a América, segundo o Painel Regional da Baixada Fluminense I e II do Observatório Sebrae/RJ. Guapimirim é o município com menor concentração de gente por quilômetro quadrado da Baixada: 157 pessoas.

Na saúde, os índices de mortalidade infantil, divulgados pela Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro, demonstram que Mesquita lidera o ranking como quem mais perde recém-nascidos: 18 a cada mil, no ano de 2015. Guapimirim tem uma taxa bem baixa: a cada mil recém-nascidos, cinco morrem. A média da cidade do Rio foi de 12, na mesma pesquisa.

Os números de educação, de acordo com a FIRJAN, apontam que, dos dez menores índices do estado, oito são da Baixada, dos municípios de Belford Roxo, Queimados, Nova Iguaçu, Magé, Duque de Caxias, Japeri, São João de Meriti e Mesquita. Belford Roxo está em último lugar no ranking estadual de educação de 2015.

Depois de apresentar esse breve plano de fundo a respeito da Baixada Fluminense, é hora de falar sobre um aspecto deixado de lado em muitos momentos: as muitas culturas presentes nesse território. Além de um povo extremamente rico em vivência e história, a Baixada tem muitos municípios, cada um com bastante a oferecer. Nova Iguaçu – a terra mãe –, é lar da Fazenda São Bernardino, ruínas tombadas de um patrimônio histórico que conta muito sobre o passado do local, e já serviu de cenário para novelas e séries. Também existe a serra do Vulcão, ponto turístico onde se pode fazer trilha, voo de asa delta, tudo em cima de um vulcão desativado. Em Nova Iguaçu, também, encontra-se a Reserva Biológica do Tinguá, que estende-se por 26 mil hectares de Mata Atlântica, declarados Patrimônio da Humanidade pela Unesco, em 1997. A extensão de floresta é grande e ocupa partes de outros municípios, como Duque de Caxias, Petrópolis e Miguel Pereira. Lá, é possível se divertir e aproveitar a natureza nos inúmeros sítios que contam com cachoeiras naturais, trilhas, riachos e muito verde.

Em Magé, encontra-se o Sítio Arqueológico dos Índios Tupinambás, onde foram achadas mais de 40 ossadas dos nativos que ali viviam, além de artefatos que produziam para a sobrevivência. Em Japeri, há o Pico da Coragem, de vista exuberante, onde se pode praticar trilhas e voo livre. Em Itaguaí, tem a Casa de Cultura, Biblioteca Pública e o Teatro Municipal. Em Seropédica, a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro conta com um Centro de Arte e Cultura e um Centro de Memória da universidade. Em Paracambi, fica o Parque Natural Municipal do Curió de Paracambi, com 913,961 hectares de mata atlântica nativa, com a Cachoeira da Cascata, que possui um salto de 50 metros de altura.

Em Nilópolis, além da Beija-Flor, escola de samba que conquistou 14 títulos ao longo de sua história e está desde 1990 no grupo especial, tem também o Centro de Integração da Cultura Afro-Brasileira (CIAFRO), espaço que divulga a cultura afro através de exposições, palestras, cursos, cantigas, fóruns e festivais de poesia. A organização também oferece à comunidade assistência jurídica, reforço escolar, consultas médicas e fisioterapia. O Parque Natural do Gericinó também fica em Nilópolis; no espaço, há diversas espécies de plantas, onde se pode praticar safári fotográfico, corrida de orientação e educação ambiental.

São João de Meriti é palco da Associação de Compositores da Baixada Fluminense, que funciona desde a década de 70 como um espaço aconchegante que ensina música para 190 crianças e jovens de 9 a 17 anos. A Casa de Cultura da Baixada também fica em São João, uma área com quadra poliesportiva, telecentro, cineclubes e espaço literário. Em Guapimirim fica o Parque Nacional da Serra dos Órgãos, unidade de conservação federal de proteção integral, e terceiro parque mais antigo do país. Permite escaladas, caminhadas, rapel e trilhas, além de concentrar muitas cachoeiras em seus 20.024 hectares com mais de 2.800 espécies de plantas, 62 espécies de aves, 105 de mamíferos, 103 de anfíbios e 83 de répteis, incluindo 130 animais ameaçados de extinção. No Parque também fica o Museu Von Martius, antiga casa do botânico e naturalista alemão Friedrich Philipp Von Martius, conhecedor de mais de dez mil espécies da fauna e flora brasileiras.

Duque de Caxias é a casa da Acadêmicos do Grande Rio, escola de samba que está no grupo especial desde 1993. Além da Grande Rio, o município conta com três museus, dois teatros, um centro cultural e o Parque Natural da Taquara, que fica no pé da serra de Petrópolis e é o ambiente perfeito para trilhas, visitação e banho de rios e cachoeiras.

Para além de todas as riquezas naturais e culturais disponíveis nos treze municípios que compõem a Baixada, a região também conta com práticas esportivas relevantes, que quase nunca são pauta nas mídias. Começando pelo futebol, o Nova Iguaçu Futebol Clube, primeiro clube do estado a conquistar o certificado de formação de atletas, no momento é o time com maior relevância nacional, porque frequenta a divisão de elite do futebol carioca e a quarta divisão do Campeonato Brasileiro. Grandes craques já jogaram pelo Laranja Mecânica. Zinho, que foi meia armador do Flamengo, Grêmio, Cruzeiro e Palmeiras, e tetracampeão mundial com a Seleção Brasileira na Copa do Mundo FIFA de 1994, é iguaçuano e foi revelado pelo Flamengo, mas também já vestiu a camisa do time de sua cidade natal, em 2005. No mesmo ano, o atacante

Edmundo, que já jogou pelo Vasco, Palmeiras, Flamengo, Corinthians, Fiorentina, Fluminense e até no futebol japonês, também passou pelo Laranjinha. O clube possui ainda um estádio, o Jânio Moraes, conhecido como “Laranjão”, com capacidade para 4 mil espectadores.

O Duque de Caxias Futebol Clube, fundado em 2005, também já fez uma boa campanha com repercussão nacional. Entre 2009 e 2011, o Gigante Tricolor da Baixada disputou a Série B do Campeonato Brasileiro e terminou na oitava colocação. Jogou ainda na Copa do Brasil de 2014, por ter sido campeão da Copa Rio. No futebol feminino, o time foi campeão da Copa Brasil em 2010 e do Campeonato Carioca em 2011, além de ter sido vice-campeão em 2010, 2012, 2013, 2014 e 2017. Atualmente, o Tricolor joga na segunda divisão do futebol carioca. O “Marrentão”, como é conhecido o estádio Romário de Souza Faria, pertencente ao time, tem capacidade para 7 mil torcedores.

Outros times da Baixada estão jogando na Série B carioca em 2018, como o Artsul, de Nova Iguaçu, Audax Rio, de São João de Meriti e o Tigres do Brasil, de Duque de Caxias. Na terceira divisão do campeonato carioca, estão o Mesquita, o Nova Cidade, de Nilópolis, o Queimados, e o Rio de Janeiro, clube de Magé. O Mesquita Futebol Clube é proprietário do conhecido estádio Niélsen Louzada, o Louzadão, com 98 anos de existência. Outros estádios estão distribuídos pela Baixada, como o Giulite Coutinho, em Mesquita, Los Iarios e Telê Santana, em Duque de Caxias, Estádio José de Alvarenga, conhecido como “Alvarengão”, em Belford Roxo, e o Eduardo Viana, em Japeri, além de uma série de estádios não-oficiais.

E nem tudo se resume a futebol quando o assunto é esporte na Baixada. Para além das práticas de aventura na natureza já citadas neste trabalho, a Baixada também oferece outras modalidades esportivas, como o golfe. O Japeri Golfe Rio de Janeiro, uma mistura de escola de golfe com projeto social, foi o primeiro campo público de golfe do Brasil. Criado em 2001, o local possui 70 hectares e é reconhecido como área de proteção ambiental. O clube já atendeu cerca de 400 jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.⁸

Em Queimados, o projeto social Golfinhos da Baixada existe há seis anos e oferece às crianças e adolescentes de 2 a 17 anos da região a oportunidade de praticar um esporte pouco valorizado por aqui: a natação. Os atletas da equipe venceram os

⁸ Dados retirados do site oficial do Japeri Golfe Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://japerigolfe.com.br/o-projeto/>>. Acesso em: 12/12/2017.

Jogos da Baixada em 2017 e já participaram de competições em outros estados, por exemplo.

Nova Iguaçu, além do futebol e esportes na natureza, também tem um calendário de corridas em franco desenvolvimento. Pelo menos três grandes eventos atraem a atenção de corredores de todo o Brasil. Um deles é o Desafio do Vulcão, com sua quarta edição marcada para o início de julho de 2018. A competição reúne mais de mil atletas que cumprem provas de até oito quilômetros em um trajeto que passa pelo Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu. O trecho final, a 400 metros de altura, circunda a Serra do Vulcão e oferece como recompensa uma vista privilegiada da bela serra do Tinguá e de toda a extensão do município. Em agosto e novembro, a cidade irá sediar o Circuito Extreme. Na etapa Tinguá, alguns dos trechos percorridos serão a Estrada Real do Comércio, aberta em 1822 durante o Ciclo do Café, e o entorno da Reserva Biológica do Tinguá, uma das mais importantes da Mata Atlântica. A etapa Paradiso termina com a confraternização em um parque aquático na região de Cabuçu. A programação do ano se encerra em outubro pelo Circuito Eco Tinguá. A principal característica da prova é a mudança do trecho a cada edição, com o objetivo de propor novos desafios aos atletas e explorar diferentes áreas no entorno da Reserva Biológica do Tinguá.⁹ Na cidade também fica a pista da Praça Ricardo Xavier da Silveira, a primeira pista pública da América Latina, inaugurada em 1976.

O mercado editorial também não fica de fora das atividades culturais da região. Desde outubro de 2017, a editora Litere-se promove a FLIB (Feira Literária da Baixada). Com o objetivo de rodar todas as cidades da Baixada Fluminense levando contação de histórias, escritores locais e de todo o canto do país, exposição de livros, palestras, sorteios, gincanas e outras atividades para o público local, o evento já está em sua terceira edição, que aconteceu em junho de 2018, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em Nova Iguaçu.

Com esses dados, é possível perceber o quão heterogêneo é o território da Baixada Fluminense, e o quanto ele tem a oferecer em termos de turismo, com suas muitas reservas naturais, sobretudo da Mata Atlântica, e outras práticas culturais, nos diversos centros de atividades espalhados pelos municípios que a compõem. A partir dessa reflexão, serão discutidos nos próximos capítulos quais desses aspectos da

⁹ Os dados são da Prefeitura de Nova Iguaçu, divulgados pelo jornal Extra. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/eu-sou-nova-iguacu/de-capital-da-laranja-exportadora-de-futebol-nova-iguacu-se-destaca-no-esporte-22535896.html>>. Acesso em: 01/04/2018.

Baixada Fluminense são explorados pela mídia, e como a imagem da região foi construída ao longo da história.

3. A BAIXADA E O DISCURSO DA IMPRENSA: REFLEXÃO TEÓRICA

Antes de analisar como se deu a explosão do nome “Baixada Fluminense” nos jornais cariocas e como essa região foi representada ao longo dos anos, desde seu surgimento até os dias atuais, resultando no objeto central deste estudo, que é o espaço que a Baixada ocupou no jornal O GLOBO, antes, durante e depois da deflagração da intervenção federal no Rio de Janeiro, é importante entender como o discurso midiático contribui na formação de ideologias, senso comum, estigmas e estereótipos sobre determinado objeto.

De acordo com Danielle Ramos Brasiliense, só se pode pensar a prática e construção discursiva a partir da reflexão sobre signos e ideologias¹⁰. “A palavra é a maneira mais nítida de se perceber o signo e ao mesmo tempo é através de um conjunto delas que ele é criado, por isso é colocada em primeiro plano no estudo das ideologias”¹¹. Para Mikhail Bakhtin, o signo é formado por um conjunto de palavras, e só se desenvolve onde há contínua transformação¹². No estudo das ideologias, seria o primeiro plano a ser analisado. Para ele, todo discurso está interligado a um anterior a ele, de forma direta – através de referências e citações – ou de forma indireta. Portanto, em um mesmo texto, existem várias vozes, o que é caracterizado pelo autor como polifonia.¹³

Essas diversas vozes que habitam em um mesmo texto/discurso, herdadas de conhecimentos anteriores, dialogam entre si, construindo e perpetuando significados. A isso ele dá o nome de dialogismo. Através desse dialogismo, a linguagem seria capaz de transmitir novas experiências e construir espaços de significação, o que resultaria na noção de senso comum.

Se o bom senso é uma interpretação da realidade imediata, uma espécie de polimento desta realidade, como o mito, a pintura, a epistemologia, ou outras coisas semelhantes, então, como essas outras áreas, será também construído historicamente, e, portanto, sujeito a padrões de juízo historicamente definidos. Pode ser questionado, discutido, afirmado, desenvolvido, formalizado, observado, até ensinado, e pode também variar dramaticamente de uma pessoa para outra. Em suma, é um sistema cultural, embora nem sempre muito integrado, que se baseia nos mesmos argumentos em que se baseiam outros sistemas culturais semelhantes: aqueles que os possuem têm total convicção de seu valor e de sua validade. Neste caso, como em tantos outros, as coisas têm significados que lhes queremos dar.¹⁴

¹⁰ BRASILIENSE, 2005.

¹¹ Idem, p. 4.

¹² BAKHTIN *apud* BRASILIENSE; 2005.

¹³ Idem.

¹⁴ GEERTZ *apud* BRASILIENSE; 2005, p. 4 e 5.

Por ser um instrumento de sentido, significação e transformação de mundo, a realidade construída baseada em um senso comum é difícil de ser desbancada, visto que se afirma no mundo através do discurso e passa a ser vista como verdade absoluta. Para o filósofo Richard Rorty, o senso comum é imobilizador, porque congela conceitos e propostas e impossibilita a busca por novas posturas, até mesmo àquelas que difundam maior inclusão social.¹⁵

Reproduzir um discurso baseado em senso comum é tomar essas ideias como verdadeiras por si só, inquestionáveis, e perpetuar noções hegemonicamente difundidas na sociedade, independente de embasamento histórico. Para Rorty, “quando o senso comum é posto em causa, os seus adeptos começam por responder generalizando e tornando explícitas as regras do jogo de linguagem a que estão habituados a jogar”.¹⁶ E ainda, segundo ele, essas ideias baseadas no senso comum são suficientes para julgar ações, crenças e vidas.

Raquel Paiva, no texto “A estratégia comunicacional contra a memória hegemônica e o senso comum midiático”, fala sobre como a mídia, que é uma das semantizadoras centrais da sociedade, trabalha e difunde efeitos e naturalização e banalização:

A cobertura jornalística recorta os discursos vigentes na sociedade atual, constituindo-se mesmo como uma das mais determinantes narrativas da atualidade. Na verdade, o jornalismo na atualidade pode ser compreendido em toda a sua força como a mais convincente narrativa das realidades quotidianas.¹⁷

Quando, através das palavras, o discurso jornalístico reproduz um discurso, ele é capaz de criar e reforçar significados já vigentes na sociedade. Para além de um instrumento de sentido, significação e transformação, o senso comum também serve para manter de pé as estruturas de poder. Segundo Norman Fairclough, o senso comum é uma conexão entre linguagem, poder e ideologia. “Enfocar a ideologia implica em ajudar as pessoas a verem o quanto suas linguagens firmam-se sobre suposições do senso comum e as formas pelas quais estas suposições do senso comum podem ser ideologicamente formatadas por relações de poder”.¹⁸

Danielle Ramos Brasiliense explica que a maior arma para fincar um discurso ideológico no senso comum é a naturalização, e é isso que a mídia faz: naturaliza um

¹⁵ RORTY, 1992.

¹⁶ Ibid., p.104.

¹⁷ PAIVA, 2004: p. 5.

¹⁸ FAIRCLOUGH *apud* BRASILIENSE; 2005: p. 5.

fato, contribuindo para a afirmação de uma imagem de sujeitos sociais partindo do senso comum, tenham elas contexto histórico ou não.

Os textos jornalísticos não são explicitamente cobertos de ideologias, apenas mostram ao seu leitor o caminho para uma interpretação ideológica, na forma de naturalização [...] A ideologia vira senso comum quando o discurso é estereotipado e naturalizado, isso revela o efeito de poder que este representa em um texto. Assim, o senso comum ideológico, através da linguagem, interfere na construção de identidades dos sujeitos sociais.¹⁹

Cabe sinalizar, como aponta Raquel Paiva, que o discurso jornalístico como agente naturalizador de um senso comum não se dá na construção de narrativas isoladas, com uma notícia ou outra, mas, sim, na sequencialidade das notícias. “Desta maneira, as notícias objetivas diárias podem constituir-se em uma significação mais ampla e redundar numa sintaxe narrativa coerente”.²⁰ Daí a importância de descobrir como a imagem da Baixada Fluminense foi construída pela mídia através dos anos, como será feito no tópico seguinte.

Entendendo que todo discurso é carregado de valores que constroem espaços de significação e que a mídia é um poderoso meio de perpetuação e naturalização de senso comum, vale perceber como os moradores da Baixada Fluminense estão alocados nesse contexto comunicacional, e como os estigmas sociais reproduzidos sobre a região interferem em suas vidas. Em sua tese de doutorado, Ana Lucia Enne aponta que a Baixada recebeu um tratamento estigmatizante pela mídia ao longo das décadas.²¹

Em seu clássico “Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”, Erving Goffman define o estigma como “um atributo profundamente depreciativo [...] um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo”. De acordo com ele, são três os tipos de estigma. O primeiro se trata das abominações do corpo, “as várias deformidades físicas”; em segundo lugar estariam as culpas individuais, “percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas, ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade”. Por último, estariam os estigmas que podem ser transmitidos através de linhagem: “os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem contaminar por igual todos os membros de uma família”.²² Para Ana Lucia Enne, esse último conceito é o que melhor se adequa para referir-se à Baixada Fluminense. Assim, “o estigma estaria associado a uma identidade regional”.²³

¹⁹ BRASILIENSE, 2005; p. 5.

²⁰ PAIVA, 2004: p. 6.

²¹ ENNE; 2002.

²² GOFFMAN, 1988; p. 13-14.

²³ ENNE, 2002; p. 416.

Goffman aponta, na mesma obra, que, na questão do estigma, há dois sujeitos que enfrentam dificuldades: o desacreditado e o desacreditável. O primeiro seria aquele que porta um traço estigmatizante visível, que não pode ser ocultado, e funciona como um sinal inicial de identidade. O desacreditado tem medo de se relacionar com aqueles “normais”, os não portadores do estigma, pois seus traços seriam imediatamente confrontados. Os desacreditáveis podem esconder seus traços estigmatizantes. Por isso, o seu medo está na informação, porque seus traços podem ser conhecidos apenas através dela. O medo deles está, então, na revelação dos traços estigmatizantes.²⁴

O autor explica que o conflito se torna visível nas situações de contato imediato entre “normais” e estigmatizados: “esses momentos serão aqueles em que ambos os lados enfrentarão diretamente as causas e efeitos do estigma”.²⁵ Para Ana Lucia Enne, o “morador da Baixada Fluminense, região apresentada de forma estigmatizante pela imprensa, é um desacreditável no sentido proposto por Goffman”.²⁶ Assim, quando em contato com moradores do Rio de Janeiro, eles teriam medo de contar de onde vêm, para evitar situações de conflito baseadas nos estigmas que carregam. Em alguns momentos, destaca Enne, “quando não é possível ou não se deseja esconder o traço que estigmatiza – no caso, ser residente da ‘Baixada Fluminense’ –, o estigmatizável muda de desacreditável para a situação de desacreditado”.²⁷

Entretanto, um movimento inverso a esse pode ser notado como estratégia de ascensão e desvinculação do estigma. Uma tática é a competição, quando o indivíduo tenta afirmar sua capacidade de fazer algo que não é esperado que faça. Um dos entrevistados de Ana Lucia Enne, Jesus Lima, morador de Duque de Caxias, ilustra bem essa situação:

Eu me lembro que uma certa vez, eu saindo da Assembléia Legislativa, eu trabalhava pra uma menina que morava no Leblon, eu falei pra ela: ‘fulana, vamos lá em Caxias?’. ‘O quê? Levando três horas pra chegar?’. Eu falei: ‘Ah é, vamos fazer o seguinte: nós vamos sair na mesma hora, né, tá legal, vamos ver quem chega primeiro em casa, tá?’. Na hora que eu cheguei em Caxias, eu descii do ônibus, peguei um telefone público e deixei um recado na secretária eletrônica dela, ‘são tantas horas e tantos minutos, você ainda não chegou’, (...) ela foi chegar trinta minutos depois, tá vendo?’ (Jesus Lima)²⁸

Outra estratégia apontada por Enne seria uma comparação dos benefícios de morar na Baixada Fluminense em detrimento dos grandes centros urbanos do Rio. O

²⁴ GOFFMAN, 1988.

²⁵ Ibid., p. 23.

²⁶ ENNE, 2002: p. 416.

²⁷ Ibid., p. 417.

²⁸ Depoimento extraído de ENNE, 2002; p. 419.

mesmo entrevistado contou, em seu depoimento, que a cidade de Caxias tinha uma “peculiaridade”, a da convivência e integração entre as famílias: “a mentalidade ainda é muito família, entendeu, então isso me atraiu pela cidade, então essas piadinhas, essas maledicências em relação ao município, tem que tirar de letra”.²⁹

Assim, a mídia, enquanto semantizadora central, projeta imagens estigmatizadas sobre a Baixada Fluminense. “Os meios de comunicação são percebidos como disseminadores de preconceito sobre a região, muitas vezes deixando de abordar, para além dos problemas existentes, aspectos também positivos”.³⁰ Agora, sabendo que os meios de comunicação produzem significados sobre um determinado sujeito social, pode-se traçar como o estigma de Baixada Fluminense como “terra sem lei” foi sendo construído ao longo das décadas.

3.1 A representação da Baixada Fluminense nos jornais ao longo da história

A Baixada Fluminense foi palco de intensas transformações no período dos pós-guerra. A cidade de Nova Iguaçu, nos anos 20 e 30, tinha uma economia baseada no setor da citricultura, com destaque até mesmo nas exportações nacionais. Nos anos 40, a “terra mãe” perdeu parte significativa de seu território por conta da emancipação dos municípios de Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis. No mesmo período, a crise na produção da laranja foi enfraquecendo a economia da cidade, que aos poucos foi deixando de lado as atividades agrícolas. Com isso, as antigas chácaras e fazendas de Nova Iguaçu começaram a ser loteadas.³¹

O processo de loteamento foi determinante para as transformações sociais que estavam para acontecer na Baixada Fluminense. Os lotes baratos começaram a atrair migrantes, sobretudo do Nordeste, que iam para a região em busca de melhores condições de vida e emprego no setor industrial da capital do Rio de Janeiro. Assim, como caracterizou Maurício de Abreu, os municípios viraram “cidades-dormitórios”.³² A “região metropolitana” do Rio de Janeiro foi se expandindo. Os moradores iam para a capital do Rio trabalhar, e voltavam para a Baixada apenas para dormir. Essa rápida expansão territorial teve como resultado problemas estruturais, como falta de saneamento básico, transportes e coleta de lixo, e também problemas na própria

²⁹ Depoimento extraído de ENNE, 2002; p. 419.

³⁰ ENNE, 2002: p. 421.

³¹ Ibid., p. 109.

³² ABREU, 1997.

comunidade, com moradores “antigos” colocando na conta do “pessoal de fora” a responsabilidade pelos novos problemas da região.³³

Ao mesmo tempo em que todos esses processos aconteciam, os anos 50 também foram palco de outra ocupação de terras, como demonstra Mário Grynszpan: a feita pelos camponeses.³⁴ Com essas ocupações, vieram conflitos por posse de terras, a partir do momento em que elas começaram a ser valorizadas por “proprietários” e “grileiros”. De acordo com Grynszpan, os camponeses criaram movimentos de resistência às iniciativas de tomadas de terra, e essas lutas foram marcadas por confrontos violentos.³⁵ Algumas dessas ações foram parar na imprensa, dando início à representação de Baixada Fluminense associada a um local violento e carente de poder público. “Quem lê os jornais das décadas de 1950 e início da de 1960 conforma uma visão do campo fluminense como região de problemas graves, de grandes proporções e características dramáticas”.³⁶ Enne destaca que expressões como “nordeste sem seca” e “barril de pólvora” foram utilizadas nas narrativas sobre os conflitos da região nessa época.³⁷

Nos anos 60, a Baixada começa a aparecer nos jornais de forma mais expressiva. Os processos do passado, de conflitos pela terra e lutas de campo, se acirram, e uma figura explicitamente associada à região aparece: Tenório Cavalcanti. O político saiu do Nordeste, como muitos migrantes, em direção à Baixada, a procura de melhores condições de vida. Chegando lá, enriqueceu e sagrou-se como um poderoso político, que tinha sua trajetória baseada no clientelismo e na violência como estratégia de conquista e manutenção de poder econômico e político. A sua volta, Tenório criou uma rede de relações pessoais centrada na lealdade e referência. Com isso, transitava entre as famílias tradicionais, mais abastadas – onde inclusive se casou – e entre a população com menor poder aquisitivo, onde desempenhava um papel de “padrinho”, mediando a ida de migrantes para a Baixada e também advogando em causas de despejo e lutas pela terra, depois de formar-se em Direito.³⁸

Além de sua política baseada no “coronelismo urbano”, criou-se uma aura de misticismo em volta de Tenório. O político virou uma espécie de personagem, caracterizado pelo uso de sua capa preta e sua metralhadora “lurdinha”, que estava sempre à tiracolo – mais uma vez, a associação à violência e coerção –. Ele também tinha a fama de ter o “corpo fechado”, já que escapou ileso de vários conflitos armados.

³³ ENNE, 2002; p. 109.

³⁴ GRYSZPAN, 1990.

³⁵ Idem, 1998.

³⁶ Ibid., p. 258.

³⁷ ENNE, 2002.

³⁸ ENNE, 2004: p. 8-9.

Essa figura mística foi construída e difundida pelo jornal que o próprio Tenório fundou, chamado Luta Democrática – conhecido como o jornal que “se a gente espremer sai sangue” –, e depois incorporada pelos diários nacionais. Enne aponta que, nesse cenário, a Baixada Fluminense passou a aparecer com frequência nas páginas policiais, e nas notícias que envolviam conflitos pela terra, disputas políticas associadas à violência e a exploração da figura de Tenório. Assim, a região passou a ser conhecida como uma terra sem lei, um território violento, um verdadeiro “faroeste fluminense”.³⁹

Somado a isso, os anos 60 foram palco de dois episódios que fizeram com que a Baixada aparecesse ainda mais na mídia como sinônimo de violência. O primeiro foi o episódio do “quebra-quebra”, em 1962, resultado de contexto histórico de revoltas em todo o estado do Rio, que, no dia 5 de julho, gerou uma série de depredações e saques na Baixada. O acontecimento ocupou as páginas dos jornais por semanas, relacionando a região à falta de segurança e prática de violência. O quebra-quebra fez com que comerciantes contratassem milícias para proteger seu patrimônio, reprimir as revoltas e manter a ordem. Essas milícias, como aponta Enne, vão marcar o início de grupos de extermínio na região. Para completar, em 1968, Duque de Caxias foi declarada como Área de Segurança Nacional pelo governo militar, o que consolidou a Baixada como uma área problemática no setor da segurança pública.⁴⁰

Marcadamente associada à violência, a imagem da Baixada já se cristalizava na imprensa, e a ação dos grupos de extermínio na região fez com que a Baixada Fluminense virasse sinônimo de criminalidade nos anos 70. De acordo com Ana Lucia Enne, os jornais não faziam distinções sobre a autoria e motivação dos crimes; alguns poderiam ter sido cometidos pelas milícias, e outros resultados de prática criminosa geral – como um assalto, por exemplo –, mas nada disso importava. Tudo era colocado no mesmo pacote de Baixada como local perigoso, o que instaurou um senso comum acerca da região.⁴¹

O material analisado por Enne em sua tese de doutorado ilustra bem como a Baixada estava posicionada na imprensa na época. “Nos meses de março e abril [de 1970], tomando os jornais O Dia e JB como referências, podemos observar que praticamente em todos os dias são publicadas matérias sobre a Baixada e alguma prática violenta, em geral relacionadas ao ‘esquadrão da morte’”.⁴²

³⁹ ENNE, 2004: p. 8-9.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ ENNE, 2002.

⁴² Ibid., p. 115.

De acordo com José Cláudio Souza Alves, nos anos 70, os editoriais de jornais passaram a analisar de forma mais explícita as situações de violência na região. O GLOBO, em 1977, citou a “fauna criminosa da Baixada Fluminense”. Em um editorial chamado “Câncer vizinho”, o Jornal do Brasil define a região como “um local onde a lei do gatilho é tão natural quanto a lei da gravidade”. De acordo com o pesquisador, a imprensa vai desempenhar um papel ambíguo com relação à Baixada. Ao mesmo tempo em que reforça os estigmas a respeito da região, apontando o local como um “câncer vizinho” ou “terra sem lei”, as notícias acabariam pressionando a Delegacia de Homicídios no aprofundamento das investigações de crimes cometidos no local.⁴³

Outro acontecimento que circulou na imprensa e reforçou a imagem negativa da Baixada na época foi um estudo da UNESCO realizado de 1971 a 1976 em 95 países, que apontou Belford Roxo, na época distrito de Nova Iguaçu, como o “lugar mais violento do mundo”.⁴⁴ Vale salientar que algumas matérias positivas sobre a região circularam na imprensa na década de 70, como a “construção do estádio do América, em Cosmorama e a expansão de algumas indústrias, como a Reduc em Duque de Caxias e a conseqüente retenção de mão-de-obra são bons exemplos das chamadas ‘alegrias paliativas regionais’”.⁴⁵

Para a professora Enne, o início dos anos 80 marcou o período de maior visibilidade para a Baixada na grande imprensa, relacionada diretamente à violência. Em suas pesquisas, não só a quantidade de matérias sobre a região aumentou, com aparições diárias, mas também o espaço dedicado a elas: muitas reportagens ocupavam páginas duplas, com fotos e grandes manchetes ressaltando a criminalidade da Baixada.⁴⁶

Um dos maiores símbolos dos anos 80 e personagem principal da construção de uma imagem negativa sobre a Baixada foi, sem dúvidas, o Mão Branca. Apresentado pelos jornais como um justiceiro local, o personagem praticava as mesmas ações dos grupos de extermínio que surgiram nos anos 60, mas, dessa vez, com uma assinatura. Um série de crimes começaram a ser creditados ao Mão Branca, que se dizia uma pessoa só, que estaria “protegendo a Baixada” do “bandidismo”.⁴⁷ “As notícias acerca de suas ações envolveram uma extensa rede de jornalistas, policiais, bandidos, políticos,

⁴³ ALVES; 1998, p. 146.

⁴⁴ ENNE, 2004: p. 10-11.

⁴⁵ ROCHA, 2005; p. 37.

⁴⁶ ENNE, 2002: p. 117-118.

⁴⁷ Idem.

personalidades e pessoas comuns, se tornando pauta obrigatória nas conversas diárias dos leitores e de suítes (continuações das matérias)”.⁴⁸

A figura mítica do “justiceiro” Mão Branca só ganhou tamanho destaque devido a todo um processo de transformação no fazer jornalístico que vinha acontecendo desde os anos 50, como apontam Ana Lucia Enne e Betina Diniz Peppe, que vale ser estudado neste trabalho. Resultado da solidificação da figura do jornalista investigativo, valorizada, sobretudo, nos anos 80, quando o principal objetivo dos veículos de comunicação impressos era a rentabilidade, o Mão Branca tornou-se um prato cheio.

Nos anos 50, o que imperava nas redações era a defesa da visão político-ideológica do dono do jornal. Artigos de opinião enchiam as páginas ainda produzidas de forma arcaica, valorizando os textos em detrimento das imagens. O bom jornalista era aquele cheio de opinião. Com a instauração do regime militar nos anos 60, muito apoiada, inclusive, pelos jornais, que “ecoavam o discurso do liberalismo, diziam não às restrições ao capital estrangeiro e estatização da economia e temiam a ameaça comunista”⁴⁹, a opinião deixou de ter lugar. A censura, acentuada depois do Ato Institucional nº 5, em 1968, tomou conta das redações, que tentavam dar visibilidade à repressão colocando nos espaços censurados poemas e receitas culinárias. Ao mesmo tempo, para expandir, centralizar e controlar os meios de comunicação de massa, o governo militar investiu massivamente na informatização das redações e redes de TV, que tiveram que modificar não só o “fazer jornalismo”, no modo de trabalhar do jornalista, como também o próprio processo de produção do jornal, que passou a ser mais do que um meio de publicização de ideologias, mas um produto que tinha que gerar renda.

Neste cenário, impedidos de opinar, os jornalistas daqui passaram a seguir os moldes do jornalismo norte-americano, prezando pela neutralidade e impessoalidade. Quando a censura foi suspensa por Geisel, de forma gradual, um discurso de liberdade de expressão e anistia foi surgindo aos poucos. Os antigos artigos de opinião foram dando lugar a críticas a respeito da pobreza e do desemprego, causadas pela desaceleração econômica do período⁵⁰. Em 1978 o AI-5 foi revogado, mas a imprensa apenas teve de volta a plena liberdade de expressão com a Constituição de 1988.

Tendo em vista esses processos, a década de 80 se inicia marcada pelo ainda investimento em informatização do setor de comunicação, e reinvenção do jornalismo e

⁴⁸ ENNE & DINIZ, 2005: p.9.

⁴⁹ Ibid., p. 4.

⁵⁰ ENNE & DINIZ, 2005.

do jornalista. Visto como um produto a ser vendido, o jornal precisava seduzir os leitores, que eram também os clientes. Técnicas como a redução dos textos e ampliação das imagens e cores passaram a ser utilizadas pela maior parte dos veículos de grande circulação. Aqui, o valor-notícia deixa de estar nas opiniões e artigos que antes eram o que movia o jornal, e passa a ser pautado pelas demandas do público, que é quem compra o jornal. Como apontado por Ana Lucia Enne e Betina Peppe Diniz⁵¹, as pesquisas de mercado vão decidir o que será publicado, e não mais a criatividade do jornalista. Outra estratégia era o investimento em editorias que aproximam o cliente do jornal, como as cartas de leitor, serviços e brindes.

A renda era o que guiava o processo de comunicação. Os jornais buscavam aumentar seu público para ganhar mais anunciantes, que financiavam a sobrevivência do veículo. Nesse cenário, os jornais passam a publicar notícias semelhantes, já que recorrem às mesmas fontes oficiais, seguem os mesmo manuais de redação, e têm o mesmo objetivo: o lucro. Então, para recapitular: o jornal, nos anos 80, vira um produto dentro de uma lógica mercantil que prioriza o lucro, atendendo às demandas de seu público-alvo, com processos de produção cada vez mais informatizados, que precisam correr contra o tempo e entregar a mercadoria no prazo estipulado. O jornalista precisava entrar nessa lógica, abandonar o viés opinativo e absorver o crítico, não esquecendo de manter-se a par do que é publicado nos jornais concorrentes, que passam a ser cada vez mais parecidos uns com os outros.

Resultado de todo o cenário apresentado, fixa-se então uma figura que, segundo Ana Lucia Enne e Betina Peppe Diniz, vinha sendo construída desde os anos 70: a do jornalista investigativo. As “matérias investigativas” são exclusivas, e têm como marca o grande destaque que podem produzir nas vendas. Nessa época, seu caráter era mais de denúncia do que o de concreto de fato, com presença de dados e provas materiais do objeto investigado/denunciado. O furo é marcado pela narrativa sensacional, dramática. E isso vende.⁵² O Mão Branca, então, era uma figura totalmente rentável e interessante aos olhos dos grandes jornais.

Em meados dos anos 80, para além das representações de criminalidade e Mão Branca no cenário da Baixada, algumas mudanças na região começam a ser notadas. Os movimentos sociais crescem, sobretudo impulsionados pela igreja e associações de moradores. Como afirma Gênesis Torres, “em 80, o povo da Baixada começou a dar seu grito de liberdade, de ‘quero melhoria’, a partir do movimento popular. Aí nós

⁵¹ ENNE & DINNIZ, 2005.

⁵² Idem.

começamos a ocupar um espaço na imprensa”.⁵³ Essas mudanças fizeram com que os próprios moradores da Baixada vissem sua região de forma diferente.

Nesse período, como cita Enne, houve um “boom” das casas de cultura na Baixada, e um movimento de resgate à história da região se deu início, com a intenção de uma construção de “cidadania” para os moradores. A ideia era, através da cultura, promover transformações locais e criar imagens positivas para a região.

Dentre as instituições culturais criadas no período, podemos citar a Casa Cultural Donana, em Belford Roxo (ligada aos grupos de afro-reggae 250), o Centro Cultural Guerreiros Unidos, de Heliópolis, o Centro Cultural Olga Teixeira de Oliveira, de Duque de Caxias (mantido pela Fundação J. Lazzaroni, que era presidida por Dalva Lazzaroni, uma das “memorialistas” aqui citadas), a Casa de Cultura de Nova Iguaçu, o Espaço Cultural Jacob do Bandolim, de São João de Meriti, o Centro Cultural Espaço Alternativo, de Nova Iguaçu, o Núcleo de Cultura Iguaçuana, 251 Casa de Cultura Elis Regina, em São João de Meriti, a Casa de Cultura de Nilópolis e a Casa de Cultura de São João de Meriti.⁵⁴

Além do início desse resgate da cultura da Baixada nos anos 80, houve também a “descoberta” da região pela Zona Sul do Rio de Janeiro, com a ascensão das escolas de samba – e aqui podemos citar a Beija Flor de Nilópolis, que, em 1989, desfilou na Sapucaí com o enredo “Ratos e urubus, larguem a minha fantasia”, levando uma alegoria do Cristo Redentor mendigo, depois de proibida pela Justiça, coberta por um plástico, com os dizeres “mesmo proibido, olhai por nós” –, dos cultos afro-brasileiros e também das feiras livres, descobertas não só pela Zona Sul como também pelos moradores da própria Baixada. Além disso, como aponta Enne, foi nos anos 80, depois do retorno do sistema democrático, que a região passou a ser vista com um potencial eleitoral.⁵⁵

É nos anos 90 que essa efervescência cultural se consolida na Baixada Fluminense, e uma imagem positiva sobre a região começa a ser construída via imprensa. Um marco da década foi a criação dos cadernos específicos sobre a Baixada, como O GLOBO BAIXADA, distribuído aos domingos pelo jornal O GLOBO, e o CADERNO GRANDE RIO, do jornal O DIA. Esses suplementos, apesar de distribuídos apenas para os municípios da Baixada Fluminense, começam a buscar outras pautas senão a violência, como reportagens sobre o turismo e cultura da região. Também começam a mostrar que o local tem espaço para o empreendedorismo, como

⁵³ TORRES *apud* ENNE, 2002; p. 120.

⁵⁴ ENNE, 2002: p. 121.

⁵⁵ ENNE, 2002: p. 122.

aponta Enne, na matéria “Bons negócios põem a Baixada no noticiário de economia”.⁵⁶ A pesquisadora ainda diz que, para gerar novas representações sobre a região, a linha editorial dos jornais muda, construindo um discurso a respeito do território como um local “bucólico”, utilizando palavras como “recanto” e “lazer”⁵⁷, coisa que não se via antes.

Em 1992, a Linha Vermelha foi construída, outro fato que, para alguns autores, teria contribuído não só para a diminuição geográfica entre a Baixada e a cidade do Rio, como também para uma aproximação social. Para Walter Prado, o preconceito diminui quando “linhas de comunicação” são criadas. “Aí você já começa a achar que você tá mais próximo da capital, então você não tá tão marginalizado como se estivesse muito distante”.⁵⁸ Enne também demarca que no início da década de 90 os moradores da Baixada começaram a ser vistos como um mercado consumidor, e isso teria refletido na maneira em que a região era apresentada via imprensa para possíveis investidores da região:

Há um jogo de interesses agora aqui em relação à Baixada Fluminense. Existem grupos fortes de empresários sem destino. O grupo Roberto Marinho, tem Globo investindo aqui. Eles têm a idéia de montar um enorme shopping, ali naquela área que era manguezal, ali perto da Vila São Luís. Carrefour. Então aqui é uma área que é barato e que já tem uma clientela com potencial econômico para consumir. Eles descobriram esse filão de ouro aqui. Então eles agora querem mudar. Porque se eles começarem com a idéia de que aqui é ruim, que aqui é violento, vai espantar alguns empreendedores. Então principalmente o mundo imobiliário, há uma necessidade de atrair. Eles colocam preços mais reduzidos para atrair, fazem uma propaganda de que tem uma clientela consumidora aqui nessa área para poder realmente conseguir um lugar. E estão mudando mesmo. Quer dizer, que há um investimento mais maciço nessa área. Principalmente no que diz respeito às áreas próximas às rodovias. [...] A tendência é de chegar ao ponto de preferir a maioria das vezes falar: “eu prefiro agora não ir ao Norte Shopping que está muito cheio e ir no Grande Rio, no Shopping de Caxias”. (Cecília França)⁵⁹

Além do potencial econômico, os autores também destacam o potencial político da região. Os políticos locais, “que irão buscar uma nova ‘imagem’ para eles mesmos e para a região que comandam”⁶⁰, desempenharam um papel fundamental na construção de imagens positivas da Baixada. Eles não queriam suas cidades ligadas à barbárie, mas sim à modernidade. Segundo Enne, em seu estudo, as matérias associando Baixada à violência praticamente desaparecem nesse período.

⁵⁶ ENNE, 2002: p. 123.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ PRADO *apud* ENNE, 2002: p. 125.

⁵⁹ Depoimento extraído de ENNE, 2002; p. 125.

⁶⁰ ENNE, 2002: p. 126.

3.2. Mudou o milênio: os estigmas mudaram?

Nos início dos anos 2000, como apresentado anteriormente, o discurso a respeito da Baixada Fluminense na mídia ganhou construções novas. As matérias passam a destacar as “qualidades” da região – sobretudo nos suplementos sobre a Baixada nos jornais O GLOBO e O DIA –, e aquelas reportagens sobre a violência praticamente desaparecem dos jornais impressos. No entanto, é importante perceber como esse discurso se deu estrategicamente, e se ele serviu para mudar o estigma construído sobre a Baixada.

No final de 2001, uma mostra chamada “Devoção e Esquecimento – Presença do Barroco na Baixada Fluminense” foi realizada na Casa França-Brasil, no Centro do Rio de Janeiro. Essa exposição foi bastante explorada pela mídia, ganhando destaque em matérias no impresso, rádio, televisão e internet. Ana Lucia Enne escreve que essa visibilidade foi extremamente positiva, não só no sentido de apresentar a história da região de forma positiva na imprensa, como também na construção de identidade dos moradores da Baixada, mostrando sua história⁶¹.

Em 2003, outros dois grandes eventos marcaram a memória de quem mora na Baixada: a I Feira do Livro em Nova Iguaçu, e o III Fórum Social Carioca, em Nilópolis, que fez parte da preparação do I Fórum Social Brasileiro, que aconteceu em seguida em Belo Horizonte. Tais eventos, apesar de exalarem cultura, quase não apareceram na mídia, e é aí que se dá o problema. Quando aspectos positivos da região são explorados, como no caso da exposição da Casa França-Brasil, tais notícias não seguem uma sequência, para construir outros espaços de significação diferentes dos estigmas associados à Baixada. “As matérias jornalísticas aparecem esporadicamente, não constituindo uma abordagem sequencial que acabe por reforçar a imagem positiva pela repetição, em geral utilizada estrategicamente pelos meios de comunicação para fixarem seus conteúdos”, como aponta Enne.⁶²

Para além da análise a respeito da repetição para construção de significação, também não se pode deixar de lado o contexto em que as reportagens destacadas se dão. Movimentos culturais internos, como os citados de 2003, foram esquecidos pela mídia, enquanto aqueles externos, voltados para o público da cidade do Rio de Janeiro, onde a Baixada é apenas objeto, ganham destaque. Como analisa Juliana Rocha, “a mostra ‘Devoção e Esquecimento – Presença do Barroco na Baixada Fluminense’ teria menor

⁶¹ ENNE, 2002: p. 450.

⁶² Idem.

expressão na mídia se ocorresse nas instalações do Sesc de Nova Iguaçu, e não em um dos salões da Casa França Brasil”.⁶³ Em um artigo, o sociólogo Emir Sader comentou sobre o posicionamento da mídia frente a I Feira do Livro em Nova Iguaçu:

(...) o tratamento da mídia é altamente discriminatório. O caderno “Idéias” do JB deu uma nota sobre a Feira do Livro algumas semanas atrás e O Globo deu uma pequena reportagem no dia da inauguração. Foi só. Nenhuma das edições dos cadernos literários – “Idéias”, do JB e “Prosa e Verso”, de O Globo – que saíram no dia seguinte à inauguração da feira publicaram uma nota que fosse sobre a programação do evento”. Que diferença com a Feira de Parati, que contou com a participação das maiores editoras, que contou com recursos suficientes para levar o bom número de escritores estrangeiros, que convidou e pagou a estadia de grande parte dos editores de cultura da mídia brasileira e teve, como resultado, cobertura diária semanas antes do evento, durante sua realização e semanas depois! Mesmo com Parati sendo uma cidade pequena, cara, de difícil acesso, sem estrutura hoteleira para abrigar muita gente, obrigando o evento a se realizar em auditórios pequenos”. Tudo isso revela a falta de generosidade e de compreensão da mídia e das grandes editoras sobre a importância de um evento como este da Baixada, porque sabem que ali está um público com menor peso na mídia – em suma, pobre e marginalizado.⁶⁴

Em 2002, uma casa de shows tomou conta do cenário musical da Baixada Fluminense. A Via Show, localizada em ponto estratégico na Rodovia Presidente Dutra, altura de São João de Meriti, pretendia receber até dez mil pessoas do Rio e região metropolitana. Lá, como destacou Juliana Rocha, apresentaram-se grandes nomes da “MPB (como Djavan), do samba (Jorge Aragão) e do rock nacional (Capital Inicial)”.⁶⁵ A casa fechou em 2015, e hoje só restam lembranças do que um dia já foi o “point” da juventude da Baixada. O que chama a atenção, no entanto, é que, apesar de determinante na memória dos moradores como local de divertimentos e encontros, a Via Show só aparecia na mídia quando casos violentos aconteciam em seu interior e entorno. Podem ser citados como exemplos o caso conhecido como “Chacina da Via Show”, em 2003, quando quatro rapazes foram executados por policiais militares, e seus corpos foram encontrados em Duque de Caxias, e outro caso semelhante em 2007, quando os corpos de três jovens foram encontrados perto da Dutra, depois de uma briga por ciúmes que teria ocorrido dentro da casa de espetáculos.

Outro ponto que merece destaque foi a cobertura no cenário político da Baixada nas eleições municipais de 2004, que ganhou repercussão pouco comum, com matérias em impresso, rádio, televisão e internet.

⁶³ ROCHA, 2005: p. 42.

⁶⁴ SADER *apud* ROCHA; 2005, p. 42.

⁶⁵ ROCHA, 2005: p. 43.

A disputa entre os candidatos Lindberg Farias, do Partido dos Trabalhadores (PT) – considerado forasteiro na política local – e Mário Marques, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) pela prefeitura de Nova Iguaçu tornou-se uma “questão federal” que inclui até a presença do ex-presidente nacional do PT, José Genuíno, e do ex-chefe da Casa Civil, José Dirceu, nos comícios do município.⁶⁶

Em 31 de março de 2005, estourou um acontecimento que marcou a história da Baixada Fluminense e ganhou repercussões até na mídia internacional: uma chacina onde 29 pessoas foram assassinadas nos municípios de Queimados e Nova Iguaçu, entre as 21h e 22h. O massacre teria sido uma retaliação de policiais militares ao novo modelo de comando implementado no 15º Batalhão da Polícia Militar, em Duque de Caxias. O caso foi manchete durante semanas na maioria dos veículos de comunicação do país, e foi destaque inclusive em jornais estrangeiros. “Em algumas matérias sobre o fato era possível verificar discursos pejorativos sobre a região, além do desconhecimento e o afastamento dos jornalistas sobre a realidade local.”⁶⁷ Rocha cita uma reportagem da Tribuna da Imprensa, de 8 de abril, que trazia o comentário: “Poderia ser apenas mais uma chacina naquele cotidiano de miséria”.⁶⁸

Exaustivamente, o caso estampou os jornais por meses e trouxe efeitos positivos quanto à investigação do crime. No entanto, “os estigmas sobre a região continuaram sendo reforçados. As matérias traziam retratos pejorativos da região e ressaltavam apenas os índices negativos”⁶⁹, o que traz novamente a memória de quem lê, os estigmas de criminalidade e violência relacionados à Baixada Fluminense.

A Linha Vermelha, anteriormente aqui citada como divisor de águas no processo de diminuição geográfica e social entre a Baixada e a cidade do Rio de Janeiro, ganha outra face em meados de 2005, quando o programa “Fantástico”, da Rede Globo, veiculou a matéria “Vias sem lei”, onde mostrava o perigo de três principais vias de acesso à cidade do Rio: Avenida Brasil, Linha Amarela e Linha Vermelha. A reportagem destacava que 128 bandidos e 6 policiais tinham sido mortos na região. E o destaque dado à violência na via continua até hoje. Em 2017, vídeos com o título “Terror na Linha Vermelha” circulavam pela internet. Na capa do jornal O GLOBO do dia 18 de julho de 2017, a manchete: “Travessia de alto risco: linha vermelha já teve de ser fechada 14 vezes este ano por causa de tiroteios”⁷⁰. Na matéria do miolo, o título

⁶⁶ ROCHA, 2005: p. 43.

⁶⁷ Ibid., p. 45.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Ibid., p. 48.

⁷⁰ O GLOBO, 18/07/2017. VER ANEXO 1.

“Expresso do medo”⁷¹ vinha seguido de dados mostrando que 128 tiroteios foram registrados na via ou no seu entorno desde julho de 2016 até a data da publicação.

Diante de todo o histórico apresentado, é notório que, ao longo da história, o discurso a respeito da Baixada Fluminense foi sendo construído baseado nos estigmas de criminalidade, “terra sem lei”, com “cotidiano de miséria”. Nos momentos em que a região é reconhecida como potencial político e econômico, as referências a ela vão sendo diminuídas não só quanto ao teor, mas também na quantidade, o que não auxilia na criação de novos significados para ela. Ou seja: quando há um caso de violência marcante na Baixada, a cobertura é exaustiva e destacada. Nas outras editorias, as notícias são esporádicas, e a região vai se tornando invisível. O espaço que ela ocupa é o do estigma, do estereótipo. Por isso, no capítulo seguinte será analisada a representação que a Baixada teve em um momento onde o lugar de violência foi deslocado para a cidade do Rio de Janeiro: a intervenção federal no estado do Rio, decretada em 16 de fevereiro de 2018.

⁷¹ O GLOBO. “Expresso do medo”, 18/07/2017. VER ANEXO 2.

4. A BAIXADA INVISÍVEL

No dia 16 de fevereiro de 2018, uma sexta-feira, o presidente Michel Temer decretou uma intervenção federal no estado do Rio de Janeiro, com duração prevista até 31 de dezembro de 2018. Desde a Constituição de 1988, de acordo com o jornal Nexo⁷², essa foi a primeira vez em que o Brasil teve um estado da federação sob intervenção do governo federal. O interventor nomeado foi o general do Exército Walter Souza Braga Netto. No mesmo dia, o então secretário de Segurança Pública, Roberto Sá, pediu para deixar o cargo, que ficou a comando de Braga Netto.

Os militares já vinham sendo utilizados na segurança pública do Rio e de outros estados, como o Rio Grande do Norte e Espírito Santo. No final de julho de 2017, o presidente Michel Temer assinou um decreto de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) que autorizava a atuação de Forças Armadas no Rio, como parte do Plano Nacional de Segurança Pública anunciado por ele. Na época, o ministro da Defesa, Raul Jungmann, afirmou que o foco era “golpear e tirar a capacidade do crime organizado”. Os militares já atuaram no Rio em 2008, nas eleições municipais; de 2010 a 2012, na ocupação do Complexo do Alemão; em 2011, nos Jogos Mundiais Militares; em 2012, na Rio + 20 e nas eleições municipais; 2013, na Jornada Mundial da Juventude; 2014, na Copa do Mundo e na Ocupação do Complexo da Maré, até 2015; nas Olimpíadas e eleições municipais de 2016; e em 2017, na votação do pacote de austeridade do Rio de Janeiro e na implantação do Plano Nacional de Segurança do Rio.⁷³

A diferença entre enviar tropas e intervir é que, agora, o governo federal, através de Braga Netto, comanda todo o setor de segurança pública, podendo reestruturar órgãos públicos, admitir e demitir funcionários, contratar serviços, entre outras ações, prestando contas apenas ao governo federal, e não mais ao estadual. No jornal GLOBO do dia 16 de fevereiro, a matéria “Pezão se reúne com Temer e ministros para discutir segurança” já alertava para possíveis medidas federais no estado. De acordo com o texto, “o governo federal teria ficado impressionado com as cenas de barbárie filmadas por cariocas e turistas durante o carnaval no Rio” (grifos meus), e, por isso, estariam em negociação sobre um plano de combate à criminalidade no estado.

Meses antes da assinatura do decreto por Michel Temer, o discurso utilizado para descrever a segurança pública no estado, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro,

⁷² Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/02/16/Interven%C3%A7%C3%A3o-federal-no-Rio-as-justificativas-e-as-contesta%C3%A7%C3%B5es>>. Acesso em: 19/04/2018.

⁷³ Idem.

apresentou uma construção muito similar àquela utilizada pelos jornais para descrever a Baixada Fluminense, apresentada no capítulo 3 desse trabalho. Até mesmo a icônica expressão “terra sem lei”, empregada desde os anos 60 pela mídia para se referir à Baixada, ganhou lugar no território de palavras utilizado nas reportagens sobre a cidade do Rio de Janeiro, assim como “desespero”, “medo”, “terror”, “abandono”, “caos”, “descaso” e “colapso”.

Na medida em que há um deslocamento do discurso da violência para a cidade do Rio de Janeiro, a Baixada Fluminense fica cada vez mais invisível, porque deixa de ocupar na mídia até mesmo o seu lugar estigmatizado, o de terra violenta, sem lei ou ordem. Para constatar esse movimento, foram analisados neste trabalho os dois meses anteriores e posteriores ao decreto de intervenção federal no Rio, que colocou a capital como foco da violência. Na matéria do dia 17 de fevereiro, quando foi noticiada a medida, o jornal O GLOBO apresentou, como um dos principais motivos para o presidente Michel Temer ter assinado o decreto, os casos de violência no carnaval carioca. De acordo com a reportagem especial do dia, a ideia da intervenção “começou a ganhar forma na terça-feira de carnaval, quando o presidente Michel Temer viu, pela TV, imagens de bandidos aterrorizando as ruas cariocas durante a festa, que é vitrine do país para o mundo”⁷⁴ (grifos meus). Ou seja, a violência na cidade maravilhosa, “vitrine do país”, era um dos maiores problemas para o estado.

Ao longo dos quatro meses, a Baixada Fluminense praticamente sumiu das páginas do GLOBO. As pautas que traziam alguma das 13 cidades que compõem a região falavam de crimes, febre amarela, e, de Janeiro a fevereiro, carnaval, já que Beija-Flor de Nilópolis e Grande Rio, de Duque de Caxias, desfilaram no grupo especial carioca. No segundo caderno, que fala de cultura e lazer, a Baixada só aparecia quando as escolas Beija-Flor e Grande Rio iam fazer alguma apresentação na cidade do Rio. O time do Nova Iguaçu apareceu uma vez em uma nota, assim como dois bares de Nova Iguaçu e a pobreza de Duque de Caxias; ambos os três casos por conta de situações atípicas. Nenhum show, evento ou produção cultural da região apareceu nos meses analisados. Antes de detalhar todos os dados colhidos ao longo das 122 edições do GLOBO, é preciso entender o porquê esse foi o jornal impresso escolhido para esse trabalho, o que será feito no próximo item.

⁷⁴ O GLOBO. “Por trás da decisão de intervenção: Pezão foi persuadido; Rodrigo Maia se irritou”, 17/02/2018. VER ANEXO 3.

4.1 Por que o jornal O GLOBO?

Para entender como o imaginário sobre a Baixada Fluminense é construído na mente dos cariocas, o jornal O GLOBO foi veículo escolhido neste estudo. Primeiro, por ser considerado “o jornal preferido dos formadores de opinião”, como o próprio *site* do Infoglobo define⁷⁵. Segundo, por ser o impresso de maior tiragem do Rio de Janeiro. De acordo com o último levantamento da Associação Nacional de Jornais (ANJ), O GLOBO teve a segunda maior média de circulação do país, perdendo apenas para o SUPER NOTÍCIA, de Minas Gerais.⁷⁶

Segundo dados do Infoglobo, O GLOBO possui 1.568.000 leitores. São 193.079 exemplares em média, de acordo com a ANJ. A audiência, segundo o *site*⁷⁷, é dividida entre Zona Sul (37%), Zona Norte (14%), Zona Oeste (10%), Central (11%), Leopoldina (9%), Baixada Fluminense (5%), e outros municípios (14%). Desses leitores, 60% têm ensino superior, 14% “primeiro grau”, e 26% “segundo grau”; 55% são mulheres, e 45% homens. Quanto à classe social, a classe B domina: 50%, contra 30% da classe A, 18% da classe C, e 2% das classes D e E. Os dados são do *site* Infoglobo referentes a 2009, último levantamento disponível.⁷⁸

Atualmente, o diário carioca tem os seguintes cadernos: Primeira Página, Página 2, País, Rio, Dos leitores, Opinião, Economia, Mundo, Sociedade, Esportes, Segundo Caderno, Suplementos (Boa Chance, Boa Viagem, CarroEtc, Ela, Morar Bem, Negócios & leilões, e Rio Show), e Bairros (Baixada, Barra, Centro, Ilha, Niterói, Serra, Tijuca, Zona Norte, Zona Oeste e Zona Sul).

A revista Baixada circula, aos sábados, por onze cidades: Paracambi, Japeri, Nova Iguaçu, Magé, Guapimirim, Duque de Caxias, Belford Roxo, São João de Meriti, Nilópolis, Mesquita e Queimados. Ficam de fora Itaguaí e Seropédica. De acordo com o próprio O GLOBO, a revista “mostra, aos sábados, as iniciativas de moradores da região, histórias de superação e o que está movimentando o cenário cultural nas cidades”.⁷⁹ Periodicamente, o caderno tem ainda especiais com temas específicos, como o Prêmio Água na Boca, as revistas de Saúde, Educação, entre outros.

⁷⁵ Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=91>>. Acesso em: 19/04/2018.

⁷⁶ Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 19/04/2018.

⁷⁷ Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/anuncie/audiencia.aspx>>. Acesso em: 19/04/2018.

⁷⁸ Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/anuncie/perfilleitores.aspx>>. Acesso em: 19/04/2018.

⁷⁹ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/publicacoes-baixada-mais-baixada-levam-noticias-servicos-promocoes-aos-leitores-21641695>>. Acesso em: 19/04/2018.

Nas bancas desde 1925, o periódico tem uma das maiores relevâncias no país no mercado impresso, e, por isso, é capaz de, através da linguagem, transmitir experiências e construir espaços de significação, que culminam em senso comum e estigmas.

4.2 De dezembro a abril: onde está a Baixada?

Antes de mostrar os resultados da análise de conteúdo de dezembro de 2017 a abril de 2018 feita no jornal O GLOBO, é importante salientar alguns aspectos que serão destacados nos próximos itens. Para observar o deslocamento do local de violência da Baixada para a cidade do Rio, foi necessário não só demarcar as matérias em que a Baixada aparecia, mas também aquelas em que a segurança pública da cidade do Rio eram discutidas, como nos artigos de opinião do jornal, ou em notícias que utilizavam o mesmo território de palavras empregado para descrever a Baixada Fluminense ao longo das décadas. Assim, os textos destacados vão muito além de uma análise quantitativa de reportagens onde uma das 13 cidades da Baixada apareceram, mas sim, sobre como a região é tratada e sobre o discurso da violência observado nas matérias.

a) Dezembro

No primeiro dia analisado, é possível notar uma referência à violência já na capa da edição do dia 16 de dezembro, com a manchete “Rio tem explosão de roubos”. A chamada mostrava dados do Instituto de Segurança Pública (ISP) sobre roubos no estado, que, de acordo com a matéria “Um recorde que ninguém quer”, tinha atingido o maior número desde 1991, uma alta de 447% em quase três décadas. Nesse momento, o texto dizia que “existe uma associação clara entre o recrudescimento da violência e a falta de recursos para a segurança pública”⁸⁰. A crítica à falta de verbas como o fator principal para o aumento da violência foi uma constante nos meses analisados, sobretudo depois do decreto da intervenção. Nessa mesma edição, a Baixada é citada de forma positiva, na seção de Opinião do jornal, na coluna do jornalista e escritor Zuenir Ventura. No texto, ele falava sobre o dia em que participou do ato Ocupa Literatura, em Nova Iguaçu. O evento faz parte do movimento Baixada Literária e foi descrito por ele como “surpreendente”. No texto, ele admite que os cariocas não conhecem esse tipo de

⁸⁰ O GLOBO. “Um recorde que ninguém quer”, 16/12/2017. VER ANEXO 4.

produção cultural promovida na Baixada: “Quando se pensa que não há mais razão para a esperança, que está tudo perdido, eis um movimento como esse, praticamente desconhecido pela cidade do lado de cá”⁸¹ (grifos meus).

Nos dias seguintes, os textos seguiam explorando os dados que mostravam o aumento da violência no estado, como a matéria “Rio deve registrar a maior taxa de homicídios em oito anos”⁸². Os textos utilizavam para ilustrar, sobretudo, casos violentos que aconteceram na cidade do Rio. Na seção de Opinião do dia 17 de dezembro, um texto do prefeito Marcelo Crivella dizia que “O Rio foi a capital do Brasil, hoje é a capital da violência. O Rio precisa de paz, e a paz é fruto da justiça”⁸³. (grifos meus). Percebe-se claramente o deslocamento de local de violência para a capital.

Três cidades da Baixada apareceram na capa do dia 18 de dezembro: Itaguaí, Seropédica e Mesquita. As duas primeiras apareciam como exemplos de cidades com orçamento comprometido por conta dos salários dos servidores, o que limitaria ações das prefeituras nos municípios. Na imagem que ilustra a reportagem no miolo, o refeitório do Hospital São Francisco Xavier, em Itaguaí, aparece com parte do teto caído. Como legenda, a frase: “Penúria. [...] Onde faltam materiais básicos, antibióticos e equipamentos para exames: além das infiltrações, parte do teto desabou”⁸⁴ (grifos meus). Já sobre Seropédica, o texto conta como os moradores driblaram a falta de compromisso da prefeitura, fazendo uma vaquinha para construir uma pinguela de madeira sobre um canal da cidade. Ou seja, as duas cidades estão à deriva. Como um ponto fora da curva, nessa mesma edição, Mesquita aparece de forma positiva, por se destacar na quantidade de nascimentos de crianças no ano de 2016. O texto ainda elogiava o Hospital da Mãe, maternidade humanizada que era referência no município e tinha até banho de ofurô para os bebês [Hoje, a maternidade passa por inúmeros problemas estruturais e falta de pagamento dos funcionários].

Acontece de algumas cidades da Baixada serem citadas em algumas matérias com viés positivo, como Nova Iguaçu e Nilópolis, que estariam na lista da SuperVia para a construção de empreendimentos próximos aos trilhos, publicada em 21 de dezembro. Mas, nesse caso, os municípios são apenas citados, e não protagonistas da notícia. O cenário muda quando o crime é a pauta. Ocupando uma página inteira, a matéria “Cidade sob as ordens da milícia” e retranca – palavra ou pequena frase usada

⁸¹ O GLOBO. “Nova Era de esperança”, 16/12/2017. VER ANEXO 5.

⁸² Título extraído da página 12 da edição do GLOBO do dia 18 de dezembro de 2017.

⁸³ O GLOBO. “Paz é fruto da justiça”, 17/12/2017. VER ANEXO 6.

⁸⁴ O GLOBO. “Descompasso fiscal”, 18/12/2017. VER ANEXO 7.

sobre o título para apresentar o tema da matéria – “Medo na Baixada” (grifos meus) falou sobre um “bando” que estaria cobrando um “pedágio” para liberação de obra federal de uma ponte que facilitaria o trajeto de moradores e sobretudo estudantes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) entre o centro de Seropédica e o campus. A matéria ainda falava sobre a expansão da milícia na Baixada Fluminense e sua relação com a política: “As investigações apontam que, em 2015, a maior milícia do Rio, fincada na Zona Oeste do Rio há cerca de 20 anos, começou uma expansão de suas atividades criminosas tanto para Seropédica e Itaguaí, quanto para Nova Iguaçu, em bairros como o Cabuçu”. O texto ainda dizia que a invasão da milícia deixou um “rastros de mortes”, e que os homicídios continuavam até os dias atuais. Na legenda da foto que mostra a obra da ponte parada, a palavra “Abandono” em negrito retoma o viés de Baixada como “terra sem lei”, alimentado desde os anos 60 pela mídia.⁸⁵

O deslocamento da violência para a cidade maravilhosa continuou se fazendo evidente ao longo dos dias. A matéria “Bando faz novo arrastão em bares de Santa Teresa”, publicada em 21 de dezembro, falou sobre quatro estabelecimentos que foram atacados por cinco homens armados. No texto, fica claro que a violência virou algo comum: “Na noite de segunda-feira, os roubos em série assustam Santa Teresa. Mas não surpreenderam. Os arrastões têm sido cada vez mais comuns na região” (grifos meus). “A Polícia Civil precisa investigar, e a PM, patrulhar. Santa Teresa está pagando um preço muito alto por esse abandono” (grifos meus), contou o vice-presidente da Associação de Moradores e Amigos de Santa Teresa⁸⁶. Como será mostrado mais adiante, Santa Teresa foi citada muitas vezes por colunistas com um saudosismo da época em que o bairro era seguro e lar da boemia, mas, nos dias atuais, havia se tornado um local extremamente perigoso.

A Baixada apareceu novamente associada à violência na matéria “Um dia após o outro”, do dia 23 de dezembro, que contava a história de como três mães afetadas pela violência do Rio lidavam com a perda do marido e dos filhos. Das três personagens, uma era de Duque de Caxias. Claudineia dos Santos Melo foi baleada, ainda grávida, e o bebê não resistiu. Não só ligado à segurança, o discurso de “abandono” construído a respeito da cidade do Rio perpassa por outros setores. Como, por exemplo, na matéria “Terra sem lei: bandalha num dia, repeteco no outro”⁸⁷ (grifos meus), que falava sobre vans ilegais fazendo o transporte de passageiros em linhas da Zona Sul em que ônibus

⁸⁵ O GLOBO. “Cidade sob as ordens da milícia”, 22/12/2017. VER ANEXO 8.

⁸⁶ O GLOBO. “Bando faz novo arrastão em bares de Santa Teresa”, 21/12/2017. VER ANEXO 9.

⁸⁷ O GLOBO. “Terra sem lei: bandalha num dia, repeteco no outro”, 27/12/2017. VER ANEXO 10.

pararam de circular. Transporte irregular na capital, sobretudo na Zona Sul, foi uma pauta bastante discutida ao longo dos meses analisados. Na edição do dia 29 de dezembro, por exemplo, expressões como “desordem”, “a que ponto chegamos”, “caos”, “rumo ao colapso” foram utilizadas para descrever o equipamento. Curioso é que esse tipo de transporte é comum nas cidades da Baixada, sobretudo à noite, quando a quantidade de ônibus circulando diminui. Mas, a discussão sobre isso não saiu do eixo Zona Sul.

A coluna de Ancelmo Gois, fixa no GLOBO, teve a Baixada como pauta algumas vezes. No dia 26 de dezembro, por exemplo, apresentou a região de forma positiva, como mercado consumidor que sustenta o mercado de joalherias e relojarias do Rio. De acordo com Firjan e Ajorio, 44% das lojas do estado estavam instaladas no local. Depois do natal, no dia 28 de dezembro, a Baixada foi notícia pelas mortes na noite de Natal. Seis homicídios aconteceram entre as 18h do dia 24 e as 6h do dia 25 de dezembro no estado. Três na Baixada Fluminense, dois na cidade do Rio e um em São Gonçalo. No entanto, no título, as cidades do entorno do Rio ganham protagonismo no quesito violência: “Região Metropolitana registrou seis homicídios na noite de Natal”⁸⁸ (grifos meus).

Em um ping pong exclusivo com o governador Luiz Fernando Pezão, ocupando página dupla do penúltimo O GLOBO de 2017, a Baixada Fluminense é citada uma vez por Pezão. Quando questionado sobre seu maior legado, ele responde: “O maior que vou deixar é botar água na Baixada Fluminense. [...] Andei aquela Baixada inteira e não tinha água. Estamos fazendo R\$ 3,2 bilhões em obras”⁸⁹. Aqui, pode-se notar que a Baixada Fluminense é tratada de forma homogênea pelo próprio governador do estado. Em alguns pontos da região, que estão mais distantes do cano principal de abastecimento da Cedae, a água realmente é escassa. Mas, afirmar que “andou pela Baixada inteira e não tinha água” é colocar treze municípios em um só patamar de pobreza e abandono e reforçar estigmas negativos a respeito da região.

b) Janeiro

A capa do segundo dia do ano tem como destaque o título: “Os desafios do ano que começa com tiroteios, praia cheia de dia e de noite, e sorte para alguns”. Na

⁸⁸ O GLOBO. “Região Metropolitana registrou seis homicídios na noite de Natal”, 28/12/2017. VER ANEXO 11.

⁸⁹ O GLOBO. “‘Ainda vou tomar medidas amargas’”, 30/12/2017. VER ANEXO 12.

chamada, a descrição do medo: “Moradores de três comunidades começam o ano em clima de medo: houve confrontos na Rocinha, na Palmeirinha e no Jacarezinho, onde um PM foi baleado. [...] O Rio enfrentou 5.140 tiroteios em 2017”⁹⁰. Na parte da sorte, a Baixada Fluminense aparece, já que um ganhador da Mega da Virada foi de Seropédica. Na matéria sobre os tiroteios nas comunidades do Rio, expressões como “rotina” e “cenário assustador” compõem a construção de significações do texto. Ainda nessa edição, finalmente a Baixada apareceu na política. Na coluna “Poder em jogo”, de Lygia Medeiros, o ex-prefeito de Queimados, Max Lemos, aparece como possível candidato ao Legislativo pelo MDB.

Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São João de Meriti apareceram, nos dias seguintes, de forma negativa. A primeira foi apontada como uma das cidades onde houve morte por acidentes em estradas durante o feriado do réveillon. A matéria, de título “Feriado foi mais violento em estradas federais que o do ano passado”⁹¹, trazia dados sobre acidentes e multas. No dia 4 de janeiro, Caxias foi um exemplo de município do estado que não tem sirenes de alerta contra enchentes. Ainda sobre as chuvas de verão, na mesma página, a matéria “‘Alagados’: o drama de moradores de oito ruas da Baixada” mostrava ruas de São João de Meriti que ficaram tomadas por dejetos e água de chuva, depois das saídas do esgoto do Rio Sarapuú terem transbordado com os temporais. Na reportagem, expressões como “drama” e “desespero” descreviam a situação de quem morava na região. “Eu me sinto impotente e abandonada”⁹² (grifos meus) era a fala de uma moradora, mãe de um bebê com microcefalia, que não conseguia sair de casa para levar o filho ao médico.

“Terra sem lei” apareceu novamente para se referir ao Rio em uma nota de Ancelmo Gois, em 4 de janeiro, em uma notícia sobre o presidente da Associação de Moradores de Madureira, Jefferson Marcelo, de 41 anos, ter sido encontrado enforcado. Na mesma edição, duas matérias que falavam sobre violência no estado têm grande valor analítico para esse trabalho. A primeira, de título “Ano mal começou e já tem PM morto, em São Gonçalo”, começou com “A violência que marcou 2017 não dá trégua neste começo de 2018”, e falou sobre o assassinato de um PM em São Gonçalo, confrontos na Rocinha – que deixaram três mortos e um ferido – e flagrantes de criminosos armados no Complexo do Alemão. Ao lado, outra matéria de retranca “Pânico no réveillon” (grifos meus) dá destaque a uma jornalista que foi atingida no pé

⁹⁰ O GLOBO, 02/01/2018. VER ANEXO 13.

⁹¹ Título extraído da página 7 da edição do GLOBO do dia 3 de janeiro de 2018.

⁹² O GLOBO. “‘Alagados’: o drama de moradores de oito ruas da Baixada”, 04/01/2018. VER ANEXO 14.

direito por uma bala de fuzil enquanto comemorava o ano novo no terraço de sua cobertura no Flamengo. Importante notar a diferença de protagonismo da dor: na primeira matéria, três pessoas morreram na Rocinha e uma ficou ferida durante o confronto. Essas pessoas não têm nome, idade, ou profissão. A informação é dada de forma passageira, e passa despercebida por quem lê. O estigma de que as mortes são comuns nas comunidades faz com que o leitor perca a sensibilidade diante de tais assassinatos, assim como nas matérias a respeito da violência na Baixada. Diferente da matéria ao lado, que ocupa o mesmo espaço da anterior, mas dessa vez com foto da vítima atingida, profissão, idade, descrição do momento em que o projétil atingiu a jornalista e de como foram os desdobramentos depois do “pânico”. Sabe-se que ela tem dois filhos, uma menina de dois anos e um menino de seis meses. Sabe-se também que ela terá de ficar em repouso por dez dias para não ficar com sequelas. Depois do susto, a personagem ainda diz que ela e o marido estão pensando em se mudar.⁹³

Ao longo de janeiro, retrancas como “Violência cotidiana” e “Escalada da violência” se tornam comuns na editoria Rio, naturalizando o ambiente hostil e reforçando o estigma da violência na capital. “PM admite que matou jovem de 18 anos por engano na Baixada” foi matéria no dia 5 de janeiro. O crime aconteceu em Nova Iguaçu. Luis Guilherme dos Santos, de 18 anos, foi assassinado “por engano” quando deixou sua mochila cair e, ao abaixar para pegar, um policial militar atirou contra as costas do jovem, que não resistiu aos ferimentos. Esse caso gerou um suíte – reportagem que explora os desdobramentos de um fato que foi notícia na edição anterior – no dia seguinte. A matéria “Morte no primeiro dia de trabalho”⁹⁴, fez quase um perfil do rapaz, que tinha o sonho de entrar para o Exército e se tornar músico. De certa forma, apesar de dar espaço à Baixada novamente em uma situação de tragédia, vale pontuar que, nesse suíte, o trabalho de humanização da vítima foi feito de forma mais profunda, algo que não se viu em matérias onde se falava sobre mortes decorrentes de tiroteios em comunidades, quando, muitas vezes, apenas o número de vítimas era informado, sem que se conhecesse seus nomes, rosto, cor ou sonhos.

A partir do dia 5 de janeiro, a Baixada começa a aparecer representada pelas escolas de samba Beija-Flor e Grande Rio. Por ter política e corrupção no enredo de 2018, a escola de Nilópolis foi destaque em mais reportagens. Ela apareceu em duas, no dia 5, e em uma nos dias 6 e 7 de janeiro.

⁹³ O GLOBO. “Ano mal começou e já tem PM morto, em São Gonçalo” e “Bala de fuzil atinge mulher em cobertura no Flamengo”, 04/01/2018. VER ANEXO 15.

⁹⁴ O GLOBO. “Morte no primeiro dia de trabalho”, 06/01/2018. VER ANEXO 16.

Nova Iguaçu passa a ser destaque em matérias sobre saúde pública quando, em 5 de janeiro, é confirmada a morte um macaco por febre amarela na Reserva Biológica de Tinguá, local turístico e, como pontuado no capítulo 2 desse trabalho, considerado Patrimônio da Humanidade pela Unesco. A matéria “O perigo que ressurgue” mostrava Nova Iguaçu como um local a ser evitado: “Morte de macaco faz estado reforçar vacinação e pedir à população que evite reserva na Baixada”⁹⁵.

Apesar de não estar associada à violência, é importante destacar uma reportagem de página dupla do dia 7 de janeiro. Com um território de palavras cada vez mais comum nos textos que tratam da cidade do Rio, o do abandono, a matéria de título “O descaso que se instalou na paisagem da cidade” mostrava exemplos de má gestão da prefeitura. Foram usadas expressões como: “descaso”, “[...] O Rio fica sujo, maltratado, sem conservação. A cidade está abandonada”, “Retrato da desordem urbana e do subemprego na cidade [referindo-se aos camelôs]”, “Cenário maltrapilho”, “Rio afora, cariocas e turistas tropeçam no descaso com os equipamentos de uso público”, “quadro de abandono”, “cotidiano subumano”, “lixo sem fim”, “caos nosso de cada dia”⁹⁶ (grifos meus).

Em matéria sobre enchentes na cidade do Rio, Duque de Caxias apareceu uma vez, como cidade que desembarca lixo próximo ao Rio Acari, que inundou bairros do Rio como Fazenda Botafogo. No dia 10 de janeiro, a Baixada apareceu na seção de Opinião. Com o título “Febre amarela é caso de emergência no Rio e em São Paulo”, a Reserva Biológica de Tinguá, em Nova Iguaçu, é descrita como “um berçário de febre amarela”, e a Baixada Fluminense como “perifeira do Rio de Janeiro”⁹⁷.

Na seção de Opinião do dia 11 de janeiro, o poeta Luis Turiba falou sobre a onda de assaltos em Santa Teresa. Depois de descrever o bairro como reduto cultural e histórico, ele afirma que o local virou “terra do deus-dará, assim como outros bairros da cidade” (grifos meus), desde que “o comando da segurança pública do Rio perdeu o controle da situação territorial da cidade, em função do sucateamento dos equipamentos e dos atrasos salariais”⁹⁸. “Terror”, “medo” e “horror” fizeram parte do território de palavras empregado. Esse tom saudosista pôde ser observado em mais textos ao longo da análise.

⁹⁵ O GLOBO. “O perigo que ressurgue”, 06/01/2018. VER ANEXO 17.

⁹⁶ Frases extraídas das páginas 12 e 13 da edição do GLOBO do dia 7 de janeiro de 2018.

⁹⁷ O GLOBO. “Febre amarela é caso de emergência no Rio e em São Paulo”, 10/01/2018. VER ANEXO 18.

⁹⁸ O GLOBO. “Salve Santa Teresa”, 11/01/2018. VER ANEXO 19.

Baixada apareceu novamente ligada à violência em uma matéria com a retranscrição “Violência da Zona Sul à Baixada”, no dia 13 de janeiro, que descrevia crimes ocorridos na Zona Norte, na Zona Sul e em São João de Meriti, onde um ônibus da linha 452 (Centro – Queimados) foi sequestrado por dois assaltantes, que mataram um passageiro, Anderson da Cruz, de 44 anos. Na mesma edição, na seção de opinião, o arquiteto e urbanista Luiz Fernando Janot começou seu texto de forma saudosista, descrevendo como a Zona Sul do Rio era um ambiente “alegre e efuziante”. Mas, para ele, o Rio de hoje já não é mais como antes: “Se o Rio daquela época amanhecia e adormecia sorrindo, hoje, somos obrigados a trincar os dentes e a conviver com a insegurança, com o medo e com a violência disseminada pela cidade. A população se tornou refém de uma bandidagem que não faz cerimônia em atirar para matar”⁹⁹ (grifos meus). Ou seja, a imagem da cidade do Rio vem se deslocando, como demonstrado. Antes relacionada a lazer, turismo e boemia. Hoje, abandono, violência, terror. As mesmas palavras que faziam parte do vocábulo utilizado na grande maioria das reportagens sobre a Baixada Fluminense. Ainda nessa edição, a Baixada apareceu, pela primeira vez, no Segundo Caderno, representada pela Beija-Flor de Nilópolis. A matéria falava sobre “Samba, suor e política”, citando a Beija-Flor por conta da promessa de um enredo engajado, falando sobre a corrupção e discriminação.

Na edição do dia 14 de janeiro, a Baixada apareceu mais vezes do que o comum. A moradora Michelle Ramos da Silva estava grávida quando foi baleada na cabeça durante uma tentativa de assalto em Belford Roxo. Ela deu à luz ao seu bebê, Antônio, ainda inconsciente. Esse caso apareceu pela primeira vez nessa edição e rendeu muitos suítes com desdobramentos do caso e acompanhamento do estado de saúde da mãe e do bebê, até os dois receberem alta, no dia 6 de fevereiro. Pela segunda vez, a região apareceu no Segundo Caderno, representada pela Beija-Flor. Mas, dessa vez, o destaque se deu porque a escola faria uma apresentação em um hotel na Zona Sul do Rio. As apresentações dessa e de outras escolas na Baixada não foram noticiadas.

“Silêncio na floresta” é o título da matéria de página dupla¹⁰⁰ que teve como imagem a mata da Reserva Biológica de Tinguá, em Nova Iguaçu. A matéria tratou, de forma bastante consistente, sobre o desaparecimento dos macacos bugios na região, forte indício do avanço da febre amarela. Importante salientar que o texto traz ricas informações sobre a Reserva e sobre o bairro de Tinguá, como suas conhecidas

⁹⁹ O GLOBO. “Para o Rio voltar a ser a Cidade Maravilhosa”, 13/01/2018. VER ANEXO 20.

¹⁰⁰ O GLOBO. “Silêncio na floresta” e “Paraíso verde que resiste sob a proteção de suas ninfas”, 14/01/2018. VER ANEXO 21.

montanhas e árvores que compõem a mata. Apesar de tratar de um assunto “negativo”, a febre amarela, essa matéria pode ser considerada positiva no contexto deste trabalho. Cabe destacar um trecho, para exemplificar essa tese: “A 16 quilômetros do Centro de Nova Iguaçu e a pouco mais de 70 do Rio, a reserva é uma ilha de biodiversidade no meio do asfalto”. Riquezas do local são destacadas: “Abriga uma das mais bem preservadas e ricas matas do Sudeste e é fundamental para o abastecimento de água da Baixada Fluminense. Andava esquecida até se tornar cenário da chegada do vírus da febre amarela à Região Metropolitana”. Dificilmente se viu uma valorização da biodiversidade da Baixada Fluminense como essa nas matérias analisadas neste trabalho. Além disso, personagens como moradores da região foram ouvidos, lamentando o sumiço do canto dos macacos, algo que fazia parte da rotina de quem vive próximo à mata. Outro ponto importante é sobre o ângulo utilizado aqui. A Reserva não foi apresentada como perigosa, um lugar a ser evitado; e sim, um refúgio da natureza que estava sofrendo com os impactos da transmissão da febre amarela. Vale, ainda, destacar outra questão. Em outros momentos, reforçando o estigma de cidade rural, com população de pouco estudo, as matérias que tratavam da baixa vacinação em Nova Iguaçu, sobretudo no bairro de Tinguá, traziam a informação de que a população tinha medo da vacina, por não confiar em sua eficácia ou por desinformação. Aqui, o tópico aparece: “Moradores temem a vacina”. Mas, dessa vez, o motivo é desmistificado: “Não temem a vacina, mas a agulha. E a maioria acha que não vai acontecer nada com eles”.

Na página seguinte, outra surpresa: com a retranscrição “Região pouco conhecida”, a matéria continua, dessa vez, descrevendo as riquezas raras da Reserva. Com título “Paraíso verde que resiste sob a proteção de suas ninfas”, a matéria trouxe, de forma sensível e profunda, a história da região, que, além de abrigar fauna e flora riquíssimas, também abastece de água cerca de dois milhões de habitantes da Baixada Fluminense. Segundo Silvia Souza, que desenvolve uma tese de doutorado sobre a importância hídrica da floresta, a água da Reserva é a de melhor qualidade do estado. “Muita gente não imagina encontrar toda essa biodiversidade e riqueza na Baixada. Há o medo e o estigma da violência. [...] O entorno é violento, como em outras partes da Região Metropolitana. Mas dentro da mata é mais seguro do que nas florestas da Pedra Branca e da Tijuca, por exemplo” (grifos meus), disse Leandro Travassos, da ONG Associação Ecocidade, um dos entrevistados pela jornalista.

Pela primeira vez no período analisado, o time do Nova Iguaçu foi protagonista de uma matéria da seção de Esportes, e não apenas citado por ser adversário de algum clube em uma disputa. No caderno especial do Campeonato Carioca, no dia 16 de

janeiro, foi noticiado que o goleiro Jefferson, que já tinha disputado 167 partidas pelo clube, estava de volta ao Laranja Mecânica.

São João de Meriti foi destaque da capa do dia 17 de janeiro, que falava sobre a aglomeração de pessoas nos postos atrás da vacina contra a febre amarela, que acabava rapidamente nas unidades de saúde e geravam filas quilométricas de pacientes aguardando o medicamento. Outras cidades como Belford Roxo e Nova Iguaçu foram citadas ao longo das edições em matérias sobre a proliferação da febre amarela. Pela terceira vez, a Baixada foi citada no Segundo Caderno, novamente representada pela Beija-Flor, com a notícia de que, depois de nove anos, voltaria a ensaiar na Avenida Atlântica, em Copacabana. Como das outras vezes, apareceu por conta de um evento fora da Baixada.

Duas cidades da Baixada apareceram de forma positiva no Segundo Caderno no dia 18 de janeiro. Na nota “Presente verde”¹⁰¹, na coluna Gente Boa, Duque de Caxias e Magé são citadas por fazerem parte de um projeto sancionado pelo governador Pezão. Os dois municípios e Petrópolis compõem uma área de 4.800 hectares de Mata Atlântica que seria preservada, com 210 nascentes de rios e 142 espécies de animais.

A violência no Rio volta a ser destaque. A matéria “Rio bate recorde de homicídios em 8 anos” reforçava a ideia de caos no estado. Na mesma edição, do dia 19 de janeiro, o então Secretário Municipal de Urbanismo, Infraestrutura e Habitação do Rio, Índio da Costa, escreveu, na seção de Opinião, que o que falta para o Rio ser o melhor ponto turístico do Brasil era infraestrutura e segurança. Ele utilizou expressões como “trânsito selvagem” e “o pior currículo mundial em segurança pública”¹⁰² (grifos meus).

“Violência sem controle” (grifos meus) foi a retransmissão da matéria “Tiro na esperança”, em 22 de janeiro de 2018. O texto contou a história de Larisse, estudante de engenharia da PUC que foi baleada durante um assalto na Praia da Reserva, na Barra da Tijuca. Na foto do momento em que a universitária estava caída no chão, a legenda: “Pânico à beira-mar”. “A estudante é mais uma vítima da rotina de violência do Rio, que já atinge níveis máximos neste início de ano.”¹⁰³ (grifos meus) Novamente, o território de palavras naturalizando a violência no Rio e criando estigmas.

A seção “Violência sem controle” continua na página seguinte, dessa vez falando sobre tiroteios na Região Metropolitana, com destaque para os desdobramentos

¹⁰¹ O GLOBO. “Presente verde”, 18/01/2018. VER ANEXO 22.

¹⁰² O GLOBO. “Turismo e segurança pública”, 19/01/2018. VER ANEXO 23.

¹⁰³ O GLOBO. “Tiro na esperança”, 22/01/2018. VER ANEXO 24.

do caso de Michelle Ramos da Silva Nascimento, grávida baleada durante tentativa de assalto em Belford Roxo. Na matéria, se escreveu que os casos de bala perdida se multiplicavam. De acordo com um levantamento do aplicativo Fogo Cruzado, “que registra disparos e tiroteios na Região Metropolitana do Rio”, foram 5.994 tiroteios ao longo do ano. O texto ainda complementa que “a região teve uma média de 16 trocas de tiros por dia”. No entanto, não se especifica qual “Região Metropolitana” seria essa, apenas é tratada de forma homogênea.

Grande Rio e Beija-Flor continuaram sendo assunto em algumas notas e matérias no mês de janeiro. Quando era adversário de algum time carioca, o Nova Iguaçu era citado na seção de Esportes. Algumas cidades da Baixada também eram citadas a respeito do estoque de vacinas contra a febre amarela.

Na capa do dia 26 de janeiro, duas manchetes sobre violência no Rio: “Tiros e medo de volta à Rocinha” começava a chamada com “O clima de guerra voltou ontem à Rocinha” (grifos meus), e tratava de um confronto entre suspeitos e cerca de 200 PMs. Outra matéria da capa dialogava com o contexto de “caos” no Rio: “Crivella: violência impede chegada de medicamentos”. A chamada dizia que o prefeito estava sugerindo aos gestores de postos de saúde em áreas de risco a retirarem remédios direto do depósito, já que, por conta do tráfico, as entregas não podiam ser feitas. No dia seguinte, a capa ainda falava sobre a “Vida sem paz” na Rocinha. A chamada intitulada de “guerra” os confrontos na favela, que, em quatro meses, resultaram em 35 mortes. Na reportagem sobre mais um dia de confrontos na Rocinha, o território de palavras empregado foi o mesmo de uma guerra. A retranscrição “No ‘front’ da Rocinha”, foi seguida pelo título: “Diário de uma guerra”¹⁰⁴ (grifos meus).

A Baixada Fluminense foi destaque na capa do dia 28 de janeiro, relacionada ao crime. Com a manchete “União de tráfico e milícia avança pelo Estado do Rio”, a chamada dizia que “A união entre traficantes e milicianos extrapolou os limites de comunidades da Zona Oeste do Rio e chegou à Baixada Fluminense e à Costa Verde”. A matéria “Associação explosiva” começava com um alerta: “Se algo não for feito, o Estado do Rio terá, dentro de dez anos, a mais perigosa organização criminosa do país”. A reportagem falou sobre a crescente associação entre traficantes e milicianos em comunidades e conjuntos da Zona Oeste do Rio. Segundo o texto, “essa mistura explosiva” já tinha começado a chegar a outros municípios, dentre eles, dois da Baixada: Itaguaí e Seropédica. De acordo com a matéria, o centro de comando da

¹⁰⁴ O GLOBO. “Diário de uma guerra”, 27/01/2018. VER ANEXO 25.

milícia é Santa Cruz, na Zona Oeste. Os altos índices de criminalidade registrados nas cidades do Rio citadas (Angra dos Reis, Mangaratiba, Itaguaí e Seropédica) teriam relação com o deslocamento das “quadrilhas”¹⁰⁵.

Nem o carnaval ficou de fora da violência no Rio. No dia 29 de janeiro, a capa “Tragédia cruza caminho de bloco” falou sobre uma perseguição policial na Tijuca, após a passagem de um bloco de carnaval, que terminou com um garçom morto. Na matéria que narrou o acontecido, as expressões utilizadas foram “terror”, “rastros de violência”, “tragédia”, “brutalidade”, “ruído de armas de guerra”, “horror” e “tragédia que chocou”. Esse caso repercutiu muito em outras edições, com diversos suítes narrando o acontecido e reforçando a insegurança da cidade. No dia seguinte, o cantor e compositor Moacyr Luz escreveu um artigo intitulado “A Tijuca vem acabando faz tempo”, semelhante a um texto aqui já citado, sobre o bairro Santa Teresa, com um saudosismo da época em que o bairro era a “Zona Sul da Zona Norte”, em que as pessoas podiam ficar nos bares até tarde da noite. De acordo com ele, “O bairro ficou refém [...] Qual é a solução? Botar tanques de guerra nas ruas? [...] A cidade sangra, e a segurança está em frangalhos”¹⁰⁶.

Ancelmo Gois, em uma nota de título “A guerra no Rio”, no dia 30 de janeiro, falou sobre escolas particulares da cidade que estavam investindo em planos de segurança para situações de riscos, como a construção de túneis para evacuar as crianças em casos de tiroteios. Uma matéria com um “passo a passo” de como reagir diante de um tiroteio também foi publicada no dia seguinte.

c) Fevereiro

No primeiro dia de fevereiro, o destaque da capa era a segurança pública do Rio. Na manchete, “Rio teve 640 tiroteios só no primeiro mês do ano”, a imagem de uma senhora aos prantos, escoltada por dois homens com fuzis a tiracolo, tinha a legenda: “Desespero. Mulher que abandonou carro na Linha Amarela durante troca de tiros é escoltada por policiais; comunidade vizinha à via expressa tem tiroteios quase que diários”¹⁰⁷. (grifos meus) Na matéria do miolo, a retranca era “Violência desenfreada” – que passa a ser uma retranca recorrente na seção Rio –, e o título “Cariocas na linha de tiro” traziam informações sobre um levantamento que mostrava que a Região

¹⁰⁵ O GLOBO. “Associação explosiva”, 28/12/2018. VER ANEXO 26.

¹⁰⁶ O GLOBO. “A Tijuca vem acabando faz tempo”, 30/01/2018. VER ANEXO 27.

¹⁰⁷ O GLOBO, 01/02/2018. VER ANEXO 28.

metropolitana teve 640 confrontos só em janeiro. O gancho era um tiroteio na Linha Amarela, que fechou a via quatro vezes entre 11h e 13h do dia 31 de janeiro. A foto de destaque da matéria é um homem amparando uma mulher grávida que corria aos prantos na via em busca de refúgio. O discurso é muito parecido com o que se construiu a respeito da Linha Vermelha ao longo dos anos 2000. Na matéria, a “Região Metropolitana” é citada, mas não especificada. Ao longo dos dias, tiroteios nessa via ficaram frequentes, e matérias com esse mesmo viés lotaram as páginas da seção Rio.

Os artigos da seção Opinião têm, cada vez mais, a violência no Rio como temática, com um vocabulário de guerra. Foi o caso do texto da jornalista Lu Lacerda, “Uma cidade sob o terror”. Segundo ela, “do jeito que está indo, pode chegar a hora em que vão ser necessários capacetes e coletes à prova de bala para o figurino dos cariocas, pelo direito de ir e vir [...] A soberania está ameaçada, a civilização está em risco, a cidade toda é vítima do tráfico; por isso mesmo, vive aterrozida – torturados estamos todos”. (grifos meus) Ela usou expressões como “cidade falida”, “cidade sem lei e de ânimo amolecido”. “O que acontece no Rio é terrorismo”¹⁰⁸, disse um psiquiatra entrevistado por ela.

A Cidade de Deus virou pauta no dia 2 de fevereiro, com a manchete “Da fama ao abandono”. Segundo o texto, a comunidade vivia “dias de agonia”, e, em 2018, houve “mais tiroteios do que dias do mês” no local. O território de palavras era o mesmo que as matérias vêm empregando quando se trata de segurança no Rio: “tristeza”, “rotina de violência”.

Na coluna do Ancelmo Gois, a violência do Rio apareceu, e da Baixada também. Com título “A Síria dos Trópicos”, a nota falava sobre a “guerra do Rio”, repetindo a fala do Ministro da Defesa e especulando sobre a possível criação de um Ministério da Segurança Pública. Em outra nota, intitulada também como “A Síria dos Trópicos”, Ancelmo falou sobre fábricas da Baixada Fluminense que tinham que pagar uma mesada para os bandidos da região para que suas cargas não fossem roubadas. Ainda segundo o texto, muitos empresários estariam pensando em deixar a Baixada.¹⁰⁹

No dia seguinte, Gois utilizou novamente o título “Síria dos Trópicos” em uma nota sobre violência. Dessa vez, o foco era o Hospital da Posse, em Nova Iguaçu, que atendeu, em janeiro, 63 pessoas baleadas; um aumento de 28% quando comparado ao mesmo mês de 2017. Um matéria aprofundada sobre o caso foi publicada na mesma edição, porém sem citar os municípios afetados, por uma questão de segurança, de

¹⁰⁸ O GLOBO. “Uma cidade sob o terror”. VER ANEXO 29

¹⁰⁹ O GLOBO. “A Síria dos Trópicos”, 02/02/2018. VER ANEXO 30.

acordo com o texto. A “rotina de terror” da Cidade de Deus foi pauta novamente nessa edição.

A Beija-Flor segue sendo citada nas matérias sobre o carnaval em janeiro, sobretudo por prometer, junto com a Paraíso da Tuiuti, um desfile com sátiras políticas. Pela segunda vez, o Nova Iguaçu foi destaque na seção de Esportes. A matéria falava sobre a história do clube, seus sócio-fundadores e o presidente; elogiava a estrutura profissional e vocação fundadora do clube, que também agencia a carreira de muitos atletas revelados.¹¹⁰

Nos dias seguintes, tiroteios e mortes no Complexo da Maré estampavam as manchetes das páginas da seção Rio, sempre com aquele vocabulário da guerra e abandono, e com o uso constante da retranca “Violência desenfreada”. Em um artigo, o antropólogo Roberto DaMatta dizia que “A melhor palavra para os acontecimentos de hoje é a barbárie” (grifos meus). Ele também falava sobre “violência brutal”, e “falência absoluta de sistemas administrativos”.¹¹¹ Outra constante são reportagens mostrando a “falência” das polícias, que sofriam com falta de pagamento e investimento e estavam “à beira do colapso”. A manchete do dia 8 de fevereiro, por exemplo, foi “Polícia Civil do Rio perde a capacidade de investigar”, por conta do corte pelo estado em investimentos no setor de inteligência. No Segundo Caderno dessa edição, Cora Ronái escreveu o artigo “Terra de ninguém”. Com o ar saudosista comum a esses textos, como apresentado anteriormente, a jornalista falou sobre a infância em Copacabana, e como andava nas ruas apenas com o medo de “falar com estranhos”. Nos dias atuais, o medo era outro: o da violência. Na segunda semana de fevereiro, três crianças e dois adolescentes foram baleados no estado, e os casos repercutiram bastante, com suítes durante vários dias.

Em mais uma matéria sobre o sucateamento da Polícia Civil, a Baixada foi citada, no dia 10 de fevereiro. “Na Baixada Fluminense, onde estão as delegacias recordistas de índices criminais, há cerca de 600 servidores em 19 unidades [...]”¹¹². Apesar da cidade do Rio ter uma média de 214 investigações por agente, ao passo que a Baixada tem 248 inquéritos por servidor, as duas delegacias utilizadas como “personagens” da matéria para descrever o descaso à instituição foram duas do Rio: 21ª DP, em Bonsucesso, e 17ª DP, em São Cristóvão. Ou seja: a região perdeu espaço até mesmo naquele lugar estigmatizado.

¹¹⁰ O GLOBO. “Contra quem? Pulo do gato”, 04/02/2018. VER ANEXO 31.

¹¹¹ Trechos extraídos da página 9 da edição do GLOBO do dia 7 de janeiro de 2018.

¹¹² O GLOBO. “Delegacias trabalham com poucos policiais”, 10/02/2018. VER ANEXO 32.

Nos dias seguintes, a Baixada só apareceu representada por Beija-Flor e Grande Rio. Nem nas matérias de segurança a região teve lugar. Ela só volta a aparecer, em alguma matéria dissociada às escolas de samba, no dia 19 de fevereiro, por conta de uma rebelião no presídio Milton Dias Moreira, em Japeri. Nesse intervalo, a cidade do Rio era protagonista nas reportagens sobre violência. Coincidentemente, foi nesse intervalo que o decreto de intervenção federal foi deflagrado.

No dia 11 de fevereiro, por exemplo, Ancelmo Gois voltou a usar a expressão “A Síria dos Trópicos” para se referir ao Rio. Na primeira nota, ele falou sobre um bilhete deixado nas portarias de prédios de São Conrado, Zona Sul. No papel, um texto atribuído aos traficantes da Rocinha pedia uma ajuda mensal de R\$ 4 mil para que tudo ficasse em paz. Na segunda, ele falou sobre uma pesquisa da FGV Social, que, de 120 países em 2016, classificou o Brasil como o 7º com maior sensação de insegurança. Ele ainda terminou a nota dizendo: “Imagina se a pesquisa fosse realizada nos últimos dias, no Rio”¹¹³.

“Caos nas ruas” foi a retranca da matéria “Arrastão de violência”, no dia 13 de fevereiro. O texto falou sobre a “onda da violência” em meio ao carnaval de rua de sábado e domingo. Na praia de Ipanema foram quatro arrastões; no Leblon, PMs que tentaram impedir um assalto foram baleados; um cantor que participaria do desfile da Paraíso do Tuiuti foi assaltado ao redor do Sambódromo e perdeu até a fantasia que iria usar; quatro homens espancaram um jovem acusado de roubo na Lapa. A matéria dizia que, em meio ao caos, o prefeito e governador da cidade estavam viajando¹¹⁴.

No dia 14 de fevereiro, a matéria “Choque de policiamento” começou com “Depois de uma onda de violência em pleno carnaval, com uma série de assaltos e arrastões em Ipanema, a promessa do governo do Estado de reforçar a segurança nas ruas com 17 mil policiais militares finalmente foi cumprida”. Policiais deslocados da Região dos Lagos, Baixada Fluminense, Campos e até da tropa do Batalhão de Choque que estava na Rocinha ocuparam a orla de Copacabana, Ipanema e Leblon. Com isso, entende-se que, assim como os policiais, a violência se deslocou para a cidade do Rio.

A Beija-Flor foi campeã do carnaval 2018 e, como era de se esperar, foi destaque da capa e de várias matérias do dia 15 de fevereiro. Nesse dia, também, as cenas de violência do carnaval carioca foram exploradas nas reportagens, assim como no dia anterior. A matéria “Cenas de barbárie no carnaval provocam crise na segurança” (grifos meus) dizia que a violência que explodiu no Rio durante o carnaval, registradas

¹¹³ O GLOBO. “A Síria dos Trópicos”, 11/02/2018. VER ANEXO 33.

¹¹⁴ O GLOBO. “Arrastão de violência”, 13/02/2018. VER ANEXO 34.

por cariocas e turistas e divulgadas nas redes sociais, provocou uma crise na Secretaria de Segurança do Estado. Segundo o texto, Pezão reconheceu que errou no planejamento por não esperar a quantidade de pessoas que compareceu à festa, e o ministro da Defesa, Raul Jungmann, prometeu “novas medidas para conter a criminalidade no Rio”¹¹⁵.

Ancelmo Gois adiantava, em sua coluna, no dia 16 de fevereiro, as manchetes do dia seguinte: “Mãos ao alto!”. Na nota, ele dizia que o governo federal “perdeu a paciência com Pezão”: “Os ministros Moreira Franco, da Secretaria Geral da Presidência, e Raul Jungmann, da Defesa, saíram, ontem, de uma conversa com o governador do Rio para discutir a questão da segurança pública, convencidos de que Pezão perdeu o controle do Estado”. Em outra página, a matéria “Pezão se reúne com Temer e ministros para discutir segurança” alertava para possíveis medidas federais no Rio. De acordo com o texto, “o governo federal teria ficado impressionado com as cenas de barbárie filmadas por cariocas e turistas durante o carnaval no Rio”, e, por isso, estariam em negociação sobre um plano de combate à criminalidade no estado.

A edição do dia 17 de fevereiro talvez seja a mais importante para esse trabalho. Um dia depois do presidente Temer assinar o decreto de intervenção federal e anunciar que o comando da segurança do Rio passaria para as mãos do Comando Militar do Leste, a capa tinha como manchete “Intervenção no Rio terá militares em ruas, favelas e presídios”. Na chamada, o texto explicava que o que pesou na decisão foi a “escalada da violência, [...] a declaração do governador Pezão de que havia perdido o controle da segurança e a ausência do prefeito Marcelo Crivella, que viajou ao exterior no carnaval”. O jornal dedicou nove páginas da edição para discutir o tema¹¹⁶.

Com uma tag chamada “Força máxima”, o especial sobre a intervenção começava com o título “Controle militar”. Sob intervenção federal, o comando das polícias Civil e Militar, do Corpo de Bombeiros e da administração penitenciária saiu das mãos do estado e foi para as mãos do interventor, general Walter Souza Braga Netto. Segundo Raul Jungmann, a intervenção duraria até 31 de dezembro. Ele adiantou que, além do policiamento ostensivo, “haverá presença de tanques nas ruas, bloqueio de vias e varreduras em presídios”. O presidente Michel Temer admitiu que a medida era extrema, mas afirmou ser necessária para “restaurar a ordem do país”. Segundo ele, o crime organizado “quase tomou conta do Estado do Rio de Janeiro. É uma metástase

¹¹⁵ O GLOBO. “Cenas de barbárie no carnaval provocam crise na segurança”, 15/02/2018. VER ANEXO 35.

¹¹⁶ O GLOBO, 17/02/2018. VER ANEXO 36.

que se espalha pelo país e que ameaça a tranquilidade do nosso povo”¹¹⁷ (grifos meus). O decreto usado como justifica formal para a medida foi a necessidade de “pôr termo o grave comprometimento da ordem pública”, terceira hipótese prevista na Constituição para a realização de uma intervenção federal em estados.

De acordo com a reportagem, a ideia da intervenção “começou a ganhar forma na terça-feira de carnaval, quando o presidente Michel Temer viu, pela TV, imagens de bandidos aterrorizando as ruas cariocas durante a festa, que é vitrine do país para o mundo [...] Pezão resistiu, mas foi convencido de que não tinha alternativas para tirar o estado do caos” (grifos meus). Em entrevista coletiva, o general Braga Netto, quando perguntado se a situação no Rio estava muito ruim, balançou o dedo indicador em uma negativa e respondeu: “Muita mídia”.

A matéria “Em chamus: ruas tomadas pela violência e pela dor” listou dez “episódios marcantes mais recentes, que trouxeram dor e desalento para a população”, que, segundo o texto, “pavimentaram o caminho da intervenção federal”. O território de palavras utilizado nessa página é assustador: “bloco da violência”, “mortes e arrastões”, “maré de dor”, “tiros na escola”, “zona oeste sofre”, “a tropa sangra”, “guerra”, “chacina”¹¹⁸.

O jornal mostrou também que a notícia repercutiu no exterior. No espanhol El País, a matéria falava sobre “a crise de violência” e “escalada irreprimível da violência” no Rio. O britânico The Guardian disse que a cidade estava “fora de controle”. Para o The New York Times, havia uma “epidemia de violência”. Na seção de Opinião, o artigo “Decisão inevitável para restaurar o estado de direito” falava sobre a medida utilizando aquele mesmo território de palavras para se referir à cidade: “descontrole”, “crise”, etc.

Nos dias seguintes, a intervenção continuou sendo destaque. As capas e matérias, sob a tag “Força Máxima”, detalhavam futuras ações das Forças Armadas e objetivos do interventor. No dia 19 de fevereiro, um caso atípico colocou Japeri na primeira página. Depois de a administração penitenciária ter colocado 54 cadeias do estado em alerta máximo, por medo de represálias diante da operação federal, o presídio Milton Dias Moreira, que faz parte do Complexo Penitenciário de Japeri, foi palco de uma rebelião dos presos, depois de uma tentativa frustrada de fuga. Os detentos, armados, fizeram 17 reféns. Apesar de ser o gancho da notícia, a rebelião no presídio em Japeri só foi detalhada em dois parágrafos da matéria de página inteira sobre a

¹¹⁷ Trechos extraídos da página 8 da edição do GLOBO do dia 17 de fevereiro de 2018.

¹¹⁸ O GLOBO. “Em chamus: Ruas tomadas pela violência e pela dor”, 17/02/2018. VER ANEXO 37.

“Tensão nos presídios” – no dia seguinte, o suíte sobre o caso também não ganhou destaque na página. No restante do texto, o assunto eram as medidas que o sistema penitenciário do estado como um todo vinha tomando após da declaração da intervenção.¹¹⁹ Na mesma edição, a Baixada apareceu novamente. A matéria “Onde a missão é mais difícil” mostrou 17 favelas do estado que são consideradas áreas violentas e pontos estratégicos pelo interventor. Delas, oito ficam na cidade do Rio, e duas em Queimados. Apesar de aparecerem no gráfico, as comunidades da Caixa D’Água e do São Simão não são citadas na matéria, ao contrário das que pertencem à cidade do Rio e até algumas de Angra dos Reis.

No dia 22 de fevereiro, a segurança na Baixada foi pauta. Na primeira operação pós-aprovação da intervenção federal pelo Congresso, uma tropa de 250 militares ocupou o presídio Milton Dias Moreira, em Japeri, onde tinha acontecido uma rebelião há três dias. Lá, foram instalados detectores de metal e apreendidos 48 celulares. Foi determinada também a abertura de uma sindicância para apurar se agentes penitenciários estavam facilitando a entrada dos aparelhos. De acordo com o texto, a operação foi o pontapé da intervenção, que pretendia começar acabando com a corrupção. Na mesma edição, uma matéria sobre um assalto em Botafogo, Zona Sul do Rio, recorria àquele território de palavras há pouco esquecido, o do “caos”. No texto, “Um assalto seguido de tiroteio [...] provocou pânico em Botafogo”. Também há expressões como “momentos de terror”.

Atitude polêmica de militares do exército ao fichar moradores em comunidades da Zona Oeste foi capa no dia 24 de fevereiro. Na matéria do miolo, esse fato foi explorado. Logo abaixo, a foto de soldados limpando um bueiro ilustrava a próxima matéria, que dizia que “o abandono é total nas ruas e becos da Vila Kennedy, em Bangu [...] [a foto] é o símbolo de um drama social que vai além da segurança”¹²⁰ (grifos meus). Depois da medida que supostamente iria “dar um jeito” no caos e abandono da cidade, imagem construída em cima da violência na capital, esse discurso começou a ser erguido sob outra ótica, a da má de administração pública em outros setores para além da segurança. As faces do abandono permanecem, mas começam a ser exploradas de outra forma pelo discurso.

As matérias sobre as medidas adotadas pelas Forças Armadas e sucateamento dos órgãos de segurança seguem ocupando as páginas da seção Rio ao longo de fevereiro. Nas notícias sobre crimes na cidade, aquele vocábulo de “guerra” e “medo”

¹¹⁹ O GLOBO. “Tensão nos presídios”, 19/02/2018. VER ANEXO 38.

¹²⁰ O GLOBO. “De barricada do tráfico a bueiro entupido”, 24/02/2018. VER ANEXO 39.

era usado com menos frequência. A Baixada aparecia muito pontualmente, nas pautas de crimes muito graves, como na apreensão de uma carga com 15 fuzis, 33 pistolas e 25 mil projéteis em Seropédica. A escola Grande Rio e o imbróglio sobre o seu possível não rebaixamento para a Série A do carnaval carioca, apesar de ter ficado em penúltimo lugar no desfile do Grupo especial também era pauta, mas de pouco destaque – a Liesa acabou decidindo não rebaixar a escola.

d) Março

A intervenção continua sendo destaque nas capas de março. No dia 1, por exemplo, o avanço do Primeiro Comando da Capital (PCC), de São Paulo, no Rio, foi apresentado como um desafio para os militares. Especialistas falaram sobre seus possíveis objetivos em ocupar a Rocinha, na matéria “Uma quadrilha que espalha o terror pelo país” (grifos meus): naquele momento, o terror vinha de fora. A Baixada foi citada pelo interventor em uma matéria. Segundo ele, as ações dos militares não se restringiam só à capital, mas também à Baixada e ao interior.

No dia 2 de março, a matéria “Uma polícia mais letal”, falava sobre o índice de mortes em confrontos, que atingiu, em janeiro de 2018, o maior patamar de toda a série histórica. Segundo os especialistas entrevistados, os motivos seriam “[...] esgotamento da política de segurança voltada para o enfrentamento, [...] derrocada das UPPs e a crise financeira, [...] baixo moral das tropas”. Na mesma página, a matéria “Guerra sem fim: número de vítimas na Favela da Rocinha sobe para 42” marcava uma volta do discurso do “caos” na segurança. O texto dizia que “policiamento reforçado não põe fim a tiroteios na comunidade”¹²¹. Na coluna de Marina Caruso, no Segundo Caderno, o Mão Branca aparece no título de uma nota, o que chama a atenção para a possibilidade de, pela primeira vez, a Baixada aparecer na seção de Cultura sem ser por conta da Beija-Flor ou da Grande Rio. Mas, não. A nota falava sobre um ator cotado para interpretar o personagem principal do filme “Mão Branca”, “sobre o mitológico bandido que nunca existiu, mas ganhou as páginas dos jornais nos anos 70”¹²². Nada além disso aparece na descrição do personagem, tampouco sua importância para a Baixada, que nem foi citada. Outro ponto importante é a confusão a respeito das datas: o Mão Branca teve seu auge nos anos 80, e não nos 70.

¹²¹ O GLOBO. “Guerra sem fim: número de vítimas na Favela da Rocinha sobe para 42”, 02/03/2018. VER ANEXO 40.

¹²² O GLOBO. “O filme do Mão Branca”, 02/03/2018. VER ANEXO 41.

No dia 4 de março, o time do Nova Iguaçu foi pauta no Segundo Caderno, fato inédito nos meses analisados. Na coluna de Marina Caruso, uma nota de título “Golaço” falava sobre os jogadores, que, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, iriam usar em um jogo contra a Portuguesa a camisa com o nome da esposa ou da mãe nas costas¹²³. No dia 5 de março, uma reportagem trouxe o “medo” de volta ao território de palavras para se tratar da cidade do Rio depois da intervenção. Em “Tiroteio leva medo à lagoa e a Ipanema” (grifos meus), o texto falava sobre uma perseguição policial que “assustou” os moradores e resultou em quatro jovens apreendidos, três deles baleados. Segundo a polícia, eles estariam roubando carros pela região e teriam envolvimento em assaltos a bares do local. O gerente desses bares disse que a “onda de violência tem afetado o negócio”¹²⁴. Nos dias seguintes, a Baixada não foi citada. A respeito da violência, matérias sobre mudanças na cúpula da segurança, falta de verbas para a pasta e ações das tropas foram as pautas recorrentes.

Um tiroteio em Laranjeiras teve destaque na edição do dia 9 de março. De página inteira e com título “Terror em Laranjeiras”, o texto descrevia o crime que aconteceu na Praça São Salvador como um “ataque”. Um carro passou atirando em um bar e matou dois homens que a polícia suspeitava pertencerem ao tráfico. Na matéria, os depoimentos descreviam o momento como “guerra do tráfico” e “desesperador”. No dia 11 de março, a Baixada apareceu, associada à violência. De acordo com o texto “Novo código de conduta”, a “escalada da violência provocou mudanças na rotina das empresas instaladas no estado”. Uma delas é a das firmas, sobretudo multinacionais, orientarem seus funcionários a evitarem algumas vias do Rio por conta da violência. “É o caso das pistas laterais da Rodovia Presidente Dutra, o Arco Metropolitano e as linhas Amarela e Vermelha”. De acordo com o texto, na Baixada Fluminense o clima é de “preocupação”: “Os últimos quatro meses foram muito preocupantes, traumáticos. A situação da segurança saiu do controle. Já há relatos de empresas em áreas de risco em que milícias cobram valores semanais ‘em troca de segurança’”¹²⁵ (grifos meus), disse um executivo de uma grande companhia.

No dia 13 de março, a matéria “Intervenção vai aos batalhões” falou sobre os planos das Forças Armadas de vistoriar os quartéis da PM. Na mesma página, a palavra “medo” aparece, em outra matéria: “Por medo de balas perdidas, Fiocruz decide blindar dois prédios” (grifos meus). Ou seja, as instituições da cidade estão se modificando por

¹²³ O GLOBO. “Golaço”, 04/03/2018. VER ANEXO 42.

¹²⁴ O GLOBO. “Tiroteio leva medo à lagoa e a Ipanema”, 05/03/2018. VER ANEXO 43.

¹²⁵ O GLOBO. “Novo código de conduta”, 11/03/2018. VER ANEXO 44.

conta da rotina de violência: no dia anterior, foi noticiado que empresas estavam contratando seguradores; nessa, prédios estão se blindando. É a violência transformando a cidade. Além disso, matérias sobre consequências da violência no aumento da conta de luz e dos Correios também reforçam essa transformação. A Baixada foi citada nessa edição, por conta de uma vítima de feminicídio em Belford Roxo.

A região também apareceu nos dias 15 e 16 de março, ambos os dias em reportagens sobre a milícia. “Quatro PMs são presos acusados de integrar milícia” ganhou pouco espaço na página. A matéria falou sobre quatro acusados de integrar uma milícia em Mesquita. O grupo praticava extorsão com os comerciantes da região e matava quem se recusava a pagar. Além disso, eles exploravam sinal clandestino de TV, venda de água e gás e transporte alternativo. No dia 16, a matéria “A política nas páginas policiais” relembrou casos de parlamentares mortos durante o mandato no estado, a e Baixada ganhou grande destaque como um local de “disputa de milicianos”. O texto dizia que “uma onda de homicídios tomou conta da Baixada Fluminense” durante as eleições de 2016. Onze pré-candidatos foram mortos. Essa é a segunda vez que a política da Baixada Fluminense é citada em todos os meses analisados.

O dia 16 de março foi dedicado à cobertura da execução da vereadora Marielle Franco, assassinada no dia 14 de março de 2018 no bairro do Estácio. Esse acontecimento ocupou diversas páginas ao longo de todo o mês de março, com muitos suítes e desdobramentos do caso, que não entrarão na análise desse trabalho, por não discutirem a insegurança da cidade em si, já que as investigações indicam que a execução tenha motivação política.

Itaguaí apareceu na seção de Esportes do dia 17 de março, por sediar um jogo de críquete entre o Carioca Cricket Club (CCC) e uma equipe inglesa. No entanto, a cidade da Baixada só sediou o jogo; o time é carioca e treina em Copacabana.¹²⁶

No dia 18, um texto sobre aplicativos de celular falou sobre a rotina de violência dos cariocas. A matéria “Celular vira alerta para tiroteios e balas perdidas” falou sobre serviços de aplicativos que, criados no Rio para alertar sobre os “rastros da violência”, seriam implementados em outros estados. Um trecho trazia uma construção de significados importante para esse trabalho: “Está na rotina de qualquer morador de cidade grande: antes de sair de casa, é preciso conferir em aplicativos no *smartphone* qual a melhor rota de deslocamento para fugir de engarrafamentos”. Porém, a rotina de quem vive no Rio é outra: “é preciso saber onde há tiroteios e, na medida do possível,

¹²⁶ O GLOBO. “Chá das cinco em Itaguaí”, 17/03/2018. VER ANEXO 45.

tentar evitar arrastões, balas perdidas e assaltos”¹²⁷ (grifos meus). É a mais clara naturalização de um estigma construído através da linguagem: a rotina do carioca é desviar dos tiroteios, arrastões, balas perdidas, assaltos, e todo tipo de crime.

No dia 20 de março, a matéria “Região Metropolitana tem 29 tiroteios em 24h” vem seguida do subtítulo “Bala perdida mata despachante de ônibus na Central. Na Baixada, homem e menina de 14 anos morrem”. No lide – a primeira parte de uma notícia –, o texto explicava que os confrontos em toda a região resultaram em oito mortes e onze feridos. No entanto, parece haver uma confusão sobre o que seria a Região Metropolitana. Na matéria, são citadas vítimas de tiroteio na Central do Brasil, que fica no Centro do Rio; em Rio Comprido, na Zona Norte; e em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense – essa, sim, Região metropolitana –, onde duas pessoas morreram vítimas de um assalto.

Em uma série de reportagens que fala sobre a falta d’água e escassez no Brasil, a Baixada Fluminense apareceu como um mau exemplo, no dia 25 de março. O Rio Sarapuí, que corta cinco municípios da Baixada Fluminense e deságua na Baía de Guanabara foi classificado pelo texto como o “Rio Casas Bahia”, devido à quantidade de lixo existente nele, onde se encontra “de sofá a computador”. Nessa mesma edição, uma matéria sobre a violência da Rocinha se referia a uma ação do Batalhão de Choque na Comunidade. Expressões como “dor” e “guerra” foram usadas. Outros casos de violência na cidade são apresentados ao longo das edições, todos com o vocabulário da “guerra”, até o dia 28, quando a Baixada virou notícia por conta de um episódio “pitoresco”, que ganhou grande repercussão na mídia.

Na véspera da páscoa, a Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias distribuiu para as crianças três cenouras acompanhadas de uma receita de bolo. Os alunos ficaram transtornados. Em sua defesa, a Secretaria informou que o kit fazia parte de um projeto de “páscoa com alimentação saudável”. Mas, na prática, os legumes foram distribuídos porque o município encomendou, por engano, uma quantidade maior de cenouras do que a de costume. O prefeito se desculpou pelo ocorrido e a matéria se chamava “Você pode substituir chocolate por... cenouras”¹²⁸.

A Baixada apareceu novamente em uma matéria no dia 30 de março, por conta de um caso de violência: Marcos Vander Silva de Oliveira, secretário de Defesa Civil de Belford Roxo, foi morto durante uma tentativa de assalto na cidade. Ele era policial militar reformado. Manchetes sobre a “guerra na Rocinha” se tornaram comuns nas

¹²⁷ O GLOBO. “Celular vira alerta para tiroteios e balas perdidas”, 18/04/2018. VER ANEXO 46.

¹²⁸ O GLOBO. “Você pode substituir chocolate por... cenouras”, 28/03/2018. VER ANEXO 47.

páginas da editoria Rio. No dia 31 de março, por exemplo, a capa era de lamento: “Rocinha vive guerra mais letal em 4 anos” dizia que, desde 2014, a favela havia registrado 91 assassinatos. 60% deles aconteceram “só nos últimos seis meses de guerra” (grifos meus). Na foto, manifestantes, em Copacabana, protestavam contra as mortes de crianças no local.¹²⁹ No Segundo Caderno dessa edição, Duque de Caxias apareceu, reforçando o estigma de miséria que paira sobre a cidade. Com o título “O coelhinho existe, sim!”, a nota na coluna de Marina Caruso começou com “A páscoa vai chegar mais tarde para centenas de famílias abaixo da linha da pobreza, no Jardim Gramacho, em Caxias”, falando sobre uma ONG que iria distribuir no local “ovos de chocolate, fraldas e... ventiladores. É que faz muito calor na região, por muitos anos, o endereço do maior lixão da América Latina”¹³⁰ (grifos meus). Apesar das informações sobre a região não serem falsas, é importante observar como há espaço para esse tipo de nota na seção de Cultura, mas nunca sobre um evento cultural na região.

e) Abril

Na edição de 3 de abril, a Baixada Fluminense apareceu pela primeira vez na editoria “País”, durante o período analisado. A matéria falava sobre um terremoto que atingiu a Bolívia e teve reflexos no Brasil, com algumas cidades daqui até evacuando seus prédios. Foi o caso de São João de Meriti, única cidade do Rio a sentir os tremores, citada no texto. A Baixada também foi citada nessa edição como a região com mais registros de mortes decorrentes de oposição à intervenção policial.

A edição de 4 de abril falava sobre dados do ISP que mostravam um recorde de violência no estado, e a Baixada se fez presente mais de uma vez nos textos. A matéria da página 10 começava com “O colapso da segurança do Rio fez com que pelo menos seis tipos de crime atingissem, nos dois primeiros meses de 2018, o pior patamar para um começo de ano na série histórica” ou seja, mesmo com a intervenção, o Rio continuava batendo recordes de violência. A matéria mostrava que, na soma de janeiro e fevereiro, os crimes a pedestres, veículos, em ônibus, de carga, de celular e a caixas eletrônicos superaram toda a série histórica de ocorrências no estado, ou seja, não há saída. Na mesma página, a Baixada Fluminense foi protagonista da matéria “Resgate para devolver carros”, que tinha como imagens bandidos exibindo fuzis em Belford Roxo. O texto falava sobre traficantes que formavam quadrilhas de roubo a veículos da

¹²⁹ O GLOBO, 31/03/2018. VER ANEXO 48.

¹³⁰ O GLOBO. “O coelhinho existe, sim!”, 31/03/2018. VER ANEXO 49.

cidade e pediam o resgate, que variava de R\$ 2 mil a R\$ 3 mil para as seguradoras da região. Também relembra mortes decorrentes de assaltos na cidade.¹³¹

Na página seguinte a Baixada apareceu como protagonista de insegurança novamente, dessa vez, voltando às origens do estigma de violência, com a matéria “Baixada, a região onde estão os mais altos índices”, que mostrava que os dados apresentados na matéria anterior têm o maior número de ocorrências registrado na Baixada, sobretudo em Duque de Caxias. Depois de descrever um assalto no município, o texto dizia que “ataques como esse viraram rotina no município”¹³² (grifos meus). Na mesma página, outra matéria falava sobre um crime na Baixada, dessa vez a morte de um PM em Queimados.

No dia seguinte, a matéria “Casas de papel” falava sobre o aumento de índice de roubos a residência no Rio, focando nos condomínios da Barra e da Lagoa, com falas de moradores dessa região preocupados e aflitos com o aumento da violência. Na mesma edição, a Baixada novamente é destaque, dessa vez por conta do aumento de mortes em confronto com a polícia, que registrou maiores índices em três batalhões da Baixada: o 15º BPM, de Duque de Caxias, 20º BPM, que fica em Mesquita, mas na matéria estava como “Nova Iguaçu”, e o 24º BPM, de Queimados¹³³.

Nova Iguaçu apareceu no dia 7 de abril na matéria “Atleta paralímpico tem carro roubado”. Um jogador de basquete paralímpico, que tem as pernas amputadas, foi arrancado de seu carro e jogado ao chão por dois assaltantes no centro da cidade, próximo à prefeitura. Na mesma página, a matéria “Guerra do tráfico no Morro do Vidigal fecha a Avenida Niemeyer” falava de um tiroteio na comunidade, focando no caos que isso gerou no trânsito da Zona Sul.

No dia 8 de abril, a matéria “Fim de festa para milícia” falou sobre uma operação em Santa Cruz que prendeu 149 suspeitos de integrar um grupo de milícias e apreendeu 32 armas. A operação foi orquestrada pela Delegacia de Homicídios da Baixada Fluminense. A Baixada foi citada na matéria como um dos pontos de atuação dos criminosos. Segundo o Secretário de Segurança, general Richard Nunes, “o Rio de Janeiro precisa voltar a ser a terra feliz, de um povo alegre, confiante e trabalhador [...]” (grifos meus). Pela primeira vez, a gastronomia da Baixada Fluminense apareceu no O Globo, no período analisado. Foi no segundo caderno, na coluna de Marina Caruso. Na nota “Política com tempero de botequim”, dois bares iguaçuanos são citados por terem

¹³¹ O GLOBO. 04/04/2018. VER ANEXO 50.

¹³² O GLOBO. “Baixada, a região onde estão os mais altos índices”, 04/04/2018. VER ANEXO 51.

¹³³ O GLOBO. “Mortes em confronto com a polícia subiram 38,8% este ano”, 05/04/2018. VER ANEXO 52.

em seus cardápios pratos com nomes inspirados na política. É o caso do Boteco do Portuga, com o prato “Marmita do Cabral”, e do bar Colarinho Branco, com a “Operação Força-Tarefa”¹³⁴.

O destaque da editoria do Rio do dia 9 de abril foi o avanço da milícia na Zona Oeste do Rio, que passou a controlar até a compra e venda de imóveis construídos ilegalmente nas comunidades. Por isso, o sociólogo José Cláudio Souza Alves, autor do livro “Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense”, foi entrevistado. Ele falou sobre como funciona o sistema de milícias e como ele se torna mais perigoso do que o tráfico ao se instaurar na política.

No dia 11 de abril, Nova Iguaçu apareceu ligado à violência, na matéria “Aluno de medicina é preso por assassinato”. O texto começa com “Alunos da Universidade Iguaçu estão chocados com um assassinato que teria sido cometido por um colega da universidade” (grifos meus). Altamiro Lopes dos Santos espancou a namorada Patrícia Mitie Koike até a morte na casa deles no bairro da Luz, em Nova Iguaçu, e depois tentou ocultar o cadáver. Ele foi preso e confirmou as agressões. Esse caso rendeu suíte no dia seguinte.

No dia 14 de abril, a baixada apareceu em duas notícias. Primeiro, Belford Roxo foi um dos focos da Operação Dínamo, deflagrada pela Secretaria Estadual de Segurança para atuar no patrulhamento de locais a fim de coibir o roubo de carros. Além da cidade da Baixada, São Gonçalo e capital do Rio foram ocupadas pelas Forças Armadas durante a operação. A política da Baixada apareceu pela segunda vez durante os quatro meses analisados. Dessa vez, o assunto foi destaque por ser ligado à violência: “Prédio da Câmara de Mesquita é alvo de atentado a tiros”¹³⁵. Na noite do dia 12 de abril, cerca de 10 tiros foram disparados contra o prédio da Câmara Municipal de Mesquita. O presidente da Câmara, Marcelo Biriba, acusava o prefeito Jorge Miranda de relação com os disparos, para “intimar o trabalho dos vereadores”.

A capa do dia 15 de abril apresentou uma chamada bastante categórica. De retranca “Morrendo de medo” (grifos meus) e título “Violência faz carioca adoecer”, o texto dizia que “no asfalto e nas favelas, pessoas que passam por situação de violência ou a presenciam apresentam sintomas físicos e sofrimento psicológico”¹³⁶. A matéria “A doença do medo” (grifos meus) falava sobre os sintomas físicos e psicológicos que estavam afetando “vítimas da violência e moradores da cidade”. Na reportagem de

¹³⁴ O GLOBO. “Política com tempero de botequim”, 08/04/2018. VER ANEXO 53.

¹³⁵ O GLOBO. “Prédio da Câmara de Mesquita é alvo de atentado a tiros”, 14/04/2018. VER ANEXO 54.

¹³⁶ O GLOBO, 15/04/2018. VER ANEXO 55.

página inteira foram apresentados personagens que, por viverem em um ambiente violento – a cidade do Rio –, apresentaram doenças como transtorno do estresse pós-traumático, transtorno de ansiedade, tensões no corpo e hipertensão. “Em meio às estatísticas da criminalidade do estado, há muito sofrimento psicológico, além de doenças que surgem no rastro do medo e da falta de esperança”. Uma terapeuta entrevistada disse que “O carioca está no limite, pronto para uma guerra”¹³⁷ (grifos meus).

“Um novo destino para a primeira estação ferroviária”: Magé apareceu nos noticiários de forma positiva, no dia 15. A Gare inaugurada em 1854 com a presença de Dom Pedro II, primeira ferrovia do país, seria revitalizada pela prefeitura em parceria com o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

No último dia de análise, Seropédica foi notícia pela violência e fato “pitoresco”. Acontece que dois bandidos disfarçados de policiais tentaram entrar em um depósito de mercadorias das Lojas Americanas. A operação falhou pois os dois estavam barbudos e a viatura utilizada por eles estava com um erro de português, o que fez com que seguranças ligassem para a polícia e os ladrões fugissem.

¹³⁷ O GLOBO. “A doença do medo”, 15/04/2018. VER ANEXO 56.

5. CONCLUSÃO

Depois de todo o material colhido, é possível chegar a algumas conclusões – que não são estáticas. Como apresentado no início deste trabalho, os estigmas produzidos a respeito da Baixada Fluminense vêm sendo veiculados pela mídia desde os anos 60. Expressões como “terra sem lei” ficaram marcadas e delimitavam o discurso sobre a região. Os estigmas vão sendo modificados ao longo do tempo, como discutido, e as construções tomando rumos diferentes. No entanto, quando se trata de Baixada, a notícia só ganha relevância quando ressalta algum aspecto negativo ligado à criminalidade e problemas estruturais da região.

Com a eminência da intervenção federal no Rio, a Baixada deixou de ocupar até mesmo o seu lugar estigmatizado nas páginas dos jornais, como mostrado nos capítulos anteriores. O discurso do abandono, da guerra e do terror foi atrelado à cidade do Rio de Janeiro, foco das operações da intervenção federal, fazendo com que a Baixada se tornasse invisível. O cenário apresentado pelas matérias que discutiam a segurança pública da capital criaram um plano de fundo capaz de justificar o resultado de todo aquele “caos”, que seria o decreto de intervenção.

O “não dito” sobre a Baixada Fluminense também foi ressaltado neste trabalho. A região, heterogênea, é vasta em riquezas naturais, culturais e históricas. No entanto, essas riquezas acabam ganhando pouca ou nenhuma notoriedade na mídia, o que reforça os estigmas que os leitores têm a respeito de quem vive na Baixada. No segundo caderno do jornal O GLOBO aqui analisado, por exemplo, as únicas produções que ganharam notoriedade mais de uma vez foram as escolas de samba que participam do grupo especial carioca, Beija-Flor de Nilópolis e Grande Rio, de Duque de Caxias. Porém, elas só eram citadas quando faziam parte da programação cultural da cidade do Rio, mas nunca com a comunidade protagonizando as notícias.

Quem não tem contato com a Baixada Fluminense e lê, por exemplo, as 122 edições do GLOBO analisadas neste trabalho, fica com a imagem de um local palco de crimes, política associada à violência, famílias abaixo da linha da pobreza e sem nenhuma produção cultural. O objetivo desse projeto não é propor que as matérias sobre segurança na Baixada não sejam veiculadas. Elas têm, sim, um grau de noticiabilidade que justifica as publicações. A problemática se dá quando somente esse tipo de reportagem ocupa as páginas dos jornais.

O que se procura com este trabalho, é, através dos materiais apresentados, chamar a atenção para esse tratamento estigmatizado que a rica Baixada Fluminense

recebe da mídia, e continuar a discussão feita por outros autores para que a representação da região seja feita sob outro ângulo, criando, assim, novos significados e sentidos através da linguagem, essa poderosa ferramenta que pode transformar o mundo.

Pretende-se, ainda, aumentar o número de produções textuais a respeito da Baixada Fluminense na academia, sobretudo feita por autores que venham da Baixada, para mostrar aos próximos alunos e alunas da região que eles não estão sozinhos e sozinhas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros, artigos, dissertações e teses

ABREU, Maurício de. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, IPLANRIO, 1997.

ALVES, José Cláudio Souza. **Baixada Fluminense: a violência na construção do poder**. São Paulo, tese de Doutorado em Sociologia, USP, 1998.

ALVES, José Cláudio Souza. **Baixada Fluminense: A Violência na Construção de uma Periferia**. Revista Universidade Rural. Série Ciências Humanas, Editora Universidade Rural, v. 19, 2000.

ALVES, José Cláudio. **Dos barões ao Extermínio: uma história de violência na Baixada Fluminense**. Duque de Caxias: APPH CLIO, 2003.

BARRETO, Alessandra Siqueira. **Um olhar sobre a Baixada: usos e representações sobre o poder local e seus atores**. Campos (UFPR), Curitiba, Paraná, v. 5, n.2, p. 45-64, 2004.

BRASILIENSE, Danielle Ramos. **As tessituras do enredo e as construções narrativas do jornal *O Globo* sobre o caso “Chacina da Candelária”**. Rio de Janeiro, Intercom, 2005.

ENNE, A. L. S.; DINIZ, Betina Peppe. **O caso Mão Branca na imprensa do Rio de Janeiro: narrativa jornalística, ficção e o fluxo do sensacional**. In: Intercom 2005, 2005, Rio de Janeiro. Cd-rom, 2005.

ENNE, Ana Lucia Silva. **“Lugar, meu amigo, é minha Baixada”:** **Memória, representações sociais e identidades**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ (Tese de Doutorado), 2002.

ENNE, Ana Lucia Silva. **Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações**. Ciberlegenda (UFF), n.14, 2004.

ENNE, Ana Lucia. “Práticas midiáticas e disputas por hegemonia: reflexões a partir de estudos de caso na Baixada Fluminense”. IN: COUTINHO, Eduardo Granja (org.). **Mídia e Hegemonia**. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2008.

ENNE, Ana Lucia. A **“redescoberta” da Baixada Fluminense: reflexões sobre as construções narrativas midiáticas e as concepções acerca de um território físico e simbólico**. PragMATIZES Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, v. 4, p. 1-15, 2013.

FIGUERÊDO, Maria Aparecida de. **Gênese e (Re)Produção do Espaço da Baixada Fluminense**. Revista geo-paisagem (on line), v. 5, 2004.

GOFFMAN, Erving. **Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.

GRYNSZPAN, Mário. “**Ação Política e Atores Sociais: Possesiros, Grileiros e a Luta pela Terra na Baixada**”. In: *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, vol. 33, nº 2, 1990.

GRYNSZPAN, Mário. “**Luta pela terra e identidades sociais**”. In: *História, Ciências, Saúde*. Vol. V (suplemento). Rio de Janeiro, julho/1998.

PAIVA, Raquel. **A Estratégia Comunicacional Contra a Memória Hegemônica e o Senso Comum Midiático**. Rio Grande do Sul, Intercom, 2004.

PERFIL DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS: 2015. **IBGE**. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro. IBGE, 2016.

ROCHA, Juliana Marques. **Representação da Baixada na mídia: a cobertura da chacina de 31 de março de 2005**. Orientadora: Raquel Paiva de Araújo Soares. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo. Rio de Janeiro, 2005.

RORTY, Richard. **Contingência, ironia e solidariedade**. Trad. Nuno Fonseca. Lisboa, Ed. Presença, 1992.

SOUSA, Marcelo Pereira de & ANTUNES, Felipe da Silva & MADEIRA, Juliana Domiciano Cupti & SANTOS, Patricia Reis Pereira dos. **Painel regional: Baixada Fluminense I e II / Observatório Sebrae/RJ**. Rio de Janeiro: SEBRAE/RJ, 2016.

TORRES, GÊNESIS. **Baixada Fluminense: a construção de uma história**. São João de Meriti: IPAHB, 2004.

Sites

Acervo digital do jornal O Globo, <<http://acervo.oglobo.globo.com/>>, Acesso em: 12/02/2018.

CHARLEAUX, João Paulo. **Intervenção federal no Rio: as justificativas e as contestações**. Nexo, São Paulo, 16 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/02/16/Interven%C3%A7%C3%A3o-federal-no-Rio-as-justificativas-e-as-contesta%C3%A7%C3%B5es>>. Acesso em: 19/04/2018.

Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro, **Informações de Saúde**. Disponível em: <<http://sistemas.saude.rj.gov.br/tabnet/tabcgi.exe?taxas/taxasmortinf.def>>. Acesso em: 25/05/2017.

Site oficial da Agência Nacional de Jornais, <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 19/04/2018.

Site oficial do Infoglobo, <<https://www.infoglobo.com.br>>, Acesso em: 19/04/2018.

Anexo 3. O GLOBO. “Por trás da decisão de intervenção: Pezão foi persuadido; Rodrigo Maia se irritou”, 17/02/2018.

Sábado 17.2.2018

Rio

O GLOBO 9

Força máxima



Por trás da decisão: Pezão foi persuadido; Rodrigo Maia se irritou

Temer começou a planejar a medida após ver cenas de violência no carnaval e ser aconselhado por assessores

CATARINA ALENCASTRO, CRISTIANE JUNGRUBEL, DEBORAH BRAGANCA e MARCO LIMA
opini@oglobo.com.br

BRASÍLIA. Publicamente, o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), declarou todo o apoio à intervenção federal na segurança do Rio. Reservadamente, no entanto, está irritado por não ter participado da decisão. Foi-lhe oferecido um prato pronto. A ideia começou a ganhar forma na terça-feira de carnaval, quando o presidente Michel Temer viu, pela TV, imagens de bandidos aterrorizando as ruas cariocas durante a festa, que é vitrine do país para o mundo. Além disso, ele recebeu de conselheiros descrições da grave situação da capital fluminense. Um dos relatos foi feito pelo ministro da Secretaria Geral da Presidência da República, Moreira Franco. Uma

entrevista do governador Luiz Fernando Pezão, em que admitiu que a situação estava fora de controle, também impressionou e acelerou as movimentações.

Temer sentiu a crise aguda dos dias de folia aos problemas crônicos da segurança do Rio e começou a gerar o plano de oferecer ajuda contundente ao governo fluminense. Pezão vinha conversando com interlocutores do presidente para solicitar uma ação ampliada da Garantia da Lei e da Ordem (GLO) e mais dinheiro federal para as forças do estado. Pensando nisso, ele recebeu os ministros da Defesa, Raül Jungmann, e Moreira Franco no Palácio Guanabara para tratar de crise. Acabou recebendo um convite para conversar pessoalmente com Temer em Brasília, o que aconteceu na noite de quinta-feira.

GOVERNADOR RESISTIU, MAS MUDO-SE IDEIA

Ao ser informado sobre o plano de intervenção inicialmente Pezão resistiu, mas foi convencido de que não tinha alternativa para tirar o estado do caos. Em pouco tempo, percebeu que poderia ser interessante dividir com o governo federal as responsabilidades na segurança pública. Já Rodrigo Maia, que se coloca como repre-

sentante dos interesses do Rio na esfera federal, desconfiava da medida adotada. A interdição de circulação de armas foi vista de lado contrário. Ele afirmou a pessoas próximas que o decreto foi feito “nas coxas”. Numa dessas conversas, lembrou que o comandante do Exército, general Villas Boas, manifestou, tempos atrás, ceticismo em relação à ideia de que o problema da violência seria resolvido pelas mãos dos militares.

Quando Rodrigo Maia chegou à reunião no Palácio do Planalto, na noite de quinta-feira, a decisão já estava sacramentada, e ele manifestou seu descontentamento.

— Não vou ficar contra, mas também não vou opinar — desabafou o presidente da Câmara.

Diante da reação, Temer chegou a dizer que iria suspender a intervenção. Nesse momento, Pezão fez um apelo:

— Rodrigo, não dá mais, o Rio está em situação de calamidade na segurança pública, não temos saída e não podemos adiar nem mais um dia!

Sem muito o que fazer, restou a Maia tirar proveito da situação, sacudando da manga a agência de segurança com a qual vinha flertando desde o ano passado e que tem forte apelo

com a população. Antes mesmo de seguir para o Palácio do Planalto para participar da cerimônia de assinatura do decreto, no fim da manhã de ontem, ele telefonou para Alexandre de Moraes, ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), para rastrear o anteprojeto de lei em que trabalham em conjunto para endurecer o combate ao tráfico de armas.

Em café da manhã com jornalistas, também na manhã de ontem, Maia afirmou que a intervenção é um “salto triplo sem rede”, que não se pode errar. Em outro momento, disse que todos os governantes do Rio fracassaram no combate à violência. Brincou que sua pauta para a Câmara fora “atropelada pela locomotiva” do governo com essa medida. Nos bastidores, ele e alguns aliados ponderaram com Temer o risco de levar o problema da violência fluminense para dentro

do Palácio do Planalto, mas pesou a gravidade do tema e o fato de ser uma pauta popular.

A oposição ao governo federal de ter assinado o decreto com o objetivo de encobrir a falta de vetos para a aprovação da reforma da Previdência. O líder do PT na Câmara, deputado Paulo Pimenta (RS), disse que as bancadas do partido na Câmara e no Senado votarão contra a intervenção. ■

Anexo 4. O GLOBO. “Um recorde que ninguém quer”, 16/12/2017.

Rio
SEM TRÉGUA

Um recorde que ninguém quer

Total de roubos atinge o maior número desde 1991, uma alta de 447% em quase três décadas

A ESCALADA DA VIOLÊNCIA NO ESTADO
DE JANEIRO A NOVEMBRO

ROUBOS (DIÁRIO)	ROUBO DE CARGAS	ROUBO DE VEÍCULOS	ROUBO EM COLÉTIUM
30.724 (2017) vs 232.065 (2017)	964 (2017) vs 9.445 (2017)	14.889 (2017) vs 49.878 (2017)	3.999 (2017) vs 14.190 (2017)
+447,63%	+983,07%	+234,98%	+353,65%

HOMICÍDIOS DIÁRIOS
7.800 (2017) vs 23.433 (2017) = +30,53%

POPULAÇÃO DO ESTADO
16.718.996 (2017) vs 16.718.996 (2017) = +0,53%

Luiz Eduardo Mascarenhas
Luz espreme o vidro com Luí

Em meio à crise financeira, o Rio também enfrenta uma explosão de roubos noturnos. O número total de ocorrências é o maior em quase três décadas. E o que elevou o índice de roubos de Segurança Pública (RP) compilados pelo GLOBO. Nos 11 primeiros meses de 2017, foram 232.065 casos — uma média de 37 por hora. É o maior número desde 1991, primeiro ano da série histórica feita pelo órgão. Os roubos de carga, como os registrados ontem na cidade, ajudam a registrar as estatísticas.

A multiplicação dos roubos nos últimos anos superou de longe o crescimento populacional. Enquanto o total de habitantes do estado aumentou 30,53% desde 1991, o aumento de crimes sobiu 447,63%. Os dados superaram em especialistas que estimam a violência. De acordo com o relatório de Segurança Pública, o coronel José Vitoriano de Sá Filho ressalta que a maior dificuldade é o fato de o número de roubos geralmente precederem com alguns dias de violência) superior a de furtos. Os roubos em novembro, foram registrados 131.317 furtos.

— Em regra, nas finalidades desses dois crimes, espera-se que 60% dos casos sejam de furtos. Se a lógica se inverte, mostra que os bandos estão se especializando, aguçando as habilidades. Isso acontece quando a estrutura da Segurança Pública está enfraquecida. Esses dados mostram que a violência no estado chegou a níveis epidêmicos. Se a estratégia atual de combate à violência não resultar, a dificuldade que todas as estatísticas de segurança mostram ainda mais nos próximos anos. — disse José Vitoriano.

Na avaliação do cientista político Gary Gary Kling, integrante do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a criminalidade no Rio deve ser analisada em um contexto que leva em conta não apenas problemas estruturais pelo estado, mas também falhas na estratégia de combate à violência pelo restante do país.

— Os governos estaduais concentram recursos nas polícias militares para fazer a segurança ostensiva e investem menos na atividade de investigação. Em lugar de abater crimes, as polícias acabam tendo que dedicar mais tempo à burocracia. E os bandos ficam impunes. No caso de Rio, a situação se agrava de tudo a falta de recursos e a investigação reduzida. O prejuízo da UPSP era muito bem, mas se expandiu de uma forma pouco planejada, sendo insustentável a longo prazo. — disse Gary Kling.

VIOLÊNCIA NO BARRIO DA CRISTINA
As estatísticas mostram que o número de roubos tem aumentado desde 2014 — quando o estado começou a ter problemas de crime. A presidente da Comissão de Segurança da Assembleia Legislativa, deputada Mônica Rocha (PFL), disse que existe uma associação clara entre o crescimento da violência e a falta de recursos para a segurança pública.

— Se a infraestrutura de segurança está sucateada, a consequência imediata é o aumento do número de crimes em via pública. Os recursos podem ser escassos, mas, nesse caso, o governo deveria optar por investir nas áreas mais prioritárias, como a segurança. — disse Rocha.

Em relação a homicídios, os números deste ano não são muito melhores do que os registrados em 1991. A queda foi de 29%. De janeiro a novembro deste ano, foram registrados 4.682 assassinatos. Número superior ao de 2015. O total de ocorrências, no entanto, ainda está longe do recorde registrado em 1991 (7.800 casos no período de janeiro a novembro).

As estatísticas do RP mostram ao meio de novembro foram divulgadas crimes. Os dados também revelam que os casos de morte em confronto entre policiais continuam a crescer no estado. No mês passado, foram 120 ocorrências, contra 94 em novembro de 2016 (uma alta de 27%). E nesse janeiro e novembro deste ano, foram 1.635, um crescimento de 25,7% em relação ao mesmo período de 2016. Reportagem do GLOBO revela que a PM do Rio é a que mais mata e que mais morre no Brasil. ■

Colaboração: Sílvio Casaldó



Roubo. Os pilos de carga e o roubo em portão no dia anterior ao Complexo da Luz. Bandeirantes roubou carga de batata e óleo de soja

Dois roubos de carga quase simultâneos

Caminhões transportando batata congelada e óleo de soja são levados para favela no Lins

GABRIEL GOMES
gabrielgomes@globo.com.br

Dois ataques a caminhões de carga ocorreram simultaneamente a organização dos criminosos. Quase simultaneamente, os bandos violaram uma caravana transportando 27 toneladas de batata patata congelada e outra com 100 toneladas de óleo de soja em diferentes pontos da Zona Norte. Os dois veículos foram levados para o Complexo do Lins, onde já havia uma carga roubada de cereja e uva. Uma equipe da TV Globo flagrou do lado cópia os produtos sendo descarregados.

quais não são acessos à favela, bem em frente a uma escola municipal. Acionada, a PM conseguiu recuperar parte dos mercadorias.

A polícia fez uma operação no cruzamento e prendeu dois suspeitos. Os motoristas dos caminhões roubados tiveram ter passado por momentos de desespero. Elias Pereira dos Santos, de 65 anos, conta que foi abordado por quatro homens armados na Estrada Amarela. Ele havia saído da Penha e transportava a carga de batata congelada para uma empresa em Itaerajá quando, às 14h30, foi sequestrado e levado para o Morro do Gambá, no Lins. Obediente e apavorado, Elias pediu ajuda ao bandido que estava no volante do veículo.

— Disse que precisava de tomar muita atenção porque estava passando o sinal. Não ele perguntou: “Onde mora? Está assaltado no Rio?” Mas ele me deu

depois. Foi o primeiro assalto que sofri, mas não posso falar de detalhes porque ainda estou sob investigação. O outro motorista, Alexandre Pereira, de 42 anos, que tinha vindo de Maricá (RJ), estava entregando a carga em uma empresa em Itaerajá pouco depois das 14h, quando foi abordado por cinco homens armados dentro de um carro, possivelmente, o mesmo usado no roubo anterior. Um deles desceu e entrou no caminhão. Levado para a favela, Paulo ainda teve o celular e a carteira com dinheiro e a carteira roubada. Assustado, ele disse que não quer mais trabalhar no Rio.

— Canteiros muitos motoristas que não fazem entregas aqui nem muito — disse.

No semana passada, a equipe da TV Globo a bordo do helicóptero flagrou um roubo em via pública no Complexo do Pedetel, na Pavuna. ■

“Fui agredida pelos bandidos. Levaram meu celular e minha carteira. Um dia de tristeza e dor para quem só quer aproveitar as coisas boas da cidade”

Carolina Estêvão
Tática de furtos assaltados ontem em Depoenteira

“Tenho uma vida difícil. Estou correndo atrás como posso. Fui assaltada pela primeira vez aos 52 anos. Infelizmente, estamos muito vulneráveis no Rio”

Paula Garcia
Morrista assaltada domingo em Vila de Paz

Anexo 5. O GLOBO. “Nova Era de esperança”, 16/12/2017.

ZUENIR VENTURA

Nova Era de esperança

Às 6 h da manhã da última quarta-feira, um carro saía de Nova Iguaçu e levou três horas para me pegar em Ilanema e me levar para um programa, digno, sui generis: participar do ato Ocupa Literatura na Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura em Jardim Nova Era, um bairro na periferia da cidade municipal fluminense, que já foi famoso pela violência e hoje é uma referência por desenvolver uma política pioneira que considera, por lei, a leitura como “Direito Humano”.

O evento faz parte do Movimento Baixada Literária, promovido pela Rede de Bibliotecas Comunitárias espalhadas pela região com apoio do Programa Prazer em Ler, do Instituto C&A. Através de atividades como jogos literários, contação de histórias, conversas com autores, cursos de poesia, crianças e adolescentes são motivados por uma espécie de pedagogia lúdica que tira da leitura o caráter de obrigação, de dever: ela vira um grande divertimento.

Dessa vez o Ocupa Literatura aconteceu na “minha” biblioteca, que existe há 20 anos, graças à dedicação de Edilson Maceió, um incansável animador cultural da ONG Cisane (Centro de Integração Social Amigos de Nova Era). Dizem lá que ele é capaz de “tirar a camisa do corpo” pela causa (não há testemunho disso, mas há de que já deu a própria gafe para uma senhora que perdera a sua numa enchente).

Para mim, a visita foi uma festa em que a criança se divertiu com as várias atrações. Havia a “chuva de poesia”, a guarda-chuva do qual pendiam fios com versos escritos em pequenos cartões pendurados nas pontas. Ou “Poesia ao pé do ouvido”, um comprido canudo de papelão que se colocava no ouvido e escutava o texto de um autor lido por alguém do outro lado do tubo. Num varal estavam penduradas mensagens curtas de grandes escritores, a começar por Shakespeare.

Conduzindo e animando o espetáculo, um grupo de mediadores/as de leitura que impressiona pelo entusiasmo. Na hora do bate-papo, aquela criança sentada no chão não se cansava de fazer perguntas. Queriam saber, por exemplo, onde se busca assunto para escrever crônica (quase disse que podia ser em eventos como aquele, mas não quis criar expectativas), como é ser jornalista-escritor. Ficaria lá o dia inteiro se não tivesse outros compromissos.

Ainda bem que o Rio guarda surpresas. Quando se pensa que não há mais razão para a esperança, que está tudo perdido, eis um movimento como esse, praticamente desconhecido pela cidade do lado de cá. Há muito eu não vivia uma manhã tão prazerosa. Nova Era não é apenas o nome de um bairro — é também uma promessa.

Interceptei uma carta de minha neta de 8 anos para um conhecido acadêmico: “Vilão, te adoro, mas não pra namorar kkkk, Alice”. Não sei o que ele fez para merecer a advertência. ■

Anexo 6. O GLOBO. “Paz é fruto da justiça”, 17/12/2017.

Anexo 7. O GLOBO. “Descompasso fiscal”, 18/12/2017.

Paz é fruto da justiça

MARCELO CRIVELLA

O Rio foi a capital do Brasil, hoje é a capital da violência. O Rio precisa de paz, e a paz é fruto da justiça. O Rio chama por justiça. Justiça fiscal na distribuição da renda nacional.

Seria possível imaginar despoluir nossos rios e lagoas; reformar, modernizar e superequipar todos os hospitais, maternidades e postos de saúde; universalizar o horário integral nas escolas com internet em banda larga; recalçar ruas e avenidas e, nas principais, garantir pavimento rígido, ou seja, buraco nunca mais; sumir com as enchentes de verão; urbanizar as favelas, garantir água, coleta e tratamento de esgoto e tratamento em toda a cidade; implantar nas comunidades escola técnica, de música, de teatro, esportes em novas vilas olímpicas; empreender um projeto de reforestamento sem precedentes; fazer um cerco eletrônico nas vias de acesso à cidade e deter drasticamente a entrada de armas, munição e drogas; atrair indústrias com atuação na área de robótica, internet das coisas, dados nas nuvens, colocando a cidade na estrada enloraçada da ordem e do progresso; e fazer isso tudo em apenas um ano sem precisar de capital, mão de obra e empresas que não sejam as nossas próprias?

Eu digo que sim.

Bastaria que, pelo menos por um ano, a União não recolhesse os mais de R\$ 120 bilhões das cariocas em Imposto de Renda, PIS/Cofins, IPI e demais impostos, e que eles fossem todos investidos aqui em infraestrutura, educação, saúde e políticas sociais.

A cidade contribui anualmente com R\$ 120 bilhões para a União e recebe de volta pouco mais de R\$ 4 bilhões. Considerando

Estado do Rio, são R\$ 130 bilhões, e retornam só R\$ 20 bilhões. Sei que os tecnocratas de Brasília vão alegar o Pacto

Chegou a hora de o Brasil pensar no Rio

Federativo, mas por que Minas envia R\$ 42 bilhões e recebe de volta R\$ 31 bilhões?

Podem também alegar as despesas da União com a rede de hospitais federais, mas hoje ela está pior que a rede do estado, ente que define sob o mesmo cabeçote fiscal. Mesmo o pagamento dos aposentados pela União no Rio não pode ser considerado, porque eles contribuíram a vida inteira, não é favor.

O Rio não suporta mais ver o desperdício de sucessivas gerações perdidas no catifeiro fiscal. Trabalhadores lançados ao bafante degradante de uma existência incompatível com a dignidade da pessoa humana, e não pouco dos seus filhos revoltados caírem nas armadilhas da insânia da criminalidade. O Brasil canta Pátria Mãe Querida, mas me diz que mãe é ela, se aqui no Rio seus filhos nascem, vivem e morrem na favela?

O Rio precisa irradiar desenvolvimento para a Região Metropolitana, e não oferecer suas ruas para a mendicância. Nossa cidade foi a capital que mais perdeu empregos formais. De janeiro de 2015 a outubro de 2017, foram eliminados 303.854 vagas com carteira assinada. Não se pode aceitar isso como um imperativo do destino. O calote da Lei Kandir, o ICMS do petróleo no refinio e o sarrupio dos royalties do estado no leilão das últimas bacias confirmam a continuidade dessa orgia histórica da cleptocracia fiscal que nos assola.

O Rio sempre pensou no Brasil. Chegou a hora de o Brasil pensar no Rio, que não pode fazer, mas clama por justiça. O Senado, onde por 14 anos como João Batista no deserto clamei por um novo Pacto Federativo, precisa corrigir esse equívoco histórico que condena o Rio a uma violência anômica. ■

Marcelo Crivella é prefeito do Rio

6 | GLOBO

Rio

PRIORIDADES INVERTIDAS

Descompasso fiscal

Em 57 municípios fluminenses, prefeituras gastaram mais de 48% do orçamento com pessoal

Vera Araújo
vera.globo@globo.com.br

Em 2015, o estudante Júlio Caia de Lima, então com 11 anos, queixou-se ao promotor de crime fundamental porque não sabia ler. A criança estudava num colégio público no centro de Iguaiçu que fica a 70 quilômetros da capital do estado. Iguaiçu ser transferido para uma escola rural, no mesmo município, em tempo integral, para ultrapassar os pais. Dois meses depois, o menino leu a sua primeira palavra: “te-jo-jae”, escrito numa placa de um posto de gasolina. Há cerca de um mês, no entanto, a secretaria de Educação, Andréia Diniz, que é filha do prefeito Carlos Augusto Júnior (PMDB), tentou fechar três escolas rurais, inclusive aquela onde Júlio estudava, a pretensão de encher o despensa.

Mas enquanto corria sem conformidade jurídica para o modelo, nos gastos com pessoal a Prefeitura de Iguaiçu desafiou a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). Segundo levantamento do Laboratório de Análise de Orçamentos e de Políticas Públicas (LAPOP), do Ministério Público do Rio (MP), o município ocupa a primeira posição no ranking dos 92 municípios do estado, que trata em detalhe com os municípios em relação à sua receita corrente líquida (somada de tributos, contribuições, ganhos com patrimônio e transferências). Além de Iguaiçu, com índice de 36%, quando o limite estabelecido pela LRF é de 24%. Mas 48 municípios estão acima do recomendado, como Engenheiro Paulo de Frontin (PMR), Tubarão e Varrê-Sai (ambos com 66%), tornando por base o período de julho de 2016 a agosto de 2017.



Pesquisa. O reator do Hospital São Francisco Xavier, em Iguaiçu, onde fabricam materiais biológicos, antibióticos e equipamentos para exames além das análises, parte de testes de

O RANKING DOS MUNICÍPIOS

IMP ANÁLISE O ORÇAMENTO DE 60 DAS 92 PREFEITURAS FLUMINENSES ENTRE JULHO DE 2016 E AGOSTO DE 2017

MUNICÍPIO	% DA RECEITA GASTA COM PESSOAL
Iguaiçu	66,0%
Engenheiro Paulo de Frontin	66,0%
Tubarão	66,0%
Varrê-Sai	66,0%
Camargos	66,0%
Araruama	66,0%
São Gonçalo	66,0%
Volta Redonda	66,0%
Macaé	66,0%
Margareta	66,0%
São João do Vale do Rio	66,0%
Prado	66,0%
Miguel Pereira	66,0%
Corcovil	66,0%
Copacabana	66,0%
Rio Claro	66,0%
Santa Maria Madalena	66,0%
São Sebastião do Alto	66,0%
Boa Vista	66,0%
Itaboraí	66,0%

Teto de concreto com janelas provido para LRF. 54% da receita corrente líquida

No último dia 11, após pressão dos pais e a mobilização de familiares das escolas foi suspensa pela Secretaria de Educação de Iguaiçu, sem dar detalhes. Segundo a diretora, não está descartada a possibilidade de a escola ser reaberta, com o uso de recursos do município.

Em Seropédica, vaquinha para construir pinguela

Manilhas para fazer ponte foram abandonadas pelo município e acabaram cobertas por malin

A construção de uma pinguela de concreto sobre um canal de bairro Boa Esperança em Seropédica, município do Estado do Rio de Janeiro, que tem centro de atratividade em 2015, há a indicação que os moradores encontraram para não colocar 20 minutos de caminhada até o ponto mais próximo. A vaquinha fez uma vaquinha composta e montada e pôs as mãos na massa. Não houve mais nada, no entanto, a “vaquinha” inventada, há manilhas cobertas por malin, seladas juntamente para a venda. É mais um exemplo de má gestão da prefeitura e o descompasso fiscal de uma Lei de Responsabilidade Fiscal.

Moradores de Seropédica, Manilha da Concreção fica resolvida com o abandono da prefeitura em comprar a material para a ponte, mas não construiu. — Sabemos que a prefeitura tem obrigação de fazer, mas não resolveu a ponte? Futuro vendida a hora de uma construção de um ideal cujo descompasso.

“Muitas vezes o estado de calamidade era maquiado, forjado mesmo. Tentaram usar essa situação para lesar os cofres públicos”

Marcia Maria Tamburini
Procuradora

de ter tomado posse, após ser eleito de calamidade financeira ter sido declarado, finalmente, inconstitucional. Charlydio administrava a cidade pela terceira vez (já postou entre 2003 e 2012). Em 2010, ele foi condenado a 14 anos de prisão por crimes de fraude em licitação, corrupção passiva e organização criminosa, mas o caso ainda está em fase de recursos. Já a notícia de que as escolas rurais seriam fechadas mobilizou parte de alguns dos cidadãos, com 185 assinaturas de cidadãos, que foram as suas preleções. Andréia Lima, mãe de Júlio, se juntou ao grupo.

— Foram pagos de ultrapassagem.

A promotora Daniela Carrazza, da Promotoria de Tutela Coletiva da Educação de Nova Iguaçu, respondeu também por Iguaiçu, acrescentando, na lista de membros, que possuem o processo em aberto das negociações com o Ministério Público. Segundo ela, o município não conseguiu o contrato de concessão de construção de uma escola pública por um período de seis meses, em agosto de 2015. Seropédica é uma das, com valor mais expressivo: 17,2%. Os demais são Petrópolis, Paraíba, Sepetiba e Valença.

— Muitas vezes o estado de calamidade de uma situação foi usado para lesar os cofres públicos, aproveitou-se dos benefícios legais para fazer empréstimo sem garantia sem delimitação — ali a comissão de licitação, procuradora Marcia Maria Tamburini. — O MP já tem com algumas representações de inconstitucionalidade contra os gestores responsáveis pelo descompasso.

— O descompasso de sustentação do atual prefeito de Iguaiçu, conhecido como Charlydio, veio por trás como um ano de

pre-estabelecido Iguaiçu informou que “há um caso de fraude em licitação, já que de fato o contrato foi assinado pelo Ministério Público”. Segundo a associação de Charlydio, a folha de pagamento, em 2014, estava acima de R\$ 25 milhões, mas o atual município não poderia pagar R\$ 130 milhões. Esse índice que é mais do que o dobro do necessário para a administração pública. Com relação à falta de credenciamento, disse que é “pessoal”.

Macé e Carajá, que ligaram entre as escolas que mais receberam royalties em 2015, decretaram a calamidade financeira nos dois municípios — culpando a crise econômica decorrente e os grandes acionistas pelos desequilíbrios fiscais que vêm enfrentando. O GLOBO não conseguiu contato com a Prefeitura de Seropédica.

Seropédica e Petrópolis Informaram que os decretos foram editados nos grandes municípios. Já Petrópolis e Valença, que decretaram o estado de calamidade financeira sem os decretos municipais, afirmaram que encerraram dívidas dos grandes contribuintes. Os quatro municípios resultaram que vêm pedindo o pagamento de ataques de funcionários e adotando medidas de sustentabilidade. ■

Segunda-feira, 18/12/2017

Verônica Mendes

Anexo 8. O GLOBO. “Cidade sob as ordens da milícia”, 22/12/2017.

Sexta-feira, 22.12.2017

Rio

O GLOBO 7

MEDO NA BAIXADA

Cidade sob as ordens da milícia

Em Seropédica, bando cobra ‘pedágio’ para liberar obra federal e até para festas dentro de casa



Abandono. Ciclista passa por obra de duplicação de ponte na antiga Rio-São Paulo; segundo moradores, operários deixaram local na semana passada após milícia ter cobrado R\$ 35 mil para permitir que intervenções continuassem

RAFAEL GALDINO
rafael.galdino@globo.com.br

Começou com a cobrança de taxas de segurança e a exploração de serviços como transporte alternativo, venda de gás e sinal clandestino de TV a cabo. Já passou por negócios como areia, terraplanagem e a construção de prédios. Mas em Seropédica, na Baixada Fluminense, a milícia avançou mais alguns passos para ter o município sob suas ordens. Denúncias de moradores apontam que as obras de duplicação de uma ponte na BR-465, a antiga Rio-São Paulo, perto do Centro da cidade, foram paralisadas, semana passada, porque a quadrilha que age na região exigiu R\$ 35 mil da empreiteira contratada pelo Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit). A extorsão é apenas uma das faces da ação do bando na cidade que abriga a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Os criminosos chegam até mesmo a cobrar taxas de quem resolve fazer uma festa dentro de casa. As interferências no dia a dia da população são tantas que o Disque-Denúncia recebeu, somente este ano, 51 relatos sobre a situação desses bandos na região.

RISCO PARA CICLISTAS

O ‘pedágio’ instaurado pelo grupo de milícia pode inviabilizar ou no mínimo atrasar obras em outras quatro pontes na mesma estrada, no trecho entre Seropédica, Nova Iguaçu e o Itaipava com a cidade do Rio, perto de Campo Grande. Juntas, as intervenções nas cinco pontes — uma delas passa sobre o Rio Guandu, que abastece 9 milhões de pessoas na Região Metropolitana — estão orçadas em R\$ 12,189 milhões. Elas começaram há cerca de 40 dias perto do acesso principal à Universidade Federal Rural, no quilômetro 7 da rodovia. Nesse ponto, além de melhorar o trânsito, a duplicação traria mais segurança a cerca de 1.500 pessoas, grande parte estudantes, que, diariamente, precisam atravessar a passagem sobre uma linha férrea a pé ou de bicicleta. O ponto é o único em que uma ciclovia, construída no início dos anos 2000 pela universidade, entre seu campus e o Centro da cidade, é interrompida. Pedestres e ciclistas acabam sendo obrigados a se arriscar no asfalto por 38 metros, expostos ao lado de um tráfego pesado de carros, caminhões e ônibus.

Na última semana, sumiram os operários, as máquinas e qualquer sinal de que as intervenções pudessem ter sido apenas temporariamente suspensas.

— Para não colocar seus empregados em

risco, os relatos são de que a empreiteira resolveu parar as obras. Como uma milícia tem o poder de paralisar uma obra pública com recursos da União? Eles apontam a um nível de atemorização que demonstra a falência do estado na região, na periferia da Baixada Fluminense, com baixo índice de desenvolvimento humano e um pequeno efetivo da Polícia Militar — afirma um morador de Seropédica, lembrando que, até meados de maio de 2015, existia ali uma segunda ponte, metálica, por onde seguia a ciclovia, mas que desabou. Na última quarta-feira, enquanto a reportagem do GLOBO chegava as denúncias de que as obras tinham parado por interferência da milícia, um rapaz se desequilibrou da bicicleta e quase caiu, no momento em que um reboque que carregava um ônibus cruzava a ponte.

— É muito perigoso esse trecho. Os caminhões tiram um fino da gente. E, a todo instante, as pessoas passam por aqui de bicicleta. São, na maioria, alunos da Rural, já que a universidade fica a aproximadamente 15 minutos do Centro de Seropédica, onde muitos deles moram — afirmava um estudante que costuma percorrer o trajeto pedalando.

Quando começaram, as obras, a cargo da empresa Preserva Engenharia, de Curitiba, São Paulo, foram motivo de comemoração. Um otimismo que cedeu à medida que paramilitares foram avançando em territórios da região. A previsão era que a primeira ponte ficasse pronta em abril de 2018. Mas, segundo o próprio Dnit, pelo andamento dos trabalhos, a inauguração poderia ser antecipada. Proceida pela reportagem do GLOBO desde terça-feira, a Preserva Engenharia não retornou os contatos. Já a Superintendência do Dnit no Rio confirmou já ter recebido informações de que o motivo da paralisação das obras poderia ser a intimidação da milícia. Mas, até agora, não recebeu um comunicado oficial da empresa justificando a interrupção dos trabalhos. O departamento, no entanto, ressaltou a histórica de obras entregues pela empreiteira. E disse que apurará por que os serviços foram abandonados. Se a suspensão tiver relação com uma intervenção dos grupos criminosos, o órgão afirma que acionará a Polícia Rodoviária Federal e a Polícia

— Mas, para moradores e comerciantes de Seropédica, o poder da milícia não surpreende. Segundo eles, que preferem não se identificar por medo de sofrer represálias, os criminosos interferem em tudo, de festas familiares a negócios, sendo mais agressivos em relação ao comércio. Além de exigir dinheiro de proprietários de lojas, os grupos passaram a cobrar propina até de ambulantes, e todo mundo sabe que, hoje, até para instalar uma barracquinha de comida na rua, é preciso pagar entre R\$ 20 e R\$ 120 por semana, valor que fica a critério dos bandidos. Nem dentro de casa, o morador do município está livre de sofrer extorsões. Quem quer fazer uma festa, por exemplo, é instado a pagar uma taxa aos milicianos, que, dependendo da quantidade de convidados, pode chegar a mil reais.

— Eles chegam dizendo que são da milícia e que, se não pagarmos, a festa para — conta um morador, com medo.

Os ajuizes já aconteceram, inclusive, em eventos de estudantes da Rural em espaços fora da universidade. Os alunos preferiram não pagar e interromperam a comemoração. Agora, para tentar driblar o problema, têm planejado festas dentro do campus, esbarrando em outra questão: a reitoria não permite o consumo de bebidas alcoólicas no local.

As queixas recebidas pelo Disque-Denúncia mostram que a maior parte dos milicianos age no Centro e no bairro Campo Lindo, onde fica a 48ª DP (Seropédica). Já em Itaguaçu, município vizinho, as denúncias indicam a presença dos criminosos sobretudo nos bairros Chaperô, Jardim América, Itasmaz, Coos Grande, Itaipava e Vila Guri. A atuação dos milicianos, independentemente da região, é sempre a mesma: cobrança de taxas de segurança dos moradores e comerciantes; oferta de serviços de TV a cabo e internet clandestina; e expósto de moradores que não seguem as regras impostas pelo bando. “Há também a informação de que, em Coos Grande, milicianos vendem lotes e terrenos com documentação irregular ou falsificada”, afirma o Disque-Denúncia.

A Polícia Civil diz que há inquéritos em andamento na 48ª DP (Seropédica), em conjunto com a Delegacia de Homicídios da Baixada Fluminense (DHBF), para identificar e prender envolvidos em milícia na região. A Delegacia de Repressão às

Ações Criminosas Organizadas (Dmco) também apura o avanço dos paramilitares em Seropédica.

As investigações apontam que, em 2015, a maior milícia do Rio, baseada na Zona Oeste do Rio há cerca de 20 anos, começou uma expansão de suas atividades criminosas tanto para Seropédica e Itaguaçu, quanto para Nova Iguaçu, em bairros como o Galvão. A invasão de bairros de Seropédica e Itaguaçu ocorreu entre janeiro e setembro daquele ano e, na época, por causa da disputa de território com o tráfico, deixou um rastro de mortes. Mas os homicídios continuaram e, na eleição do ano passado, houve casos associados à milícia. Um deles foi o de policial militar João César Fraga Reis, candidato a vereador de Seropédica pelo Pcdob. Ele foi morto em 20 de agosto de 2016, no bairro Boa Esperança, no próprio município, quando saía de uma festa.

CONTABILIDADE APRENDIDA

No fim de 2015, 194 de 241 BPM (Queimados) prenderam dois homens, em Seropédica, com parte da contabilidade da milícia. Na tela, havia anotações sobre taxa semestrais cobradas de comerciantes, que espantavam estantes de donos de farmácia a vendedores de churrasquinho. Recentemente, como mostrou o jornal Extra, a ascensão de Wellington da Silva Braga, o Ecko, ao comando da maior milícia do Rio — cargo que assumiu após a morte de seu irmão, Carlos Alexandre Braga, o Carlinhos Três Fontes — provocou uma guerra de facções. Entre os insatisfeitos com o novo chefe, estariam os milicianos de Seropédica.

O município, de 84.416 habitantes, segundo a estimativa do IBGE para 2017, é um dos mais novos do estado e surgiu de um desmembramento de Itaguaçu, em 1997. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), com base nos dados do censo do IBGE de 2010, é 0,713 (quanto mais perto de 1, melhor), sendo o 41º entre os 92 municípios do Rio. Em 2015, segundo o IBGE, a cidade possuía um PIB per capita de R\$ 27.823,49, o 329º mais alto do estado, e um rendimento médio mensal dos trabalhadores de 3,9 salários mínimos. No entanto, naquele mesmo ano, 37,4% da população vivia com rendimento nominal mensal per capita de até meio salário mínimo. É uma cidade de contrastes. Perto do acanhado Centro, fica a universidade, que teve seu principal campus transferido para a região em 1948, em imponentes construções que abrigam, hoje, cerca de oito mil estudantes. Com muitos deles vindos de outros municípios, grande parte dos alunos opta por morar no alojamento da instituição, assim com há um contingente considerável de alunos que aluga casas e apartamentos na área urbana de Seropédica. ■

R\$ 35 mil

Valor que paramilitares teriam exigido para uma empreiteira contratada pelo governo federal realizar obras de cinco pontes na região

51

Número de queixas recebidas este ano pelo Disque-Denúncia por conta da ação de milicianos em Seropédica

Anexo 9. O GLOBO. “Bando faz novo arrastão em bares de Santa Teresa”, 21/12/2017.

Bando faz novo arrastão em bares de Santa Teresa

Quatro estabelecimentos foram atacados por cinco homens armados na segunda-feira à noite

DAVANA RESENDE
davana.resende@globo.com.br

Cinco homens armados desceram de um carro preto, invadem com pressa um bar lotado de clientes e, em menos de um minuto, fogem com os pertences das vítimas. Alguns metros adiante, a cena se repete. Depois, em novo endereço, a ação se desenrola mais uma vez. A cereia de um quilômetro do primeiro ataque, os bandidos invadem um quarto estabelecimento. Na noite de segunda-feira, os roubos em série assustaram Santa Teresa. Mas não surpreenderam. Os arrastões têm sido cada vez mais comuns na região. Os criminosos também não são desconhecidos: segundo testemunhas, o bando que assaltou os bares, por volta das 23h, é o mesmo que agiu, da mesma forma, no início do mês. Nos dois casos, os bandidos escaparam.

Um dos estabelecimentos roubados na segunda-feira foi o Bar do Serginho. Os funcionários do local nem se surpreendem mais com as abor-

dagens:

— Só este mês, foram mais de vinte assaltos — diz um cliente, ressaltando que o número não é força de expressão. — Isso se não for mais — lamenta.

Os ladrões, ele conta, nem se preocupam mais em tapar o rosto para esconder a identidade. O arrastão de antecedente, inclusive, foi registrado por câmeras de segurança, que mostram com clareza a ação dos bandidos. O vídeo revela que os envolvidos não têm mais que 20 anos. As imagens já estão com a Polícia Civil, mas até o momento, ninguém foi preso.

Os outros bares invadidos pelos ladrões foram o do Gomes, do Moreira e do Bruno, localizados dentro de um perímetro de um quilômetro. O bando age sempre da mesma maneira: enquanto um dos integrantes corre até o caixa em busca de dinheiro, outra parte da quadrilha se apressa para subtrair o máximo de pertences dos clientes que estão sentados. Apesar de o crime ter ocorrido no início da semana, os quatro estabelecimentos



Vencida pela violência. Após vários ataques, pizzeria fechou as portas para o público e passou apenas a fazer entregas em cassê roubos afetam rotina de bairro

“Estávamos numa mesa do fundo do bar quando entraram e anunciaram o assalto. Demoramos a entender o que estava acontecendo”

Vítima de arrastão

estavam cheios.

Num deles, um grupo de amigos estava reunido para a confraternização de fim de ano. Mas a noite de comemorações e reencontros terminou em frustração e medo.

— Estávamos comemorando numa mesa no fundo do bar quando entraram e anunciaram o assalto. Demoramos para entender o que estava acontecendo. É muito triste passar por isso, mas não vamos deixar de ocupar e viver a rua, que tanto representa a alegria dessa cidade — disse uma das vítimas.

Segundo um funcionário de um dos bares assaltados, todos os estabelecimentos que estavam de portas abertas na segunda-feira foram invadidos pelos bandidos.

— Eles entraram em todos os lugares que estavam abertos na noite daquele dia — contou.

Logo após o crime, o carro usado pelos bandidos foi encontrado pela polícia, abandonado. Os assaltantes deixaram para trás bolsas e documentos das vítimas, mas levaram celulares e dinheiro.

ROUBOS DE RUA SUBIRAM

A sequência de roubos tem esvaziado o bairro. Uma pizzeria, depois de ter sido invadida várias vezes, fechou as portas para o público e passou a oferecer só delivery.

— É uma região boêmia, artística e, lamentavelmente, está perdendo seu movimento. As pessoas não querem mais vir para a rua, e a gente, com medo, acaba fechando mais cedo. Arrapalha tudo — afirmou o dono de um dos bares.

Os números do Instituto de Segurança Pública mostram que a violência atinge toda a

região. Os roubos de rua subiram 21,34% nos dez primeiros meses de 2017, em comparação com o mesmo período de 2016. Houve ainda aumento de 16,22% nos roubos de carro. Os ataques a estabelecimentos comerciais cresceram 31,25%.

— A Polícia Civil precisa investigar, e a PM, patrulhar. Santa Teresa está pagando um preço muito alto por esse abandono — afirma Álvaro Braga, vice-presidente da Associação de Moradores e Amigos de Santa Teresa.

A assessoria de imprensa da Polícia Militar informou que o 5º BPM (Harmonia) realiza o policiamento extensivo no bairro, com rondas de viaturas, e faz operações de rua. Disse ainda que o comandante da unidade se reuniu recentemente com moradores de Santa Teresa. ■

Anexo 10. O GLOBO. “Terra sem lei: bandalha num dia, repeteco no outro”, 27/12/2017.

NAS BARBAS DA FISCALIZAÇÃO

Terra sem lei: bandalha num dia, repeteco no outro

Van flagrada, na terça-feira, fazendo itinerário ilegal no Largo do Machado no lugar de ônibus foi vista ontem no mesmo lugar. Veículo tem 13 autuações

BRUNO ALFARO E
LEIS ERNESTO MAGALHÃES
gandorio@globo.com.br

Uma imagem vale mais do que mil palavras. Um dia depois de ser flagrada transportando passageiros de forma ilegal, na Zona Sul do Rio, cumprindo itinerários de linhas vedadas de circulação, a mesma van foi vista ontem de novo, no Largo do Machado. A única diferença é que o motorista do veículo tratou de ser mais discreto na bandalha: apaguei o letreiro que indicava o trajeto e parou de gritar por passageiros. Mas um homem abriu porta e, discretamente, ofereceu o serviço a usuários que estão sem alternativa desde que os ônibus da São Silvestre sumiram das ruas. O consórcio Intersul, que atende a região, alega que, diante da crise, está difícil cobrir os custos de operação.

A van em questão parou no mesmo ponto do 133 (Largo do Machado — Rodoviária), da São Silvestre. A empresa, segundo funcionários, está sem pagar salários há cinco meses. A interrupção do serviço teria ocorrido na quinta-feira. Pelo contrato com o município, outra empresa do Intersul deveria assumir a linha, mas o consórcio explicou que não conseguiu suprir a demanda por conta do feriado de Natal. Ontem, havia coletivos de outras empresas fazendo os itinerários suspensos.

Sobre a van, a Secretaria municipal de Transportes informou que o veículo estava autorizado a explorar a linha Água Santa-Engenheiro, bem longe da Zona Sul. Apesar de estar habilitada, e contar inclusive com validadores para RioCard, ela não poderia explorar outro trajeto. A van é velha, conhecida da



Flagrante. Sem ônibus na Zona Sul, van faz transporte irregular de passageiros



Sem controle. A mesma van transportando ontem passageiros no Largo do Machado

“A frota de ônibus está parcialmente obsoleta, com veículos antigos e sem ar que trazem grande desconforto”

José Eugênio Leal
Professor da PUC

fiscalização. Desde 2013, já foi multada 13 vezes por irregularidades, acumulando R\$ 8.911,23 em penalidades. Desse total, quatro multas foram por circular por rotários não autorizados ou sem identificação, incluindo o próprio Largo do Machado. O titular do veículo é alvo de um processo de cassação da licença. Segundo a pasta, devido à possibilidade de recursos, a ação pode levar um ano ou mais. Somente hoje, a secretaria poderá informar detalhes sobre a tramitação do processo.

Como se não bastasse, a tarefa de reprimir as bandalhas pela Coordenadoria de Transporte Complementar está prejudicada por falta de pessoal. Em janeiro, completa um ano que venceu o convênio entre a prefeitura e o governo do Estado que permite a PMs trabalharem nas horas de folga na fiscalização do trans-

porte alternativo. A expectativa é que o convênio, que não foi renovado por falta de recursos, seja restabelecido em 2018. São casos que expõem a desorganização do sistema de transportes, segundo especialistas em mobilidade urbana como o professor José Eugênio Leal da PUC. Ele observa que a mobilidade do Rio passa por momentos críticos, desde o governo do ex-prefeito Eduardo Paes.

— Há incertezas em relação ao valor justo da tarifa, que sofreu duas reduções em poucos meses, contestadas pelas empresas. Além disso, consórcio do BRT anuncia eventual suspensão de serviços de linhas alimentadoras do Transsteto, serviços de vans têm área de atuação ampliada, e a frota de ônibus está parcialmente obsoleta, com veículos antigos e sem ar que trazem grande desconforto aos usuários.

Os problemas, como mostra José Eugê-

nio, se espalham pela cidade. Na Zona Norte, a estação de Olaria do BRT Transarica está fechada há dois meses. Os problemas são constantes atos de vandalismo, invasão de usuários de drogas e roubo de fios de cobre. Com a intenção do local, os passageiros precisam caminhar cerca de 20 minutos para chegar a próxima estação, Háplina. Os motoristas abrem as portas fora da estação, o que é irregular, para os passageiros desembarcarem.

— Tem que dar um pulo para conseguir sair do BRT — diz Ednaiva Barbosa, de 34 anos, moradora do bairro.

O consórcio informou que a estação foi fechada em setembro devido a atos de vandalismo que destruíram completamente o sistema elétrico e a rede de dados. Também diz que não há previsão para reabertura do serviço. ■

Anexo 11. O GLOBO. “Região Metropolitana registrou seis homicídios na noite de Natal”, 28/12/2017.

Região Metropolitana registrou seis homicídios na noite de Natal

Crimes ocorreram no município do Rio, na Baixada e em São Gonçalo

RAFAEL SOARES
rafael.soares@extra.inf.br

A Região Metropolitana do estado registrou seis homicídios na noite de Natal, entre as 18h do dia 24 e as 6h de 25 de dezembro. Segundo um levantamento baseado em dados da Polícia Civil, todos os assassinatos foram cometidos com armas de fogo. Três ocorreram na Baixada Fluminense, dois na capital e um em São Gonçalo. A média de casos no período — um a cada duas horas — foi maior que a dos primeiros nove meses do ano em todo o estado: de janeiro a novembro, houve 453 homicídi-

os, ou seja, um a cada 17 horas.

O primeiro assassinato da noite de Natal foi o de um homem não identificado, encontrado às 19h numa caçamba de lixo por dois policiais na área do 22º BPM (Penha). Trinta minutos depois, uma equipe do 24º BPM (Itaguaí) achou Rafael Eugênio da Silva morto numa rua em Queimados. Antes da meia-noite, ainda foram registrados homicídios nas áreas do 20º BPM (Mesquita) e do 7º BPM (São Gonçalo), além de um outro na área do 24º BPM. O único caso registrado após a meia-noite ocorreu em Campo Grande.

FERIDOS POR BALAS PERDIDAS

Pelo menos duas pessoas foram feridas por balas perdidas na noite de Natal, ambas na Zona Norte. As vítimas foram um jovem de 18 anos e João

Batista Martins, de 50, que estava com amigos e parentes na varanda de sua casa, em Vila Valqueire, quando sentiu uma forte dor no braço esquerdo.

— Havia muitas crianças em casa quando ouvi o João gritar. Depois, vimos o sangue escorrendo. Foi horrível isso acontecer justamente no momento em que a meninada abria os presentes. Dá uma sensação de impotência, de tristeza. O tiro deve ter sido disparado no momento em que havia uma queima de fogos de artifício — disse Daniele Martins, mulher de João, que elogiou o atendimento recebido pelo marido no Hospital Municipal Salgado Filho, no Méier.

Também foram registrados no domingo, das 18h à meia-noite, 68 roubos na Região Metropolitana. Desse total, 40 foram de veículos. ●

Anexo 12. O GLOBO. "Ainda vou tomar medidas amargas", 30/12/2017.



na Região Fluminense. Mas, em 2017, os dados mostram que o Brasil ainda não está seguro. Segundo levantamento da Fundação Getúlio Vargas, o Brasil tem o maior índice de insegurança pública do mundo, com 60,4 pontos em uma escala de 0 a 100. Isso significa que, em média, um brasileiro é vítima de algum tipo de crime violento a cada 10 minutos.

Em 2016, o Brasil teve o maior número de homicídios em massa do mundo, com 10 casos. O primeiro foi em São Paulo, com 11 mortos. Outros casos ocorreram em Rio de Janeiro, Minas Gerais e Pernambuco.

Os dados mostram que a violência no Brasil não está diminuindo. Pelo contrário, ela está aumentando. Isso significa que o Brasil ainda precisa tomar medidas amargas para reduzir a violência e garantir a segurança dos seus cidadãos.

Exigida pela União, revisão de incentivos renderá R\$ 1 bi

Crises na política de incentivos far parte de pacote de ajustes

Os incentivos fiscais concedidos pelo Brasil para atrair investimentos estrangeiros estão sendo revisados. O governo espera que essa medida gere uma receita de R\$ 1 bilhão por ano. A revisão será feita em conjunto com outras medidas de ajuste fiscal.

Os incentivos fiscais são concedidos para atrair investimentos estrangeiros. Eles incluem isenções de impostos e redução de alíquotas. O governo espera que essa medida gere uma receita de R\$ 1 bilhão por ano. A revisão será feita em conjunto com outras medidas de ajuste fiscal.

Os desafios do ano que começa...

Segurança, economia, transporte, saúde pública e infraestrutura são alguns dos desafios que o Brasil enfrenta no início de 2018. O governo precisa tomar medidas urgentes para enfrentar esses desafios e garantir o crescimento econômico do país.

Os desafios do ano que começa são muitos. O Brasil precisa enfrentar a crise econômica, a insegurança pública e a falta de infraestrutura. O governo precisa tomar medidas urgentes para enfrentar esses desafios e garantir o crescimento econômico do país.



Os desafios do ano que começa...

Segurança, economia, transporte, saúde pública e infraestrutura são alguns dos desafios que o Brasil enfrenta no início de 2018. O governo precisa tomar medidas urgentes para enfrentar esses desafios e garantir o crescimento econômico do país.



...praia cheia de dia e de noite...

O governo do estado anunciou uma nova medida para melhorar a segurança pública em áreas turísticas. A medida prevê a presença de policiais em áreas de alta circulação de pessoas, como praias e parques.



...e sorte para alguns

O governo do estado anunciou uma nova medida para melhorar a segurança pública em áreas turísticas. A medida prevê a presença de policiais em áreas de alta circulação de pessoas, como praias e parques.

...e sorte para alguns

O governo do estado anunciou uma nova medida para melhorar a segurança pública em áreas turísticas. A medida prevê a presença de policiais em áreas de alta circulação de pessoas, como praias e parques.

...e sorte para alguns

O governo do estado anunciou uma nova medida para melhorar a segurança pública em áreas turísticas. A medida prevê a presença de policiais em áreas de alta circulação de pessoas, como praias e parques.

SEGURANÇA PÚBLICA

Rebelião deixa 9 mortos em cadeia de Goiás

Ano novo repete 2017 e começa com motins

Estado teve mais duas revoltas em unidades prisionais e total de 23 feridos

Em 2017, o Brasil teve o maior número de homicídios em massa do mundo, com 10 casos. O primeiro foi em São Paulo, com 11 mortos. Outros casos ocorreram em Rio de Janeiro, Minas Gerais e Pernambuco.

Os dados mostram que a violência no Brasil não está diminuindo. Pelo contrário, ela está aumentando. Isso significa que o Brasil ainda precisa tomar medidas amargas para reduzir a violência e garantir a segurança dos seus cidadãos.

Alimentos, luz e gasolina serão vilões da inflação

Com o aumento dos preços de alimentos, energia e combustíveis, a inflação no Brasil deve ser impulsionada no início de 2018. O governo precisa tomar medidas para controlar a inflação e garantir a estabilidade econômica do país.

Protestos já têm 13 mortos e 400 detidos no RJ

Os protestos em Rio de Janeiro continuam a crescer. Os manifestantes exigem a renúncia do governador e a realização de eleições antecipadas. O governo estadual anunciou uma operação de segurança para conter os protestos.

Anexo 14. O GLOBO. “Alagados’: o drama de moradores de oito ruas da Baixada”,
04/01/2018.



Enxurrada de sujeira. Morador do Conjunto Azul, em Coelho da Rocha, São João de Meriti, enfrenta a inundação para sair de casa: região está tomada por esgoto há cinco dias

‘Alagados’: o drama de moradores de oito ruas da Baixada

Chuva não consegue escoar devido à obra e se mistura a esgoto para desespero de quem vive no local

PEDRO ZUAZO
pedro.zuazo@extra.inf.br

Aos 77 anos, Nicéa Maria Pinto de Almeida passou a madrugada de ontem protegendo os móveis da sala da inundação. Sofás e poltronas foram colocados sobre pequenos bancos de metal. Duas latas de tinta serviram para apoiar o aparelho, onde fica a televisão. Enquanto o barulho da chuva aumentava do lado de fora, crescia na aposentada o medo de perder a geladeira e outros eletrodomésticos. Moradora há 42 anos do bairro Coelho da Rocha, em São João de Meriti, Nicéa já enfrentou outros alagamentos, mas nunca tão dramáticos. Com as chuvas, as saídas de esgoto que desembocam no Rio Sarapuí, que cruza a cidade, transbordaram. No total, oito ruas foram tomadas por uma mistura de água e dejetos.

De uma sacada na Avenida Farol da Barra, no Conjunto Azul, Yasmim Marques Moreira, de 24 anos, olhava ontem apreensiva para a água escura que tomava a via. Era dia de levar ao médico o filho, Bernardo, de 1 ano e 5 meses, que nasceu com microcefalia. Por causa do alagamento, no entanto, ela não conseguiu sair de casa. O forte cheiro do esgoto fez com que o menino, que é alérgico, tivesse uma crise convulsiva.

— Eu me sinto impotente e abandonada. No ano passado, perdi o carrinho de bebê durante uma enchente. No ano anterior, as poças viraram um criadouro de mosquitos da dengue, e eu acabei sendo picada e infectada com o vírus da zika. Estamos sob o risco de doenças por causa desse esgoto, mas ninguém faz nada — desabafa ela.

Há pelo menos cinco dias, os moradores da região sofrem com o alagamento. A situação se agravou com o temporal que assolou o município na noite de anteontem. Em poucos minutos, a água misturada com esgoto tomou as ruas. Chamadas, equipes da prefeitura de São João de Meriti chegaram por volta das 20h ao local.

PREFEITURA CULPA EMPRESA E CONCESSIONÁRIA

Segundo a prefeitura, o assoreamento que provocou a inundação se deve a uma obra da empresa de logística LSP Business Park. Um galpão da empresa teria sido construído sobre um canal, impedindo a passagem do esgoto em direção ao Rio Sarapuí.

— Problemas crônicos que se acumularam ao longo dos últimos anos levaram a esta situação. Há mais de dez anos, a CCR Nova Dutra (concessionária que administra a Via Dutra) fechou uma galeria de água que saía do Conjunto Azul, durante a construção de uma passarela. Mais recentemente, no ano passado, a empresa LSP construiu um galpão que obstruiu outro canal. Era uma bomba que estava sendo armada. Agora, estamos trabalhando para desarmá-la — disse o secretário municí-

pal de Obras, Antônio Sobrinho.

A Defesa Civil do município montou uma força-tarefa com 150 homens e 30 veículos para ajudar os moradores a se deslocarem. Por causa do temporal, dois imóveis desabaram na madrugada de ontem, mas ninguém ficou ferido.

— Estamos, em primeiro lugar, garantindo o direito de ir e vir das pessoas — disse o major Samir Batista Fernandes, subsecretário da Defesa Civil.

A associação de moradores do bairro pretende entrar na Justiça com uma ação coletiva contra as duas empresas para pedir indenização por danos materiais.

— Teve gente que passou o ano-novo com esgoto dentro de casa. Idosos e pessoas com crianças de colo estão ilhados até agora. Isso não pode acabar de forma impune — disse Cristiane Pereira, de 39 anos, vice-presidente da associação de moradores.

Ontem, muitas famílias ainda calculavam os prejuízos. O vigilante Márcio Barbosa, de 49 anos, encontrou o carro alagado quando voltou do trabalho:

— Quando cheguei, tive que encerrar a água pela cintura. E agora? Quem vai me ressarcir?

De acordo com a prefeitura de São João de Meriti, tanto a CCR Nova Dutra quanto a LSP Business Park foram notificadas e poderão ser multadas. A empresa de logística não foi encontrada para comentar o assunto. A CCR Nova Dutra informou que a obra da passarela, entregue em 2010, não provocou qualquer “obstrução de tubulação ou galeria que possa ocasionar alagamento” e que faz vitórias constantes em sua área de atuação. ●

Anexo 15. O GLOBO. “Ano mal começou e já tem PM morto, em São Gonçalo” e “Bala de fuzil atinge mulher em cobertura no Flamengo”, 04/01/2018.

Ano mal começou e já tem PM morto, em São Gonçalo

Violência também não dá trégua na Rocinha e no Alemão

ANA CAROLINA TORRES,
ANTÔNIO WERNICK E
LUÁ MARINATTO
granderio@oglobo.com.br

A violência que marcou 2017 não dá trégua neste começo de 2018: ontem, o estado registrou o primeiro assassinato de um PM no ano: e confrontos na Rocinha, que segue com patrulhamento reforçado, debaram pelo menos três mortos e um ferido. Além disso, autoridades da área de segurança ganharam uma preocupação: um vídeo gravado no réveillon e divulgado nas redes sociais mostra um traficante do Complexo do Alemão fazendo disparos com um fuzil .50, armamento de guerra capaz de derrubar aeronaves.

Por volta das 7h30m, o soldado Ivanderson Pinheiro morreu no bairro do Mtuã, em São Gonçalo. Lotado no batalhão da cidade, o 7º BPM, ele e um colega, ambos de folga, passavam de carro pela Avenida Paula Lemos quando bandidos em um outro veículo fecharam a pista para aborçá-los. O carro dos policiais capotou, e, em seguida, Ivanderson, que tinha 37 anos, levou um tiro na cabeça. Seu colega conseguiu escapar dos criminosos, que fugiram com uma pistola da vítima.

Em 2017, o estado teve 134 PMs mortos. O último assassinato ocorreu justamente em São Gonçalo: no dia 30 de dezembro, o sargento reformado Renato Fagundes de Almeida, de 47 anos, reagiu a um assalto no bairro de Morjotas e levou vários tiros.

Na Rocinha, três homens que, segundo a PM, estavam armados



Investigação. Com protetor nos ouvidos, bandido faz disparo com fuzil .50

com dois fuzis e uma pistola, foram mortos durante um intenso confronto entre traficantes e policiais do Batalhão de Operações Especiais (Bope) que se estendeu das 10h30m até as 11h. Eles chegaram a ser levados para o Hospital Municipal Miguel Couto, na Gávea. Parentes das vítimas que foram à unidade não quiseram dar entrevistas.

No mesmo tiroteio, o entregador de doces Alex dos Santos Mendes da Silva, de 31 anos, ficou ferido. Ele levava brigadeiros e bolos para uma loja no momento em que foi baleado nas nádegas, num ombro e num braço. Internado no Miguel Couto, teve o quadro clínico diagnosticado como estável.

A Rocinha vive sob clima de tensão desde setembro, quando um bando invadiu a favela para tentar tomar bocas de fumo controladas por Rogério Avelino da

Silva, o Rogério 157. Ele foi preso em dezembro, mas confrontos entre traficantes e PMs continuam frequentes.

Ontem, a Polícia Civil informou que investiga a gravação de um vídeo em que um bandido presta homenagem a Rogério 157 dando tiros com um fuzil .50, no réveillon. A cena teria sido registrada na Favela da Grota, no Complexo do Alemão.

— Esses disparos podem até derrubar aeronaves — disse o delegado André Leina, da Delegacia Especializada em Armas, Munições e Explosivos (Desarme), ao “RJ TV”, da Rede Globo.

Existe a suspeita de que outros dois fuzis .50 foram vendidos a bandidos no complexo por Marcelo Pinheiro Veiga, o Marcelo Piloto, que, preso mês passado no Paraguai, era um dos traficantes de armas mais procurados por policiais brasileiros. ■

PÂNICO NO RÉVEILLON

Bala de fuzil atinge mulher em cobertura no Flamengo

Exame identificou projétil no pé direito da vítima, que, primeiramente, achou ter se ferido com caco de vidro

A jornalista Márcia Mendel, de 37 anos, foi atingida no pé direito por uma bala de fuzil quando passava o réveillon com a família no terraço de sua cobertura na Rua Marquês de Abruantes, no Flamengo. Na hora, ela sentiu muita dor e pensou que tinha se ferido com algum caco de vidro. O marido, que é médico, improvisou um curativo para estancar o sangue, e, no dia seguinte, Márcia foi até o Copa D’Or, em Copacabana. Ela teve o ferimento suturado e foi liberada. Na terça-feira de manhã, como as dores persistiam, procurou a emergência do hospital Rio Laranjeiras, onde um exame de raios X constatou que um projétil estava alojado em seu pé.

— Comecei 2018 com um grande susto. Mas só tenho a agradecer a Deus porque porque nada aconteceu com as crianças — comentou Márcia, que decidiu passar o réveillon

em um apartamento para tentar ter mais tranquilidade ao lado do marido e dos filhos, um menino de 2 anos e um menino de seis meses. — A gente busca segurança, mas não a encontra nem em casa.

Segundo Márcia, no Copa D’Or, o médico não pediu um exame de raios X e disse que o inchaço era decorrente do trauma. — No segundo hospital, eu já cheguei dizendo que queria uma radiografia. A bala estava inteira no pé, não eram estilhaços — afirmou ela, que, com o exame de imagem, voltou ao Copa D’Or, onde passou por cirurgia.

O projétil, calibre 762, é usado em fuzis como o AK-47, uma arma de guerra. Agora, Márcia terá que ficar de repouso por dez dias, sem pisar, para não ter sequelas. — Guardei a bala. Ela pode ter partido de uma rajada em comemoração pelo ano novo. O Morro Azul é vizinho do meu prédio. Eu e meu marido pensamos em nos mudar, mas ainda estamos avaliando — disse a jornalista.

A 9ª DP (Flamengo) abriu inquérito. Em nota, a Rede D’Or informou que, após a cirurgia, a paciente “é acompanhada pela equipe médica.” Ainda segundo o grupo hospitalar o primeiro atendimento está sendo avaliado. ■



De molho. A dor de casa Márcia Mendel, atingida por uma bala dentro de casa, na Rua Marquês de Abruantes, terá que ficar dez dias de repouso

Anexo 16. O GLOBO. “Morte no primeiro dia de trabalho”, 06/01/2018.

MISSÃO INTERROMPIDA

Morte no primeiro dia de trabalho

Jovem baleado por PM linha o sonho de entrar para o Exército e se tornar músico

RAFAEL SOARES
rafael.soares@globo.com.br

Luís Guilherme dos Santos, de 18 anos, era de uma família de missionários. Tinha nove irmãos. Nos últimos tempos, só pensava em entrar para o Exército e conseguir realizar o sonho de ser músico. Mas, enquanto isso não acontecia, assumiu um emprego numa empresa de produção de eventos. Na madrugada da última quarta-feira, no primeiro dia de trabalho, ele foi abordado por policiais militares em Nova Iguaçu quando estava num cambucha que fazia o transporte de estudantes de Natal. Um dos PMs contou um engano e matou o rapaz.

O pai da vítima, Luis Carlos Ferreira dos Santos, de 44 anos, contou que o jovem só foi chamado para o serviço na empresa do crime por um amigo que trabalhava para a empresa, porque outros dois funcionários não poderiam comparecer.

— Somos uma família de missionários. Trabalhávamos viajando pela Iguaçu. Para complementar a renda, meu filho me ajudava a vender bala para jogar em Nova Iguaçu. No ano passado ele passou a ficar com a vizinha do trabalho e passou de me ajudar. Fui com amigos que queria um novo emprego. Foi chamado para esse serviço por um amigo, batizado antes de morrer. Esse amigo estava com ele e viu tudo acontecer. Fui muito abalado — afirmou o pai.



Vítima. Luis Guilherme com o seu violão na Igreja Assentada de Deus, onde era missionário

— O pai da vítima, Luis Carlos Ferreira dos Santos, de 44 anos, contou que o jovem só foi chamado para o serviço na empresa do crime por um amigo que trabalhava para a empresa, porque outros dois funcionários não poderiam comparecer.

— Quando o jovem foi chamado para o serviço na empresa do crime por um amigo que trabalhava para a empresa, porque outros dois funcionários não poderiam comparecer.

— Quando o jovem foi chamado para o serviço na empresa do crime por um amigo que trabalhava para a empresa, porque outros dois funcionários não poderiam comparecer.

— Quando o jovem foi chamado para o serviço na empresa do crime por um amigo que trabalhava para a empresa, porque outros dois funcionários não poderiam comparecer.

Anexo 17. O GLOBO. “O perigo que ressurgiu”, 06/01/2018.

Sábado 6.1.2018

Rio

O GLOBO 7

FEBRE AMARELA

O perigo que ressurgiu

Morte de macaco faz estado reforçar vacinação e pedir à população que evite reserva na Baixada

ANA LUCIA AZEVEDO
alaj@globon.com.br

O vento trouxe o temor da febre amarela de volta ao Estado do Rio de Janeiro, pois o vírus da doença circula junto a uma das principais áreas de lazer da Baixada Fluminense. A Secretaria de Saúde informou ontem que um macaco infectado morreu na Reserva Biológica do Tingui, em Nova Iguaçu. Toda a população do bairro de recreio nome será imunizada, e o órgão pede às pessoas que não estão vacinadas para evitarem a região. Itaboraí, Tingui tem menos de dois mil habitantes, mas nos fins de semana, recebe um grande número de moradores de vários municípios da Baixada, por causa de suas muitas piscinas naturais. O cenário preocupa porque é formado por bares e restaurantes numa margem de rio; na outra, está a floresta e mosquitos transmissores da forma silvestre da doença.

A Secretaria de Saúde ofereceu à prefeitura de Nova Iguaçu um hospital de campanha e com mil doses extras de vacina, e pediu à administração municipal a manutenção de um esquema de alerta a visitantes da reserva. Quem não está imunizado será aconselhado a dar meia-solta. O mesmo valeu para quem foi vacinado há menos de dez dias. Ontem, já houve retorno nos trabalhos de imunização, mas, de acordo com o estado, não há epidemia nem casos confirmados de pessoas infectadas.

BAIXA COBERTURA DE IMUNIZAÇÃO

Apesar de o Sudeste brasileiro ter registrado, nos últimos dois anos, a pior epidemia de febre amarela silvestre da América do Sul, Nova Iguaçu permanece com baixíssima cobertura vacinal. A prefeitura informou à Secretaria de Saúde que apenas 24,1% da população da cidade está imunizada. O percentual considerado eficaz por especialistas é 90%. Na verdade, a cobertura é baixa em todo o estado — gira em torno de 50%. No município do Rio, o índice é de 40%, segundo Alexandre Chiappe, subsecretário estadual de Vigilância em Saúde.

De acordo com Chiappe, cinco milhões de doses foram aplicadas em cidades fluminenses no ano passado. Ele assegura que há vacina suficiente nos postos de saúde. A título de comparação, as áreas fortemente afetadas pela epidemia em Minas Gerais, o estado mais atingido, tinham percentuais de cobertura vacinal semelhantes aos do Rio de Janeiro. O município de Ladinhas, que registrou os primeiros casos, tinha 47,51% dos habitantes vacinados. Píslade de Caniúna, 48,27% de cobertura vacinal no período pré-epidemia. Itaipé de Minas, 29,81%. Todos mais que Nova Iguaçu.

— Temos uma situação de relativa tranquilidade, com um milhão de doses no estado, entre as distribuídas aos municípios e as que estão em nosso estoque. A cobertura é baixa, mas há vacina disponível nos postos de saúde. Infelizmente, a população, principalmente a de centros urbanos, não tem feito a imunização. Houve uma correria no ano passado, mas, depois de alguns meses, a procura caiu muito. Precisamos que a população colabore e procure se vacinar, o que pode ser feito com tranquilidade. Nossa recomendação é que toda a população se vacine, a exceção de idosos, imuno-deprimidos e alguns casos específicos sobre os quais há informação disponível nos postos — disse Chiappe.

Segundo ele, o ministro da Saúde, Ricardo Barros, deverá anunciar uma estratégia nacional de vacinação de febre amarela na terça-feira, com foco no Rio, na Bahia e na Grande São Paulo, que teve de fechar fecha 29 parques nas últimas semanas devido à morte de macacos com febre amarela. Oficialmente, o acesso à Reserva do Tingui é restrito, mas suas matas são frequentadas praticamente todos os dias por capangas e palmiteiros.

VÍRUS FAZ O CAMINHO PREVISTO POR ESPECIALISTAS

A morte de um bugio, a espécie de macaco mais suscetível à febre amarela, diz muito. Confirma que o vírus da doença está presente e ativo. O corpo do animal foi encontrado numa mata perto da Ilhéu entre Nova Iguaçu (Tingui) e Duque de Caxias (Xerém). Além de Nova Iguaçu, receberam recomendação de ampliar a vacinação Tingui e Miguel Pereira, que também tiveram mortes de macacos por febre amarela confirmadas.

As mortes dos animais comprovam que o vírus faz o caminho previsto por especialistas desde o início de um surto no verão passado. Ele se espalhou pelos corredores de floresta e mata maciças, que são preciosos aliados do ser humano, sementes involuntárias da presença da febre amarela.

O vírus fez o que se esperava. Ele continua a se expandir pelo Sudeste. O que espanta é o Estado do Rio de Janeiro continuar com uma cobertura vacinal tão baixa. O Ministério da Saúde decretou o fim do surto no ano passado. Infelizmente, macacos, mosquitos e vírus não se importam com anúncios oficiais, algo que agora está obsoleto. A vacinação é fundamental. Um estado em crise como o Rio não pode correr o risco de enfrentar uma epidemia de uma doença da gravidade da febre amarela — destaca Maurício Lacerda Nogueira, presidente da Sociedade Brasileira de Virologia.

Alexandre Chiappe diz que há duas preocupações básicas. A primeira é garantir que os moradores da região não fiquem doentes por falta de vacina. É a mais simples, devido à baixa den-



Local de risco. Uma das piscinas naturais da reserva, que, no verão, é muito frequentada por moradores de vários municípios da Baixada, estado que restringiu o acesso

ONDE O ANIMAL INFECTADO MORREU



Edição de Ana

“O vírus fez o que se esperava. Ele continua a se expandir pelo Sudeste. O que espanta é o estado continuar com uma cobertura vacinal tão baixa”

Maurício Lacerda Nogueira
Presidente da Sociedade Brasileira de Virologia

“Desde que o inverno reduziu os mosquitos e, com isso, o surto perdeu a força, autoridades pararam de falar sobre a importância da vacinação. O Brasil todo tem que se vacinar. Abaixo de 90% não há garantias”

Pedro Fernando da Costa Vasconcelos
Diretor do Instituto Evandro Chagas

Em fins de semana, área de lazer atrai até 5 mil pessoas

Com meio, moradores que resistiam à imunização já procuram postos de saúde

FLÁVIA JANSQUERA
flavija@zaz.net.br

Moradores de Tingui, bairro de Nova Iguaçu, quase divisa com Xerém, em Caxias, estão assustados e apontam o local onde um macaco foi encontrado morto e levado para estudo: bem em frente a um dos vários sítios de lazer da região. Com piscinas naturais e artificiais e até tobogã, o espaço recebe cerca de 5 mil pessoas por dia, de vários municípios da Baixada, em fins de semana ensolarados.

Do outro lado da estrada de terra e cercado numa mata fechada, moram Jansquera Leandro, de 50 anos, e sua família. Todos já vacinados contra febre amarela desde outubro, quando pesquisadores da Fiocruz estiveram na propriedade pesquisando macacos.

— A gente se vacinou em outubro. Moro aqui desde que nasci e nunca tinha ouvido falar em febre amarela. Nesta mata há muitos macacos. Eles gritam muito, mas, há cerca de quatro meses, não temos escutado — disse José.

No sítio ao lado, a irmã dele, Eva Leandro, de 56 anos, não se vacinou.

— Eu não acreditava nessa história de febre amarela. Mas, agora, estou pensando em tomar a vacina.

Enfermeira da Clínica da Família de Tingui, Jennifer Silva Bessa, de 27 anos, conta que uma campanha da prefeitura de Nova Iguaçu, no último dia 9 de dezembro, não teve adesão da população.

— Mas hoje (ontem), após a confirmação da morte do macaco, as pessoas estão vindo procurar a vacina. Temos recebido muitos homens, que são os que mais resistem a se vacinar — disse Jennifer, que ontem estava aplicando doses em um posto montado na Praça de Tingui. — Em apenas três horas, de funcionamento, imunizamos mais de 150 pessoas.

Bernato Costa, de 22 anos, dono de um sítio, disse que estava com medo.

— Minha filha de 4 anos já está vacinada há tempos. Como não se fala de outra coisa por aqui, vi que o problema é sério e resolvi tomar a vacina. ●

sidade demográfica de Tingui. A segunda, impedir que moradores de outras áreas sejam contaminados, o que poderia urbanizar a febre amarela no estado.

As formas urbana e silvestre da febre amarela têm o mesmo vírus. O que muda é a transmissão. A forma da doença que causou epidemia em 2017 é a silvestre, transmitida pelos mosquitos *Sabethes* e *Haemagogus*, que só vivem em áreas de mata ou contiguas a elas e, por isso, não se espalham com facilidade. O grande medo é que o vírus chegue às cidades infestadas pelo *Aedes aegypti*, o transmissor da forma urbana. Ele é extremamente eficiente na propagação do vírus, e causou algumas das piores epidemias da História. A febre amarela urbana foi erradicada no país em 1962.

— O maior problema é o visitante sem vacina, que se expõe ao risco de ser picado por mosquitos silvestres infectados e que vive em bairros populosos da Região Metropolitana. A Reserva do Tingui é frequentada por moradores de Nova Iguaçu, Mesquita, Belford Roxo e São João de Meriti, entre outros municípios. Também recomendamos fortemente a vacina para os turistas que vão a Miguel Pereira — frisa Chiappe.

Considerado um dos maiores especialistas do mundo em febre amarela, o virologista Pedro Fernando da Costa Vasconcelos, diretor do Instituto Evandro Chagas, no Pará, destaca que vacinação deve ser uma prioridade nacional.

— Desde que o inverno reduziu os mosquitos e, com isso, o surto perdeu a força, autoridades pararam de falar sobre a importância da vacinação, o que foi muito ruim. O Brasil todo tem que se vacinar. Abaixo de 90% não há garantias. Isso não precisa ser feito de uma vez, até porque não há vacina suficiente para todo o país. Mas São Paulo e Rio de Janeiro têm de agir logo. Não é uma operação trivial, mas é necessária. ●

Anexo 18. O GLOBO. “Febre amarela é caso de emergência no Rio e em São Paulo”,
10/01/2018.

Opinião

Febre amarela é caso de emergência no Rio e em São Paulo

O Brasil se afasta aos poucos do ponto mais profundo de uma grave recessão econômica, a maior de que se tem notícia, mas há áreas específicas em que o país patina há algum tempo, e sem perspectivas de melhoria. Caso da saúde pública em sentido amplo e, em particular, do controle de epidemias.

Um marco nesta degradação é o início de um ciclo que se eterniza de surtos de dengue e de outras doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti*, mosquito controlado no Rio de Janeiro por Oswaldo Cruz, por volta de 1920, e erradicado do Brasil 30 anos depois. Relaxou-se e, no final da década de 60, o *Aedes* reapareceu.

Retornou à Região Metropolitana do Rio, e o vírus da dengue entrou no país pelo Norte. O vírus e seu mosquito inoculador produziram um grande surto no Rio em 1986, e aí começou uma sucessão

Foi alertado que o vírus poderia voltar a circular no verão, e foi o que aconteceu; agora, autoridades correm em busca do tempo perdido

de ocorrências país a fora, também acrescentando doenças similares (zika, chicungunha). O problema se mantém insolúvel.

Chegará a vez da volta da febre amarela, que atemorizava, com razão, os cariocas, no início do século passado. O resultado não poderia ser outro diante da virtual estagnação no saneamento básico, potencializada por uma urbanização explosiva, sem controle e sem planejamento. Lixões, lagoas e rios poluídos explicam parte ponderável da

tragédia sanitária.

O poder público estava alertado, pela evolução do vírus da febre amarela, que ela poderia disseminar-se na região mais populosa e de importância estratégica, Rio e São Paulo.

O fato de a febre ter chegado à cidade de São Paulo e à periferia do Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense, como denunciavam as mortes de macacos, sinal clássico da presença do vírus, comprova que as vacinações feitas, em Minas, principalmente, para tentar conter a disseminação do vírus foram um fracasso. A epidemia que ocorreu em parte do Sudeste nos últimos dois anos deveria ter induzido a elevação da barreira vacinal em áreas estratégicas. Nova Iguaçu, por exemplo, na Baixada Fluminense, onde está a Reserva Biológica do Tinguá, convertida num berçário de febre amarela, tem apenas a parcela de 24,1% da po-

pulação vacinada, sendo que o índice considerado necessário para barrar o alastramento da doença é 90%. Na cidade do Rio, está em 40%.

Ontem, o ministro da Saúde, Ricardo Barros, junto com os secretários de Saúde de Rio, São Paulo e Bahia, anunciou uma campanha de vacinação nos três estados. Corre-se em busca do tempo perdido, depois de o próprio Ministério haver anunciado, em 6 de setembro do ano passado, o fim do que chamou de um surto de febre amarela. Especialistas alertaram que o vírus voltaria a circular no verão. Acertaram, infelizmente.

Como faltam vacinas, as doses serão fracionadas, reduzindo a validade da imunização para oito anos. A dose integral imuniza por toda a vida. Tudo está carregado de evidências de descaso e improvisação. E continuam as mortes. ●

Anexo 19. O GLOBO. “Salve Santa Teresa”, 11/01/2018.

Salve Santa Teresa

LUIS TURIBA

Santa Teresa é um bairro boêmio, cultural, artístico e turístico. São imensuráveis os diferenciais desse morro repleto de castelos e ladeiras quase coloniais, cercado por comunidades e logradouros que dão acesso a diferentes áreas do Rio de Janeiro. É o único lugar aonde ainda se chega pelo histórico bondinho que, romanticamente, continua atravessando os Arcos da Lapa, sempre a 10km/h.

No meio do ano, em plena temporada junina, Santa tem Portas Abertas, um festival livre de artes plásticas que mobiliza dezenas de ateliês e milhares de visitantes. Saraus, recitais e encontros musicais quase todas as semanas em bares, cafés e restaurantes. Isso sem falar da sua tendência carnavalesca: são no mínimo cinco os blocos repletos de charme e animação como o histórico Carmelitas, que arrasta multidões de mulheres e homens vestidos de freirinhas que fugiram do convento para brincar o carnaval. E tem ainda O Badalo, o Céu na Terra, o Aconteceu e o micro e charmoso Mistura de Santa, que sai antes e depois do carnaval.

Mas, desde que o comando da segurança pública do Rio perdeu o controle da situação territorial da cidade, em função do sucateamento dos equipamentos (armas, carros, comunicação) e dos atrasos salariais, Santa Teresa virou terra do deus-dará, assim como outros bairros da cidade. Existem ba-

res que já foram assaltados sete vezes

Há bares no bairro que já foram assaltados sete vezes nos últimos três meses

nos últimos três meses. Até suas bucólicas praças, como o Largo das Neves, já foram cercadas por bandidos em motos e carros, e todo mundo foi assaltado num arastão de terror e medo. De uma só vez, levaram mais de dez celulares.

Um horror.

Depois de meia-noite, andar pelas ruas de Santa Teresa é uma temeridade. As pessoas saem de casa e seguem abaixadas, escondendo-se entre postes e veículos estacionados, até chegarem a seus carros. Entram rapidamente, ligam o motor sem acender o farol e saem na maior velocidade possível. A cena é de guerra.

Mesmo assim, a população do bairro se articula e resiste. Domingo passado, por exemplo, rolou uma roda de samba na calçada da Santa Pizza, na Rua Almirante Alexandrino, com o objetivo de trazer de volta a frequência, a paz e a segurança ao bairro. Samba bom e animado pela rapaziada do bloco Mistura de Santa. Foram mais de três horas de cantoria com muita dança.

De repente, já no lusco-fusco, da chegada da noite, passa em frente ao samba um “bonde” com quatro viaturas da Polícia Civil — Core. Para surpresa geral, o som deu meia trava e todos os presentes, inclusive eu, aplaudimos os policiais entusiasmadamente, como se o time tivesse marcado um gol. Leitura do episódio: o carioca quer sua paz perdida de volta e a segurança sequestrada também. O bairro de festas, diversidade e moçada bonita anda tímido e recolhido, ressentindo a ausência da leveza e da alegria que se esvaíram com o dismantelo que nossa cidade vive. Queremos a polícia nas ruas novamente e muita paz e samba no nosso viver. ●

LUIZ FERNANDO JANOT

Para o Rio voltar a ser a Cidade Maravilhosa

O Rio romântico dos morros e dos subúrbios, do samba e das batucadas, dos malandros e das mulatas, enaltecido por Silas de Oliveira no sambaredo do Império Serrano em 1964, já não existe há muito tempo. Com o passar dos anos, inúmeras circunstâncias modificaram essa imagem poética do passado.

Até Copacabana, a famosa Princesinha do Mar, deixou de ser o que foi um dia. O tempo dos jovens casais de classe média que para lá se mudaram durante a década de 1940, para destruírem dos privilégios de viver em um bairro bucólico contemplado por uma praia maravilhosa, passou sem deixar vestígio.

Daquele passado distante, me recorde de ir à praia com minha mãe e assistir aos pescadores retirando do mar as suas redes repletas de peixes — um ritual então conhecido como “arrastão”. Lembro-me, também, dos inúmeros castelos de areia que construí, inclusive na imaginação. Aquele foi para mim um tempo valioso que o próprio tempo não me fez esquecer.

A vida alegre e esufizante de Copacabana não se encerrou com a luz do dia. À noite, a rapaziada se reunia nas calçadas para jogar conversa fora e planejar os programas do final de semana. A convivência nos espaços públicos tornava alegre a vida no bairro a qualquer hora do dia e da noite. Havia mais proximidade e solidariedade entre os moradores daquela época.

Foi lá que participei das famosas “turmas de rua” inspiradas na postura rebelde transmitida pelos filmes de James Dean e Marlon Brando. O rock de Elvis Presley também exerceu grande influência na mudança de comportamento daquela juventude. Era comum entre os que possuíam lambreta ou motoneta adaptada para corrida, exibir pelas ruas as suas “máquinas envenenadas” ao som ensurdecedor dos motores.

Foi o tempo, também, dos famosos “bailes de formatura”. Era comum irmos a essas festas de “lotação” — uma espécie de micro-ônibus da época. Saltávamos na Cinelândia e de lá seguíamos a pé até os clubes pelas ruas desertas do Centro. Entre nós não havia medo, já que os assaltantes daquela época ainda não usavam arma de fogo. O máximo de que dispunham era um canivete, que não amedrontava aqueles que estavam habituados a praticar alguma espécie de luta marcial.

Com o surgimento da bossa nova e do Cinema Novo, na virada para os anos 60, novas formas de diversão apontaram em Copacabana. Reunir em casa de amigos para escutar as novas composições



ANDRÉ MELILO

musicais e frequentar os cinemas de arte para ver os filmes da Nouvelle Vague passaram a ser um hábito rotineiro. À medida que essa tendência cultural se consolidava, novas amizades eram feitas, e a confraternização se ampliava. Os bares contribuíram bastante para ampliar essa alegre convivência.

Se o Rio daquela época amanhecia e adormecia sorrindo, hoje, somos obrigados a trincar os dentes e a conviver com a insegurança, com o medo e com a violência disseminada pela cidade. A população se tornou refém de uma bandidagem que não faz cerimônia em atirar para matar. Em meio aos criminosos comuns e marginais disfarçados de policiais e milicianos, encontramos os bandidos de colarinhos brancos empenhados em desfalcar os cofres públicos com absoluto cinismo e desfaçatez.

A impunidade que paira sobre os altos escalões do poder — protegidos por chicanas políticas e jurídicas — estimula o comportamento predatório de outros segmentos da população. Refiro-me, principalmente, aos atuais arrastões que acontecem nas praias e em importantes vias da cidade; aos roubos frequentes de telefone celular; aos sequestros de caminhões transportadores; aos saques praticados por pessoas coniventes com esse tipo de assalto; às explosões recorrentes de caixas eletrônicas; às invasões de lojas, bares e restaurantes, vitimando, in-

clusive, os seus frequentadores.

Como se não bastassem esses exemplos, estamos assistindo à impunidade prosperar através da ocupação descontrolada dos espaços públicos, da invasão e depredação de estações do BRT, do furto das grades de proteção da Ciclovía do Joá, da destruição dos equipamentos de iluminação do Arco Metropolitano, além das cenas recentes de vandalismo ocorridas no Maracanã. São atitudes que confirmam o estado de total permissividade e abandono em que se encontra a cidade.

Não dá pra continuar assistindo a essa decadência do Rio de braços cruzados. Há que se promover — antes que seja tarde demais — uma ampla campanha de tolerância zero contra essas e outras transgressões da ordem pública. Falar é fácil, fazer é que são elas. Portanto, é imprescindível motivar a população para que se conscientize da necessidade de apoiar essa luta e exigir das diversas instâncias do poder público que tomem atitudes efetivas para enfrentar essa complexa realidade. Diversas cidades no exterior já demonstraram que isso é possível. O que não podemos é perder a esperança de ver o Rio voltar a ser a Cidade Maravilhosa admirada por todos nós. ●

Luiz Fernando Janot é arquiteto e urbanista
lfjanot@gmail.com

Anexo 21. O GLOBO. “Silêncio na floresta”, 14/01/2018.

10 | O GLOBO

Rio

Domingo 14.1.2018

O AVANÇO DA FEBRE AMARELA

Silêncio na floresta

Sumiço de macacos na Reserva do Tinguá, onde animal morreu infectado, é investigado



Muito à espreita. Na densa mata da Reserva Biológica do Tinguá, pode estar a espreitar para o avanço da febre amarela. Vizinhos da área perde não veem ou ouvem grupos de macacos desde outubro

ANA LUCIA AZEVEDO
ala@oglobo.com.br

A tragédia que emudeceu a Mata Atlântica chegou ao Estado do Rio. Após calar no verão passado, as florestas de Minas Gerais e do Espírito Santo ao dizimar bugios, os macacos canoas, a febre amarela é apontada agora como a provável razão para o silêncio em que mergulharam as áreas verdes fluminenses, onde foi confirmada a circulação do vírus. No alto de árvores adocoras, como jupelúas e peribás, da Reserva Biológica do Tinguá, na Baixada Fluminense, o bugio já não canta mais, sinal do impacto da doença sobre o meio ambiente.

Há consenso no Tinguá sobre o desaparecimento e o silêncio dos bugios, também conhecidos como barbados por causa de sua espessa pelagem ruiva. A chefe da reserva, Virginia Talbot, os escuto pela última vez no fim de setembro, um som distante, vindo de um lugar chamado Boa Esperança. O último bugio se fez ouvir numa expedição ao Pico do Tinguá, a montanha de 1.600 metros de altura que dá nome à região.

— Provavelmente, morreram todos ou quase todos. Em outubro, foi achado um animal morto. Procurei a Flórcia, a Secretária estadual de Saúde. A confirmação só saiu no fim de dezembro. Desde outubro, fiz o que pude para alertar as pessoas das comunidades do entorno. Não é normal macacos desaparecerem assim, de uma só vez. Essa floresta é enorme para os padrões do Rio, ninguém sabe o tamanho do estrago da doença. Pelo silêncio profundo, pode ter sido muito grande — lamenta Virginia, que gostaria que houvesse mais pesquisas na reserva.

A 16 quilômetros do Centro de Nova Iguaçu e a pouco mais de 70 do Rio, a reserva é uma ilha de biodiversidade no meio do asfalto. Abriga uma das mais bem preservadas e ricas matas do Sudeste e é fundamental para o abastecimento de água da Baixada Fluminense. Andava esquecida até se tornar cenário da chegada do vírus da febre amarela à Região Metropolitana.

Os macacos são os engenheiros da mata. Ao dispersarem sementes, integram a teia de vida na qual se sustenta a Mata Atlântica, um dos mais diversificados e ameaçados biomas da Terra. Por isso, a mortalidade maciça causada pela

ALVO FÁCIL

Também chamado de barbado, gambiá ou macaco ruivo, o bugio (*Alouatta guariba*) é a espécie de macaco mais vulnerável ao vírus da febre amarela. Sociável, vive em pequenos grupos familiares, e se alimenta basicamente de folhas e frutos.

Passa as horas mais quietas do dia dormindo, o que o torna alvo fácil de mosquitos silvestres, ativos principalmente por volta do meio-dia.

febre amarela é considerada por primatólogos como Sergio Lucena, diretor do Instituto Nacional da Mata Atlântica, uma das maiores tragédias ambientais da história recente do Brasil.

MORADORES TEMEM VACINA

A vez do bugio atravessa vales e percorre quilômetros. Mas, neste verão, pesquisadores, mateiros, moradores e trabalhadores das bordas de mata da Reserva do Tinguá são unânimes em dizer que ela se calou, sumiu.

Nunca observamos algo assim. O bugio era comum nessa região. Hoje, você percorre vales profundos, de mata densa, onde antes havia grupos de dezenas, e percebe que todos sumiram — afirma Edgar Martins, gestor do Parque Natural de Nova Iguaçu e responsável pela guarda ambiental do município.

Martins recebeu a incumbência de vacinar contra a febre amarela moradores de casas isoladas das bordas da reserva. Local onde só se chega a pé, e com dificuldade. Descobriu que, mais difícil do que alcançá-los, é convencê-los a se vacinar.

— Não temem a vacina, mas a agulha. É a maioria acha que não vai acontecer nada. Não entendem que, mesmo que não adoçam, podem se tornar porta-

UM BICHO GRANDE E BARULHENTO



QUE RUGIDO!

Mais do que seus pelos ruivos, o bugio se destaca pela vocalização dos machos. Sua voz, quase um rugido, pode ser ouvida por toda a floresta. Com peso em torno de sete quilos, é considerado grande para o padrão dos macacos sul-americanos.

dores assintomáticos e ajudar inadvertidamente a espalhar a febre amarela para outras pessoas e macacos, já que mosquito transmissor há de sobre — diz Martins.

Na vacinação do ser humano, está a única proteção do macaco. Como é impossível imunizar os animais na mata, a vacinação humana é a forma de tentar bloquear o avanço da febre amarela, destaca o primatólogo da Universidade Federal de Goiás Rubiano Melo.

O biólogo André Lanna, cujo doutorado é dedicado à investigação da fauna da Serra do Mar, teme que a febre amarela também tenha dizimado os bugios da Reserva Ecológica de Guapiraçu (Cachoeira de Macacu) e do Parque Estadual dos Três Picos, que abrange a área de Cachoeiras de Macacu, Nova Friburgo, Silva Jardim e Teresópolis, todos com casos de mortes de macacos por suspeita de febre amarela.

— Entre quase todos os dias no interior da mata e não ouço ou vejo qualquer sinal dos bugios. Encontrar as carcaças é difícil porque ficam ocultas no meio do mato ou são devoradas por outros animais. As pessoas precisam se vacinar não só por elas próprias, mas também para impedir que esse desastre se agrave — frisa Lanna.

“Ninguém sabe o tamanho do estrago da doença. Pelo silêncio profundo, pode ter sido muito grande”

Virginia Talbot
Chefe da Reserva Biológica do Tinguá

OUÇA O SOM ESTRIDENTE QUE OS BUGIOS FAZEM

Só os machos “barram”: eles emitem barulho para delimitar territórios

oglobo.com/rio

Quem entra na mata em busca de macacos parece procurá-los em vão. Claudemir dos Santos, da Secretaria estadual de Saúde, que faz vigilância epidemiológica em primatas e mosquitos, só tem encontrado insetos. O *Haemagogus* e o *Sabethes*, os dois transmissores da febre amarela silvestre, são abundantes. Mas não há bugios ou qualquer sinal deles, diz.

O silêncio na mata incomoda Teresinha Muri, de 70 anos. Ela se mudou há quatro décadas para Tinguá, o bairro de Nova Iguaçu homônimo, fronteira à reserva.

— Você passa quase toda a vida ouvindo os macacos. E, de repente, não há mais nada. Sumiram quando a suspeita da doença chegou. Sempre gostei dessa floresta. Foi a primeira mulher a subir o Pico do Tinguá, e agora vejo uma tristeza dessas. O pior é que caçadores, ignorantes, querem matar os macacos, se houver sobrado algum. Eles acham que a culpa é dos bichos, coloados — lamenta Teresinha.

Virginia também teme que a ignorância leve pessoas a matarem os macacos sobreviventes, supondo, erradamente, que eles transmitem a doença.

— Temos 150 quilômetros de perímetro da reserva. Impossível para nós cobrir tudo, precisamos da ajuda da população. Alcides Pissinatti, do Centro de Primatologia do Inea, afirma que o fôo se defronta com um grande mistério.

— Ninguém sabe exatamente quantos bugios havia no estado, por isso, é difícil medir o impacto. E o desaparecimento deles não implica o do vírus, pois este infecta os mosquitos transmissores. Também existe a hipótese de outros animais serem reservatórios, inclusive gambiás e cães domésticos que vivem em áreas de mata. Outras espécies de macacos, como o mico-estrela comum, também têm morrido, embora em menor número. Tudo isso precisa ser investigado — explica Pissinatti, um dos mais experientes primatólogos do Brasil.

Para ele, a doença tem avançado pelas florestas, mas não necessariamente só por elas.

— Pessoas que são portadoras assintomáticas e mosquitos se deslocam com mais rapidez e eficiência do que o lento bugio comedor de folhas. O macaco é dizimado por ser mais vulnerável. Para ele, a febre amarela sempre é trágica. ■

Anexo 21. “Paraíso verde que resiste sob a proteção de suas ninfas”, 14/01/2018.

Domingo 14.1.2018

Rio

O GLOBO 11

O AVANÇO DA FEBRE AMARELA

REGIÃO POUCO CONHECIDA



Um reino de águas. Acima, uma das estações formadas por cachoeiras na região da Serra Velha. Água abundante é captada por um aqüeduto contornário que serpenteia pela floresta. Ao lado, as ninfas francesas ou os lagos da estação de captação e tratamento de Rio D'Ouro

ANA LUCIA AZEVEDO
alaz@globo.com.br

Paraíso verde que resiste sob a proteção de suas ninfas

Localizada na Baixada Fluminense, floresta guarda um patrimônio raro, em forma de fauna e flora, cujo acesso é restrito a pesquisadores

Perto do lugar onde alguns dos últimos bandos de bugios foram avistados, no fim do ano passado, ninfas protegem os rios e a floresta há mais de um século. Chegaram da França, impetradas por ordem de Dom Pedro II, e ainda são as guardiãs de pedra da estação de captação e tratamento de água do Rio D'Ouro, inaugurada em 1880 dentro da Reserva Biológica do Tinguá e hoje operada pela Cedae.

Indiferentes à tragédia dos animais atingidos pela febre amarela, as ninfas, meio homem meio mulher, propositalmente andróginas para seduzir ambos os sexos, pareciam guardar o tempo. Elas remetem à época em que o Maciço do Tinguá abastecia de água o Rio, então capital do país. Desde 1833, a região tinha status de floresta protetora por sua abundância de água, o que motivou a criação do sistema de abastecimento mais antigo do Rio de Janeiro. A reserva biológica federal só foi instituída em 1989. E, a despeito do ataques como invasões, desmatamentos ilegais e crimes constantes de caçadores e palmiteiros, ajuda a proteger também um patrimônio hídrico e histórico em seus atuais 24.812 hectares, que se estendem por Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Petrópolis e Miguel Pereira. Dentro deles, estão a antiga Estrada Real do Comércio e as ruínas do povoado abandonado de Santana das Palmeiras.

FONTE DA MELHOR ÁGUA DO ESTADO
Perto do fim do Império, Tinguá ganhou estações de tratamento que funcionam até hoje. Na reserva, há 32 captações aéreas. Elas abastecem cerca de dois milhões de habitantes da Baixada Fluminense, explica Sílvia Souza, que desenvolve uma tese de doutorado na Uerj sobre a importância hídrica da floresta. De lá vem, como nos tempos de Dom Pedro II, a água de melhor qualidade do estado. Não limpa que dispersa o tratamento químico intensivo pelo qual passa a água, destaca a chefe da reserva, Virginia Talbot.

Porém, a partir dos anos 1950, quando a água do Rio passou a vir do Guandu, a região perdeu importância. O ramal ferroviário foi desativado, e a estação espera serçada pela mata por um trem que nunca chegará. À exceção de funcionários da Cedae e da reserva, os seres humanos se foram, mas os animais selvagens voltaram.

Um túnel escavado na rocha para levar água de um ponto a outro da montanha se tornou passagem para a fauna. Pedregal de guaxinim acompanham na lama o caminho do aqüeduto de pedra. No fim, surgem palmeiras imperiais, sobreviventes do restiúdo de Pedro II, plantadas como em avenida, hoje para o passeio de ninguém. A bomba e o lico se foram, mas a fonte de ferro fundido, de autoria do francês Albert-Ernest Carrier Belleuse, professor de Rodin, continua a jogar água sob a benção das ninfas.

— O Rio D'Ouro tem mais do que história. O vale onde nasce e por si só um tesouro. A floresta é densa como em poucos pontos da Mata Atlântica. Ninguém sabe exatamente que animais e plantas vivem nela. Precisamos de estudos atualizados. Pesquisas são bem-vindas e necessárias — afirma Virginia.

Uma das pesquisas recentes, de autoria de Leandro Trassoso, da ONG Associação Escólide, buscou atualizar o inventário de mamíferos. Encontrou 85 das 250 espécies do bioma. Entre elas, o queixada, o maior de nossos porcos do mato, que desapareceu de boa parte da

Mata Atlântica. Onças-pardas e jaguatiricas caçam em áreas úmidas e fechadas das encostas do maciço. Elas abatem coelhos, pacas e cutias. Há preguiças, tatus e tamandujá-mirim. E havia bugios, comuns até a febre amarela chegar. Uma simulação feita em computador estimou a existência de 17 macacos por hectare, número considerado elevado. Pode ser que o muriqui, o maior e mais ameaçado primata das Américas, ainda viva nos pontos mais isolados, especula o pesquisador. Falta estudar mais. E, claro, combater a caça, que explora um comércio ilegal e lucrativo. Trassoso atribui a relativa falta de estudos a estigma de violência que cerca a Baixada.

— Muita gente não imagina encontrar toda essa biodiversidade e riqueza na Baixada. Há o medo e o estigma da violência. Os caçadores e palmiteiros são, de fato, uma ameaça. Mas eles são uma praga de todas as florestas. O entorno é violento, como em outras partes da Região Metropolitana. Mas a mata é mais segura que as florestas da Pedra Branca e da Tijuca, por exemplo — diz Trassoso, cujas pesquisas o levam a incursões semanais na reserva.

Odirlei Fonseca, pesquisador do Setor de Ornitologia do Museu Nacional/UFRJ, também vê no medo da violência o motivo do pouco conhecimento sobre o Tinguá. O último inventário de aves, por exemplo, data dos anos 1980. Listou 296 espécies, entre elas rarida-

des como o gavião-de-penacho. Fonseca agora atualiza esse trabalho. Descobriu, por exemplo, que estamos na época da chegada de uma das mais audaciosas viajantes do planeta. É no verão que busca refúgio no Tinguá a marigueta-azul (*Sceloporus ceruleus*). O passarinho de 12 centímetros, que se parece um canário, cruza sozinho as Américas, um migrante solitário. Vem do Norte dos Estados Unidos, em fuga do frio. Aves e mamíferos vivem em meio a uma das maiores diversidades de flora de toda a Mata Atlântica. Um estudo recente do Jardim Botânico e da Universidade Federal Rural do Rio identificou 563 espécies de árvores, entre elas perobas, jequitibá e canelais. Sem a majestade das árvores gigantes, o bambu *Glaziophyton mirabile* faz os olhos dos cientistas brilharem pela raridade. Considerado fóssil vivo, só existe numa área de cerca de 50 metros perto do pico do Tinguá e num morro em Petrópolis.

FECHEADA AO TURISMO

Por ser uma reserva biológica, a mais rigorosa categoria de unidade de conservação, Tinguá está fechada ao turismo. A entrada é controlada e restrita a propósitos educacionais e de pesquisa. Coisa que trilheiros conhecidos da região, como Jorge Júnior, monitor ambiental, gostariam que mudasse.

— Discutimos com a prefeitura de Nova Iguaçu e o Instituto Chico Mendes a possibilidade de transformar a reserva em parque nacional, para que mais pessoas possam conhecer esse patrimônio. Acho que um parque também poderia ajudar a organizar o turismo das bordas da reserva, hoje bastante caótico.

Nas partes mais altas da reserva, onde o bugio também costumava cantar, só se ouve agora a saudade. A tijuca-condita, ou saudade-de-ascânza, é uma das aves mais raras do Brasil. Chegou a ser considerada extinta, mas foi redescoberta no Tinguá, em 1980. Ambientalista e cientistas esperam que o bugio possa ter a mesma sorte e volte a pvoar as matas, quando a febre passar. ●

Anexo 22. O GLOBO. “Presente verde”, 18/01/2018.

Presente verde

O Estado do Rio acaba de ganhar uma área verde que vai preservar 210 nascentes de rios e 142 espécies de animais, como o mico-leão-dourado. A área protegida tem 4.800 hectares e abrange as cidades de Petrópolis, Caxias e Magé. Autor do projeto que acaba de ser sancionado pelo governador Pezão, **Carlos Mine** diz que essa é a única forma de tentar salvar a Mata Atlântica, já tão devastada.

Anexo 23. O GLOBO. “Turismo e segurança pública”, 19/01/2018.

Turismo e segurança pública

ÍNDIO DA COSTA

Para o verão, temos praias espalhadas num lindo e enorme litoral. Se enxergadas com o olhar de atividade econômica, capaz de render trabalho, negócios e dinheiro, elas disputarão turistas com as praias do Nordeste, em posição de vantagem. Para o inverno, temos as serras e suas cidades, que, se observadas como atividade econômica, deixarão para trás Gramado e outros lugares do mundo.

Temos teatros, grandes atores e músicos, histórias exclusivas e incríveis para contar nos museus, nas ruas e nas praças. Possuímos hotéis, centros de convenções e currículo na realização de eventos internacionais. E, temos algo que ninguém no mundo tem: um excepcional cartão-postal desenhado por Deus e fotografado pela natureza.

Tendo tudo isso, além de um calendário anual estruturado de feiras e eventos, o que falta ao Estado do Rio de Janeiro para ser o melhor ponto turístico do Brasil, emparelhado com os melhores e mais belos do mundo? Infraestrutura e segurança.

O que falta ao Estado do Rio para ser o melhor ponto turístico do Brasil, ao lado dos mais belos do mundo? Infraestrutura e segurança

Quem é responsável? Os governos! Falta infraestrutura para o transporte, estradas, portos, rodoviárias e aeroportos.

O trânsito em quase todo o estado é desorganizado e selvagem. Contudo, a grande política pública ausente é a segurança pública, de todas as competências do Estado, a intransferível, porque exclusiva. A ninguém mais a sociedade cedeu o direito do uso da força, elemento fundamental numa política de segurança.

Somos proprietários de um excepcional histórico na organização e realização de eventos e os melhores ingredientes para praticar o turismo como atividade econômica, que tem extraordinário potencial para arrecadar dinheiro para educação, saúde e todas as demais atividades do governo. Em contrapartida, temos o pior currículo mundial em segurança pública. Tudo o que pode dar errado nesse campo, a população do Estado do Rio de Janeiro já viu acontecer. É hora de aprender com os erros, e o maior deles é ter feito até aqui segurança pública no impulso, sem planejamento e sem avaliações. O crime tem feito a nossa agenda de trabalho.

Para fazer política de segurança, é preciso planejar antes de agir, ser preventivo para tirar o protagonismo das mãos do crime e avaliar o resultado de cada decisão. Providências que formam a coluna vertebral do que nos falta: um plano estruturado de segurança pública. O turismo tem potencial para oferecer recursos para as políticas públicas sem travar a atividade econômica, como faz o peso dos impostos numa economia em recessão. Mas, para ter turismo, é preciso ter infraestrutura e a garantia de segurança pública. ●

VIOLÊNCIA SEM CONTROLE

Tiro na esperança

Estudante de Engenharia Química da PUC é baleada durante assalto na Praia da Reserva

RAFAEL SOARES E ANA CLARA VELOSO
grandario@oglobo.com.br

"Pam o Brasil, um ensino melhor seria um avanço e é disso que precisamos." A frase faz parte de uma carta com críticas à educação que uma estudante de 15 anos da Escola Municipal Ceará, em Inhaúma, enviou para a então secretária da pasta, Claudin Costa. O ano era 2012. Passados seis anos, Larisse, a jovem cheia de projetos, cresceu. É viciada. Ela é aluna de Engenharia Química da PUC, com bolsa integral que conquistou com dedicação e boas notas. Com o sonho adolescente quase realizado — "quero me formar em uma boa faculdade", dizia em seu relato à titular da Educação do município — Larisse foi além e hoje divide seus conhecimentos atuando como monitora de ensino. Também dá expediente no laboratório da universidade, no campus da Gávea, e faz doces para bancar os custos da formação de alto nível que sempre desejou. O plano para o futuro próximo era estudar mais: pós-graduação na Espanha, em 2019.

Larisse não está hoje em uma sala de aula, mas isso não tem nada a ver com férias de verão. Ela foi baleada ontem na Praia da Reserva, entre a Barra e o Recreio, nos raios momentos de luar de sua rotina diuturna. Um assalto que havia resultado em banhistas atirados durante a fuga, após tentar levar o celular de outro de um policial à paisana. A estudante é mais uma vítima da rotina de violência do Rio, que já atingiu níveis máximos neste início de ano. Um levantamento, com base em dados da Polícia Civil, mostra que 105 pessoas foram baleadas na primeira quinzena de 2018, contra 92 no mesmo período no ano passado, um aumento de 14%. Os homicídios também cresceram. Foram 63 casos de mortes por arma de fogo na cidade — em média, um assassinato a cada seis horas. O número é 38% maior do que o registrado em igual período de 2017.

— Os médicos disseram que a cirurgia foi bem-sucedida, e que ela está melhor, anestesiada. Não sabemos quando vamos poder vê-la. Não sabemos de nada. A família está muito abalada, só nos resta rezar — contou ontem, por telefone, Elizaldo Severino de Sousa Junior, de 26 anos, namorado de Larisse que a acompanhava na praia.

A ESPERA DE VAGA EM UTI

Os dois têm muito em comum. Eles se conheceram na PUC, onde Elizaldo cursa Engenharia Mecânica. Ambos são católicos e frequentam a Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, em Inhaúma. Muito religiosa, ela foi, no carnaval do ano passado, para um retiro espiritual. "Todos nós precisamos cuidar do corpo e também da alma", escreveu na Facebook, Larisse, que costuma usar um cordão com crucifixo de madeira. Ela participa de um grupo jovem e faz serviço voluntário, assim como Elizaldo. Uma característica de Larisse é se engajar em projetos coletivos. No fim do ano passado, ela foi guia da delegação da Letícia, durante a Olimpíada Internacional de Matemática.

O que aconteceu ontem foi muito assustador e rápido, segundo Elizaldo. Os dois estavam na altura do Posto 8, na Praia da Reserva, quando teve início uma corrida, por volta das 9h20m. Num primeiro momento, os banhistas imaginaram se tratar de um arrastão e correram para o calçadão. Foi quando ouviram um tiro e muitos se jogaram no chão. Inclusive Elizaldo. Ele se levantou, Larisse não. Foi quando ele notou que a namorada tinha sido baleada.

— Achamos que era um arrastão. Não dava para ver o que acontecia direito. Foi muito rápido. Só depois percebi que a Larisse estava baleada — disse. Era dois assaltantes, de acordo com testemunhas. Eles estacionaram a motocicleta e seguraram para a área onde aborçaram o policial à paisana, arrancando um celular de seu bolso. Com a família por perto, ele não esboçou reação até os criminosos se afastarem. O PM, então, começou a correr atrás deles. Mas diz que não atirou, só lançou assaltantes, segundo ele, que, percebendo sua aproximação, dispararam em sua direção, atingindo Larisse.

— Já achéi que era uma arma de brinquedo porque estava muito desceçada. Tentaram levar também a bolsa da minha mãe, que começou a gritar — relatou o



Pânico à beira-mar. Banhistas socorrem Larisse, caída junto ao calçadão, na Praia da Reserva, Barra da Tijuca, após tiro disparado por assaltantes que fugiram de motocicleta



Novo sonho. Larisse planeja pós-graduação

105

Número de baleados nos primeiros 15 dias de 2018 no Rio.

63

Pessoas mortas a tiros na primeira quinzena deste ano no Rio

PM que não quis se identificar ao "G1".

A estudante foi levada para o Hospital Municipal Lourenço Jorge, onde passou por uma cirurgia para a retirada da bala que ficou alojada em seu abdômen. O estado de saúde da estudante é grave. Na noite de ontem, ela ainda estava no centro cirúrgico à espera de uma vaga na UTI da unidade. O drama de Larisse acontece num momento em que ela comemorava uma vitória. Após três tentativas, conseguiu ser aceita para fazer parte do seleto grupo de 1.600 estudantes em todo o país que receberá bolsa da organização Ismart, voltada para alunos de baixa renda. No esboço, para manter seus estudos, também vende doces, tendo criado a "El dulce", no fim de 2016; pãezinhos italianos, brigadeiros, brownie e bolo de chocolate que são vendidos na PUC. Em sua página no Facebook, há fotos dela de avental confeccionando os docinhos. Na página, ela brinca com eventuais clientes, seus colegas de universidade. "Para quem não me conhece, estou sempre carregando uma bolsa térmica vermelha". Para ficar mais perto da PUC, no início do ano passado, ela alugou um apartamento no bairro.

Hoje, assistentes sociais e médicos da PUC devem visitá-la no hospital. O professor José Maurício Godoy — do Departamento de Química e coordenador do Laboratório de Caracterização de Águas (Labaguas), onde Larisse pesquisa com bolsa de iniciação científica — contou qual é o atual projeto da estudante. — Ela desenvolve estudos sobre meios de atestar a pureza de sucos de uva para evitar adulterações. Na semana passada, estava empolgada com a decisão de trocar de curso.

Quando deixou o hospital, Larisse quer mudar seu curso para Engenharia de Produção. ■

Aos 15 anos, carta para a secretária de Educação

LARISSA: BÓDIO DA SILVA*

“Olá! Gostaria que a senhora me desse um pouco de atenção e pudesse responder a esse recado, por favor. Me chamo Larisse Bódio da Silva, tenho 15 anos e estudo na EM Ceará, em Inhaúma. Desde os 5 anos, estudo em escolas públicas e tirei notas excelentes. Estou no 9º ano, pretendo passar para o 2º grau e fazer uma faculdade. Meu sonho é me tornar uma jogadora de FUTEBOL, mas amo estudar e quero me formar em uma boa faculdade como uma base para minha carreira. Só que, com o tempo amadurecendo, percebi que o ensino público praticamente é um ano atrasado em relação ao particular e, assim, para fazer provas para essas escolas teria que estudar por fora”.

segur o que a SME impõe (...). Eu sei que existem alunos que não ligam para isso e nem querem estudar, mas isso ocorre em qualquer lugar e para isso elesariam que se esforçassem, melhorando quem sabe. O ensino tem que mudar, ser mais rígido, porque isso seria ótimo para todos. Gostaria que a senhora pudesse fazer alguma coisa, e acredito que haverá uma mudança. A senhora não lembra de mim, é claro, mas já tirei uma foto com a senhora em um jogo de handball e pude vê-la na minha escola com o Bernardino do vídeo. Aqui deixo meu recado POR TODOS. Uso várias comunicações virtuais, blog, Orkut, Facebook e MSN, mas criei um Twitter especialmente para falar com a senhora. Acho que é um direito do aluno fazer isso e já decidi minha tomar essa iniciativa. Agradeço pela compreensão e gostaria de uma resposta e opinião. ■

*Estudante, à época da Escola Municipal Ceará, em carta à então secretária municipal de Educação, Claudin Costa

Anexo 25. O GLOBO. "Diário de uma guerra", 27/01/2018.

10 | O GLOBO

Rio

Sábado 27.1.2018

NO 'FRONT' DA ROCINHA

Diário de uma guerra

Ontem foi mais um dia de confrontos; em quatro meses, já são 35 mortos e 20 feridos

A Rocinha amanheceu sob intenso tiroteio — não é preciso conferir a data no alto da página: a reportagem não é antiga. Ontem, dia seguinte a uma explosão de violência que resultou na morte de um PM, num ataque à UPP e até no fechamento da Avenida Niemeyer, onde barulhos montaram barricadas e incendiaram um ônibus, a comunidade foi mais uma vez cenário de confrontos. E, entre um disparo e outro, um policial militar encontrou, no chão, a cápsula de uma bala calibre .50, capaz de derrubar aeronaves e de explicar os grandes buracos vistos em muros e paredes de várias casas. Quatro meses de pois do início da guerra que aflije milhares de moradores, o tráfico local mostra que está preparado para fazê-la durar.

Essa perspectiva é endossada por especialistas em segurança pública. Para eles, aquela que é uma das maiores favelas do país pode voltar a ter dias de paz, mas o fim da guerra, que começou com uma disputa entre facções, não depende

apenas de bem-sucedidas operações policiais. Desde 17 de setembro do ano passado, 35 pessoas morreram e 20 foram feridas na comunidade. Na sexta-feira, cerca de 200 homens de tropas especiais participaram de uma incursão, que resultou na prisão de apenas quatro suspeitos. Ontem, durante uma nova ação, ninguém foi detido e não houve apreensões, mas a PM promete continuar com a estratégia.

MAIS INVESTIGAÇÕES E MUDANÇAS NAS LEIS
Para o antropólogo Roberto Kanti de Lima, professor da UFF, "é preciso mais investigação, mais inteligência, e menos operações".

— Essa guerra na Rocinha é consequência de uma política de confrontos. Não se pode esperar nada além disso. Hoje, a PM acha que é o Exército. A guerra da Rocinha só vai terminar de verdade se a estratégia de autoridades de segurança pública mudar ou quando os grupos rivais do tráfico

se exterminarem, o que provavelmente não vai acontecer porque tem muito bandido para morrer.

O também antropólogo Paulo Storti, ex-capitão do Batalhão de Operações Especiais (Bope) da PM, entende que, mesmo com mais investigações, o problema não será resolvido.

— A polícia atua na consequência, não na causa. O remédio é sempre o mesmo: operação. Claro que a PM tem que agir, caso contrário, perde-se o controle. Mas só isso não adianta, já sabemos, falta governo, sai governo, nada muda. Chegamos a uma situação limite, e é preciso ter bom senso para reconhecer que a solução não virá a curto prazo. Precisamos de uma política eficaz sobre drogas. Em comunidades como a Rocinha, tudo gira em torno da economia impulsionada pelo tráfico. É necessário também corrigir distorções. As leis, em especial a de exceções penais, não funcionam como freio. Hoje, criminosos respondem em liberdade e há uma condescendência do Judiciário em

relação aos presos em flagrante. Não estamos falando de ladrões de galinha, mas de pessoas que pegam um fuzil, uma arma de guerra, dispostas a cometer crimes graves.

Bi o coronel Ris Pereira, ex-chefe de gabinete do comando geral da PM, lamenta que a Constituição do país esteja completando 30 anos sem que tenha sido regulamentado o dispositivo que colocaria as instituições de segurança num sistema técnico de regulação, com atribuições específicas para cada uma delas.

— Precisamos que as instituições trabalhem de modo harmônico, dentro de um plano nacional. Ações isoladas não adiantam mais. É necessária uma grande articulação na segurança pública.

Quem mora ou já viveu na Rocinha, assim como a vizinhança da comunidade, lamenta a rotina de tiroteios (*confira os depoimentos abaixo*). Para essas pessoas, nada pode explicar quatro meses de guerra. ●



Reforço. Uma equipe de policiais militares em um dos acessos à Rocinha; comunidade teve mais um dia de confrontos, porém, segundo autoridades, ninguém foi baleado ou preso. O estado promete dar continuidade às incursões

A VIOLÊNCIA VISTA POR QUEM A VIVE

'Nunca toquei numa arma, mas posso dizer que já estive numa guerra e sobrevivi'

Y.

MORADORA DA ROCINHA

Acordei (na quinta-feira) com uma troca de tiros perto de casa. Com o tempo, o confronto foi piorando. Muitas bombas explodiram, e prédios eram atingidos. Trancado, eu esperava o fim de mais um dia difícil para a favela, um dia que acabou ganhando a dimensão de uma guerra. As balas pareciam partir de todos lugares. Do chão da cozinha, eu e minha família ouvíamos bandidos desafiando a polícia e residências sendo arrombadas.

Por volta das 13h30m, estávamos tentando almoçar quando quatro tiros estilhaçaram uma janela e atingiram uma parede. Instintivamente, começamos a nos amarrar pelo chão, em desespero. A casa que nos abrigou e nos confortou durante dois anos estava destruída, cheirando à pólvora. Parecia que o mundo estava se acabando. Que lugar é esse? Por que nossa vida vale tão

pouco? Que direito tem um morador de favela?

Ouvi pedidos de ajuda, esperei um pouco e sai. A casa era chocante: um mar de cápsulas, carcaças de bombas, corpos, cassis pegando fogo. A adrenalina tomou conta de mim, comecei a apagar os incêndios. Ultras 30 pessoas se juntaram para salvar o que restava.

Nunca vesti uma farda, nunca toquei numa arma, mas posso dizer que já estive numa guerra e sobrevivi. Meu corpo está inchado, mas aqueles tiros não estilhaçaram só minha janela. Nunca mais serei o mesmo. Virei o pior da sociedade, o pior do ser humano.

Precisamos intervir, irmãos, acabar com essa matança, com essa guerra contra nós, todos nós. Nasci de novo, e decidi: quero de volta a tutela da minha favela. ●

'Há confrontos o tempo todo. Temos medo de balas perdidas'

X.

MORADORA DE UM MÓVEL VIZINHO À FAVELA

Em setembro do ano passado, quando a guerra entre quadrilhas começou, o local onde moro (por razões de segurança, prefiro não informar qual é) foi bastante afetado. Vivo muito perto da Rocinha, vi bandidos passando para participar das invasões. Criminosos armados têm circularizado por aqui, e as operações policiais se tornaram diárias.

Tiroteios são frequentes, e se intensificaram. Endereços no entorno da comunidade, antes considerados seguros, estão perigosos, porque há confrontos o tempo todo, em qualquer lugar. Temos medo de sermos atingidos por balas perdidas. Ontem (quinta-feira), ouvi uma rajada e um barulho próximo a mim.

Minha filha, que não tinha medo de nada, hoje vive em pânico. Não fica sozinha em

nenhum cômodo de casa. Tenho que tomar banho com a porta aberta por causa dela.

Há uma desvalorização de imóveis no entorno da Rocinha. Muitos estão vazios. Antigamente, as pessoas dispunham as casas e os apartamentos disponíveis. A região mudou.

Isso tudo acontece porque faltam políticas públicas, não há fiscalização de nada, nem trabalho, educação e saúde. No começo da UPP (*inaugurada em 2012*), as pessoas comemoraram a relativa paz, o clima melhorou. Só que tudo foi por água abaixo: a UPP, as clínicas da família, as escolas... E a bandagem, que estava escondida, voltou com toda a força.

Não é a polícia que vai resolver essa situação. A falta de oportunidades para os jovens é o que os coloca nas mãos do tráfico da favela. ●

'As pessoas estão indo embora porque não acreditam mais que a comunidade terá paz'

A.

EX-MORADORA DA COMUNIDADE

Fui embora. Não dava mais. Tenho 43 anos, vivi 35 na Rocinha, em dona de uma loja. Os comerciantes que permanecem estão indo à falência por causa dessa guerra. Antes, a movimentação era grande, havia clientes para comprar um produto num lugar e um item em outro. Eu ia entrar e sai danado. Esse tempo terminou.

Tenho muitos amigos dentro da Rocinha, vários são comerciantes. Boa parte das lojas fechou as portas. Eu trabalhava com alimentação e oferecia até serviço de entrega, contratava pessoal para isso. A violência acaba com tudo, tira emprego. Conheço um cabeleireiro que, muitas vezes, é impedido de abrir seu salão. Perdeu a maioria da clientela.

A guerra da Rocinha estraga a vida do morador e do comerciante. Agora, mesmo de

longe, tenho pedido a Deus para que a violência pare por lá ou que, pelo menos, dê um tempinho para aquele povo sofrer, lá são quatro meses de tiroteios, e segundo meus conhecidos, a situação só vem piorando. Os bandidos estão fortalecidos.

Muitos inocentes estão morrendo, gente que não tem nada a ver com o tráfico, que levanta o pé para trabalhar. Entre os que sobrevivem à guerra, há quem não durma mais na cama. O pessoal prefere o chão, por medo das balas perdidas.

Se voltéi à Rocinha, veria, em qualquer dia ou horário, um caminho de mudança. Na verdade, não só um, mas sim, vários. As pessoas estão indo embora porque não acreditam mais que a comunidade terá paz. Eu também não acredito. Suportei até onde deu. ●

Anexo 26. "Associação explosiva", 28/12/2018.

12 | O GLOBO

Rio

Domingo 28.1.2018

NOVO RISCO PARA A SEGURANÇA

Associação explosiva

Traficantes passam a atuar na linha de frente de milícias; promotores pedem força-tarefa

VERA ARAÚJO
veraaj@oglobo.com.br

"Se algo não for feito, o Estado do Rio terá, dentro de dez anos, a mais perigosa organização criminosa do país". O alerta é do promotor Luiz Antônio Ayres, da 2ª Vara Criminal de Santa Cruz, que se refere a um problema que cada vez mais preocupa autoridades do Judiciário e da segurança pública: a crescente associação entre traficantes e milicianos em comunidades e conjuntos habitacionais da Zona Oeste da cidade. Essa mistura explosiva já começa a chegar a outros municípios, e está impondo aos moradores o pior dos dois lados.

— Os moradores são obrigados a coabitar com um esquema que protege a venda de drogas e precisam pagar mais caro por serviços e produtos. Há uma falta paz, porque os conflitos entre milicianos e traficantes cessaram. Em alguns lugares, ficou difícil diferenciar o poder paralelo do estado democrático de direito. Afinal, o agente da lei faz parte do que vem acontecendo — afirma Ayres, que, desde 1996, acompanha investigações e processos sobre quadrilhas de paramilitares.

Em 2005, o GLOBO mostrou como agiam as milícias do Rio, grupos formados por policiais, bombeiros e agentes penitenciários que cobravam por segurança, sinais clandestinos de TV a cabo e fornecimento de gás em regiões pobres e carentes desses serviços. De lá para cá, essas práticas ilícitas continuam, mas algo está mudando entre seus alicerces. Atualmente, durante operações em que quadrilhas de milicianos são desbaratadas, investigadores têm perdido pessoas com anotações criminais por tráfico e roubo entre seus integrantes.

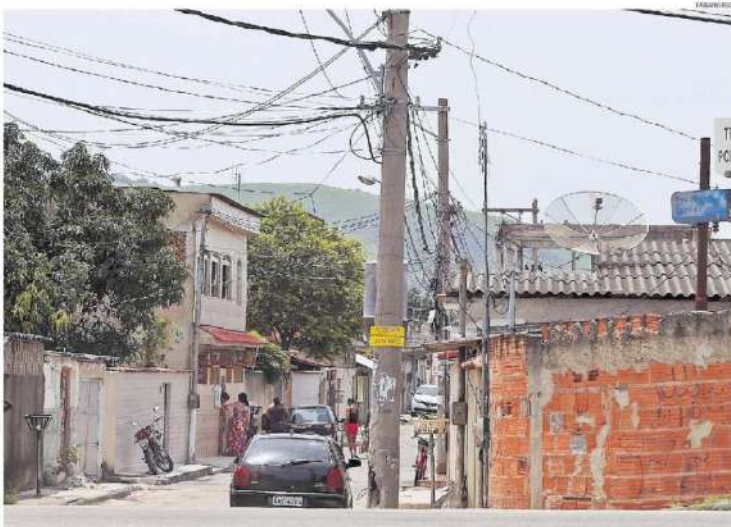
TRAFIGANTE QUE SE UNE À MILÍCIA É O "PULÃO"

Um levantamento feito pela Subsecretaria de Inteligência da Secretaria de Segurança aponta que, dos 143 milicianos presos em 2010, 42 eram policiais militares de alta. No ano passado, 155 foram para a cadeia, mas apenas dez eram PMs. O delegado Alexandre Herdy, titular da Delegacia de Repressão às Ações do Crime Organizado (Draco), argumenta que isso está acontecendo porque, agora, são traficantes que estão na linha de frente da exploração de alguns serviços, como a venda de botijões de gás, sob o comando dos milicianos. Em contrapartida, as milícias passaram a atuar em áreas que eram controladas apenas pelo tráfico.

— O traficante que se uniu a um miliciano passou a ser conhecido como "pulão", por "pular" para o outro lado. Hoje, há muitos "pulões", a ponto de alguns deles comandarem parte das quadrilhas também integradas por agentes de segurança da área e ex-policiais. Consequentemente, as milícias se tornaram mais violentas, estão partindo para o enfrentamento. Em 2010, muitos policiais que integravam milícias foram presos, e eles perceberam que enfrentando dois inimigos, o estado e o tráfico, perdiam mais do que ganhavam. Daí surgiram alianças com traficantes e assaltantes de duas facções — afirmou o delegado.

A associação entre traficantes e milicianos ganhou forma em Santa Cruz, e, de acordo com investigadores, ultrapassou os limites do município do Rio, chegando à Baixada e a municípios da Costa Verde que, nos últimos anos, registram altos índices de criminalidade — Angra dos Reis, por exemplo, teve 87 homicídios dolosos no ano passado, de acordo com o Instituto de Segurança Pública. A escalada da violência na região estaria relacionada justamente à chegada de novas quadrilhas, dispostas a ganhar territórios que, por décadas, foram dominados por barões das drogas.

— O centro de comando das milícias é Santa Cruz, onde só a Favela de Antares continua sob



Santa Cruz. Um dos acessos à comunidade Três Pontes, onde, segundo investigadores, milicianos se aliam a traficantes, um tipo de ação que cresce na Zona Oeste do Rio

GANHANDO TERRENO

QUADRILHAS DA ZONA OESTE DO RIO AVANÇAM PARA OUTRAS CIDADES



1 SANTA CRUZ
BEM-QUERIDA
ASSOCIAÇÃO CRIMINOSA

No bairro, apenas a Favela de Antares não tem traficantes e milicianos agindo em conjunto. Nas comunidades do Rio e do Agó, por exemplo, os lucros da venda de drogas e da exploração de serviços são divididos.

2 CAMPO GRANDE
EXTENSÃO EM CONJUNTOS HABITACIONAIS

Moradores de prédios do programa Minha Casa Minha Vida são obrigados a pagar taxas a milícias que, segundo investigadores, também passaram a ser integradas por traficantes.

3 JACAREPAGUÁ
ACORDO FIRMADO EM FAVELAS

Em acordo com milicianos, traficantes começaram a explorar serviços, como cobrança de "pedágio" de motoristas do transporte alternativo. Isso aconteceu nas favelas Babau Mouché e Chacrinha.

Fontes: Draco e do promotor da 2ª Vara Criminal de Santa Cruz, Luiz Antônio Ayres.

Elaboração de Ate

controle exclusivo do tráfico. Os milicianos mudaram a forma de agir. Antes, os policiais que estavam à frente desses grupos organizados cuidavam de tudo. Agora, têm uma relação de cumplicidade com traficantes — afirma o promotor Luiz Antônio Ayres.

O promotor diz que o estado deveria formar urgentemente uma força-tarefa para combater a crescente associação entre traficantes e milicianos: — Não imaginávamos essa união em 2005, quando as milícias surgiram. Agora, até me atrevo a dizer que, num futuro próximo, não será impossível vermos uma aliança entre elas e o Comando Vermelho, a única facção que ainda resiste à ideia. Isso seria terrível para o Rio. As forças de segurança têm que agir já, uma única delegacia (a Draco) não resolverá a situação.

EXPLORAÇÃO TERRITORIAL E LUCRO FÁCIL

Carmen Elza Bastos, promotora do 3º Tribunal do Rio, também defende a formação de um grupo especial, com delegados da Polícia Civil, promotores e juízes, para atacar a nova forma de milícia.

— As quadrilhas mudaram de perfil, mas o cenário continua o mesmo, é formado por exploração territorial e lucro fácil. Uma força-tarefa, sem nomes expostos, é necessária — diz a promotora, acrescentando que assassinos estão sendo cometidos pelos grupos com requintes de crueldade.

Na opinião do cientista social Marcelo Burgos, professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), "o quadro é grave e alarmante".

— A união entre os dois grupos criminosos fez as milícias passarem a controlar serviços em áreas do tráfico. Moradores de várias localidades estão vivendo uma situação de total submissão ao crime. E, para piorar, temos de lembrar que o pulo do gato dos paramilitares foi passar a integrar o sistema político. ■

Dois lados que, juntos, são responsáveis por 80% dos homicídios do estado

Delegado diz que união de criminosos já se estende aos roubos de cargas

Era um domingo de muito calor, e numa rua de uma favela da Zona Oeste, moradores se divertiam ao ar livre. Alguns tiravam um churrasco; outros olhavam crianças brincando de pega-pega. De repente, dois milicianos armados passaram em frente a um portão. Um deles botou o nome de um adolescente de 15 anos, aluno do 2º ano do ensino médio de uma escola pública e jogador federado de futebol de salão. O jovem saiu de casa e a sala

plá ordena que ele se ajoelhe na calçada. Em seguida, ouve a pergunta: "Vocês foi ao baile funk?". Antes de responder, levou um tiro na cabeça.

A execução serviu como um aviso. A milícia estava comprando uma briga do tráfico local: não toleraria "passos" de moradores pelas bandas de uma quadrilha real. Diante a investigação do caso, a Delegacia de Repressão às Ações do Crime Organizado (Draco) descobriu que um dos autores do assassinato tinha respondido a processo por venda de drogas.

— Eles tornaram a vida do meu filho. Era um jovem comum para a idade dele, gostava de funk. Foi morto porque deci-

diu ir a um baile numa outra comunidade. Agora, a milícia é assim, age como o tráfico. Os dois se juntaram e transformaram essa região num inferno — contou o pai do adolescente, que precisou deixar a favela às pressas.

CRIMES FICAM MAIS VIOLENTOS

Segundo o diretor da Divisão de Homicídios (DH) da Polícia Civil, delegado Rivaldo Barbosa, assassinatos cometidos por milicianos são os mais difíceis de elucidar.

— A milícia usa o homicídio para impor sua força, amedrontar moradores. A associação com o tráfico fez os crimes se tornarem mais frequentes e cruéis. Juntos, milicianos e traficantes

são responsáveis por cerca de 80% dos assassinatos praticados no estado. Eles também estão se unindo para praticar roubos de cargas. O traficante Anadil (Carlos José da Silva Fernandes), chefe do tráfico do Complexo da Pedreira, fazia parcerias com milicianos da comunidade Três Pontes, em Santa Cruz, para realizar esses assaltos — afirmou o diretor da DH, que, sozinha, prendeu 33 milicianos no ano passado.

Um caso com indícios de que foi praticado por uma milícia é o assassinato, no último dia 30, de Jefferson Marcelo, de 41 anos, líder comunitário de Madureira. O crime é investigado pela DH da capital. Ele montava bicoquetos na Praça do Pa-

triarca há duas décadas. Dias antes de ser encontrado enforcado, Jefferson procurou a 29ª DP (Madureira), onde denunciou que vinha sendo ameaçado por paramilitares. Ele disse ainda que se recusava a pagar uma taxa ilegal a agentes de segurança.

Jefferson chegou a publicar vídeos em redes sociais para denunciar a suposta ação de uma milícia em Madureira.

— Ele procurou todos os meios possíveis para denunciar as milícias da região. Infortunadamente, quando ele tomou a decisão de sair de Madureira por causa das ameaças, conseguiram pegá-lo. Ele iria deixar o Rio no dia em que desapare-

ceu. Antes, nós tínhamos a proteção do Falecon (Marcos Vieira de Souza, presidente da Forrela, que foi assassinado em 20 de setembro de 2016) — disse uma pessoa que convivia com o líder comunitário.

Jefferson já havia sido cabo eleitoral de Falecon, cujo assassinato continua sem solução. Há a suspeita de que ele também foi morto por uma milícia que disputava território no região.

— O delegado-assistente da DH Rodrigo Brand informou que as investigações sobre a morte do líder comunitário de Madureira ainda estão em andamento, mas confirmou que apura a possibilidade de ele ter sido executado por milicianos. ■

Anexo 27. O GLOBO. "A Tijuca vem acabando faz tempo", 30/01/2018.

Anexo 28. O GLOBO, 01/02/2018.

Artigo

A Tijuca vem acabando faz tempo

MOACYR LUZ*

Nasci em Jacarepaguá e cresci no Cambi, mas morei na Tijuca por 23 anos. Era o sonho de todo suburbano. A Tijuca era a Zona Sul da Zona Norte, mas vem acabando faz tempo. O fim dos cinemas de rua, como o América e o Carioca, na Praça Saens Peña, foi muito representativo. As pessoas conviviam nas calçadas, buscavam batidas clássicas no Sô Kana para, depois, subir o Alto da Boa Vista.

Teve uma época em que havia uma certa paz, os apartamentos valorizavam muito, havia um relacionamento mais civilizado entre o asfalto e o morro, entre o asfalto e o asfalto. O bairro ficou refém. Hoje, não tem mais comunidades pacificadas. Como é possível passar um comboio

de bandidos atirando com fuzis às 20h, em um lugar onde muitas pessoas caminhavam e bebiam nos bares?

O Nem Muda Nem Sai de Cima, que desfilava no sábado, quando esse episódio lamentável aconteceu, nasceu na cozinha da minha casa, há mais de 20 anos. Na época, o que a gente queria, eu e os outros fundadores do bloco, era integrar a comunidade. A tragédia atingiu referências como os bares e o samba, que são símbolos da Tijuca.

Estou muito preocupado. Temos que cuidar da esperança, do futuro do bairro, onde não há mais o direito de ir e vir. Qual é a solução? Botar tanques de guerra nas ruas? O Rio vai virar Sarajevo? A cidade sangra, e a segurança está em frangalhos.

** Moacyr Luz é cantor e compositor*

O GLOBO

SÃO PAULO, 1 DE FEVEREIRO DE 2018 - R\$ 1,50 - 132 PÁGINAS - 0104 2018 Editora: Mariana
 81 11 3040-0100 oglobo.com.br

Desemprego
Analistas: vagas formais vão aumentar em 2018

De acordo com o IBGE, 12,2 milhões de pessoas responderam a pesquisa de emprego em Feb de 2017. Desempenho, no entanto, não foi tão bom quanto o de dezembro de 2016, quando o índice de desemprego caiu de 13,2% para 12,2%. Microempresas foram responsáveis por 20% do aumento de vagas formais. Confira as principais notícias que vão por 31 minutos. **MAIS 11**

SEGURANÇA PÚBLICA

Rio teve 640 tiroteios só no primeiro mês do ano

Confronto na Cidade de Deus leva pânico à Linha Amarela
Enfrentamento entre policiais e quadrilha de traficantes em comunidade da Zona Oeste deixou três mortos e fez com que via expressa fosse interditada quatro vezes, ontem



Desemprego. Mulher que é detida com arma. Linha Amarela é interditada por tiroteio envolvendo tráfico e seccionamento de energia em zona de risco, segundo relatório.

Segurança Pública. A Região Metropolitana do Rio teve 640 tiroteios em janeiro, uma média de 20 tiroteios por dia, segundo levantamento divulgado pela Secretaria de Segurança Pública. O maior número de tiroteios ocorreu no município de Itaboraí, com 100 casos. O levantamento também aponta que o índice de homicídios em janeiro foi de 17 em relação ao mês de dezembro, com um aumento de 100% em relação ao mês de dezembro de 2017. **MAIS 11**

Eleições
Censo realça crise do ensino médio

O Censo Escolar apontou, nesta semana, que o ensino médio brasileiro está em crise. O índice de conclusão de curso caiu de 81,1% em 2012 para 78,1% em 2013. O relatório também aponta que o índice de aprovação em vestibulares caiu de 40,1% em 2012 para 37,1% em 2013. **MAIS 11**

Eleições
Quantánamo fica, diz Trump

O presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou nesta sexta-feira que não pretende libertar o ex-prisioneiro iraniano Ali Reza Zamani, conhecido como Quantánamo. **MAIS 11**

Política
Em quatro anos, 280 mortes

O relatório de fevereiro aponta que, em quatro anos, foram mortos 280 policiais em operações de segurança pública. O levantamento também aponta que o número de mortes de policiais em operações de segurança pública caiu de 100 em 2013 para 70 em 2014. **MAIS 11**

Sem Lula, espólio do petista seria dividido

Segundo o Datafolha, 31% dos eleitores do ex-presidente optariam por votar em branco ou anular

A pesquisa Datafolha divulgada nesta sexta-feira aponta que, se o presidente Lula não fosse eleito, 31% dos eleitores do PT optariam por votar em branco ou anular o voto. **MAIS 11**

Segundo Caderno
'A Forma da Água'
TRUFINHAS DA FANTASIA QUE LIBERA INDICAÇÕES AO OSCAR

O filme 'A Forma da Água' de Guillermo del Toro é considerado o melhor filme de animação já feito. **MAIS 11**

Dois Seguros
FLÓRIDA
NOVOS MUSEUS, A APOSTA DE MIAMI

O governador da Flórida, Rick Scott, anunciou a criação de novos museus em Miami. **MAIS 11**

Empreiteiros
NOVOS TEMPOS

O novo plano de negócios da Petrobras prevê a venda de ativos não estratégicos. **MAIS 11**

Empreiteiros
Empreiteiros do mar

O governo brasileiro anunciou a criação de uma nova modalidade de concessão de áreas marítimas. **MAIS 11**

Anexo 29. O GLOBO. “Uma cidade sob o terror”, 01/02/2018.

Uma cidade sob o terror

LU LACERDA

Do jeito que está indo, pode chegar a hora em que vão ser necessários capacetes e coletes à prova de bala para o figurino dos cariocas, pelo direito de ir e vir, já que o prejuízo, digamos, além do físico, não parece ter mais salvação. Qual é o morador do Rio — da Zona Norte, da Zona Sul ou de qualquer zona que a cidade virou — que não vive num eterno desespero, agravado desde o dia 17 de setembro, gerado pela disputa pelas bocas de fumo entre as quadrilhas de Rogério Avelino dos Santos (o Rogério 157) e de Antônio Francisco Bonfim Lopes, o Nem, na Rocinha? Ambos presos: um, no Rio; outro, em Rondônia, mas muito mais informados do que acontece na cidade carioca do que o governador Pezão, o não prefeito Marcelo Crivella ou ambos juntos.

A soberania está ameaçada, a civilização está em risco, a cidade toda é vítima do tráfico; por isso mesmo, vive aterrorizada — torturados estamos todos. O momento carioca nunca esteve tão acompanhado de Fobus (o deus do medo), com violência, doenças, como zika e febre amarela, insegurança, desemprego — o que se transforma em desesperança, atingindo diretamente o coração de cada um, segundo o cardiologista Claudio Domênico: “Tudo isso afeta a cabeça das pessoas e, quando a cabeça não anda boa, surgem problemas, tais como

*A civilização
está em risco,
a cidade toda
é vítima do
tráfico*

ansiedade, pânico, arritmia, dor no peito, hipertensão”. Vem aumentando a falta de perspectiva no futuro; por isso, tantos pensam

em ir embora da Rocinha e do Rio.

O que acontece ali atinge a cidade inteira: no Leblon (bairro de IPTU mais alto da cidade), quem passou logo depois do tiroteio de outubro passado, quando três pessoas foram baleadas na Cruzada São Sebastião (desdobramento da guerra da Rocinha), viu um policial com um copo descartável enchendo-o de cápsulas de balas catadas no chão, no pós-atentado, com uma cara desolada. Bem próximo, uma senhora dizia: “Pelo amor que tenho aos meus, quero ir embora daqui!” Nesta sexta-feira (26/01), depois do confronto no dia anterior, com quatro mortes oficiais, uma cabeleireira comentava: “Que paz alguém pode ter ao ouvir um policial dizer que todo mundo é suspeito, até se prove o contrário?” E uma manicure respondia: “Crianças pequenas já sabem o que é a guerra; vivemos todos, de qualquer idade, acuados. Minha sobrinha, de 4 anos, chorava, dizendo que não queria morrer”. Outro morador, que não tem coragem de dizer nem a profissão, declarava: “O que acontece verdadeiramente não chega à imprensa: temos medo tanto do bandido quanto da polícia, pelo confronto”.

São personagens das cenas diárias, cujas mensagens estão claras ou subentendidas, nesta cidade falida, sem lei e de ânimo amolecido. “Enquanto não houver clareza de que o que acontece no Rio é terrorismo, que o crime organizado desafia o Estado, que a cidade não nos pertence mais, que a diretriz tem sido a desonestidade, nada vai mudar”, afirma o psiquiatra Arnaldo Chuster. ●

Anexo 30. O GLOBO. “A Síria dos Trópicos”, 02/02/2018.

A Síria dos Trópicos

A guerra do Rio deve fortalecer aqueles dentro do governo, como Raul Jungmann, ministro da Defesa, que defendem a criação do Ministério da Segurança Pública:

— Os estados, sozinhos, mostraram que não conseguem dar conta da segurança pública. A Constituição de 1988 errou ao atribuir só aos estados essa tarefa. É preciso envolver todo mundo, incluindo também os municípios — diz Jungmann.

Segue...

Temer deve bater o martelo sobre esse novo ministério semana que vem.

A Síria dos Trópicos I

Para não terem suas cargas roubadas, fábricas que funcionam na Baixada Fluminense estão, acredite, tendo de pagar uma espécie de mesada para os bandidos da região. A denúncia foi feita, ontem, por empresários do setor ao secretário estadual de Segurança, Roberto Sá.

O presidente do Sindicato das Industrias de Material de Defesa, Carlos Erane Aguiar, diz que muitos pensam em deixar a Baixada.

Anexo 31. O GLOBO. “Contra quem? Pulo do gato”, 04/02/2018.

Domingo 4.2.2018

O GLOBO 41

Esportes

CARIOCA



Personalista Jânio Moraes, que dá nome ao estádio e montou a sede de sua sala, tornou o Nova Iguaçu clube formador por excelência, com times de sub-7 até o profissional

Contra quem? PULO DO GATO

Controlado por sócios-fundadores, Nova Iguaçu se destaca por estrutura profissional e vocação formadora; grupo que administra o clube também gerencia a carreira de muitos atletas revelados

Bruno Matos
esportes@oglobo.com.br

Os irmãos Moraes juntaram a fome com a vontade de comer, unindo a paixão pelo futebol com o tino para os negócios. Do sonho de criar um clube na cidade em que nasceram, surgiu o Nova Iguaçu, adversário do Flamengo hoje. Da possibilidade de lucrar com o futebol, veio a Bloom Soccer, empresa que representa atletas. De certa maneira, formar jogadores e se manter atrelado a eles através do gerenciamento de suas carreiras foi o pulo do gato que permitiu ao clube da Baixada Fluminense chegar onde chegou.

Fundado em 1990, o “Laranjinha” é administrado com pulso firme por Jânio Moraes, que garante praticamente todo dinheiro que entra no caixa vai para manutenção e melhoria da infraestrutura que possui, de dar injeção a clubes de maior tradição no estado. Além do estádio próprio, o centro de treinamento bem equipado é motivo de orgulho.

Sei irmão gêmeo, Jorge, é quem está à

frente da empresa de agenciamento de jogadores, que cuida da carreira de atletas com o clube para o Carioca), Biro-Biro (ex-Fla), entre outros. Quem é revelado no Nova Iguaçu não é obrigado a contratar a Bloom Soccer para gerenciar sua carreira, mas é um “cambinho natural, baseado na credibilidade”, afirma Jânio. Entretanto, há sempre os casos em que a ovelha se desgarrar do pastor.

— Se o jogador quiser ser empresário, do por outro, quem vai se ferrar é ele, não tem problema — diz Jânio. — Antes da vinda do time para a Copa São Paulo, conversei com os pais dos atletas, avisei que teria o assédio, é normal. Já deixei agente do lado de fora do clube, não vai entrar aqui. Temos vários casos de roubo de jogador. Cotter (lateral-esquerdo do Grêmio) é um exemplo. Depois que foi campeão da Libertadores, mandou mensagem agradecendo. Tem uns que saem e depois pedem para voltar, mas não tem como. Não há mais confiança. O problema para a família Moraes é

realmente sério. É do gerenciamento da carreira dos jogadores que vem o grosso do lucro com o negócio futebol. De acordo com o presidente, os sócios fundadores que ainda trabalham no Nova Iguaçu ganhavam apenas uma “ajuda de custo, às vezes R\$ 2 mil, às vezes R\$ 1 mil”. Em relação ao que é arrecadado com a venda de jogadores, por exemplo, Jânio Moraes garante ser irredutível: tudo deve ser revertido para o clube. Segundo ele, esse foi o motivo da maior crise política na Baixada.

Em 2003, o atacante Deivid foi a primeira grande venda do Nova Iguaçu, 13 anos após a fundação. O jogador revelado pelo clube, depois de brilhar por Corinthians e Cruzeiro, recebeu proposta do Bordeaux, da França. O clube ainda tinha 30% dos direitos econômicos do atacante, negociado na época por US\$ 5,1 milhões — e coube ao Nova Iguaçu cerca de US\$ 1,5 milhão. De acordo com Jânio Moraes, parte dos 25 sócios-fundadores quis resgatar o investimento no clube. O presidente ba-

27

anos tem o Nova Iguaçu.
Aniversário é comemorado
no dia 1º de abril

11

Sócios-fundadores do clube
seguem como acionistas até hoje.
Quatorze já desbararam o projeto

2003

Foi o ano em que o clube
conseguiu sua primeira grande
venda: o atacante Deivid

teu o pé e usou o dinheiro para construir o centro de treinamento atual. Insatisfeitos, dez sócios romperam. Atualmente, dos fundadores, restam 11.

O episódio ajuda a entender um pouco do papel de Jânio Moraes no Nova Iguaçu. Ele é o único presidente desde a fundação e resume seu estilo como situacional, “democrata com quem acha que pode dar confiança e autocrata com quem deve ser”. O estádio do clube leva seu nome, algo que garante não gostar. Sua ideia é encontrar uma empresa para comprar o naming rights do campo, o que imagina ser viável assim que instalar refletores no estádio, próxima hereticeira nos planos. Da sala da presidência, acompanha tudo que acontece graças a uma televisão em que monitora as câmeras de segurança. Seguindo ele, os outros sócios poderiam tirá-lo da presidência se quisessem:

— Temos cotas de poder aqui. Se jurar seis deles, podem me derrubar. Mas sempre fui presidente por unanimidade. Ninguém quer segurar essa nitidade.

LONGE DOS MEDALHÕES

Se internamente o Nova Iguaçu parece um rochedo, a relação com o poder público não é assim tão estável. Na contratação de outros pequenos, que dependem do dinheiro das prefeituras, o clube da Baixada se orgulha de manter pouco contato com os gabinetes:

— Não tenho porque não quero. O clube é a secretaria de esportes da cidade. Atendemos a mil crianças aqui.

Em 2006, buscou a guarda e viu o prefeito Lindberg Farias (PT-RR) bancar os astros Zinho e Edmundo no elenco:

— O prefeito foi esperto, surfou na onda, e estávamos precisando na época. Foi bom quando chegaram e quando saíram. Edmundo foi muito respeitoso, mas não quero medalhão aqui, não. ●

Anexo 32. O GLOBO. “Delegacias trabalham com poucos policiais”, 10/02/2018.

Delegacias trabalham com poucos policiais

Na véspera do carnaval, sobram inquéritos e faltam investigadores

ELENILCE BOTTARI
elenilce@globo.com.br

Manhã de sexta-feira, dia da abertura oficial do carnaval carioca, ponto facultativo para o serviço público. Três policiais fazem plantão no balcão de atendimento da 21ª DP (Bonsucesso), que, somente no ano passado, registrou 18.952 ocorrências. Em 2017, a delegacia foi responsável pelo quinto maior número de boletins de ocorrências do estado. A unidade conta com um total de 46 servidores, que se revezam em escalas para executar tarefas administrativas e apurar crimes numa região onde ficam partes dos complexos de Manguinhos, do Alemão e da Maré. Se o trabalho investigativo fosse igualmente dividido entre eles, haveria 412 inquéritos para cada um.

Na 17ª DP (São Cristóvão), que tem um efetivo de 44 policiais, também havia, ontem, três policiais no balcão de atendimento. O baixo número de agentes para uma grande demanda de serviços é algo comum nas 136 delegacias distritais do estado, que, juntas, respondem por 80% das investigações criminais do Rio de Janeiro (o restante fica por conta das unidades especializadas). Nessas, trabalha aproximadamente um terço do efetivo total da Polícia Civil — 9.9654 homens.

Nas 42 delegacias distritais do município do Rio, que, anualmente, registram metade das ocorrências criminais do esta-

do, trabalham 1.746 policiais. No ano passado, eles foram responsáveis por 375.215 registros, o que dá uma média de 214 investigações por agente. Na Baixada Fluminense, onde estão as delegacias recordistas de índices criminais, há cerca de 600 servidores em 19 unidades. A região teve 149.322 ocorrências em 2017, o que corresponde a 248 inquéritos para cada servidor.

Nos últimos dois dias, O GLOBO mostrou o estado de penúria da Polícia Civil, que, de acordo com a Lei estadual 3.586/2011, deveria ter um efetivo de 23.126 homens. Para piorar, apesar de a Lei Orçamentária de 2017 ter previsto uma verba de R\$ 23,3 milhões, a corporação recebeu autorização para gastar R\$ 12 milhões na manutenção de atividades operacionais e administrativas, mas apenas R\$ 5,6 milhões foi realmente pago. O cenário levou agentes a fazerem uma greve que durou 78 dias, no ano passado.

ESPECIALISTA CRITICA GESTÃO

Segundo Eurico de Lima Figueiredo, diretor do Instituto de Estudos Estratégicos da UFF, a situação atual da Polícia Civil é resultado de uma sequência de erros na gestão da segurança do estado nos últimos dez anos:

— Não adianta prender, reforçar o policiamento: sem investigação eficiente, não há processo criminal bem conduzido. O estado não investiu em inteligência.

Na quinta-feira, o governador Luiz Fernando Pezão reconheceu a crise na segurança pública e prometeu mais recursos e pessoal para a Polícia Civil. ●

Anexo 33. O GLOBO. “A Síria dos Trópicos”, 11/02/2018.

A Síria dos Trópicos

Moradores de São Conrado, na Zona Sul do Rio, receberam nas portarias de seus prédios um, digamos, pedido incomum.

No bilhete, veja, atribuído a traficantes da vizinha Rocinha, a turma pede uma ajuda mensal de R\$ 4 mil para que tudo fique em paz. Que Deus nos proteja.

REPRODUÇÃO DE SÃO CONRADO
POR ANOS VCS VEM DESFRUTANDO DO RITMO DE TRANQUILIDADE QUE COLÓQUEI DE NÃO PERMITIR ROLUBOS E AGORA CHEGOU A HORA DE VCS RETRIBUIREM POR ISSO ESTOU DETERMINANDO QUE CADA PRÉDIO DE SÃO CONRADO CONTRIBUA COM 4 MIL REAIS SEMANAL. QUE DEVERÃO SER ENTREGUES NO MOTOTAXI DA ROCINHA ADIADA. NÃO DEIXEM VAZAR POIS HAVERÁ

A Síria dos Trópicos II

Entre 120 países pesquisados em 2016, o Brasil aparece como o 7º com a maior sensação de insegurança do mundo. Segunda a pesquisa da FGV Social com base em dados do Gallup, 63% dos brasileiros dizem que não se sentem seguros em andar sozinhos à noite na área onde moram.

Imagine se a pesquisa fosse realizada nos últimos dias, no Rio.

Anexo 34. O GLOBO. “Arrastão de violência”, 13/02/2018.

Terça-feira 13.2.2018

Rio

O GLOBO 5

CAOS NAS RUAS

Arrastão de violência

Cidade é tomada por assaltos, governador e prefeito viajam e PM pede a foliões que evitem selfies

MARCOS NUNES, RAFAEL NACIMENTO, SIMONE CANDIDA E VERA ARRABO grandario@globo.com.br

Uma onda de violência em meio ao carnaval de rua, que teve três arrastões na Praia de Ipanema em menos de 24 horas, pôs em cheque o planejamento da segurança para a festa carioca, também marcada pela falta de ordenamento e por um colapso nos transportes públicos. Os problemas ocorreram enquanto o prefeito Marcelo Crivella faz uma viagem pela Europa, e o governador Luiz Fernando Pezão descansa em Pirai, sua cidade natal, no interior do estado. Coube ao comandante-geral da PM, coronel Walney Dias, a tarefa de montar uma medida. Sob o argumento de que “o cobertor é curto”, ele anunciou ontem um arremanejamento de parte do efetivo de 17 mil homens mobilizados para a festa que, segundo a Lapa, reúne este ano 6,5 milhões de pessoas. Mas uma das soluções encontradas pelo oficial foi deslocar para a orla da Zona Sul e o Centro equipes do Batalhão de Choque que reforçaram o policiamento na favelada, alvo há cinco meses de operações e de uma disputa do tráfico.

— Estamos com poucos visitantes, o que não dá visibilidade ao nosso trabalho. Veja, por exemplo, como foi o Bloco da Favela (*que, no sábado, levou quase 700 mil pessoas à Praia de Copacabana*). Do alto, grupos de policiais, misturados à multidão, pareciam pontinhos — lamentou Walney.

Hora antes de o comandante da PM dar a entrevista, o porta-voz da corporação, major Ivan Blaz, disse à GloboNews que depósitos de sacos sociais têm que atuar mais nas ruas e recomendou aos foliões que “não ostentem joias” e evitem fazer selfies com celulares.

Pela isso é lamentável, mas, infelizmente, é a realidade que vivemos — justificou Blaz.

Crivella chegou ontem a Frankfurt, na Alemanha, onde deu início a um giro por quatro países. Em um vídeo nas redes sociais, ele avisou que viajou em busca de soluções, “tecnológicas”, para o Rio, contrariando a promessa, feita no último dia 5, de que iria aos desfiles na Sapucaí. Em sua nova agenda, consta uma visita a uma agência espacial que produz diâmetros para projetos de segurança. Pela qual, às vésperas do carnaval, chamou de “bem engenhado” o planejamento para a festa, reconheceu, após os arrastões, a necessidade de modi- ficá-lo.

— Estamos com o efetivo máximo, mas já pedi para reforçar o policiamento em toda a orla.

TRÊS QUEIXAS DE TURISTAS A CADA HORA

Quem ficou no Rio, em especial na Praia de Ipanema, no sábado e no domingo, sentiu na pele as falhas do esquema de segurança. Bandidos fizeram três arrastões na altura do Posto 8, e, entre as vítimas, havia vários turistas estrangeiros. Somente das 14h às 16h, a Delegacia de Atendimento ao Turista registrou 26 ocorrências, o que dá três queixas por hora. Normalmente, são seis casos por dia. Dois italianos foram feridos na cabeça, e foram levados a um hospital. Uma chinesa e uma alemã levaram socos no rosto, além de choques. Uma argentina que possuía com um bebê foi jogada ao chão. O espanhol Nicolas Czambolsky contou ao “R1 TV”, da Rede Globo, como foi uma das ações:

— Chegaram uns caras no calçada, seguraram minha namorada e bateram em mim. Jodaram nossas celulares.

Vítima de um outro arrastão, Alan Machado, morador de Volta Redonda, disse que foi atacado por oito criminosos. Muito machucado, ele desmaiou.

— Foram muito violentos. Quando recobrei os sentidos, cheguei a ver os bandidos ralhando um com o outro — disse Alan.

No Leblon, dois PMs que tentaram impedir um assalto na Avenida Atlântica de Melo Franco foram baleados, no domingo. Hospitalizados, receberam alta ontem. O autor dos disparos fugiu. No mesmo dia do crime, um policial civil que também abordou ladrões foi espancado, em Copacabana. Um grupo de jovens o cercou na Avenida Atlântica e chegou a usar uma cadeira para agredi-lo.

A onda de violência também chegou aos arredores do Sambódromo, onde o policiamento está reforçado desde sexta-feira. O cantor e compositor Moacyr Luz foi assaltado pouco depois de sair de um taxi para desfilar pela Parada do Tatuá, na madrugada de ontem. Três bandidos roubaram o celular, o celular e até uma fantasia, que o sambista usaria na Marquês, onde também desfilaria.

— Não vi polícia alguma. Está muito difícil viver aqui, no Rio — reclamou Moacyr Luz.

Ainda no regime do Centro, O GLOBO flagrou, ontem à tarde, um espancamento. Quatro homens atacaram um jovem na Avenida Mem de Sá, próximo aos Arcos da Lapa, no início da tarde de ontem. Acusado de roubo, ele caiu desmaiado numa calçada após levar socos e chutes e receber uma graxa. Os agressores foram embora ralhando, já que não havia policiamento.

Também ontem, foi enterrado o estudante David Weber Rodrigues, de 18 anos. Ele estava hospitalizado desde o último dia 31, quando foi atropelado durante um assalto na Vila de Penha. Dois ladrões fugiram numa moto com o celular do rapaz e um pedaço de bolo que ele levava para a mãe.



Espancamento. Após levar vários socos e chutes, homem caiu desmaiado na Lapa. Os agressores foram embora caminhando normalmente, já que não havia policiamento



Der. Uma chinesa coloca gizo no rosto ao sair de uma delegacia com uma amiga alemã, agredidas em Ipanema

“Não ostentar joias nem ficar com celular fazendo selfie no meio da multidão. Isso são recomendações repassadas pelas autoridades de segurança do mundo todo”

Major Ivan Blaz
Porta-voz da PM

“Eles foram muito violentos. Quando recobrei os sentidos, cheguei a ver os bandidos roubando um casal”

Alan Machado
Turista assaltado

Índio da Costa quer tirar carnaval das mãos de Crivella

Pré-candidato do prefeito ao Palácio Guanabara quer festa organizada pelo governo do estado

THIAGO PRAHO
thiagopraho@globo.com.br

O prefeito Marcelo Crivella poderá deixar de organizar o carnaval carioca caso seu candidato a governador vença as eleições. Durante a campanha para o Palácio Guanabara deste ano, o ex-secretário municipal de Urbanismo Índio da Costa vai propor a transferência da organização da festa no Sambódromo para o governo do estado, que enfrenta calamidade pública. Ele acredita que tirar a festa das mãos da prefeitura pode ser importante para construir um novo modelo de captação de recursos na iniciativa privada. Índio afirma que Crivella não deverá se opor à ideia, embora ainda não tenham conversado sobre o tema.

— O Sambódromo foi construído pelo governo do estado e várias das escolhas mais importantes que desfilar na Avenida estão em Niterói ou na Baixada Fluminense. Poderíamos colocar



Ponto de vista. Doris (ao centro) e Índio, juntos na Avenida

ensaios e outras atividades nas quadras destas agremiações em uma versão estadual do programa Rio de Janeiro a Janeiro — afirma, em referência ao calendário oficial de eventos lançado pela prefeitura em 2017.

O ex-secretário afirma que há muito o que melhorar na Sapucaí, especialmente nos quesitos iluminação e qualidade do som. No ano passado, um projeto de reforma da Sapucaí chegou a ser levado para Crivella, mas o prefeito descartou qualquer investimento devido à crise financeira nos custos municipais. Índio afirma que está modelando um projeto junto ao empresário Roberto Medina e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, para o carnaval carioca depender apenas de recursos privados no futuro. O mirm, enquanto Crivella estava fora do país, criou ao ex-secretário circunear o prefeito de São Paulo, João Dória, em visita ao Sambódromo.

— A festa movimentou muitos recursos, não é possível que continue sendo necessário aporte de dinheiro público. E preciso abrir a caixa-preta da Lixa (Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro) — diz Índio, que não descarta tirar a entidade do controle da festa.

Durante a gestão do ex-prefeito Eduardo Paes, três concorrências chegaram a ser abertas para licitar o carnaval. Em 2010, Paes cancelou a última licitação após convocar o Ministério Público de que apenas a Lixa, e nenhuma empresa, se interessou pelo carnaval da Sapucaí.

Anexo 35. O GLOBO. “Cenas de barbárie no carnaval provocam crise na segurança”,

15/02/2018.

Cenas de barbárie no carnaval provocam crise na segurança

Pezão reconhece falhas; ministro da Defesa promete medidas

VERA ARAÚJO E KARLA GAMBA
grandertio@oglobo.com.br

RIO E BRASÍLIA. A violência que explodiu no Rio durante o carnaval, com cenas de barbárie filmadas por cariocas e turistas e divulgadas nas redes sociais, provocou uma crise na Secretaria de Segurança do estado. Imagens de três arrastões em Ipanema e de um supermercado saqueado no Leblon, além de vídeos e fotos que mostram assaltantes espancando vítimas, causaram mal-estar dentro do órgão e fizeram o ministro da Defesa, Raul Jungmann, prometer novas medidas para conter a criminalidade no Rio. Ele ressaltou ontem que não recebeu qualquer pedido para as Forças Armadas reforçarem o patrulhamento e disse que virá à cidade até o fim de semana para “avaliar a situação”.

— São cenas inadmissíveis. Ficou muito claro que a situação do Rio durante o carnaval, como o próprio governador reconheceu, foi lamentável. Aqueles fatos impactaram muito o governo, e novas medidas deverão vir — afirmou Jungmann.

OFICIAL DA PM COM CRIVELLA

O governador Luiz Fernando Pezão voltou a dizer, ontem, que houve erros nas estratégias de policiamento, o que causou desconforto não só na Secretaria de Segurança, mas também no comando da PM. Algumas autoridades criticaram a ida do coordenador de inteligência da corporação, coronel Antônio Jorge Goulart, para a Europa justamente num período em que a cidade teve 6,5 milhões de pessoas participando de desfiles de blocos e outros eventos. O oficial faz parte da comitiva que acompanha o prefeito Marcelo Crivella em um giro por



RODRIGO CHADI/FOTOBARDIA

Desconforto. Pezão admite erro no planejamento da segurança para o carnaval: “Não estávamos preparados”

três países.

Em um vídeo divulgado na véspera da viagem, Crivella aparece com sua comitiva, mas se esquivava de apresentar Goulart pelo nome — diz apenas estar na companhia de “um oficial da PM”. A corporação não explicou por que o coronel viajou com o prefeito. Um outro motivo de desconforto entre autoridades é a “ausência” do secretário de Segurança, Roberto Sá: apesar de o Rio ter sido tomado por uma onda de crimes, incluindo arrastões, ele não deu entrevistas durante o carnaval. Coube ao porta-voz da Polícia Militar, major Ivan Blaz, comentar a violência, e de forma polêmica. Ele recomendou aos foliões que evitassem “ostentar joias” e fazer selfies com celulares. Às vésperas do carnaval, ao ser

questionado sobre o planejamento da segurança para a folia carioca, Pezão afirmou “está tudo engrenado”. O governador chegou a dizer que, ao longo dos sete anos de sua gestão, a PM mostrou que sabe elaborar estratégias para grandes eventos. Ontem, no entanto, reconheceu “a perda do controle”:

— Não estávamos preparados. Houve uma falha nos dois primeiros dias (*do carnaval*); depois a gente reforçou o policiamento. Mas acho que houve mesmo um erro nosso. Não dimensionamos isso (*a quantidade de pessoas que participaram de desfiles de blocos*), mas acho que é sempre uma questão de aprimoramento, a gente tem sempre que se aprimorar.

Para o antropólogo Robson Rodrigues, ex-comandante do Estado-Maior da PM e pesqui-

sador do Laboratório de Análise da Violência da Uerj, está claro que faltaram análises de inteligência para o carnaval:

— O problema não foi só de policiamento. Policiamento é um elemento dentro do planejamento. Cabia à Secretaria de Segurança, por meio de seu setor de inteligência, levantar dados e traçar uma análise de todos os riscos.

Já a promotora Andréa Amin, coordenadora do Grupo de Atuação Especializada do Ministério Público, disse que faltou integração entre estado e município no carnaval:

— Vamos começar a planejar o carnaval de 2019 na semana que vem. Órgãos estaduais e municipais já estão sendo convocados. Instauramos um procedimento investigatório sobre o planejamento da segurança. ●

Anexo 36. O GLOBO, 17/02/2018.



SABADO, 17 DE FEVEREIRO DE 2018 ANO XLIII - Nº 30375 Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2001) Roberto Marinho RIO DE JANEIRO oglobo.com.br



Medida dura. O governador Pezão, o presidente Temer, os ministros do GSI, Sérgio Etcheberry, da Fazenda, Henrique Meirelles; da Justiça, Torquato Jardim, e o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, na cerimônia em Brasília

CRISE NA SEGURANÇA

Intervenção no Rio terá militares em ruas, favelas e presídios

Inédita, medida prevista na Constituição ainda requer planejamento de ações

Presidente Temer anuncia que comando da segurança pública no estado passa às mãos do Comando Militar do Leste. Decisão foi motivada pela escalada da violência e pela falta de controle de Pezão

O controle da segurança pública no Rio passou ontem às mãos do Comando Militar do Leste (CML), depois que o presidente Michel Temer assinou o decreto de intervenção federal. Além da escalada da violência, pesaram na decisão de tomar a medida, prevista na Constituição em situações gravíssimas e que está sendo aplicada pela primeira vez, a declaração do governador Pezão de que havia perdido o controle da segurança e a ausência do prefeito Marcelo Crivella, que viajou ao exterior no carnaval. O interventor é o general Wilker Braga Netto, comandante do CML. "O crime organizado quase tomou conta do Rio. É uma metastase que se espalha pelo



ALBERTO PEREIRA

país", disse Temer. Os militares vão atuar no asfalto e nas favelas, fazer bloqueio de vias e varreduras em presídios e só podem efetuar prisões em flagrante ou com mandado judicial. Segundo o ministro da Defesa, Raul Jungmann, todo o efetivo do CML, de 30 mil militares, estará à disposição do interventor. O chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência, general Sérgio Etcheberry, afirmou que não há ameaça à democracia. Braga Netto poderá nomear comandantes de batalhões, mas não há ainda um plano de ações. O Congresso terá que aprovar a medida.

PÁGINAS 8 e 17



CIBCO

EDITORIAL
'Decisão inevitável para restaurar o estado de direito' PÁGINA 20

Reforma fica mais difícil na Previdência

A intervenção no Rio tornou quase inevitável a aprovação da reforma da Previdência. O governo diz que suspenderá o decreto para votar a reforma, mas o calendário apertado e dúvidas jurídicas dificultam sua tramitação. PÁGINAS 23 e 24

- MIRIAM LEITÃO**
O poder no Rio se desfaz em todas as áreas. PÁGINA 24
- MERVAL PEREIRA**
Sucesso no Haiti pode se repetir no Rio. PÁGINA 14
- ANCELMO GOIS**
Chefões do crime ganharam regalias na prisão. PÁGINA 15
- ASCÂNIO SELEME**
Governo federal tem mais recursos. PÁGINA 11
- BERNARDO MELLO FRANCO**
Michel Temer busca sobrevida política. PÁGINA 13
- CARLA ROCHA**
Tiro de canhão precisa ser certeiro. PÁGINA 12
- ZUENIR VENTURA**
Com trauma de 64, todo cuidado é pouco. PÁGINA 13
- EDUARDO CARVALHO**
Por que não uma intervenção social? PÁGINA 13
- FLÁVIA OLIVEIRA**
Decisão traz mais dúvidas que certezas. PÁGINA 12

Joana D'Arc, a Personalidade do Ano

Em sua 15ª edição, o Prêmio Faz Diferença elegeu como Personalidade de 2017 a cientista Joana D'Arc Félix, que desenvolve pesquisas de ponta com alunos. Ela e os destaques de 14 áreas receberam os prêmios em 28 de março, no Rio. **CADERNO ESPECIAL**

O GLOBO renova o time de colunistas em editorias

O GLOBO promove, a partir de amanhã, mudanças e uma reorganização do seu time de colunistas em várias editorias. PÁGINA 6

Roger Federer se torna o mais velho a liderar ranking

Ao vencer o holandês Robin Haase, em Rotterdam, o tenista de 36 anos incluiu novo feito em sua vitoriosa trajetória. PÁGINA 32

NEW TUCSON TURBO GDI, ELEITO O MELHOR SUV PREMIUM DO BRASIL

SUPERANDO BMW X1, AUDI Q3, MERCEDES GLA, RQMINOX E DISCOVERY.

5 ANOS

NEW TUCSON
O novo Tucson é tudo o que um SUV precisa para o futuro próximo. Ele reúne qualidades como nenhuma outra SUV.

New Tucson Turbo GDI 2018 com teto solar panorâmico. Bônus de até R\$ 7.000*
e versões a partir de R\$ 125.900

CAOA HYUNDAI

SEGUNDO CADERNO JOGA PEDRA NA CANÇÃO

Em movimento que se repete ao longo da História, música das ruas encara enxurrada de críticas.

Anexo 37. O GLOBO. “Em chamas: Ruas tomadas pela violência e pela dor”,
17/02/2018.

Sábado 17.2.2018

Rio

O GLOBO 11

Força máxima

EM CHAMAS
Ruas tomadas pela violência e pela dor

Estado está no centro de uma espiral de insegurança

CAIO BARRETO BRUNO
cbarreto@globo.com.br

lência voltou a assustar turistas e os moradores da cidade. Mas a crise na segurança do estado, que chegou a dar sinais de melhora antes de a política de pacificação naufragar, não é desta folia. O GLOBO listou dez episódios marcantes mais recentes, que honram dor e desastre para a população. ■



BLOCO DA VIOLÊNCIA
MORTES E ARRASTÕES

A ressaca veio antes de a folia acabar, com tiroteios nas favelas e no asfalto, arrastões e os dois episódios mais graves: o assassinato de três policiais militares em dias que deveriam ser de festa, e a morte do garçom Samuel Ferreira Coelho, ainda no pré-carnaval, durante um tiroteio entre bandidos e policiais quando um bloco passava pela Rua Conde de Bon-

fim, na Tijuca. Embora tenha garantido que o Rio teria “um grande carnaval”, com refração de policiais, o governador Luiz Fernando Pezão, após os episódios de violência, admitiu que o estado não estava preparado. Houve arrastão em plena arena do Prais de Ipanema, num restaurante no Flamengo e do outro lado da Ponte, em Niterói.



MARÉ DE DOR
A ARTE DE VIVER DA FÉ

Os 140 mil moradores da Maré nunca sofreram tanto com a violência. Confrontos entre policiais e bandidos deixaram 42 mortos em 2017. No início deste mês, o menino Jeremias Moraes, de 13 anos, morreu baleado enquanto jogava bola. Por causa do tiroteio naquele dia, as três vias mais importantes da cidade — Avenida Brasil e as Linhas Amarela e Vermelha — foram fechadas ao mesmo tempo.



TIRIOS NA ESCOLA
A MORTE DE MARIA EDUARDA

O Rio teve 44 crianças e adolescentes mortos a tiros nos últimos 11 anos. Maria Eduarda está entre eles. Aluna da Escola Municipal Jornalista Daniel Piza, em Acaú, ela fazia aula de educação física no pátio da unidade, no dia 30 de março, quando foi atingida por dois tiros de fuzil disparados por um policial militar. Sua mãe, Rosilene, vai à escola todos os dias.



ZONA OESTE SOFRE
TIRETEIOS E LINHA AMARELA FECHADA

A Zona Oeste sofreu com a violência. Na Cidade de Deus, tenses colocam em risco a vida de moradores e também a quem atravessa a Linha Amarela, que este mês foi fechada em dois dias seguidos na última da favela. Já na Praça Seca, multitudes e milhares estão em guerra. Há três dias, um menino de 12 anos foi baleado — foi o sétimo jovem baleado este mês na Região Metropolitana.



BEBÊ ARTHUR
BALEADO ANTES DE NASCER

Poucas tragédias foram tão controversas quanto a morte do bebê Arthur, em julho do ano passado. Moradora da favela do Lido, em Casimiro, sua mãe saiu de um mercado quando uma bola perdida caiu em seu útero e atingiu a cabeça do feto. Médicos lutaram para mantê-lo vivo e resistiu durante um mês. Com a morte do bebê, morreu um pouquinho da esperança de cada criança e iluminense.



MORTE DE POLICIAIS
A TROPA SANGRA

Cento e trinta e quatro policiais militares foram assassinados no Estado do Rio no ano passado. Uma estatística triste e alarmante para a corporação e também para a sociedade, que perde a força responsável por protegê-la. Este ano, já são 16 policiais assassinados em todo o estado: sete estavam de serviço, oito de folga, e um era reformado.



NEM X ROGÉRIO 157
GUERRA NA ROCINHA

A violência que desde o ano passado toma conta da Favela da Rocinha deixou 41 mortos nos últimos cinco meses, segundo relatório da PM sobre as operações desse período. Entre os mortos, de acordo com a corporação, estão 32 suspeitos, um soldado do Batalhão de Choque e a turista espanhola Maria Esperanza (na foto), atingida por um PM quando passava na comunidade.



ALEMÃO CHORA
ELE MORREU PEDINDO PAZ

O primeiro semestre do ano passado foi de terror no Complexo do Alemão. Em um único dia de maio, cinco pessoas morreram e duas foram baleadas durante operação do Batalhão de Operações Especiais (Bope). Uma semana antes, Felipe Farias Gomes de Souza, de 16 anos, foi morto após ser atingido por um tiro durante uma manifestação que pedia paz no conjunto de favelas.



CHACINA DE COSTA BARROS
ÉRAMOS CINCO

Cinco amigos fuzilados por quatro policiais a caminho de uma lanchonete. Estavam comemorando o primeiro emprego de Roberto e capela da turma, de 16 anos. O crime deles: nascer no Morro da Lagartixa, em Costa Barros. Nove meses depois, a mãe de Roberto, Jusselma de Souza, morreu de tristeza, segundo o filho Vinicius. Ela parou de se alimentar e sequer saiu de casa. Tinha 44 anos.



MENINO EDUARDO
MORTE SEM CULPADO

Um tiro na cabeça disparado por um PM a cinco metros de distância. Eduardo de Jesus estava brincando com o estalar de sua mãe, na porta de casa, no Complexo do Alemão, quando a bala de fuzil atingiu sua cabeça. A Divisão de Homicídios demorou sete meses para concluir que o policial agiu em legítima defesa. Trinaíra, a mãe, voltou para a Paraíba. Eduardo tinha apenas 10 anos. Morreu na Pérola.

Força máxima

TENSÃO NOS PRESÍDIOS

Sistema tem rebelião após entrar em alerta

Detentos fazem reféns em Japeri; estado detecta risco de instabilidade depois de intervenção federal

MARCOS NUNES, VERA ARAÚJO
E CAROLINA HERINGER
grandorio@globo.com.br

Após a Secretaria de Administração Penitenciária (Seap) ter decretado alerta máximo em 54 cadeias do estado por conta do risco de represálias à intervenção federal na segurança pública do Rio, detentos do Presídio Milton Dias Moreira, em Japeri, deram início, ontem à tarde, a uma rebelião, que só terminou no início da madrugada de hoje. Depois de uma tentativa frustrada de fuga, um grupo armado com revólveres e pistolas fez reféns oito agentes e dez "faxinas", como são chamados os presos que têm autorização para sair das celas. Equipes dos batalhões de Choque e de Operações Especiais (Bope) foram enviadas para a unidade, que abriga 2.061 internos.

Todos os reféns, agentes e "faxinas" foram liberados após longa negociação. Três presos ficaram feridos durante uma troca de tiros com policiais. Por causa da rebelião, foi convocada uma reunião de emergência no Centro Integrado de Comando e Controle do estado, na Cidade Nova. Autoridades discutiram a possibilidade de a PM reforçar a vigilância em outras prisões: relatórios de serviços de inteligência classificam como "críticas" as condições de pelo menos 12 penitenciárias. A crise no sistema carcerário representa o primeiro grande desafio da intervenção federal no Rio, que, decretada na sexta-feira, é conduzida pelo general Walter Braga Netto, responsável pelo Comando Militar do Leste. Ontem, ele recebia, em Brasília, informes do secretário de Administração Penitenciária, David Anthony, de cada desdobramento da situação em Japeri.

Com o alerta máximo, as fiscalizações nas celas passa a ser feita com uma frequência maior do que a habitual. Quando a intervenção federal foi anunciada, na última sexta-feira, autoridades in-

formaram que as Forças Armadas fariam patrulhamento ostensivo nas ruas, operações em comunidades e varreduras em presídios. Em nota, o secretário David Anthony disse que, no mesmo dia, "medidas foram adotadas com o objetivo de impedir a instabilidade do sistema carcerário", que tem capacidade para 26 mil detentos, mas que opera com praticamente o dobro — 51 mil.

Foi justamente o risco de "instabilidade no sistema" que levou a Seap a decretar o alerta máximo nos presídios. Isso, segundo fontes do setor, acirrou ainda mais os ânimos. A medida, nas palavras de um agente penitenciário que pediu

anonimato, foi tomada em um momento de "vácuo de poder": a intervenção federal já está em vigor, mas ainda sem detalhes de planejamento definidos nem mudanças nas polícias Civil e Militar, no Corpo de Bombeiros e na própria administração penitenciária, apesar de o general Braga Netto ter carta branca para fazê-las.

SEAP REALIZA TRANSFERÊNCIAS

Baseada em relatórios de seu serviço de inteligência, a Seap também começou a fazer transferências de detentos considerados de alta periculosidade, com o objetivo de evitar uma onda de rebeli-

ões. Ontem, agentes do Presídio Jonas Lopes de Carvalho, o Bangu 4, estavam em alerta porque havia sido detectado um movimento de mudança de facção de parte dos internos, o que acabou não acontecendo. Mesmo assim, parentes de presos disseram que o clima era de tensão na unidade.

Gutemberg de Oliveira, presidente do Sindicato dos Servidores do Sistema Penal do Rio de Janeiro, compra algumas cadeias do estado a "barris de pólvora" porque estão superlotadas.

— Em Bangu 3, por exemplo, onde estão integrantes da maior facção criminosa do Rio, há 2.300 detentos. Suas instalações têm capacidade para 950. O Plácido de Sá Carvalho, que também faz parte do Complexo de Gerência, abriga 3.500 — disse

Gutemberg, acrescentando que existe um déficit de 2.500 agentes nas penitenciárias fluminenses. Mesmo riscando que a intervenção federal pode aumentar a tensão no sistema carcerário, o presidente do sindicato a considera necessária:

— O pior das crises na segurança pública sempre deságua nas cadeias. Os agentes penitenciários são encarregados de lidar com o ónus. Sou favorável à intervenção. Se o paciente está doente e recebe algum remédio, há esperança. Só não sei se o medicamento vai só baixar a febre ou resolver mesmo o problema.

De acordo com Marlon Barcellos, coordenador do Núcleo do Sistema Penitenciário da Defensoria Pública, as cadeias do Rio precisam de melhorias urgentemente. Ele lembrou que, em junho do ano passado, representantes da Corte Interamericana de Direitos Humanos vistoriaram o Plácido de Sá Carvalho e elaboraram um relatório. O documento deu origem a uma decisão judicial do órgão que obriga o Brasil a tomar uma série de medidas, incluindo um plano para acabar com a superlotação e uma investigação sobre a morte de 36 detentos entre 2016 e 2017.

— Até agora, nada do que foi determinado saiu do papel — reclamou Barcellos. •

"TESTE" PARA AS FORÇAS DE SEGURANÇA

MINISTRO: REVOLTAS ESTAVAM PREVISTAS

O ministro da Justiça, Torquato Jardim, afirmou ontem à noite que, com a assinatura do decreto de intervenção, os governos estaduais e federal previram rebeliões em presídios. Segundo ele, serviços de inteligência informaram que o crime organizado atuaria para "testar" a capacidade de reação das forças de segurança:

— Já estava previsto, tanto é que os presídios estaduais, e também os federais, estão em alerta máximo. É natural que haja um desafio neste primeiro momento da intervenção, que o crime organizado teste a capacidade de operação das

nossas forças.

Torquato disse ainda que a situação no presídio de Japeri foi controlada após a chegada de equipes do Bope.

— Certamente, haverá tentativas (de rebeliões e fugas), mas nós, acredito eu, estamos preparados — frisou o ministro.

Ele concedeu uma entrevista coletiva após acompanhar, na Base Aérea de Brasília, o embarque de uma equipe das Forças Armadas para o Ceará, onde farão ações de patrulhamento. Ele disse que se trata de uma operação de apoio, frisando que não há possibilidade de uma intervenção federal no estado nordestino.

Ainda de acordo com Torquato, o governo federal não pretende fornecer detalhes orçamentários da intervenção na segurança pública do Rio porque "isso seria entregar o ouro ao bandido". Ele disse apenas que os custos estaduais permanecem sob a responsabilidade do Palácio Guanabara.

Sobre a criação do Ministério Extraordinário da Segurança Pública, o ministro da Justiça afirmou que o presidente Michel Temer busca um nome com bom trânsito no Congresso e entre governadores, e que o titular da pasta será anunciado esta semana. (Aguirre Talento)



Apreensão. Parentes de detentos na entrada do Milton Dias Moreira: de acordo com autoridades, três presos ficaram feridos durante uma troca de tiros com policiais militares que foram enviados à unidade da Baixada para conter a rebelião

Anexo 39. O GLOBO. “De barricada do tráfico a bueiro entupido”, 24/02/2018.

O TAMANHO DA PRECARIIDADE



Intervenção até na limpeza. A cena foi rápida, mas não passou despercebida: após derrubarem barreiras do tráfico, militares de roupa camuflada trabalham para desobstruir bueiro entupido, responsabilidade da prefeitura

De barricada do tráfico a bueiro entupido

Após derrubar obstáculos instalados por criminosos, soldados são flagrados limpando vala cheia de lixo arrastado pela chuva, que deixava via intransitável

Digamos que foi um inimigo inusitado. Enquanto destruíam uma barricada do tráfico de drogas que impedia o acesso a uma das ruas principais da Vila Kennedy, cinco militares, surpreendidos por um forte temporal, tiveram que desentupir um bueiro tomado de lixo no meio do asfalto, responsabilidade que é da prefeitura. Se tivessem percorrido o interior da favela, tarefa que coube a policiais civis e militares, teriam se deparado com problemas ainda piores.

O abandono é total nas ruas e becos da Vila Kennedy, em Bangu. Na Metral, localidade mais pobre da favela (que ganhou a alcunha de bairro no ano passado), há famílias inteiras que moram em barracos de apenas um cômodo. Com comércio aberto e camelôs anunciando pro-

moções em alto falante como se fosse um dia comum, moradores ainda reclamavam da falta de luz, que aflije a região desde quarta-feira da semana passada, quando uma tempestade inundou boa parte da cidade.

— Escamento, aqui, não existe. A chuva de ontem (quinta-feira) nem foi tão forte, mas atingiu novamente a casa de todos. Nós não temos o bixáx, e o governo só manda polícia — disse o metalúrgico Murilo Vieira, de 68 anos.

O flagrante de soldados empenhados em desobstruir um bueiro, já que a água na via causava tantos transtornos para o ir e vir quanto a barricada instalada pelo tráfico, é o símbolo de um drama social que vai além da segurança. Um desalento que atinge até os soldados. Pouco antes de deixar a favela num comboio, um militar do Exército que mora na Rocinha e nunca tinha ido à Vila

Kennedy desabou:

— Essas pessoas precisam de educação e emprego. Sem isso, a fila para entrar no tráfico não vai parar de crescer.

O lixo se espalha por todos os lados nas ruas onde a coleta não chega. No número 15 da Rua Otaviano Romeiro, a Primeira Igreja Batista tem mais de 30 marcas de tiro na fachada. Entre os moradores, o discurso é um só: a operação da intervenção federal é uma prova do fracasso da Unidade de Polícia Pacificadora, inaugurada em 2014. Todos esperavam que, após a entrada da PM de forma permanente, o estado se faria mais presente. Sinalava-se com a construção de escolas, creches e unidades de saúde: finalmente haveria alguma esperança para as crianças. O que se viu, desde então, foi o fechamento da vila olímpica e a inauguração de um prédio de cursos do Senac que ainda

No lado mais pobre da favela, famílias inteiras moram em barracos insalubres de apenas um cômodo

não começou a funcionar.

A única atividade de lazer disponível é jogar bola no campo de terra perto da Rua A, onde ficam uma das principais bocas de fumo antes da chegada da UPP. Durante a operação de ontem, O GLOBO andou por toda a comunidade e testemunhou a prisão de um homem condenado por tráfico de drogas, que estava foragido do sistema prisional: Rayan Ferreira. Assim como muitos militares, alguns policiais do 14º BPM (Bangu) usavam máscaras com desenho de caveira. Um deles foi acusado de abusos.

— Aquele ali deu um tapa na minha cara depois que eu disse “bom-dia”. Ele não gostou, respondi que não foi teimado para ser mal educado. Foi o bastante para me agredir — contou um aposentado. — Para eles, somos todos bandidos. ■

Anexo 40. O GLOBO. “Guerra sem fim: número de vítimas na Favela da Rocinha sobe para 42”, 02/03/2018.

8 | O GLOBO

Rio

Sexta-feira 2.3.2018

Força máxima

UMA POLÍCIA MAIS LETAL

Mortes em confrontos batem recorde

Autos de resistência atingiram, em janeiro, o maior patamar da série histórica: são cinco casos por dia

LUÍZ MARINATO
marinato@o2a.inf.br

O Rio de Janeiro marca registros tantas mortes de suspeitos em confrontos com a polícia quanto em janeiro deste ano, mês que antecedeu a intervenção federal na segurança pública do estado. Estatísticas do Instituto de Segurança Pública (ISP) mostram que nenhum dos 241 meses transcorridos desde o início da série histórica, em 1968, superou a marca de 134 autos de resistência, agora classificados como homicídios decorrentes de intervenção policial. A média foi de cinco mortes por dia, ou uma a cada período de aproximadamente cinco horas.

Até então, no topo da lista estavam três meses de 2008, ano em que teve início (em dezembro) o projeto das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Abriu e mais registram, cada um, 147 autos de resistência, e março, 140. As posições seguintes são ocupadas por meses de 2007 e 2001. O primeiro mês da década atual a figurar no ranking é novembro do ano passado, quando houve 125 casos.

Para especialistas ouvidos pelo GLOBO, o aumento nas mortes em confrontos é causado por uma soma de fatores. O primeiro deles seria o esgotamento da política de segurança voltada para o enfrentamento. Além disso, não há consenso de que a crise financeira, que estaria afetando o trabalho das forças policiais,

— A verdade é que esses índices foram aumentando mês a mês sem que houvesse nenhuma decisão clara do comando da PM no sentido de impedir ou reduzir as operações nas favelas, que causam um sofrimento enorme aos moradores e raramente apresentam resultados satisfatórios — analisa a socióloga Julitta Lemgruber, do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes (CESC/Unam).

A antropóloga Alba Zaluar, coordenadora do Núcleo de Pesquisa das Violências (Nupevi), vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), rejeita o excesso de mortes em confrontos ao baixo moral das tropas. Na avaliação da pesquisadora, os policiais que atuam em território fluminense experimentam uma espécie de transtorno do estresse pós-traumático.

— Janeiro de 2018 seguiu um ano trágico, em que morreram 134 PMs no Rio. Como se não bastasse, os pagamentos têm atrasado com frequência, falta dinheiro. O policial tem que lidar com o prejuízo da viatura que está furado, com o carro quebrado, com o combater de luta onde se protege de tiros de fuzil. É uma situação de precariedade enorme, e ele reage instintivamente. Vê alguém com qualquer coisa sobre os ombros e atira. É a reação de quem quer sobreviver a uma ameaça, não de quem está respondendo a um treinamento ou a uma preparação

“Esses índices foram aumentando mês a mês sem que houvesse nenhuma decisão clara do comando da PM”

Julitta Lemgruber
Socióloga

“A estratégia dos últimos 30 anos, apoiada no confronto, chegou ao esgotamento”

Paulo Storani
Antropólogo e ex-capitão do Bope

adequados — pontua Alba Zaluar. Antropólogo e ex-capitão do Batalhão de Operações Especiais (Bope), Paulo Storani afirma que os ataques do ISP não incluem qualquer detalhamento, o que torna impossível saber as circunstâncias exatas de cada auto de resistência. Ainda assim, ele enxerga “um colapso da política de segurança”.

— A estratégia adotada nos últimos 30 anos, apoiada no confronto, chegou ao esgotamento. Na minha percepção, a longo prazo, o número de pessoas envolvidas com o crime aumenta mais do que o aparato policial. É preciso atuar em outras frentes, como uma revisão da legislação penal. Criminosos são recolocados nas ruas todos os dias — afirma o antropólogo, que vê na intervenção federal recém-anunciada uma boa oportunidade de diagnóstico. — Quando percebemos que colocar todo o Exército nas ruas não vai resolver, que ao menos façam uma avaliação real do problema e de suas possíveis soluções. A intervenção federal também é citada pela socióloga Julitta Lemgruber, ex-diretora do Departamento de Sistema Penitenciário e ex-coordenadora de polícia do estado. Seu recado é de que a atuação de tropas federais provoca um número maior de autos de resistência, com “ações violentas ainda mais agudas”.

De janeiro de 2018, dado mais antigo disponibilizado pelo ISP, ao primeiro mês deste ano, 13.459 suspeitos morreram em

confrontos no Rio. O número é equivalente à população do Morro do Vidigal, em São Conrado.

— Há tanta parcela generosa da sociedade que acredita que bandido bom é bandido morto. Mas mostram mais de 13 mil pessoas em 20 anos e as coisas só ficaram piores. Logo, a solução não é matar — afirma Alba Zaluar.

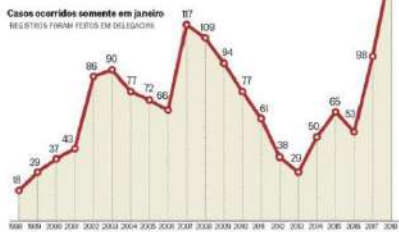
O coronel da reserva Paulo César Lopes, ex-corregedor da Polícia Militar, tem visão diferente. Para o oficial, “não existe política de confronto”, mas, sim, uma estratégia causada pela natureza violenta dos criminosos do Rio:

— Há, logicamente, uma proporcionalidade direta nessa questão, pois violência gera, naturalmente, violência. Portanto, não cabe nenhuma perplexidade na avaliação desse fenômeno.

Questionado sobre as estatísticas, a PM afirmou somente que o comando da corporação “busca aprimorar constantemente o policiamento empregado e trabalha considerando os números compilados pelo ISP e também os dados mensais registrados pelos batalhões”. Também procurou para comentar o número, o Comando Militar do Leste, que responde pela intervenção federal no estado, não se manifestou. ■

EXPLOÇÃO DE VIOLÊNCIA

QUANTIDADE DE AUTOS DE RESISTÊNCIA, ANO A ANO



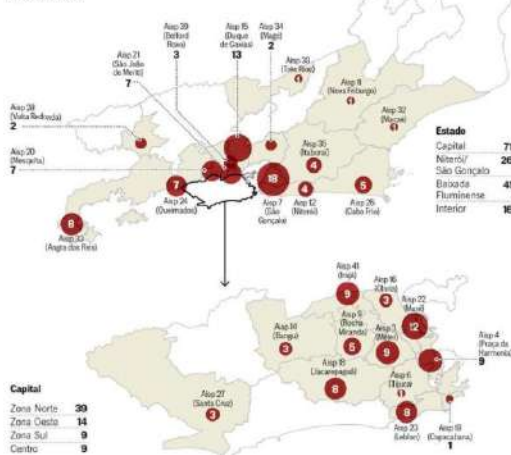
OS 15 PIORES MESES



Fonte: Instituto de Segurança Pública (ISP)

AS MORTES POR ÁREAS INTEGRADAS DE SEGURANÇA PÚBLICA (AISPs)

EM JANEIRO DE 2018



Edição de Arte

Guerra sem fim: número de vítimas na Favela da Rocinha sobe para 42

Policimento reforçado não põe fim a tiroteios na comunidade

DAYANA RESENDE
dayana.resende@globo.com.br

Um homem não identificado foi morto durante um confronto entre bandidos e PMs na Rocinha, antemão à noite. Agora, chega a 42 o número de pessoas assassinadas na comunidade desde setembro do ano passado, quando duas quadrilhas entraram em guerra pelo controle do tráfico na favela, a apontado por investigadores como o mais lucrativo da cidade. A disputa levou o estado a pedir ajuda das Forças Armadas, mas nem ope-

rações realizadas com o apoio do Exército nem um policiamento permanentemente reforçado devolveram a tranquilidade aos moradores da região. Policiais do Batalhão de Choque que participaram do tiroteio de quarta-feira não deram detalhes sobre o suposto auto de resistência: disseram apenas que encontraram um homem baleado agonizando no chão, e que o levaram ao Hospital Municipal Miguel Couto, na Gávea, onde médicos constataram sua morte. Ainda de acordo com os PMs, ele estava com uma pistola calibre 30mm, 16 projéteis, 47 trouxinhas de maconha e 170 pinos de cocaína.

O confronto ocorreu na localidade conhecida como Vila Verde, onde um homem foi preso com duas granadas, 348



PMs de prontidão. Motociclistas são revistados em um dos acessos à favela

pinos de cocaína, 50 trouxinhas de maconha e um radiotransmissor.

PCC CHEGA À COMUNIDADE

O GLOBO revelou ontem que um dos responsáveis pelo início da guerra na Rocinha, Antônio Francisco Lopes, o Nem, passou a integrar a facção paulista Primeiro Comando da Capital (PCC). Cumprindo pena em um presídio de segurança máxima em Porto Velho (RO), ele teria recebido uma promessa de apoio sua quadrilha, segundo investigadores, garanta fuzis e munição para novas investidas contra o bando de Rogério Avelino da Silva, o Rogério 157, que está na mesma penitenciária. Em troca, parte do faturamento do tráfico na comunidade iria para a organização criminoso,

que, pela primeira vez, começa a atuar numa favela do Rio.

Serviços de inteligência do estado já erraram informações sobre as negociações entre Nem e o PCC para a equipe que comanda a intervenção federal na segurança pública do Rio. Ontem, policiais que estavam de prontidão na Rocinha intensificaram as revistas nos acessos à favela. Um PM que pediu para não ser identificado disse que ouviu relatos de casas invadidas por tráfegantes, mas reclamou de dificuldades para enfrentá-los.

— Apenas batalhões especiais têm condições de entrar na comunidade. Parte das viaturas usadas no policiamento do entorno da Rocinha está com problemas, e faltam equipamentos adequados para o maior volume de operações. ■

Anexo 41. O GLOBO. “O filme do Mão Branca”, 02/03/2018.

O filme do Mão Branca

Juliano Cazarré está cotado para interpretar o personagem principal de “Mão Branca”, filme sobre o mitológico bandido que nunca existiu, mas ganhou as páginas dos jornais nos anos 70. O ator interpreta o jornalista que criou a história do criminoso — na verdade, vários grupos de extermínio assinavam como tal, deixando a mesma marca nas vítimas. “Vai ser um papel diferente de tudo o que o Cazarré já fez na vida. A pegada é a de um filme policial *noir*”, conta o produtor Flávio Tambellini. A direção é de Walter Lima Jr., que reedita com Tambellini a parceria de “A ostra e o vento” (1997).

Anexo 42. O GLOBO. “Golaço”, 04/03/2018.

Golaço

Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher (8), os jogadores do Nova Iguaçu vão usar na véspera, quarta-feira, contra a Portuguesa, o nome da esposa ou da mãe nas costas da camisa do uniforme. A partida, em Édson Passos, é válida pelo Carioca. E, a iniciativa, resultado da parceria do clube com a prefeitura de Nova Iguaçu.

Anexo 43. O GLOBO. “Tiroteio leva medo à lagoa e a Ipanema”, 05/03/2018.

12 | O GLOBO

Rio

Segunda-feira 5.3.2018

Tiroteio leva medo à Lagoa e a Ipanema

Quatro jovens suspeitos de assaltar bares da Zona Sul roubam dois carros e são apreendidos pela PM

ADALBERTO NETO
adalberto.neto@oglobo.com.br

Uma perseguição policial com intensa troca de tiros assustou moradores da Lagoa e de Ipanema, na madrugada de ontem, e terminou com quatro jovens — de 15 a 17 anos — apreendidos, três deles baleados na ação. Segundo testemunhas, foram feitos mais de 50 disparos.

Moradores do Morro do Rio Molhado, no Engenho Novo, os rapazes roubaram dois carros e foram interceptados por policiais militares na altura do Parque dos Patins, na Lagoa. Pouco antes, por volta das 3h, os suspeitos, a bordo de um JAC modelo JB branco, roubado pelo grupo, bloquearam uma pista da Rua Visconde de Pirajá, na esquina da Rua Farme de Amoedo, em Ipanema, e roubaram um Kia Carnival preto.

A ação assustou motoristas, que tentaram fugir do cerco pela contramão. A movimentação chamou a atenção de uma patrulha policial, que foi atrás dos criminosos. Os assaltantes, então, dispararam contra os PMs, que reagiram, iniciando uma perseguição,

que se estendeu por três quilômetros, entre os bairros de Ipanema e Lagoa.

Três dos bandidos foram baleados, e um deles tentou fugir, mas foi alcançado pelos PMs. Um menor de 15 anos levou tiros no braço direito, nas costas e na mão direita. Outro, de 17, foi atingido nos testículos. Um terceiro, também de 17 anos, foi ferido nas nádegas e na perna direita. O quarto integrante, de 15 anos, teve apenas escoriações em uma das pernas. Os quatro jovens foram levados para o Hospital Miguel Couto e, segundo informações da Secretaria municipal de Saúde, passam bem.

SUSPEITA DE ROUBOS A BARES. Com os menores, a polícia apreendeu duas pistolas, além de munição e carregadores. Na 12ª DP (Copacabana), os policiais verificaram que os quatro tinham várias passagens por roubo.

A Polícia Civil apura o envolvimento dos jovens com uma série de assaltos a bares na Zona Sul. Nos últimos dias, Botafogo e Flamengo foram alvos desse tipo de cri-

me. Só em janeiro, as delegacias dos dois bairros registraram 26 casos de roubo a estabelecimentos comerciais. Na capital, foram 306 casos, um aumento de 84,33% em relação ao mesmo período do ano passado.

Segundo o “RJ-TV”, da Rede Globo, 1.124 estabelecimentos comerciais foram roubados no Rio nos dois primeiros meses deste ano. O número equivale a quase 29 assaltos por dia, e a maioria concentra-se em Botafogo e Humaitá. Em 2016, os dois bairros registraram 96 casos. No ano passado, houve um aumento de 68,75%, com 162 registros.

Na madrugada da última quinta-feira, adolescentes, que a polícia suspeita sejam moradores do Morro Santo Amaro, fizeram um arrastão no Bar Belmonte, no Flamengo. O gerente Francisco Santos diz que a onda de violência afetou o negócio.

— Estou aqui há um ano, mas conversei com os antigos frequentadores e, há pelo menos 17 anos, desde que o bar surgiu, nunca havia tido assalto. No entorno, tem ocorrido certa violência. Já registramos a ocorrência e aguardamos a



Perseguição e disparos. Um dos carros roubados: lataria foi perfurada durante a troca de tiros com a polícia



Reincidentes. Os jovens, de 15 a 17 anos, passaram na polícia por roubo

ação das autoridades — disse.

Na ocasião, três assaltantes renderam também clientes no Combinado Carioca, no Humaitá. As pessoas que estavam em mesas na calçada foram levadas para dentro do bar e tiveram pertences, como celulares, joias e carteiras, roubados. A proprietária do local, Christina Lobo, abriu o bar normalmente no sábado, mas ainda estava assustada:

— Tenho o bar há seis anos e nunca aconteceu isso. Mas a vida tem que continuar, ou vamos todos ficar em casa enjaulados.

Segundo testemunhas, antes do arrastão, os suspeitos assaltaram ainda um carro que estava em um posto próximo ao estabelecimento. ■

Anexo 44. O GLOBO. “Novo código de conduta”, 11/03/2018.

EFEITOS DA VIOLÊNCIA

Novo código de conduta

Companhias no Estado do Rio alteram rotina e adotam medidas para reduzir perdas



Medidas de segurança. Tropas do Exército deixam a Vila Kennedy, na Zona Oeste do Rio: o novo protocolo adotado pelas empresas no estado inclui evitar circulação em vias consideradas de risco e uso de carros blindados

GLAUCIE CAVALCANTE E BRUNO ROSSA
economia@oglobo.com.br

Instalação de geradores de energia para evitar perdas por corte de luz durante operações militares, mudança nos horários de troca de turno nas fábricas, jornada de produção encerrada mais cedo, executivos usando uniforme de técnicos ou operários, restrição de circulação de frota e funcionários em vias de alto risco, planos para blindar caminhões. A escalada da violência provocou mudanças na rotina de empresas instaladas no estado, resultando em custos extras e exigindo planejamento. A adoção de medidas para evitar situações de insegurança é ainda mais forte entre as multinacionais e os executivos estrangeiros, afirmam especialistas.

As empresas com instalações no Rio — sede, fábrica ou centro de distribuição — vêm recorrendo ainda a serviços especializados em aumentar a segurança para evitar impactos no faturamento. Grupos de áreas como varejo, comércio eletrônico, alimentos e bebidas, principais alvos das quadrilhas de roubos de carga, são os que mais buscam o serviço, destacam consultorias especializadas em segurança.

— A discussão sobre segurança na indústria no país ganhou fôlego há dois anos. Mas vem crescendo em um ritmo que fez o tema voltar a ser uma prioridade para o setor. No Rio, antes da intervenção federal, já havia estratégias. E elas vão se intensificando. Temos relatos de que as empresas recomendam a seus executivos voando em jatos privados a pousarem em ponto seguro e mais distante, para chegar à cidade de forma mais discreta, sem usar carros e chamativos. Há se recomenda que executivos usem uniformes de técnicos da empresa, por exemplo — conta Renato da Fonseca, gerente-executivo de pesquisa e competitividade da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

RESTRIÇÃO ÀS LINHAS VERMELHA E AMARELA

O setor produtivo, explica Fonseca, vem pagando um preço elevado pelo aumento da violência no Rio. Além dos custos diretos, resultantes de perdas por roubos e atos de vandalismo, existem ainda os gastos com seguro e o reforço da segurança privada.

— Atualizando cálculos de 2016, estimamos que a indústria investiu R\$ 39 bilhões em segurança em 2017. Em pesquisa e desenvolvimento, esse montante não passou de R\$ 12,5 bilhões em 2015, que é o dado mais recente disponível no IBGE. Isso significa que recursos estão sendo retirados de outras frentes, é menos produtividade, menos emprego e menos renda gerados para garantir segurança — diz Fonseca.

Para as multinacionais, há a preocupação com executivos que trabalham no Rio ou têm de viajar a trabalho, ressaltava Thomaz Favaro, especialista da Control Risks, empresa global de consultoria em avaliação de risco e integridade. As companhias estão revisando o protocolo de

CÓDIGOS DE CONDUTA

VIAS: Empresas, sobretudo multinacionais, têm orientado funcionários a evitarem algumas vias do Rio por causa da violência. É o caso das pistas laterais da Rodovia Presidente Dutra e as linhas Amarela e Vermelha, duas das mais importantes da cidade.

NORÁRIOS: Companhias vêm alterando os turnos de seus funcionários. Dependendo do local da empresa, os colaboradores devem deixar as instalações antes do anoitecer.

TRANSPORTE DE CARGAS: Indústrias estão alterando os horários em que recebem matérias-primas e o momento de distribuir suas mercadorias ao varejo. Em geral, tentam evitar o período noturno e a madrugada. Na maior parte dos casos, essas cargas correm com reforço de escolta armada e monitoramento em tempo real por companhias especializadas em segurança.

ENERGIA ELÉTRICA: Consultorias de segurança estão sugerindo que empresas evitem em geradores. Isso porque, em caso de operação militar, as redes de energia, o fornecimento de eletricidade é suspenso, o que pode afetar os negócios.

ESTOQUES: Empresas estão reavaliando seus níveis de estoque. O objetivo é evitar que, com as operações de intervenção, o transporte de mercadorias e insumos sofra atrasos, gerando perdas financeiras inesperadas no processo fabril ou nas vendas.

UNIFORMES: Executivos e diretores passaram a usar uniformes iguais aos de funcionários, em algumas situações, como forma de reduzir a exposição.

BLINDADOS: Houve aumento no uso de veículos blindados para aumentar a segurança no transporte de funcionários de alto escalão na cidade.

segurança e recorrendo ao uso de carros blindados para deslocamentos no estado.

— As empresas no Brasil têm que reportar a suas matrizes (no exterior) o aumento da criminalidade. Em muitos casos, se o funcionário for exposto a uma situação de risco, a companhia pode ser responsabilizada. Por isso, elas têm que mostrar que estão tomando medidas de mitigação do risco, como aumento da segurança. A intervenção aumentou a sensação de que há uma deterioração na segurança pública do Rio — destaca Favaro.

A restrição ao uso de vias importantes do Rio e também do Arco Metropolitano, inaugurado em 2014 com a meta de melhorar a logística no Estado, é verificada por uma companhia de rastreamento via satélite. E pediu de diversos clientes corporativos, muitos deles estrangeiros.

— As empresas estão deixando de pensar em eficiência ao traçar rotas mais longas por conta da maior segurança. Isso traz um impacto direto nos negócios, com maior gasto de combustível, por exemplo. Além disso, as seguradoras não fazem mais seguro para as cargas entregues no Rio. Com isso, as empresas tomam o risco e quem sente o impacto é o consumidor, já que esse custo é repassado — diz Sérgio Duarte, vice-presidente da Firjan.

Com centro de distribuição em Madureira, na Zona Norte, e fábrica em Queimados, na Baixada Fluminense, a Piracê já gasta em torno de R\$ 1,5 milhão por ano com segurança, sem considerar vendas perdidas devido a roubo de carga, conta Alexandre Colombo, diretor de marketing da empresa. — Dobramos o efetivo na escolta dos caminhões. Mas os roubos, mesmo com a intervenção, persistem. Já tivemos seis ou sete este ano. Em 2017, houve ao menos um por semana. Foram 53 no ano. Gastamos 70% mais para renovar o seguro da carga.

Os cuidados não se restringem aos gastos com segurança. Uma empresa internacional do setor de petróleo, por exemplo, já recomendou aos funcionários evitar o uso das pistas laterais da Rodovia Presidente Dutra devido aos assaltos. Os funcionários não podem passar pelas linhas Amarela ou Vermelha ou voar a partir do Galeão. Em casos de extrema necessidade, aprovados pela administração, é preciso usar transporte blindado.

— Tudo isso gera uma perda financeira e de produtividade. O jeito foi criar uma série de recomendações aos funcionários, para evitar problemas sérios de segurança. Na hora do almoço, também orientamos os colaboradores a almoçarem no restaurante que fica dentro da companhia e não no shopping, que fica perto da unidade fabril — conta a diretora de uma dessas empresas, que não quis ser identificada.

A violência também afugenta negócios. O Magazine Luiza tem perto de 800 filiais no país e nenhuma no Rio. Luiza Helena Trajano, presidente do Conselho de Administração do grupo, reconhece que a empresa “tem um déficit com o estado”, pela falta de lojas físicas no mercado fluminense.

— Minha tia, que fundou a empresa, tinha muito medo do Rio de Janeiro. Ela sempre falava: “No Rio, não é para montar loja por causa da violência”. Mas acho que o que pesa é que não tivemos uma rede para comparar aqui na época em que estávamos fazendo isso (em outras regiões). Achamos o Rio um mercado espetacular — afirmou Luiza durante visita ao Rio na semana passada, admitindo, porém, que não há previsão de inaugurações no estado.

Na busca pela redução de riscos, cresce a procura por empresas especializadas em desenvol-

ver protocolos de segurança. A ICTS Security, consultoria de origem israelense, com duas centenas de clientes no país, afirma que a procura sobiu 200% ao longo do último mês, sobretudo após o anúncio da intervenção federal. Carlos Guimaraes, especialista em segurança da ICTS, conta como a operação e o aumento da violência estão alterando a rotina das empresas. A maior preocupação dos clientes, explica, é criar um plano de continuidade nos negócios, como forma de mitigar os riscos com possíveis operações militares e o número de roubos.

— O objetivo é evitar que, com as operações de intervenção, o transporte de mercadorias e insumos sofra atrasos, gerando perdas financeiras inesperadas no processo fabril ou nas vendas. Em muitos casos, dependendo do local da empresa, os colaboradores deixam a companhia antes do anoitecer, por exemplo. Outra mudança envolve a hora em que as empresas recebem a matéria-prima e o momento em que as mercadorias saem da fábrica. Isso tudo é para evitar perdas no processo. Sem isso, o faturamento é afetado. Outro ponto importante é o nível de estoque, em caso de não se conseguir receber material — diz Guimaraes.

ADIAMENTO DE PROJETOS

Segundo Guimaraes, muitas empresas já encerraram suas operações em algumas áreas do Rio, como Pavuna, São João de Meriti e Belford Roxo. Na Baixada, o clima é de preocupação, relata o executivo de uma grande companhia:

— Os últimos quatro meses foram muito preocupantes, traumáticos. A situação da segurança saiu do controle. Já há relatos de empresas em áreas de risco em que milícias cobram valores semanais “em troca” de segurança. Isso é absurdo. Contratar serviço de segurança aumenta muito os custos das empresas. Isso pode afugentar investimentos.

Christino Aureo, secretário estadual da Casa Civil e Desenvolvimento Econômico, reconhece o peso da segurança na captação de investimentos:

— Os problemas relacionados à segurança pública influenciam as decisões de investimento não apenas no estado, mas em todas as regiões. Mas as empresas tomam suas decisões de acordo com avaliações que visam ao médio e longo prazo, e há um esforço concentrado e integrado hoje, entre as forças federais e estaduais, para sanear esse problema. Apesar da recessão, diz Aureo, o Rio atraiu R\$ 5,5 bilhões em investimento nos últimos dois anos, de 32 empresas que se instalaram ou ampliaram suas instalações no estado, gerando 7 mil empregos.

Mas Octávio Vaz, sócio da AQB Asset, especializada em fundos imobiliários na área de logística, vê um cenário negativo para os negócios:

— Existe um claro adiantamento de projetos na área de logística. Os investidores estão esperando terminar a intervenção, com medo de vir o Rio. Cogitamos desmontar algumas locações no estado. Com o problema da segurança, o custo sobe demais. ●

Receita de seguros de transporte no Rio salta 124,8% no ano passado, na página 28

Anexo 45. O GLOBO. “Chá das cinco em Itaguaí”, 17/03/2018.

CRÍQUETE

VERY BRITISH

Chá das cinco em Itaguaí

Formado por jogadores de vários países e com menos de dez anos de existência, o Carioca Cricket Club vai enfrentar, hoje e amanhã, um clube inglês fundado em 1787

VITOR SETA
vitor.seta@infoglobo.com.br

Duas equipes de 11 jogadores, tacos, bolas, lançadores e rebatedores. Esses são os elementos básicos de um dos esportes mais populares do mundo: o críquete. Muito praticada na Inglaterra e em ex-colônias inglesas, como a Índia, a modalidade tem poucos adeptos no Brasil. Entretanto, um clube de apaixonados pelo esporte faz o possível e o impossível para mantê-lo vivo no Rio.

O Carioca Cricket Club, ou CCC, é a casa de amantes do críquete de diversas nacionalidades no Rio. Fundado há oito anos em um encontro entre amigos ingleses, australianos e indianos entusiasmados da modalidade em um tradicional bar de Copacabana, o clube vem aumentando seu número de membros e ganhando cada vez mais notoriedade. Prova disso é a programação da equipe para este fim de semana: hoje e amanhã, o CCC tem dois jogos marcados contra o Marylebone Cricket Club (MCC), tradicional equipe inglesa, tratada como o berço da modalidade.

— A expectativa é não perder feio — brinca o inglês Nick Ellerby, capitão da equipe. — Apesar da dificuldade das partidas, o clima é de celebração. Os adversários serão recebidos com festa e um tour pelos principais atrativos turísticos da cidade.

UM CARIOCA NO TIME

Os jogos serão em Itaguaí, no campo onde fica a sede do clube, das 10h às 14h. A entrada é franca. Ônibus partirão do Leme para o local, nos dois dias, às 7h30m.

O time carioca se esmerou para esse encontro. Na tarde da última quarta-feira, 15 dos 75 jogadores registrados apareceram no campo da Lagoa para, sob sol escaldante, fazer um treino extra — a equipe se reúne sempre aos domingos no local, que divide com quatro times de outras modalidades, como



FOTOS DE DIVULGAÇÃO



Na Lagoa. O Carioca Cricket Club treina para jogar com o Marylebone Cricket Club: ao lado, o inglês Nick Ellerby, capitão do time do Rio

basebol e softbol. Eles fizeram uma parceria para dividir os custos de manutenção do espaço e uma série de reformas para atender às necessidades de cada um dos esportes.

Fundado em 1787, o MCC tem integrantes que já jogaram profissionalmente por seleções nacionais e vem fazendo uma turnê pela América do Sul, passando por Chile, Peru e Brasil. Até agora, venceu todos os jogos que disputou.

Por aqui, uma das grandes dificuldades do CCC é ter onde praticar o esporte. A sede do clube é um pedaço do campo de polo que fica na propriedade de um amigo do inglês Tobias Hanbury, um dos fundadores e atual *chairman* (responsável pelos negócios) da equipe.

— O problema era onde jogar, já que todos os campos da cidade eram ocupados pelo futebol — reclama Hanbury, reconhecendo que Itaguaí está longe do ideal. — A Avenida Brasil é um inferno.

Na equipe carioca, em que predomina o português carregado de sotaque de jogadores de Paquistão, África do Sul, País de Gales e Inglaterra, um brasileiro chama a atenção na equipe: Felipe Lima, que integra o time há seis anos.

O professor carioca, que luta contra a depressão há anos, encantou-se pelo críquete em 2010, em uma de suas muitas noites sem dormir, acompanhando esportes do outro lado do globo pela televisão.

— É um jogo estritamente

técnico, como se misturasse o dinamismo do beisebol com a classe do golfe — conta ele. — Quando estou jogando, tenho que me concentrar 100% na partida. Isso facilita muito tanto no combate à depressão quanto na minha deficiência de concentração.

Apesar do encantamento de Felipe, o Carioca Cricket ainda quer atrair outros jogadores brasileiros. Patrocinado por uma empresa farmacêutica e com sua sede em Itaguaí como palco do campeonato nacional da modalidade por cinco vezes, há planos para a criação de uma equipe feminina, já que mulheres têm se interessado pelo esporte. ●

Anexo 46. O GLOBO. “Celular vira alerta para tiroteios e balas perdidas”, 18/04/2018.

Celular vira alerta para tiroteios e balas perdidas

Serviços de aplicativos surgidos no rastro da violência chegam a outros estados

Simone Canóbia
simonecanobia@oglobo.com.br

Está na rotina de qualquer morador de cidade grande: antes de sair de casa, é preciso conferir em aplicativos no smartphone qual a melhor rota de deslocamento para fugir de engarrafamentos. Mas quem vive no Rio de Janeiro tem uma preocupação a mais, além do trânsito: é preciso saber onde há tiroteios e, na medida do possível, tentar evitar armadilhas, balas perdidas e assaltos. Desde 2015, dois serviços gratuitos, o OTT-RJ (Onde Tem Tiroteio) e o Fogo Cruzado, monitoram e dão alertas de tiros nas ruas do estado, fornecendo estatísticas sobre disparos e conquistando cada vez mais público.

Funcionando num sistema colaborativo, os dois têm objetivos e metodologias diferentes. Mas, nestes tempos de acirramento da insegurança, têm feito tanto sucesso que já estão se expandindo para outros estados. Com 600 mil seguidores no Facebook, o OTT-RJ, há 15 dias, já recebe o distribuído dados de tiroteios em São Paulo. E o Fogo Cruzado, que possui cerca de 140 mil pessoas cadastradas, preparou-se para contabilizar os tiros da cidade de Recife, a partir do ano que vem.

A OTT-RJ não tem uma sede e funciona com quatro amigos que se revezam 24 horas, recolhendo, filtrando e divulgando informações com seus próprios celulares e computadores. Nenhum deles trabalha na área de segurança pública — anunciaram na ideia porque queriam criar uma rede de proteção para amigos e familiares. Iniciada em janeiro de 2015, a OTT começou como uma página no Facebook, com pouco mais de 200 seguidores. Hoje, segundo o fundador do projeto, Benito Quintanilha, a página já foi curtida por mais de 600 mil pessoas.

—Vim uma reportagem de uma pessoa balçada na cabeça no Complexo do Alemão. Decidi fazer algo para ajudar o povo

carroca, então criei uma página no Facebook. Mas, num primeiro momento, eu só ajudava meus amigos do Facebook. Casos em que não havia e eu chamava três amigos. Criamos a página em 1º de janeiro de 2016, mas a ideia só ganhou corpo em março. Todos nós temos outros empregos e fazemos o trabalho na OTT de forma voluntária, sem remuneração, nas horas de folga — conta Benito Quintanilha, que trabalha em plataformas de pedicabos, e estima que 4,7 milhões de pessoas acessam as informações da OTT.

VERSÃO ATÉ PARA ESTRANGEIROS

A escala sofre mudanças de acordo com o horário de trabalho e compromissos familiares de cada um. O analista de sistemas Dennis Colis, por exemplo, é responsável por monitorar os avisos nos grupos de WhatsApp, Telegram, Facebook e do aplicativo nos finais de semana e no período das 8h às 19h. A equipe da OTT-RJ conta ainda com o técnico de logística Henrique Canturano e o professor de Física Marcos Vinícius Ruppelista.

A informação chega e sai via redes sociais (os usuários precisam solicitar a adesão por meio de mensagem do Facebook) e pelo aplicativo (é necessário fazer um cadastro). O objetivo é produzir alertas rápidos, enviados quase em tempo real para os seguidores. Mas, entre a chegada do aviso e o envio da mensagem para os cadastrados (São 23 mil pessoas nos grupos de WhatsApp, por exemplo), é preciso checar se a informação é verdadeira. Eles também costumam receber fotos e vídeos, que são encaminhados para a imprensa e publicados na página da OTT-RJ. E, como a ideia é ajudar qualquer pessoa a fugir da rota de violência, foram criados alertas em inglês para estrangeiros.

— Contamos com a ajuda de nossa rede de cinco mil voluntários, do núcleo de confiança. Temos, por exemplo, 2 mil usuários do aplicativo Zelo, via rádio, que nos ajudam a confirmar rapidamente qualquer informação. São motoristas de táxi e de Uber que rodam por todo o Rio e moradores de comunidades. Temos que checar tudo porque, muitas vezes, as pessoas ouvem fogos e acham que são tiros — explica



Tipo exportação. O Fogo Cruzado foi criado a partir da necessidade da jornalista Cecília Oliveira. Ideia, que agrada a cariocas, será lançada em Recife



Benito, que comemora a chegada da “família OTT” em São Paulo e planeja atingir em breve Minas Gerais e cidades do Nordeste. Em dois anos, os administradores produziram dados estatísticos sobre a violência no Rio.

—Por exemplo: se você passar na Avenida Brasil, na altura do Shopping Guadalupe, entre 16h e 19h, terá 60% de chances de passar por um armistício — explica o analista do sistema Dennis Colis.

— É o serviço do aplicativo Fogo Cruzado, que monitora a incidência de tiroteios e disparos de arma de fogo na Região Metro-

politana do Rio, surgiu por uma necessidade profissional. Em 2015, a jornalista Cecília Oliveira precisava de informações sobre tiros e vítimas de balas perdidas, mas não as obtinha com os órgãos de segurança.

—Em 1º de janeiro de 2016, eu comecei a arquivar tudo numa planilha de Excel. Vi que era impossível fazer isso sozinha, muito assustador — conta Cecília, que começou usando como fontes a imprensa e os sites das polícias, além das páginas de ONGs e também de coletivos de comunidades.

Depois de um mês, ela pro-

curou ajuda e lançou o Fogo Cruzado, com a Anistia Internacional, um mês antes dos Jogos Olímpicos. O principal foco do trabalho era montar um banco de dados, que pudesse ser usado por pesquisadores e jornalistas. Desde janeiro de 2018, o projeto é gerido pelo Instituto Update e se desligou da Anistia.

— Chegamos à conclusão de que deveríamos não só coletar dados, mas também fazer algo interativo, com mais interface com a população — conta Cecília, que em abril lançou uma versão do Fogo Cruzado em Recife, Pernambuco.

Pelo aplicativo, moradores do Rio podem fazer consultas ou colaborar, contando o que viram ou se ouviram tiros. Um sistema de geolocalização permite ao usuário saber se há tiroteio em seu entorno.

— Ao clicar em “agora”, o GPS vai mostrar os tiros registrados num raio de 4 km de onde você está. Se usar filtros por região, poderá ver as últimas ocorrências do local, com horário, dados sobre vítimas e fonte — explica ela, que conta com a anfitriã de dados Paula Napolião, a socióloga Maria Isabel Couto e o estudante de Ciência Sociais Michel Rosa em seu time.

RELATÓRIOS MENSAIS

A equipe de gestão de dados do Fogo Cruzado também não tem um escritório. Os seis integrantes trabalham de casa, em seus celulares e computadores, 24h, todos os dias. Ao contrário do OTT-RJ, recebem salários. Além das notificações pelo aplicativo, a equipe recebe informações via WhatsApp (de pessoas conhecidas), mensagens diretas via Twitter e também pelo Facebook. A base de dados também inclui notícias da imprensa e relatos de sites de autoridades policiais.

— As pessoas podem encaminhar as informações e recebê-las de volta. Elas podem inclusive receber estes dados em forma de relatórios, que a gente faz mensalmente. Também emitimos alertas, que podem ser acessados nas redes sociais em tempo real — explica Cecília. ●

Anexo 47. O GLOBO. “Você pode substituir chocolate por... cenouras”, 28/03/2018.

PÁSCOA 'DIFERENTONA'

Você pode substituir chocolate por ... cenouras

Prefeitura de Caxias dá legumes para alunos fazerem bolo

RAYANDERSON GUERRA
rayandersonsouza@infoglobo.com.br

Ovos de chocolate? Um bomboninho que seja? Nada disso. As vésperas da Páscoa, a Secretaria municipal de Educação de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, resolveu presentear cada aluno da rede com três cenouras. Meio murchas, elas foram acom-

panhadas por uma receita de bolo (sem os demais ingredientes). O kit “faça você mesmo sua sobremesa” não foi bem recebido pelas crianças. E muito menos pelos pais.

Nas redes sociais, eles reclamaram do “presente”. Um deles ironizou o prefeito Washington Reis: “Que o senhor seja ricamente abençoado por ter abençoado nossas crianças com três cenouras murchas”. Outra internauta reclamou do kit dado a uma prima: “Ela disse que a professora entregou dizendo que o prefeito pediu para eles fazerem bolo de cenoura em casa. Minha prima virou coelha agora?”.

A Secretaria municipal de Educação afirmou às escolas que o kit fazia parte do projeto “Páscoa com alimentação saudável”. Mas, além da preocupação com o bem-estar dos alunos, houve outro motivo para a distribuição de tantas cenouras. O município teria encomendado, por engano, uma quantidade maior do que a usual do legume, usado na merenda escolar. Para evitar desperdício, a solução foi substituir os ovos de Páscoa pelas cenouras.

“Torna-se imprescindível o esclarecimento, bem como a união de esforços a fim de que não haja desperdício de

gêneros, uma vez que estes são para atendimento efetivo dos alunos”, diz o comunicado enviado aos diretores.

PREFEITO PEDE DESCULPAS

Em nota, a Prefeitura de Duque de Caxias disse que o prefeito Washington Reis, após ter conhecimento da distribuição de cenouras pela Secretaria municipal de Educação procurou os responsáveis pela pasta em busca de explicações. No documento, o prefeito lamentou o episódio e pediu “desculpas ao povo de Duque de Caxias, em especial aos nossos 80 mil estudantes e suas famílias”. ●

Anexo 48. O GLOBO, 31/03/2018.

O GLOBO

SÁBADO, 31 DE MARÇO DE 2018 | ANO XLIII | Nº 30.057 | Rio de Janeiro | oglobo.com.br

Trineu Marinho (1876-1925) — **berto Marinho**

SEGUNDO CADERNO

Em xeque O DELICADO NEGÓCIO DA ARTE
Furto de gravuras da Biblioteca Nacional expõe fragilidades do mercado de arte e acende alerta no setor.

TURMA DA MÔNICA DISCUTE RACISMO
Criado em 1960 por Mauricio de Sousa, Jeremias terá a sua própria revista.

MARINA CARUSO LUGAR DE SAIA
Versão masculina da peça vai ganhar sua primeira grife.

HOPE
Ícone. "Hope", um dos cartazes de mostra em Londres
DESIGN GRÁFICO E POLÍTICO

Cidades imunes à crise

Indústria aquece emprego formal

Uma indústria diversificada e voltada à exportação garantiu a criação de emprego nas cidades que mais abriram vagas formais no Brasil em 2017. Em Belo Horizonte, campeão nacional, foram 5.467 postos de trabalho. No Estado do Rio, Resende foi o município de melhor desempenho, com 1.298 vagas. **PÁGINA 2**

Prisões em 2ª instância

Juizes e MP fazem manifesto

Mais de 300 juizes e procuradores assinaram manifesto que será entregue ao STF na segunda-feira e favor da prisão em 2ª instância. Na Corte, o julgamento que pode levar o ex-presidente Lula, condenado pelo TJE-4, à cadeia será realizado na quarta. **PÁGINA 8**

Miriam Leitão

LONGA NOITE

Faladores de passado invertem virtudes para a ditadura de 64. **PÁGINA 22**

Questão palestina

Protesto em Gaza deixa 16 mortos

PÁGINA 25

NO CENTRO DO PODER

Amigos de Temer já foram denunciados à Justiça

Ação investiga 'quadrião do PMDB'
Ministério Público acusou, no dia 21, José Yunes e coronel Lima de integrar organização criminosa ligada ao partido

Seis dias antes de o STF autorizar seus mandados de prisão, o advogado José Yunes e o coronel João Baptista Lima foram denunciados pelo Ministério Público à 12ª Vara Federal de Brasília. Amigos do presidente Michel Temer, eles foram acusados de integrar organização criminosa ligada ao PMDB, como intermediários de propina. As provas serão re-

metidas à Procuradoria-Geral da República para auxiliar nas investigações que envolvem Temer e elevam a pressão por acordos de delação. Em depoimento na investigação sobre o decreto dos portos, o dono da Rodrimat, Antonio Celso Grecco, reconheceu ter pedido ajuda a Temer, que teria respondido: "Você ver o que posso fazer". **PÁGINAS 9 e 6**



Rocinha vive guerra mais letal em 4 anos

Em seis meses, ocorreram 60% das mortes desde 2014

A Rocinha nunca esteve tão violenta. Desde que ganhou uma delegacia em 2014, a favela registrou 91 assassinatos. Desse total, 60% aconteceram só nos últimos seis meses de guerra. Anteriormente, Danilo dos Santos foi morto a tiro com o filho nos braços. Em Caspary, houve um ato por criação morta. **PÁGINAS 10 e 11**

ESPORTES

BOXE À MODA CARIOCA

Unindo exercícios aeróbicos e autodfesa, o BeachBoxing cresce no Rio, principalmente entre os mulheres. **PÁGINA 29**

MARTÍN FERNÁNDEZ
O combate ao preconceito não é sório. **PÁGINA 30**

SOCIEDADE

CÉLULAS-TRONCO TERAPIA PARA ESCLEROSE MÚLTIPLA

Ainda em fase experimental, novo tratamento interrompe a evolução da doença neurológica. **PÁGINA 27**

EXERCÍCIOS MUDAM CORPO E MENTE

Em edição do Encontro O GLOBO, especialistas dão dicas de como driblar o sedentarismo. **PÁGINA 26**

LANÇAMENTO ALL NEW

TERMINATOR THERON HYUNDAI

QUAL CLUTCH 7 VELOCIDADES 2019

ELEITO O MELHOR SUV PREMIUM DO BRASIL
Superando BMW X1, AUDI Q3, MERCEDES GLA, JAGUAR E DISCOVERY

BÔNUS de até 7 MIL Financiamento em 7 parcelas Taxa por dia de **SÓ EM JULHO 0,81% a.m.** CAOA HYUNDAI

Preço desta exemplar no Estado do Rio de Janeiro - R\$ 5,00

Anexo 49. O GLOBO.

“O coelho existe, sim!”

31/03/2018.

O coelho existe, sim!

A Páscoa vai chegar mais tarde para centenas de famílias abaixo da linha da pobreza, no Jardim Gramacho, em Caxias. Nas primeiras horas do dia 7, a ONG Corrente pelo Bem distribuirá no local ovos de chocolate, fraldas e... ventiladores. É que faz muito calor na região, por muitos anos, o endereço do maior lixão da América Latina.

ESCALADA DA VIOLÊNCIA

Roubos explodem

Seis tipos de crime atingem, no primeiro bimestre, os piores patamares da série histórica

por exemplo, peraltou-se a capacidade investigativa da Polícia Civil e o patrulhamento ostensivo da Polícia Militar.

— Temos superado os limites, o que criou muito mais pressão no sistema. Os crimes de maior incidência são, de fato, os crimes de trânsito, mas os crimes de trânsito são os crimes de trânsito.

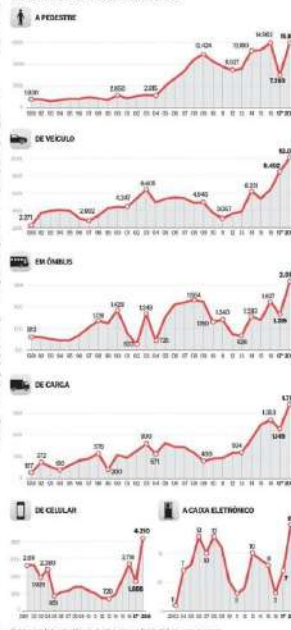
PERÍODO EM VOLANTE
No período analisado pelo GLOBO, os dados cresceram em quase todas as modalidades de roubo, com exceção da modalidade de roubo de veículo, que teve uma queda de 10,4% em relação ao mesmo período do ano anterior.

— Cada vez mais desarmatizado, o crime de roubo de veículo tem se tornado um crime de trânsito, com o roubo de veículo sendo tratado como um crime de trânsito.

— Cada vez mais desarmatizado, o crime de roubo de veículo tem se tornado um crime de trânsito, com o roubo de veículo sendo tratado como um crime de trânsito.

OS NÚMEROS QUE NÃO PARAM DE CRESCER

OS ROUBOS DE JANEIRO E FEVEREIRO SOMADOS



VITIMAS



“Ja me assaltaram várias vezes. Já roubaram meu celular na praia. Já foram outras vezes, inclusive num arrastão mas, graças a Deus, não me pegaram porque entrei numa loja. Foi na Nossa Senhora de Copacabana. Ainda bem que moro nos Estados Unidos, estou aqui de férias. Estou desacomodada com o Rio. Quem pode morar fora está indo embora. Aqui você não pode usar um celular, não pode usar nada. Isso aqui está acabando. Não posso o carnaval. Agora, depois que estou aqui, já não quero voltar mais”

Graciela Costa, 46/47 anos

“Em maio do ano passado, eu estava indo para o trabalho, por volta das 6h, na Tijuca. Parei no sinal, e um homem saguiu segurando uma arma. Tirei o cinto e, no que abriu a porta, ele disse: ‘Perdeu’. Ele botou a arma na minha cabeça, me roubou tudo. Levou tudo, inclusive o carro”

João Augusto, 42/43 anos

Palavra de especialista

análise de Adna Zales, antropóloga e professora de Uerj

MUDANÇAS NA ATUAÇÃO DOS CRIMINOSOS

Para a antropóloga Adna Zales, o aumento dos crimes de roubo de veículo e roubo de dinheiro em áreas de baixa renda reflete uma mudança na atuação dos criminosos.

que há muito tempo os principais alvos são os bancos, e que os roubos de veículo são os crimes de trânsito.

NOVA MODALIDADE

Resgate para devolver carros

Policia suspeita que quadrilhas de traficantes estão exigindo até R\$ 3 mil de cooperativas de seguro para entregar veículos roubados em Belford Roxo



Operação. Vários carros foram apreendidos em operação por policiais de Belford Roxo. Foto: Polícia Civil

quadrilha de seguro da Belford Roxo seria obrigada para prestar depoimento, “interrogatório” e identificação à polícia.

— O crime, a SLP identifica duas suspeitas que aparecem armadas nos vídeos que circula na rede social. Na operação, tivemos presença de policiais de Belford Roxo. A polícia vai pedir as primeiras de Belford Roxo. A polícia vai pedir as primeiras de Belford Roxo. A polícia vai pedir as primeiras de Belford Roxo.

CAROLINA HERNANDEZ
Carolina Hernandez, antropóloga e professora de Uerj

A Polícia Civil de Rio suspeita que quadrilhas de traficantes que roubam carros na Baixada Fluminense estão exigindo de cooperativas de seguro para devolver os veículos. O valor, que fica entre R\$ 2 mil e R\$ 3 mil, depende do modelo e do ano do carro roubado. O delegado titular da SLP (Belford Roxo), Luiz Henrique Belford Rodrigues, diz que no último dia de roubo de automóveis na cidade aconteceu com vítimas sob o nome de uma cooperativa. Em fevereiro passado, foram registradas 266 casos de roubo de carro, com uma taxa de 25% em relação ao mesmo mês de 2017.

— Uma região vive um grande aumento de roubo de veículos, e não é diferente que se compararmos de roubo de veículo registrado no período de janeiro a fevereiro de 2017, houve um aumento de 10% em relação ao mesmo período de 2017.

— Cada vez mais desarmatizado, o crime de roubo de veículo tem se tornado um crime de trânsito, com o roubo de veículo sendo tratado como um crime de trânsito.

— Cada vez mais desarmatizado, o crime de roubo de veículo tem se tornado um crime de trânsito, com o roubo de veículo sendo tratado como um crime de trânsito.

Anexo 51. O GLOBO. “Baixada, a região onde estão os mais altos índices”, 04/04/2018.

Quarta-feira 4.4.2018

Rio

O GLOBO 11

ESCALADA DA VIOLÊNCIA

Baixada, a região onde estão os mais altos índices

Delegacia de Cascas registrou os maiores números de roubos a pedestres, em ônibus e de celular

RAFAEL GALDO
rafael.galdo@globo.com.br

Primeira sexta-feira de fevereiro. Não passava das 22h na Rua Marechal Deodoro, uma das mais movimentadas do bairro Vinete e Cinco de Agosto, em Duque de Caxias, quando o empresário Victor Hugo Carvalho foi abordado por dois jovens armados. Agressivo, os bandi-dos gritavam anunciando o assalto. Mas fugiram tranquilamente de bicicleta, levando celular, relógio e dinheiro. A um quilômetro de mansão de um quilômetro da 59ª DP (Duque de Caxias) e do fórum da cidade.

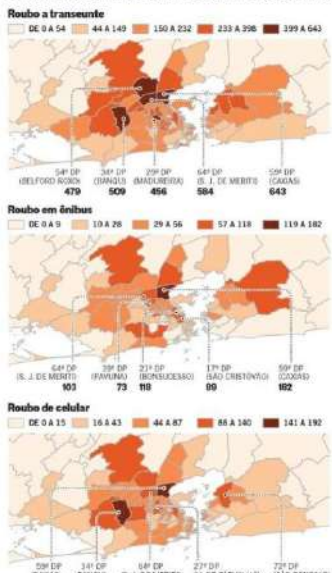
Ataques como esse viraram rotina no município, como mostram os dados do Instituto de Segurança Pública (ISP). A partir deles, O GLOBO desenhouna mancha criminal do estado por área de atuação das delegacias. E, no primeiro bimestre deste ano, em que o Rio

baixou altos índices criminalidade, foi justamente a circunscrição da 59ª DP — que inclui ainda o Centro de Cascas e bairros como a Vila São Luís — a que registrou o maior número de assaltos a pedestres em território fluminense: 643, seguida pela 64ª DP (São João de Meriti), também na Baixada Fluminense, com 581 casos.

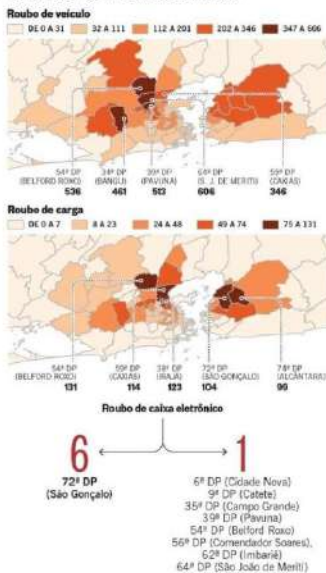
— Desde que fui assaltado, ando com medo. Levo um celular velho no bolso, não atendo o telefone na rua e, aos domingos, nem levo o aparelho comigo. Por mais que esteja ocorrendo a intervenção federal no Rio, não vejo perspectivas de melhoras, principalmente na Baixada — diz Victor Hugo.

A realidade das ruas e os números dão motivos à falta de esperança do empresário. A 59ª DP ainda está no topo do estado em casos de roubos em ônibus (182 registros) e de roubos

A MANCHA CRIMINAL NA REGIÃO METROPOLITANA



NÚMEROS RELATIVOS A JANEIRO E FEVEREIRO DE 2018



de celular (192), além de aparecer entre as cinco com mais ocorrências de roubos de carga (114) e de veículos (346). Em todos esses rankings, é acompanhada também de outras delegacias da Baixada.

Na lista das delegacias com mais incidência desses cinco tipos de roubo, a região predomi-

na situação não era tão melhor, sobretudo, em Cascas. Mas as delegacias da capital, principalmente as da Zona Norte, apareciam mais na lista das com maiores índices de roubos.

Os ataques a cargas, por exemplo, estavam concentrados nas áreas da 39ª DP (Irajá), da 39ª DP (Pavuna), da 21ª DP

(Bonsucesso), da 24ª DP (Piedade) e da 22ª DP (Penha).

A geografia muda em relação aos roubos a caixas eletrônicas. Nos primeiros meses de 2018, eles foram mais frequentes na circunscrição da 72ª DP (São Gonçalo), com seis registros. Outras nove delegacias no estado registraram o mesmo crime.

Jungmann pedirá que DH ouça testemunhas

Para ele, polícia deve achar pessoas localizadas pelo GLOBO que viram morte de vereadora

CARINA BACELAR
cgomes@globo.com.br

O ministro da Segurança Pública, Raul Jungmann, disse ontem, durante o encontro “Elogra, Brasil”, realizado pelo GLOBO, com patrocínio da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) e apoio do Banco Mollat, que vai conversar com o chefe da Polícia Civil do Rio, Rivaldo Barbosa, sobre a possibilidade de duas testemunhas da morte da vereadora Marielle Franco e do seu motorista, Anderson Go-

mes, localizadas pelo GLOBO, serem ouvidas pela Delegacia de Homicídios. Conforme o jornal revelou no último domingo, duas pessoas viram a ação dos assassinos, a cerca de 15 metros de distância, mas, como não tinham sido identificadas pelos investigadores, não prestaram depoimentos à polícia. Elas afirmaram que, logo após o crime, foram aconselhadas por policiais militares a se afastarem do local e a ir para suas casas. O ministro afirmou ainda que eventuais falhas da investigação serão reconhecidas.

— Vou procurar junto ao próprio Rivaldo Barbosa. É uma pessoa que tem competência reconhecida pela sociedade do Rio, inclusive por ter desvendado importantes crimes. Se ocorreu uma falha

all, tem que reconhecer e chamar as pessoas para prestar depoimento a esse respeito. É claro que isso é transparente, e o que deve ser feito tem que ser feito — declarou Jungmann.

INQUÉRITO “ESTÁ CAMINHANDO”

Antes do início do encontro, o ministro disse que o inquérito sobre o caso está “caminhando” e envolve oito equipes de investigadores da Polícia Civil.

— A polícia não deve dar informações para não prejudicar as investigações. Mas posso assegurar que ela está avançando, há oito equipes envolvidas nisso. Sobre tudo, aqueles que estão à frente têm, da parte da sociedade do Rio, o respeito e o reconhecimento da competência, porque no passado já

desvendaram outros crimes, como o caso da juíza Patrícia Aciole e do (ajudante de pedreiro) Amarelido — afirmou Jungmann. — Vamos ter respostas sim, queremos encontrar os mandantes e executores e colocá-los na cadeia.

Marielle e Anderson foram executados a tiros, no dia 14 de março, no Estácio. A vereadora, que tinha participado de um evento de mulheres negras na Lapa, estava indo para casa. O grupo teria sido segurado pelos assassinos, que estavam num Colômbia para. Uma assessora parlamentar de Marielle, que também estava no veículo, sobreviveu. Desde então, teve início uma onda de manifestações no Brasil e no exterior exigindo que o crime não fique impune. ■

PM morto na Baixada Fluminense é o 32º PM assassinado este ano

Vítima, que era lotada na UPP da Rocinha, foi achada baleada em rua do município de Queimados

O soldado da PM Luterio Galiza de Souza, de 33 anos, lotado na Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da Rocinha, foi morto a tiros, na tarde de ontem, em Queimados, na Baixada Fluminense. Segundo a assessoria de imprensa da PM, a guarnição só descobriu que se tratava de um policial, ao chegar ao local do crime. A vítima foi encontrada, baleada, na Rua Mondaine, no bairro São Roque, em circunscrição ainda não esclarecida. ■

A Delegacia de Homicídios da Baixada Fluminense vai investigar o caso. Luterio estava na corporação há três anos e deixou uma filha. Ele já não temo mais palavras para me expressar. Meus sentimentos a todos da família.”

Na última segunda-feira, um subterfúgio foi morto durante assalto na Estada Intendente Magalhães, em Campinho, na Zona Norte. Marcelino de Melo Ferreira, de 54 anos, lutou com três criminosos, mas foi baleado na cabeça com a própria pistola. Os assassinos foram captados. ■

Anexo 52. O GLOBO. “Mortes em confronto com a polícia subiram 38,8% este ano”,
05/04/2018.

Mortes em confronto com a polícia subiram 38,8% este ano

São Gonçalo, cidades da Baixada e Irajá registraram os maiores números de casos

OS AUTOS DE RESISTÊNCIA POR ÁREA DE BATALHÃO

EM JANEIRO E FEVEREIRO DE 2018

Em janeiro/fevereiro de 2018



Em todo o ano de 2017



Editoria de Arte

FÁBIO TEIXEIRA
fabio.teixeira@oglobo.com.br
GISELLE OUCHANA
giselle.ouchana@oglobo.com.br

Enquanto os bandidos não dão trégua nas ruas do estado, que teve este ano o pior patamar de roubos desde o início da série histórica divulgada pelo Instituto de Segurança Pública (ISP), a polícia vem reagindo com violência no combate ao crime. No primeiro bimestre, o número de mortes de civis em confronto com agentes da segurança pública — os chamados autos de resistência — aumentou 38,8% em relação ao mesmo período do ano passado. Foram 254 casos nos dois meses, uma média de 4,3 registros por dia. Os homicídios em decorrência de intervenção policial foram mais recorrentes em São Gonçalo, onde o patrulhamento é de responsabilidade do 7º BPM. Na cidade, ocorreram 34 autos de resistência, uma alta de 58,8% se comparado a janeiro e fevereiro de 2017. Mas, entre as cinco Áreas Integradas de Segurança Pública (Aisp) que estão no topo do ranking desse tipo de crime, três são da Baixada Fluminense. Reportagem do GLOBO mostrou ontem que a região é a que registra os mais altos índices de criminalidade no estado.

Entre as mortes ocorridas em janeiro, estão as de dois suspeitos durante uma troca de tiros com policiais do 7º BPM. Na ação, que aconteceu no Complexo do Salgueiro, armas foram apreendidas. Foi nesta mesma favela que, em novembro do ano passado, oito pessoas foram

mortas durante uma operação feita pela Coordenadoria de Recursos Especiais (Core), da Polícia Civil, e por militares das Forças Especiais do Exército. Até hoje não se sabe de onde partiram os tiros que mataram as vítimas. No início de fevereiro, pouco antes da decretação da intervenção federal no Rio, o Exército, a Polícia Civil e a Polícia Rodoviária Federal fizeram uma outra incursão no Salgueiro, na qual oito suspeitos foram presos.

Dados divulgados pelo ISP mostram que, depois de São Gonçalo, Duque de Caxias foi a região com mais mortes durante operações policiais no primeiro bimestre. Foram 20 registros, três a mais que no mesmo período do ano passado. As áreas do 20º BPM (que abrange as cidades de Nova Iguaçu, Mesquita e Nilópolis) e do 24º BPM (que patrulha Seropédica, Itaguaí, Paracambi, Queimados e Japeri) tiveram 18 autos de resistência, cada uma.

NA CAPITAL, IRAJÁ É A ÁREA COM MAIS MORTES

Em quinto lugar, está a região de Irajá, sob a responsabilidade do 41º BPM. Lá foram registrados 17 homicídios durante confrontos. Apesar de aparecer no topo da lista, a área teve uma redução de 52,7% do número de casos: de 36 no primeiro bimestre de 2017, para 17 no mesmo período deste ano. O batalhão de Irajá foi alvo de críticas da vereadora Marielle Franco, assassinada em 14 de março no Estácio. Quatro dias antes de morrer, ela publicou numa rede social que policiais estavam agindo com violência na Favela de Acari. Na postagem, ela dizia: “Nessa semana, dois jovens foram mortos e jogados em

um valão. Hoje, a polícia andou pelas ruas ameaçando os moradores. Acontece desde sempre com a intervenção ficou ainda pior”.

Para o sociólogo e pesquisador do Laboratório de Análises da Violência da Uerj, Ignácio Cano, os números são muito altos e preocupantes, principalmente, nos municípios da Baixada, onde não há ações da intervenção:

— Os números de mortes são elevadíssimos e preocupantes. Em São Gonçalo, houve aquela chacina e até agora ninguém sabe quem atirou. O fato de o 41º BPM não estar em primeiro lugar mostra o quanto preocupante é a região da Baixada. É um sinal de alarme muito grande. É preciso pensar num programa de diminuição da letalidade.

Ex-comandante da PM, o coronel Ibis Pereira atribui o grande número de mortes a uma estratégia de combate às drogas equivocada e à falta de investigação.

— Chegamos a este horror devido a uma política equivocada contra as drogas que aposta na guerra, no conflito armado. É um modelo de polícia esquizofrênico. A Polícia Militar que está nas ruas, sobre a qual caem todas as demandas, não faz investigação criminal. Então, ela procura por flagrante, que não precisa ser investigado, principalmente nas periferias, nas favelas — afirmou o oficial.

A violência também cresceu nas ruas. O estado contabilizou no primeiro bimestre os mais altos números de roubos de carga, de veículo, a pedestres e em ônibus desde 1991. Foram registrados, por exemplo, 15.107 assaltos a transeuntes, um caso a cada cinco minutos. ●

Anexo 53. O GLOBO. “Política com tempero de botequim”, 08/04/2018.

Política com tempero de botequim

Em tempos de operação Lava-Jato, a política entrou forte no cardápio dos botequins. O novo hit do Buteco do Portuga, em Nova Iguaçu, é a Marmita do Cabral: lascas de bacalhau com legumes cozidos em requeijão e azeite. Ali ao lado, no bar Colarinho Branco, também na Baixada, o que bomba é a Operação Força-Tarefa, um cuscuz de feijão de corda que leva na receita barriga suína temperada, envolvida em bacon e rodela de abacaxi caramelizada.

Anexo 54. O GLOBO. “Prédio da Câmara de Mesquita é alvo de atentado a tiros”, 14/04/2018.

Prédio da Câmara de Mesquita é alvo de atentado a tiros

Presidente da Casa atribui ato a tentativa de intimidação e acusa prefeito

ANA CAROLINA TORRES
E GUSTAVO GOULART
grandario@oglobo.com.br

Uma disputa política entre vereadores e o prefeito de Mesquita, Jorge Miranda (PSDB), é uma das linhas de investigação da polícia para descobrir o que está por trás dos tiros disparados, na quinta-feira à noite, contra o prédio do Poder Legislativo do município da Baixada Fluminense. Pelo menos dez tiros atingiram a porta principal de entrada, que é de vidro, a parte de cima da parede da fachada e o portão de ferro que estava fechado com corrente e cadeado.

O presidente da Câmara, Marcelo Biriba (PRB), disse acreditar que os disparos tenham sido uma tentativa de intimidação aos trabalhos dos vereadores. Para ele, o caso está relacionado à batalha judicial do prefeito Jorge Miranda (PSDB), que foi afastado do cargo pela Câmara e só se mantém à frente da cidade graças a uma liminar.

— Acho que o que aconteceu foi uma tentativa de intimidação, muito em razão do quadro político atual. Em breve, haverá julgamento na 19ª Câmara Cível



Motivação. Presidente da Câmara, Marcelo Biriba: quadro político tenso

da liminar que mantém o prefeito no cargo — acusou Biriba.

“VAGABUNDOS”, DIZ PREFEITO
Segundo ele, no dia do atentado houve uma sessão extraordinária para aprovar ou não um empréstimo de R\$ 14 milhões contraído pela prefeitura, em fevereiro de 2017, junto ao Instituto de Previdência Municipal, sob a justificativa de pagar salários atrasados de servidores. Mas não houve quórum. Foi esse empréstimo, de acordo com Biriba, que levou à cassação do mandato de Jorge Miranda pela Câmara, em agosto daquele ano.

Procurado, o prefeito contratou, dizendo que não faz acordo com “vagabundos”:

— A Baixada Fluminense é conhecida por continuar fazendo as mesmas coisas de antigamente, nada republicanas. Precisamos votar essas questões rapidamente, e os vereadores boicotam. Ficam criando factóides para provocar mal-estar. Não faço acordo com vagabundos.

Miranda disse que, naquele dia, seriam votadas emendas parlamentares de oito deputados federais de partidos aliados, para investimento em saúde e assistência social. Sobre o Instituto de Previdência Municipal, ele afirmou que a sessão tinha como objetivo aprovar financiamento para cobrir rombo de R\$ 39,5 milhões da entidade. Miranda disse que o futuro de seu mandato será decidido na Justiça. ●

Anexo 55. O GLOBO, 15/04/2018.

DOMINGO

GLOBO

DOMINGO, 15 DE ABRIL DE 2018 ANGIO 150 mil reais (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho RIO DE JANEIRO oglobo.com.br

ela

DEBORA BLOCH
A DONA DO BALANÇO

Atriz posa para ensaio inspirado em sua mais famosa personagem e reflete sobre envelhecimento, carreira e feminismo.



SEGUNDO CADERNO
GERALDO PEREIRA
CENTENÁRIO SINCOPADO

Compositor que faria 100 anos no dia 23 é homenageado com documentários e shows.

ORBITÁRIO
MILOS FORMAN

Diretor de "Amadeus", tcheco morre aos 86 anos.



ESPORTES
BRASILEIRO
VASCO E FLU ESTREIAM HOJE

Times enfrentam Atlético-MG e Corinthians, respectivamente. Nesta edição, caderno especial do campeonato. **PÁGINAS 45 e 46**

O MERCADO DE BRINQUEDOS NOSTÁLGICOS

Jogos de tabuleiro e outros brinquedos do passado estão de volta às prateleiras das lojas. **PÁGINA 30**



Eleições 2018

Eleitores de Bolsonaro dizem o que pensam

A verborragia de Jair Bolsonaro sobre temas polêmicos ganha eleitores e também os afasta. Com posturas que até mesmo violam princípios básicos da Constituição, os que declaram voto no deputado e os que o rejeitam explicam suas crenças. **PÁGINA 3**

Condenações em pauta

Os 9 absolvidos pelo Supremo

Em sete anos, o Supremo Tribunal Federal recebeu mais de 25 mil recursos e absolveu só 9 pessoas. Casos variam de assalto a exercício ilegal da profissão. **PÁGINA 8**

Entrevistado supremo **CHICO**



— Posso dar uma voltinha também?

Um mês do assassinato

Manifestações lembram Marielle

Vários eventos, incluindo uma missa, lembraram o assassinato, em 14 de março, da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes. **PÁGINA 15**

Morrendo de medo

Violência faz carioca adoecer

No asfalto e nas favelas, pessoas que passam por situação de violência ou a presenciaram apresentam sintomas físicos e sofrimento psicológico. **PÁGINA 14**

SEGUNDA CHANCE

Novos 'royalties', velhos erros

Recursos do petróleo devem triplicar até 2030, mas Estado do Rio e prefeituras não estão se preparando para promover o desenvolvimento

Apesar da previsão de uma nova era de ouro do petróleo no Estado do Rio — com retomada da Bacia de Campos, aumento dos investimentos da Petrobras e maior produção no pré-sal —, o governo estadual e as prefeituras não estão se preparando para promover um ciclo de desenvolvimento. Levantamento feito pelos repórteres Bruno Rosa e Ramona Onofre mostra que os recursos serão destinados principalmente a custeio de pessoal, saneamento de contas públicas, com pagamento de dívidas, e para cobrir déficit dos fundos de pensão de servidores. Projeções indicam que o valor dos royalties para o estado irá dos R\$ 7,1 bilhões de 2017 para R\$ 19,6 bilhões em 2030; para os municípios, que receberam R\$ 3,9 bilhões ano passado, a estimativa é chegar a R\$ 12,5 bilhões no mesmo período. No estado, o rubro da previdência dos servidores vai absorver três anos da renda do petróleo, e a emissão de títulos no exterior de US\$ 600 milhões seve como garantia recorrente futura da atividade. **PÁGINAS 35 e 37**



Ofensiva. Proposta da Rússia de condenação da ação liderada pelas forças americanas contra alvos da Síria foi derrotada em reunião extraordinária do Conselho de Segurança da ONU

EUA não descartam outro ataque à Síria

Analistas veem impacto militar e político limitado na ofensiva sobre o regime de Assad

Com apoio de Reino Unido e França, os EUA afirmaram, em reunião do Conselho de Segurança da ONU, que estão prontos para atacar novamente a Síria, caso o ditador Bashar al-Assad insista no uso de armas químicas contra a população civil. O ataque cirúrgico dos aliados foi um sucesso, para o americano Donald Trump, e destrutivo para as relações internacionais, na opinião do russo Vladimir Putin. Ambos, porém, evitaram elevar o tom. Analistas dizem que é limitado o impacto da ofensiva sobre o regime sírio. **PÁGINAS 42 e 44A**

DORRIT HARAZIM
Para Trump, FBI contra ele é um ataque aos EUA. **PÁGINA 20**

GUGA CHACRA
Perguntas sem respostas para Trump, Macron e May. **PÁGINA 44**

ADRIANA CARRANCA
A notícia do ataque trouxe preocupação e alívio. **PÁGINA 43**

COLUNISTAS

MERVAL PEREIRA
Embate tenta alterar métodos do Lava-Jato. **PÁGINA 4**

MÍRIAM LEITÃO
Sensação de justiça seletiva se agrava. **PÁGINA 32**

ELIO GASPARI
O cárcere de Lula, o fim do Império e o antero de Jango. **PÁGINA 9**

ASCÂNIO SELEME
O paradoxo de Palocci, e as contradições do STF. **PÁGINA 12**

LAURO JARDIM
Aécio teve encontro com Temer fora da agenda no Jaburu. **PÁGINA 2**

Preço desta exemplar no RJ, MG e ES - R\$ 7 - Os suplementos Morir Bem e Boa Chance circulam apenas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, na Costa Verde, na Região Serrana e na Região dos Lagos (municípios Macaé e Rio das Ostras)

Anexo 56. O GLOBO. "A doença do medo", 15/04/2018.

14 | O GLOBO

Rio

Domingo 15.4.2018

ALMAS ARMADAS

A doença do medo

Violença causa sintomas físicos e psicológicos que afetam vítimas e moradores da cidade



Luta pela recuperação. Emerson Catarino (em primeiro plano), de 36 anos, participa de uma sessão de fisioterapia no Instituto Movimento e Vida; morador de uma das áreas mais perigosas do Alemão, ele teve um AVC aos 14

RAFAEL GALDÓ
rafael.galdó@oglobo.com.br

O soldado Marcos Vinícius Azeredo foi assassinado ao ser reconhecido como policial militar por assaltantes que o atacaram quando ia para a casa de sua mãe, Leonora Azeredo, em São Gonçalo. Dez dias depois, em 16 de janeiro deste ano, a violência impôs um novo sofrimento à família. Leonora teve um AVC e, após um mês de internação, morreu, segundo parentes, de "tristeza". O pai do PM foi morar com outro filho porque, sozinho, não suportaria a dor. O tiro que matou Marcos Vinícius também atingiu todos que conviviam com ele. Em meio às estatísticas da criminalidade do estado, há muito sofrimento psicológico, além de doenças que surgem no rastro do medo e da falta de esperança.

Milhares de pessoas adoçadas pela violência lotam consultórios, clínicas e hospitais. Fora outras tantas que se fecham no silêncio e não buscam ajuda. Uma moradora de Botafogo de 51 anos, que prefere não se identificar, diz que demora a reconhecer que estava doente. Depois do segundo assalto que sofreu no bairro, ela passou a se sentir peregrina. Um dia, não conseguiu sair da portaria de seu prédio. Mal via os amigos e faltava ao trabalho. Palpitações e tremores lhe causavam sobressaltos.

— Parecia que ia ter um ataque cardíaco. Notícias sobre crimes me perturbavam. Comia pouco. Quando fui tratar um anemia, o médico observou que havia algo a mais e me orientou a procurar atendimento psicológico — conta ela.

É grande a lista de transtornos que podem acometer vítimas ou testemunhas de casos de violência, afirma Herika Cristina da Silva, pesquisadora do Instituto de Psiquiatria (Ipui) da UFRJ. Evitar ir a lugares que lembrem o trauma, isolá-se, ficar mais irritado ou triste são os menos graves. Nos quadros mais agudos, surgem transtornos de ansiedade, síndrome do pânico, depressão e Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT), que são mais difíceis de diagnosticar, pois quem sofre evita falar sobre o assunto.

A tensão constante deflagra sintomas como dores musculares ou na coluna. A ansiedade também causa falta de apetite, enjoo e diarreia. Ao mesmo tempo, o aumento da frequência cardíaca pode fazer com que as pessoas fiquem mais propensas a doenças cardíacas.

— Somos integrados, o que afeta a cabeça atinge o corpo. Quando o medo se torna crônico, outros problemas aparecem — observa Herika.

Quem se acostumou com a violência não está livre de succumbir a ela. Cláudio

ENTENDA

TRANSTORNO DO ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO
É a doença mental mais associada à violência. Os principais sintomas são lembranças intrusivas, insônia e pesadelos que fazem com que o indivíduo se sinta revivendo momentos de grande tensão. Quem sofre desse distúrbio se esforça ao máximo para evitar qualquer coisa que lembre o trauma.

TRANSTORNO DE ANSIEDADE
Provoca medo em excesso e preocupações constantes sem motivos claros. Pode causar também sintomas físicos, sendo a falta de ar o mais comum.

TENSÕES NO CORPO
O estresse contínuo pode provocar dores musculares e na coluna.

IMPETENSÃO
Apesar de a saúde mental ser afetada com frequência maior do que a física, há relatos de que as consequências da violência podem agravar ou desencadear doenças como a pressão alta. A literatura aponta que parentes de vítimas de homicídios também relatam casos de taquicardia, perda de peso, obesidade, insônia e problemas gástricos.

no Complexo da Maré, X. testemunha desde a infância disputas do tráfico e abusos da polícia. Mas, quatro meses atrás, no dia de seu aniversário de 30 anos, foi tomado por um pensamento que o levou a sessões de terapia e à psiquiatria. Ele se deu conta do grande número de amigos que foram assassinados.

— Eu me vi um sobrevivente dessa malandragem. Entrei na paranoia de que morreria a qualquer momento. Vivi tremendo, tive crises de pânico. Fiquei paralisado na estação de trem de Ramos — lembra ele, que, recentemente, se viu no meio de um tiroteio na passarela que liga a Urj a metrô, no Maracanã.

MAIOR PROCURA POR SOCORRO
No Complexo do Alemão, o Instituto Movimento e Vida oferece atendimento gratuito, com fisioterapeutas voluntários, à comunidade. A idealizadora do projeto, Mônica Cime — cujo marido foi morto num assalto — perdeu as contas de quantos pacientes recebeu com diagnósticos imprecisos, que tinham dores ampliadas pelo medo.

— Em períodos mais violentos, a procura aumenta. Acredito que todos as comunidades estão doentes. Não vejo o batedado, mas acompanho de perto as tensões, a ansiedade e as doenças neurológicas sem atendimento na rede pública — diz a fisioterapeuta.

Com 15 anos, Emerson Catarino é um dos pacientes do instituto. Morador de uma das áreas mais perigosas do Alemão, ele aprendeu, desde pequeno, que devia correr para o quarto dos fundos ao primeiro barulho de tiro. Aos 14 anos, teve um AVC — a causa nunca foi identificada.

As consequências desse cotidiano violento são objetos de estudo da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca

(Ensp, da Fiocruz), onde funciona o Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli (Claves). Pesquisadora do núcleo, Joviana Quintes Avanci ressalta que, em áreas cordoadas, pessoas podem ser levadas à morte por banalizarem sintomas de doenças decorrentes de traumas.

— A violência é uma situação limite, uma ameaça. A violência de um momento muito grave pode provocar infartos e derrames, principalmente em pessoas com alguma predisposição.

No Café e Bar Pinta na Tijuca, o distrito entre PMs e criminosos que matou o garçom Samuel Ferreira Coelho, de 24 anos, às vésperas do último carnaval, continua vivo na memória de funcionários.

— Qualquer barulho na rua, sobretudo de sirenes, deixa o germe em alerta — diz o gerente do bar, Francisco Mendes.

No Humatê, em março, as câmeras do restaurante Combinado Carioca flagraram um assalto a clientes. No dia seguinte, funcionários não foram trabalhar por medo. Um pedu demissão.

— Ele andava assustado. Frequentemente comentava que via pessoas estranhas — lembra a dona do restaurante, Christína Leão.

Também no Claves, Daniella Harth estuda as reações de famílias de pessoas assassinadas. São chamadas por especialistas de "sobreviventes do homicídio" ou "ovítimas", e podem ter hipertensão e distúrbios da tireoide.

— Percebemos um impacto psicológico muito intenso e um processo de adoecimento após os homicídios. São tipos de sofrimento às vezes difíceis, sem diagnóstico. Não há dúvidas de que esse é um grande desafio para os dias atuais. A população nem tem tempo para recuperar de um trauma e logo depois vivencia outro — afirma Daniella. ●

Corpo a corpo

MARINA SÁ

'O carioca está no limite, pronto para uma guerra'

Terapeuta afirma que rotina conflituada esgarça o tecido social, rouba o sossego e, por consequência, reduz espaços de convivência

• Com o aumento da violência, qual é o estado da população do Rio hoje?
Eu diria que estamos à beira de um colapso. As pessoas que procuram ajuda têm chegado mais sofridas. Antes, o imaginário sobre a violência era maior. Agora, relatos de violência são mais concretos.

• Qual o impacto que sofre alguém que experimenta ou testemunha uma situação de violência?
É um desmonte que deixa a pessoa fragmentada. Muitas vezes, a realidade interior fica impregnada daquela vivência. Durante um tempo, ela só fala naquilo. É um passado vivificado. É o sistema nervoso fica em alerta, como se fosse viver tudo de novo. Essa ameaça gera estresse. Há aqueles que sequer vivem a violência, mas os relatos no noticiário e nas redes sociais os deixam em pânico, uma das doenças que mais nos assolam atualmente.

• Aparecem muitas pessoas relatando dores físicas também?
As vezes, a alma, o psicológico não é escutado. O efeito dessas tensões não ouvidas vai se acumulando. A pessoa, não consegue levantar da cama. E há casos em que o corpo avisa, adoece para mostrar que há algo errado. Há quem acredite que terá um infarto e vai para o hospital. O médico diz que é emocional, e o paciente volta para casa. Atendo em Botafogo, onde as pessoas têm algum tipo de acesso, porém as desigualdades são imensas. É muito pequena a rede para atender quem tem menos recursos.

• Como o cotidiano da cidade é afetado?
O carioca está no limite, pronto para uma guerra, sente-se acuada. E, às vezes, isso explode em casos de violência que tomam o cotidiano, como arrastar alguém no trânsito. Ao mesmo tempo, os nossos espaços de convivência, como as praças, estão sem vida ou dominados pela violência. As múltiplas atividades que as pessoas devem fazer para respirar são restringidas pela violência. O tecido social é esgarçado.

Como serás sociais, precisamos recuperar esses espaços e cuidados interpersonais. A cidade tem uma vocação alegre, que vem sendo violentada. Precisamos mudar isso. ●

Sinal.
Marina Sá: "O corpo adoece para mostrar que há algo errado"

